

Universidade do Extremo Sul Catarinense
Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais

**O HOMEM E SEU ENTORNO SOCIOFÍSICO – UM ESTUDO SOBRE O
PROCESSO DE MORAR E HABITAR DE MORADORES DE EDIFÍCIOS
RESIDENCIAIS NA CIDADE DE CRICIÚMA-SC**

Tatiane Gomes Nazário

Criciúma, SC

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Tatiane Gomes Nazário

**O HOMEM E SEU ENTORNO SOCIOFÍSICO – UM ESTUDO SOBRE O
PROCESSO DE MORAR E HABITAR DE MORADORES DE EDIFÍCIOS
RESIDENCIAIS NA CIDADE DE CRICIÚMA-SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação
em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul
Catarinense para a obtenção do Grau de Mestre em
Ciências Ambientais

Área de Concentração: Ecologia e Gestão de Ambientes
Alterados

Orientadora:
Profª Drª Teresinha Maria Gonçalves

Criciúma, SC

2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

N335h Nazário, Tatiane Gomes

O homem e seu entorno sociofísico: um estudo sobre o processo de morar e habitar de moradores de edifícios residenciais na cidade de Criciúma-SC / Tatiane Gomes Nazário; orientadora: Teresinha Maria Gonçalves. – Criciúma: Ed. do autor, 2009.

260f.: il.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Extremo Sul Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, 2009.

1. Habitação – Criciúma (SC). 2. Planejamento urbano. 3. Identidade social. I. Título

CDD. 21ª ed. 363.5098164

Bibliotecária: Flávia Caroline Cardoso – CRB 14/840

Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC



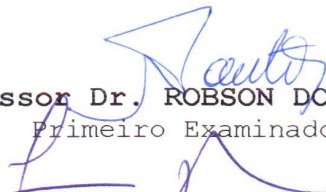
UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão
Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação
Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (Mestrado)


PARECER

Os membros da Banca Examinadora homologada pelo Colegiado de Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (Mestrado) reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de MESTRADO apresentada pela candidata **TATIANE GOMES NAZÁRIO**, sob o título: "O homem e seu entorno sócio-físico: um estudo sobre o processo de morar e habitar de moradores de edifícios residenciais da cidade de Criciúma, SC", para obtenção do grau de **MESTRE EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS** no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Após haver analisado o referido trabalho e arguido a candidata, os membros são de parecer pela "**APROVAÇÃO**" da Dissertação.

Criciúma, SC, 03 de março de 2009.


Professor Dr. **ROBSON DOS SANTOS**
Primeiro Examinador


Professor Dr. **FRANCISCO DE ASSIS MENDONÇA**
Segundo Examinador


Professor Dr. **DORVAL DO NASCIMENTO**
Terceiro Examinador


Professora Dr^a **TERESINHA MARIA GONÇALVES**
Presidente da Banca e Orientadora

Se eu disser que este trabalho foi realizado para meus pais, meus irmãos, amigos ou mestres, estarei dizendo meia verdade sobre os merecedores de tal dedicatória. Todas essas pessoas têm direito a um destaque nesta obra. Mas, acima de tudo, devo oferecer essas ideias para todo aquele que com sua história de vida deseja não mais passar despercebido pelas ruas e calçadas de sua cidade, almejam outrossim a possibilidade de ter um lugar para criar raízes e desabrochar em humanidade.

AGRADECIMENTOS

Nenhuma palavra seria suficiente para descrever o sentimento que brota em minh'alma pelas pessoas que fizeram parte de minha história e colocaram ao menos um tijolo na formação de minha personalidade. Deus é o principal companheiro dessa jornada. Ele esteve sempre ao meu lado quando por diversas vezes desejei jogar tudo para o alto e desaparecer em outros rumos. Nessas horas sempre se descortinava uma alternativa, sempre havia uma porta aberta, quando todas as outras pareciam se fechar em minha frente. Esse milagre é obra do divino, a ele eu elevo meu espírito em agradecimento a essas dádivas da humanidade que formam a vida.

Deus não pode estar corporalmente ao nosso lado, por isso nos enviou um anjo protetor. Deste modo, desde o nascimento estive ao lado de um ser bondoso que me guiou nos primeiros passos e me mostrou o quão belo e poético era viver aqui. Esse anjo, a quem chamo de mãe, me transmitiu seus valores e assistiu minhas vitórias e derrotas sempre com a certeza de que tudo era necessário para me tornar quem hoje sou. Dela me orgulho e não posso apenas agradecer, a ela eu devo a melhor parte de meu ser.

Em seguida, apareceu também a figura de retidão, de poder e de fortaleza. Não há como descrever a imagem de meu pai comigo sem pensar na questão do contraditório. Meu pai foi meu bandido, mas foi também meu herói. Com ele aprendi a lidar com meus preconceitos e enxergar as diferenças positivamente. Aprendi a ser mais compreensiva e paciente. A ele o meu agradecimento por ter me tornado um ser humano digno de confiança.

Deus me deu a grande oportunidade de me desenvolver no meio de outros irmãos. Aprender com eles foi algo muito valioso. A gente demora um pouco até perceber que são a essas pessoas que deveríamos devotar maiores cuidados e atenção. Acostumamo-nos com suas presenças e por vezes desejamos estar distante delas. Mas, um dia, em algum momento acordamos e os percebemos como verdadeiros companheiros de jornada, de todos os mais fiéis. Sempre dispostos a nos apoiar e nos fazer graça nos piores e melhores momentos. Aos meus irmãos amados amigos eu devo minha alegria e espontaneidade.

Nenhuma vida é totalmente completa sem aquelas pessoas que se tornam amigos. Esses sujeitos aparecem quando você já estava caminhando há algum tempo; te ajudam a pensar melhor sobre seu passado e futuro, te contam causos e compartilham emoções. Esses você encontra nos espaços mais inusitados, espaços de convívio, espaços que pelo encontro transformam-se em lugares de prosa e poesia. Para todos os meus amigos meu eterno

reconhecimento pelas dádivas adquiridas todas as vezes em que, estando junto deles em muitas palavras ou sem nenhuma delas, me transformaram em alguém melhor do que eu era.

E além de todas essas bênçãos já contadas, hei de agradecer também pelo aprendizado adquirido, pelas memórias aproveitadas e pelo trabalho reconhecido. Nem todo aprendizado se dá em sala de aula, aliás, tenho reconhecido a grande maioria deles fora das carteiras escolares. Percebi boa parte deles nos últimos seis anos na convivência com minha orientadora e amiga, a professora Teresinha. Com ela aprendi a me posicionar melhor teoricamente e isso me serviu para defender com mais garra o que eu acreditava. À minha querida professora eu desejo agradecer não somente pela dissertação de mestrado, mas por todas as vezes em que ultrapassamos o nível do convencional aluno-professor e pudemos nos encontrar como humanos no mesmo enredo que compõe a peça maior de nossas vidas.

Não penso em ser uma pessoa comum depois desse trabalho, pessoas comuns têm vidas comuns e almejam coisas comuns. Almejo outrossim algo extraordinário. E nada mais extraordinário que contemplar uma história de vida e perceber o quanto uma teoria pode ser vã diante da realidade expressada pelos sentimentos e afetos em relação às pessoas, objetos e lugares que se unem para formar o Eu de um sujeito. Após o contato com cada um deles, espero ter me tornado mais do que uma mestra, mas alguém capaz de lutar pelo direito de cada indivíduo de crescer em um lugar saudável e propício ao desenvolvimento pleno de seu caráter e personalidade. Aos sujeitos que descortinaram suas vidas por meio de minha fala nessa dissertação eu devo minha gratidão e meu mais profundo afeto.

Ninguém tem a plena certeza do que nos faz seres tão únicos e insubstituíveis diante de milhões e milhões de humanos iguais em estrutura biológica. O mistério da transformação ou formação de nossa alma está nos encontros e desencontros vivenciados ou esquecidos em vários e vários e vários milésimos de segundos. Nenhum encontro é isento de significado nos lugares em que habitamos. São olhares que se cruzam ocasionalmente ou em apenas um instante; um olhar carregado de pensamento e sentimento transforma nossas vidas. “Porque o que eu sou hoje é fruto de todas as vivências que eu tenho. E como eu sou hoje eu sou diferente de ontem. E depois dessa entrevista eu vou ser diferente e tu também. Então em cada interação que tu tem tu te torna diferente”. (Davi¹, 2008). Ao terminar esse devaneio relembro em prece toda minha existência e compreendo, por meio das palavras de Davi, que nenhum homem entra no mesmo rio duas vezes, porque, quando ele entra no rio uma segunda vez, tanto o homem quanto o rio já são outros.

¹ Davi é um dos sujeitos entrevistados.

Vida Boa

Moro num lugar
Numa casinha inocente do sertão
De fogo baixo aceso no fogão, fogão à lenha ai ai

Tenho tudo aqui
Umaz vaquinha leiteira, um burro bão
Uma baixada ribeira, um violão e umas galinha ai ai

Tenho no quintal uns pé de fruta e de flor
E no meu peito por amor, plantei alguém (plantei alguém)

Refrão
Que vida boa ô ô ô
Que vida boa
Sapo caiu na lagoa, sou eu no caminho do meu sertão

Veze outra vou
Na venda do vilarejo pra comprar
Sal grosso, cravo e outras
coisa que fartá, marvada pinga ai ai

Pego o meu burrão
Faço na estrada a poeira levantar
Qualquer tristeza que for não vai passar do mata-burro ai ai

Galopando vou
Depois da curva tem alguém
Que chamo sempre de meu bem, a me esperar (a me esperar)

Victor Chaves

RESUMO

Todo sujeito mora ou habita em algum lugar no planeta. Porém, nos tempos pós-modernos os indivíduos têm sentido a necessidade de morar em espaços muito adensados e, conseqüentemente, bastante verticalizados. A verticalização traz suas particularidades ao habitar. Afinal, o apartamento é um modelo de moradia que simultaneamente recolhe o sujeito em seu interior e obriga-o a conviver em coletividade. Todavia, hoje é inquestionável a necessidade desse tipo de habitação nos centros urbanos, devido ao próprio estilo de vida que exige uma moradia mais compacta, mais fácil de ser mantida e aparentemente mais segura. A grande questão que se torna emergente com o processo de verticalização diz respeito à apropriação do espaço, apropriação no sentido de dar um significado para o ambiente habitado, o apartamento e o prédio em que vivem, as ruas do seu bairro e sua comunidade. A preocupação dessa pesquisa é a de perceber se esses ambientes têm servido para o homem desenvolver suas atividades plenamente e de modo a habitar esses lugares construindo neles uma identidade sadia e bem integrada. Partimos da percepção da verticalização de Criciúma/SC como sinônimo de modernidade e como uma necessidade da contemporaneidade para formular nosso objeto de pesquisa inserido no campo da Psicologia Ambiental. O lugar escolhido para tal estudo foi o bairro Comerciário, o qual sofreu um processo de verticalização acelerado nos últimos anos. Esse bairro se localiza na região central da cidade e tem característica de um bairro com nível socioeconômico elevado. O desenvolvimento dessa pesquisa deu-se utilizando um total de 11 moradores residentes em 10 prédios localizados em ruas diversas do bairro Comerciário. O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, o método empregado foi o estudo de caso e as técnicas utilizadas foram a história de vida, registros fotográficos e desenhos como principais instrumentos de coleta de dados. Os resultados obtidos revelaram que todos os sujeitos buscam espaços de convivência e apropriação. O enraizamento é próprio do ser humano e é demonstrado mesmo quando os sujeitos entrevistados não encontram no bairro o sentimento de pertencimento. Cada um deles faz de seu quarto, alguns cômodos do apartamento, algumas ruas do bairro, sua verdadeira morada, ou então relembram os espaços onde viveram suas infâncias, as casas de praia onde passam os meses de veraneio, as casas de campo ou de parentes não verticalizados onde desfrutam dos ambientes naturais e possuem uma amizade mais estreita com seus vizinhos, e os sonhos futuros de habitar em um ambiente que lhes traga uma maior sensação de liberdade.

Palavras-chave: Apropriação do Espaço. Identidade de Lugar. Verticalização. Público e Privado. Sociedade Moderna e Pós-moderna.

ABSTRACT

Everyone lives or inhabits somewhere in the planet. However, in post-modern times, individuals have needed to live in very dense and consequently very verticalized spaces. Verticalization has its particularities about living. Apartments are models of home that simultaneously let people inside it and obligate them to live in collectivity. Nevertheless, nowadays it is unquestionable the necessity of this kind of inhabitation in urban areas, due to lifestyles which require more compact residences, easier to keep and apparently safer. The emergent point with the process of verticalization is related to the appropriation of space. Appropriation in the sense of giving a meaning to an inhabited place, the apartment and the building where they live, and the streets of their neighborhood. The concern of this research was to realize if these places have helped men to develop their activities completely and inhabit in these places construing at them a healthy and well-linked identity. We started from the perception of verticalization as a synonym of modernity and as a requirement of contemporaneity to formulate our research object, inserted in the field of Environmental Psychology. The place chosen to study was Comerciário district, which has experienced an accelerated verticalization process in the last few years. This district is in the central area of the city and has characteristics of a high socioeconomic level place. The research was developed with 11 residents in 10 buildings located in different streets of Comerciário district. The study was done through qualitative field research. The method used was case study and the techniques were life story, photography records and drawings as the main tools of data collection. The results revealed that all individuals look for spaces of appropriation and acquaintance. Rooting is peculiar of human beings and it is demonstrated even when people interviewed didn't see in the neighborhood feeling of appurtenance. Each one perceives his bedroom, some rooms of the apartment, some streets of neighborhood as the true residence, or they remember spaces where they lived their childhood, beach houses where they are in summer time, country houses or relatives houses, non verticalized, where they enjoy nature and have closer friendship with neighbors, and future dreams of inhabiting in a place which brings them more freedom.

Keywords: Appropriation of Space; Place Identity; Verticalization; Public and Private. Modern and Postmodern Society.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Antiga Estação Ferroviária – Início da década de 70.....	94
Figura 2: Região do Comerciário logo após a retirada da estrada de ferro	94
Figura 3: Mapa das Áreas Mineradas de Criciúma	96
Figura 4: Paisagem avistada pela varanda da casa de Carmem.....	105
Figura 5: As origens sendo condecoradas em um espaço privilegiado do apartamento	106
Figura 6: Relíquia da família de Carmem	107
Figura 7: Desenho do Bairro Comerciário feito por Carmem.....	108
Figura 8: Desenho do apartamento feito por Carmem	109
Figura 9: Sala de visitas do apartamento de Carlos.....	119
Figura 10: Objetos poéticos de Carlos.....	122
Figura 11: Praça do bairro Pio Corrêa onde Carlos gosta de caminhar.....	124
Figura 12: Desenho do Apartamento feito por Cristina	132
Figura 13: Sala do apartamento de Cristina mostrando a textura da parede elaborado por ela e pelo marido.....	132
Figura 14: Mercado Comerciário localizado nos arredores do apartamento de Cristina	134
Figura 15: Desenho do Bairro Comerciário elaborado por Cristina.....	135
Figura 16: Desenho do bairro Comerciário elaborado por Salete	141
Figura 17: Recorte de uma notícia de jornal encontrada por Salete e entregue a pesquisadora mostrando a região do Comerciário.....	142
Figura 18: Playground localizado no edifício onde Salete reside	143
Figura 19: Espaço de convivência para adultos localizado no edifício onde Salete reside....	144
Figura 20: Prédio localizado no bairro Comerciário onde Salete morou 17 anos.....	145
Figura 21: Lugar onde Salete assiste TV e ouve músicas	146
Figura 22: Rua onde Paula mora	151
Figura 23: Desenho do bairro Comerciário elaborado por Paula	154
Figura 24: Desenho do apartamento elaborado por Paula.....	156
Figura 25: Objeto poético de Paula	157
Figura 26: Sofá do apartamento de Joana.....	166
Figura 27: Lugar de fruição poética de Joana dentro de seu apartamento	167
Figura 28: O lugar onde viveu e o qual desejaria morar	168
Figura 29: Desenho do bairro Comerciário elaborado por Jean.....	176

Figura 30: Desenho do apartamento elaborado por Jean.....	177
Figura 31: Desenho do bairro Comerciário elaborado por Ricardo	184
Figura 32: O Quarto é o único cômodo apropriado por Ricardo no apartamento onde mora	185
Figura 33: O violão como objeto de fruição poética para Ricardo.....	186
Figura 34: Desenho do bairro Comerciário elaborado por Morgana	194
Figura 35: Rua lateral do prédio onde Morgana reside	194
Figura 36: Desenho do apartamento elaborado por Morgana	195
Figura 37: Rua lateral do apartamento onde Cristiano reside	198
Figura 38: Objetos de fruição poética para Cristiano	202
Figura 39: Sala do apartamento onde Cristiano reside	207
Figura 40: Desenho do bairro Comerciário elaborado por Cristiano	210
Figura 41: Desenho do apartamento elaborado por Cristiano	211
Figura 42: Cidade de Porto Alegre	215
Figura 43: Sala do apartamento onde Davi reside.....	217
Figura 44: Os ambientes personalizados por Davi em seu apartamento	223
Figura 45: Desenho do apartamento elaborado por Davi	224
Figura 46: Desenho do bairro Comerciário elaborado por Davi	226

LISTA DE ENTREVISTADOS

Entrevistado 1: Carmem

Entrevistado 2: Carlos

Entrevistado 3: Cristina

Entrevistado 4: Salete

Entrevistado 5: Paula

Entrevistado 6: Joana

Entrevistado 7: Jean

Entrevistado 8: Ricardo

Entrevistado 9: Morgana

Entrevistado 10: Cristiano

Entrevistado 11: Davi

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Justificativa	16
1.2 Objetivos.....	19
1.2.1 Geral	19
1.2.2 Específicos.....	19
2 METODOLOGIA.....	21
2.1 Natureza da Pesquisa	21
2.2 Um pouco sobre o lugar pesquisado	21
2.3 A escolha dos sujeitos no meio da multidão de prédios	22
2.4 Ao encontro do lugar dos entrevistados	23
2.5 A composição do enredo dos lugares habitados.....	24
3 DA INDUSTRIALIZAÇÃO À VERTICALIZAÇÃO	25
3.1 A transição do sujeito horizontal para o sujeito vertical	37
3.2 Os filhos da verticalização	38
3.3 Privacidade ou fuga social?	42
3.4 O filho que não deve crescer	46
3.5 Embate entre o capital humano e o capital financeiro.....	50
3.6 O direito à cidade.....	52
4 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	59
4.1 Identidade de Lugar	69
5 O SUJEITO QUE EXISTE DENTRO DO ESPAÇO	72
5.1 Espaço e Lugar	72
5.2 Morar e Habitar.....	73
5.3 Espaço e identidade	74
5.4 Da identidade ao pertencimento?.....	76
5.5 Para além do meu quintal.....	80
5.6 Novo Urbanismo	86
5.7 Para um novo urbanismo, uma população mais ativa politicamente	88
6 A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO NO BAIRRO COMERCÍARIO.....	93
6.1 Comerciário: de uma região rural para um “quase centro”	93
6.2 O lastro familiar e a história que não se joga no lixo	97

6.3 Morando no aglomerado individual e Habitando o Pio Corrêa.....	110
6.4 Um bolo, uma conversa debaixo da figueira e as lembranças de Blumenau	125
6.5 O quarto: consolo que resta do seu lar	137
6.6 A saudade da infância e o sonho de uma família em uma boneca	148
6.7 O Esquecer/Lembrar do mundo pelas águas do banho	158
6.8 Um ritual, uma promessa e uma frase da Bíblia	169
6.9 A saudade do que nunca teve e o rompimento dos pensamentos mágicos infantis ..	177
6.10 Trabalho, educação e os “bons costumes”	187
6.11 A espiritualidade como o sentido da vida.....	196
6.12 Uma imagem, uma música, um cheiro e a referência ao abrir a porta	212
CONCLUSÃO.....	229
REFERÊNCIAS	239
APÊNDICE	246
ANEXOS	250

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito das Ciências Sociais com um recorte dentro da Psicologia Ambiental ao longo de dois anos no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (Mestrado), da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, em Criciúma.

A escolha do objeto de estudo deu-se no desenrolar das disciplinas e das observações realizadas pelo pesquisador. Ao ver o distanciamento do verde no entorno vivenciado, a vitória do homem mercadoria sobre o homem identidade e o aumento do fluxo dos carros, das buzinas, dos prédios e da pressa de chegar, o objeto de estudo surgiu como aquele capaz de agregar áreas diferenciadas para analisar um mesmo processo que se desenvolve no ambiente urbano de Criciúma.

A temática morar e habitar vista sob o olhar da Psicologia Ambiental agrega muitas outras faces impossíveis de serem ignoradas quando se trata de um estudo sobre cidades. Em muitos momentos o leitor perceberá a união de ciências como arquitetura e urbanismo, geografia, história, psicologia, direito ambiental, sociologia, filosofia e tantas outras passíveis de se agregarem para compreender de forma mais profunda o ambiente verticalizado.

Com o foco na Psicologia Ambiental, o ambiente verticalizado foi visto pelas lentes que percebem a construção do sujeito por meio dos lugares onde mora, habita e se referencia. Ouve-se por aí muita gente a dizer: “você é a comida que come”, ou “você é a roupa que veste” ou ainda “você é os amigos com quem anda”. Cada vez mais acreditamos na versão dessa ciência que nos diz: “você é o lugar onde vive!” Principalmente se este lugar estiver fortemente enraizado em seu imaginário, tomado por lembranças de momentos e vivências ao lado de pessoas com as quais desejava estar. Essa é a mesma visão trazida pela geografia segundo a qual a organização do espaço revela a formação da sociedade.

Tal estudo buscou a compreensão do processo de construção da subjetividade em edifícios multifamiliares. Partimos da premissa de que a verticalização tem interferido negativamente na qualidade de vida dos sujeitos que moram no ambiente urbano. Deste modo, desenvolvemos um estudo sobre a forma como tais sujeitos têm edificado suas personalidades em um entorno tão ausente de espaços de convívio. Além disso, nossa preocupação estava voltada para compreender como a relação espaço-lugar se processa nesse ambiente.

É importante frisar que mesmo tendo escolhido um método de pesquisa apropriado aos estudos de teor qualitativo houve certa dificuldade em analisar o objeto estudado devido à ausência de pesquisas voltadas para pequenas e médias cidades. As teorias aqui apresentadas,

na maioria dos casos, trazem a realidade vivenciada em grandes centros urbanos e são adaptadas para a realidade de Criciúma.

A escolha do método (estudo de caso) e do tipo de pesquisa (qualitativa) ocorreu após um estudo aprofundado do objeto a ser pesquisado. Deste modo pudemos optar por uma metodologia condizente com a profundidade almejada. Por se tratar o morar e o habitar voltado à construção da personalidade, a técnica de história de vida mostrou-se coerente com os objetivos propostos. Afinal, a personalidade se constrói ao longo da história do sujeito e o convívio com os muitos lugares por onde já habitou.

O lugar escolhido para tal estudo foi o bairro Comerciário. A verticalização nesse bairro têm se mostrado intensificada nos últimos anos. Ele se localiza na região central da cidade e o nível socioeconômico de seus habitantes é elevado. Os sujeitos de pesquisa foram escolhidos intencionalmente de acordo com a região do bairro onde residiam e o estilo de prédio onde moravam.

Para essa pesquisa foi imprescindível agregar pessoas com idades distintas e que possuíam nível socioeconômico diferenciado, pois deste modo compreendemos melhor nosso objeto. O desenvolvimento desse estudo deu-se utilizando um total de 11 moradores residentes em 10 prédios localizados em ruas diversas do bairro Comerciário. O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa de campo de natureza qualitativa. Como já nos referimos acima, o método empregado foi o estudo de caso e além das histórias de vidas fizemos uso de registros fotográficos e desenhos como instrumentos de coleta de dados.

Com tais instrumentos pudemos compreender como os lugares habitados pelos entrevistados se constituíam em espaços de esperança. Isso porque todos os sujeitos entrevistados procuravam lugares, sejam menores (como os quartos) ou maiores (como toda a cidade), para se apropriarem e simbolizar suas vivências do mundo interior. Em cada discurso dos 11 indivíduos apresentados no decorrer desse estudo emerge um desejo implícito ou explícito da busca do outro por meio de espaços coletivos. Embora vivam em uma sociedade que os obrigam a trancarem-se na privacidade de seus apartamentos, eles sonham com as vivências de bairro e de comunidade.

Tal sonho se concretiza quando eles “elegem” uma segunda residência, seja a casa de praia, um sítio, a casa da sogra ou a lembrança da casa de sua infância. Nessa segunda residência o medo tão presente no dia-a-dia é dissipado e eles conseguem usufruir as benesses dos ambientes externos e dos encontros casuais com os vizinhos.

Quando o fluxo de carros aumenta em certas regiões do bairro diminui a quantidade de pessoas que andam pelas calçadas. Do mesmo modo, na medida em que se encontram mais

estabelecimentos oferecendo serviços à comunidade, a convivência é intensificada. Isso demonstra de forma concreta a influência positiva que a diversidade urbana exerce sobre seus habitantes. Quanto maiores as possibilidades de encontro oferecidas, maior a possibilidade dos lugares de prosa se fundir com os de poesia. Somente deste modo os sujeitos conseguem uma maior identificação com os espaços e, assim, são agraciados com a poética do morar e habitar os lugares mesmo morando em residências plurifamiliares.

1.1 Justificativa

A expansão urbana para o alto é uma realidade observada não apenas nas grandes metrópoles, mas também em cidades médias e pequenas. Essa forma de expansão denominada verticalização é o processo de adensamento de áreas urbanas através da construção de edifícios verticais. Ocorre normalmente no centro² da cidade e associa-se ao desenvolvimento tecnológico do século XX (SAHR, 2000).

Na visão Somekh (1994, p. 214), “a verticalização é definida como a multiplicação efetiva do solo urbano, possibilitada pelo uso do elevador”. A verticalização é ainda um dos lados da urbanização não examinados. Embora venha ocorrendo desde os anos 1920, somente a partir dos anos 80 é que essa temática ganha destaque, especialmente em cidades como a metrópole nacional de São Paulo (SAHR, 2000). Foi a partir desta década que se inaugurou o entendimento de que a verticalização e a industrialização estariam intimamente relacionadas. Isso ocorria em virtude do ideal de “modernidade” advindo com a industrialização. Através dessa visão o símbolo edifício vertical trazia o “status” de metrópole para a cidade.

Como nos aponta Cavalcante (2001), a chegada do processo de verticalização no terceiro mundo trouxe o discurso de uma sociedade com oportunidades maiores para a população mais pobre, já que a proposta visava resolver o problema do alto valor da terra, barateando o valor do imóvel.

Na realidade, a verticalização não se constituiu uma solução para a falta de moradias.

² A verticalização em Criciúma, ocorreu praticamente nos bairros Comerciário e Michel e não no centro da cidade, como na maioria das cidades. Nos últimos anos ela se intensificou nos arredores da Praça do Congresso, mas devido a um outro processo (NASCIMENTO, 2007).

Percebemos, portanto, que a ideia da verticalização, inicialmente como modelo capaz de superar o problema habitacional, transformou-se em um argumento ineficaz a tal proposta, mas sim em um modelo alternativo de moradias, no sentido de se constituir em um ícone da “modernidade” globalizada (CAVALCANTE, 2001, p. 6).

Essa ideia de “urbanismo modernizador” é somente uma proposta para inserir a cidade num contexto da contemporaneidade. Foi sobre essa perspectiva que culturas inteiras tiveram que se moldar a esse novo modelo habitacional. Um modelo de moradia individual, com espaços específicos para jardins e recreação. Um estilo que simultaneamente recolhe o sujeito ao interior do apartamento e obriga-o a conviver em coletividade, com pessoas que muitas vezes não podem ser chamadas de vizinhas, embora habitem o mesmo prédio.

Todavia, hoje é inquestionável a necessidade desse tipo de habitação, em especial nos grandes centros urbanos, devido ao próprio estilo de vida que exige uma moradia adequada ao corre-corre do caos urbano. Desta forma, criam-se moradias mais compactas, mais fáceis de serem mantidas e aparentemente mais seguras. A verticalização foi um modelo imposto a determinadas comunidades, mas que se incorporou à necessidade da vida moderna, embora isso não reflita em qualidade de vida ou sustentabilidade (CAVALCANTE, 2001).

Além disso, outra questão se torna emergente com o processo de verticalização: a apropriação do espaço pelos sujeitos que habitam os pavimentos dos edifícios residenciais. Apropriação no sentido de dar um significado para o ambiente habitado, o apartamento e o prédio em que vivem, as ruas do seu bairro e sua comunidade (GONÇALVES, 2004a).

O conceito de apropriação do espaço advém da Psicologia Ambiental, uma ciência que estuda as relações entre o comportamento dos sujeitos e os ambientes onde vivem, sejam eles naturais ou construídos (BRAGA, 1998). Seu principal foco é a análise de problemas concretos, principalmente no que se refere ao ambiente urbano.

Em se tratando do estudo das cidades a Psicologia Ambiental irá focar sua atenção nos ambientes construídos que necessariamente precisam ser projetados para exercerem uma função social eficiente. A preocupação dessa disciplina é a de perceber se os ambientes têm servido para o homem desenvolver suas atividades plenamente e de modo a construir uma identidade sadia ou se na realidade são projetados sem uma avaliação adequada, contribuindo para o desenvolvimento e o agravamento de doenças (físicas ou psicológicas) tão comuns em tempos de pós-modernidade.

En síntesis planteaba que la misión de la PA se podría resumir en el esfuerzo científico-humano por el logro de mejores lugares para vivir. Como la mayoría de los efectos sobre el ambiente son acumulativos y muchos no aparecen ante los

habitantes por su naturaleza sutil, en varias oportunidades las personas se adaptan aún ante escenarios peligrosos. Parte del trabajo de la PA estaría en contribuir a la toma de conciencia sobre adaptaciones inadecuadas y a la propuesta de alternativas mejores (GRANADA, 2003, p.335).

Deste modo, percebe-se a importância para o planejamento urbano de compreender os desejos e aspirações dos habitantes das cidades. Se partimos da premissa de ser o espaço um importante mediador para o desenvolvimento de relações sociais engrandecedoras, poderemos estudar com mais seriedade os projetos e objetos das municipalidades para construir cidades e espaços públicos capazes de proporcionar uma real qualidade de vida para seus usuários.

Apenas esse fato é suficiente para pensarmos sobre a construção desregrada de tantos espaços urbanos que não satisfazem a vida dos habitantes da cidade e, muitas vezes, até desestimulam uma vivência coletiva próspera entre os indivíduos urbanos.

Em Criciúma a expansão vertical vem se acentuando aceleradamente, tendo inclusive espaços completamente tomados por edifícios comerciais e residenciais. Em relação a esses últimos, podemos destacar um bairro em específico, o Comerciário. Nos últimos 10 anos, nesse bairro, diversas construções vieram abaixo para dar origem a prédios vistosos como o edifício Réggio. Mais recentemente a antiga casa de moradia que abrigou durante alguns anos a sede da Vigilância Sanitária foi demolida para dar lugar ao edifício Monteffiore.

Deste modo, o crescimento da urbanização “para cima” em Criciúma é um ponto preocupante para a Psicologia Ambiental. Partimos da percepção da verticalização como sinônimo de modernidade e como uma necessidade da contemporaneidade para formular a questão central justificando essa pesquisa: até que ponto a verticalização influencia na construção da identidade das pessoas? Ela dificulta o processo de apropriação do espaço pelos moradores de edifícios residenciais na cidade de Criciúma?

A apropriação do espaço traz como ponto central a importância que o morador dá para seu entorno. Nesse caso, nos preocupamos com os espaços de moradia e circundantes a ela, ou seja, o apartamento, o prédio, seus arredores e o bairro.

Entendemos a necessidade do desenvolvimento para as cidades em ascensão comercial e urbana. Contudo, como é se apropriar de uma parte de uma residência, sabendo que seu espaço termina na porta do apartamento? Como é viver no mesmo espaço de estranhos que se separam por meio de paredes e que muitas vezes nem mesmo sabem seus nomes? Os espaços coletivos como o hall de entrada, escadas, elevadores e jardins são assumidos como de todos, como de cada um individualmente ou como espaços de ninguém?

Esses espaços sendo assumidos como individuais ou coletivos recebem que tipo de atenção/cuidado?

Além dessas questões surgem outras relacionadas ao bairro: como esses moradores percebem o bairro? Sentem-se pertencentes a uma comunidade ou são como “turistas” que usam o lugar apenas para benefício próprio, sem qualquer sentimento em relação às modificações que impõem ao meio? Será que sentem falta de ambientes exteriores (de lazer, comércio, jardins, praças)?

Essas questões mostram-se de extrema relevância face a aceleração do processo de verticalização das cidades e dos poucos estudos existentes no Brasil, principalmente voltados para a área de psicologia. Por meio dessa pesquisa poderemos alargar o campo de ação da psicologia e contribuir para a consolidação da psicologia ambiental.

Além disso, é necessário pensar a respeito das novas relações que o homem cria com seu entorno quando já não vive em residências unifamiliares. Precisamos compreender quem é o homem da atualidade. Essa pesquisa, portanto, poderá contribuir para a criação de espaços mais adequados ao desenvolvimento pleno do ser humano.

1.2 Objetivos

1.2.1 Geral

Compreender o processo de morar e habitar o lugar dos moradores de edifícios residenciais no bairro Comerciário – Criciúma – SC.

1.2.2 Específicos

1. Descrever o processo de verticalização da cidade de Criciúma perante as transformações históricas do município;
2. Avaliar o processo de apropriação do apartamento, do prédio e do bairro por meio dos seguintes indicadores (psicossociais):

- Place Identity (Identidade de lugar)
- Place Attachment (Laços com o lugar)
- Sentimento de pertença
- Cultivação

3. Identificar o processo de construção da identidade de lugar por meio da personificação do lugar.

2 METODOLOGIA

2.1 Natureza da Pesquisa

Não se pode entrar em um lugar habitado por alguém sem uma maneira específica de fazê-lo. Se não houver cuidado, a presença do pesquisador pode soar como a de um intruso ou estranho que veio roubar algo de precioso aos entrevistados. Como consequência de atitudes impensadas, ao invés de observar o objeto estudado o pesquisador acaba sendo o estranho a ser observado e por quem os sujeitos entrevistados terão receios ou ressalvas em abrir-lhe qualquer parte de suas vidas. Por isso temos variáveis a nos preocupar em uma pesquisa como esta de teor qualitativo.

Como objetivo nos propomos compreender o processo de morar e habitar o lugar dos moradores de edifícios residenciais no bairro Comerciário – Criciúma – SC. O morar e o habitar, sendo por demais subjetivos, não podem ser pesquisados de outro modo a não ser por uma pesquisa exploratória. Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar uma visão aproximativa sobre determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizada de modo especial, quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil formular hipóteses precisas e operacionalizáveis sobre o assunto (GIL, 1999).

Sendo rica em complexidade, tal pesquisa utilizou o método de estudo de caso aprofundando-se em poucos objetos, de modo que nos permitiu um amplo e detalhado conhecimento sobre os modos de morar e habitar dos entrevistados. Segundo Leopardi (2001), esse é o tipo de estudo no qual se busca um aprofundamento dos dados, sem preocupação sobre a frequência de sua ocorrência.

2.2 Um pouco sobre o lugar pesquisado

O lugar escolhido para tal estudo foi o bairro Comerciário, o grande aglomerado vertical da cidade de Criciúma. Esse bairro se localiza na região central da cidade, tendo característica de um bairro com nível socioeconômico elevado. Foi escolhido para esse estudo por ter o processo de verticalização acelerado nos últimos anos. Possui melhor infraestrutura

em comparação com as demais áreas da cidade, por conseguinte, é intensamente verticalizado e funciona como um forte elemento regulador do preço do solo urbano em Criciúma (BALTHAZAR; PIMENTA, 2005).

Curiosamente um lugar considerado com tal infraestrutura possui pouca ou nenhuma vivência de bairro. Em alguns pontos desse espaço habitado, empiricamente observamos a ausência de pessoas a andarem pelas calçadas e nos deparamos com um sentimento de solidão. Aparentemente são apenas blocos de concreto sem sinal de que existem pessoas como nós, morando dentro de cada apartamento ali existente. Um fluxo intenso de carros, com seus barulhos ensurdecedores, e a cidade se movendo freneticamente sem deixar rastros da vida que nós humanos temos fortes razões para valorizar.

Ao ser possível encontrar pistas sobre suas trajetórias, pistas concretas relatadas pelas vozes de autores e atores sociais, pudemos comprovar e refutar hipóteses compondo a história de suas vidas nos diversos lugares onde moraram ou habitaram até se encontrarem lado a lado nos edifícios residenciais do bairro Comerciário.

2.3 A escolha dos sujeitos no meio da multidão de prédios

Ao fazer um estudo aprofundado de um determinado objeto, sendo os sujeitos de pesquisa homens e mulheres, não podemos buscar mais entrevistados do que o tempo disponível e a complexidade do objeto de estudo nos permite pesquisar. Portanto, o desenvolvimento dessa pesquisa se deu utilizando um total de 11 moradores residentes em 10 prédios localizados em ruas diversas do bairro Comerciário. Buscamos contemplar a totalidade do bairro, para tanto, o critério utilizado no processo de amostragem foi intencional, ou seja, buscou-se os elementos com características diferenciadas a fim de abranger vários aspectos do objeto de estudo. Deste modo, foram incluídos na pesquisa prédios com idades cronológicas variadas e cujos habitantes tinham nível socioeconômico diferenciado. Esse tipo de amostragem não é probabilística, portanto, não possui rigor estatístico, “consiste em selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda a população” (GIL, 1999, p. 104).

2.4 Ao encontro do lugar dos entrevistados

Inicialmente a pesquisadora fez um estudo das documentações existentes sobre o processo de urbanização e a conseqüente verticalização da cidade de Criciúma, para tanto buscou dados na CODEPLA (Companhia de Desenvolvimento e Planejamento Urbano), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), bem como em teses e artigos já publicados sobre o assunto em questão.

A entrada em campo foi realizada diretamente pela pesquisadora: num primeiro momento, ela passeou pelo bairro e observou as características dos edifícios residenciais a fim de escolher os objetos que comporiam a amostra. Utilizou como técnica a observação simples, por ser espontânea e informal, sem um planejamento, mas científica em seu teor porque vai além da constatação dos fatos e exige um mínimo de controle na obtenção dos dados (GIL, 1999).

Após serem selecionados e aceitarem a participação, a pesquisadora forneceu o termo de consentimento informado, explicando os objetivos propostos pela pesquisa. Em seguida realizou a entrevista livre com o morador. Uma entrevista livre é menos estruturada possível e se distingue da simples conversação porque tem como objetivo a coleta de dados. A opção por este tipo de entrevista se deve ao fato de que assim cada participante pôde relatar sua história de vida e, deste modo, obtivemos um conhecimento muito mais amplo sobre o processo de morar e habitar dos sujeitos de pesquisa.

Também foram tiradas fotografias (com autorização prévia do entrevistado) dos prédios, apartamentos e objetos de decoração que o sujeito pesquisado julgava significativos para ele. Além disso, cada indivíduo entrevistado (com exceção de dois) projetaram em forma de desenhos seu imaginário em relação ao apartamento e o bairro Comerciário.

Pretendeu-se com tais instrumentos avaliar o **processo de apropriação** do apartamento, do edifício e do bairro. “A apropriação, como identificação, é, em certo sentido, um agente transformador, pois, ao apropriar-se do espaço, o sujeito deixa sua marca ao transformá-lo, iniciando assim um processo de reapropriação constante” (GONÇALVES, 2002, p. 20).

Identificando-se o nível de apropriação pudemos perceber entre os moradores o **sentimento de pertença**: sentimento de fazer parte de uma comunidade, cultura e lugar. Por meio deste afeto a pessoa se sente segura e protegida no meio onde vive e desenvolve **laços**

com o lugar (Place Attachment). Desenvolver laços é criar raízes, construir um vínculo afetivo com o lugar e assim cultivá-lo.

Cultivação consiste em manter um espaço ou ambiente sempre em bom estado de conservação, protegendo-o da degradação, e buscando formas de melhorá-lo ou personificá-lo (decoreação, enfeites, jardins, reformas, etc) conforme as preferências e estilo de vida dos sujeitos.

Com esses indicadores psicossociais conseguimos identificar os elementos constituintes da **identidade de lugar** (Place Identity), que segundo Proshansky (1976) consiste no significado que o lugar traz para a vida dos sujeitos e ocorre por meio de uma construção, um elemento natural ou por lembranças vivenciadas naquele ambiente. O indivíduo estabelece a identidade de lugar através das características do entorno físico impregnadas no seu consciente ou inconsciente, demonstradas através de sentimentos, valores, objetivos, preferências, habilidades e condutas referidas ao entorno específico.

2.5 A composição do enredo dos lugares habitados

Os dados obtidos foram avaliados de modo qualitativo e a interpretação dos resultados foi realizada por meio da análise de conteúdo. A análise de conteúdo é um método de tratamento de dados que, segundo Leopardi (2001), reúne um conjunto de técnicas de análise de comunicação. “Busca compreender os conteúdos manifestos e ocultos, podendo organizar os dados em unidades léxicas (palavras significativas) ou categorias (classes de dados definidos por uma expressão ou palavra)” (LEOPARDI, 2001, p. 242).

Por outro lado, na visão de Bardin (1978), esse método consiste em eleger categorias de análise que podem ser tanto um conceito expresso numa frase quanto numa palavra, numa ideia, numa imagem. Essas categorias podem ser capturadas através da fala do sujeito e no referencial teórico utilizado. A função do pesquisador é realizar uma leitura da fala dos entrevistados dentro do contexto destes. Então a análise foi realizada por meio da leitura do texto no contexto, que, segundo Gonçalves (2006), seria o entendimento do discurso contextualizado.

3 DA INDUSTRIALIZAÇÃO À VERTICALIZAÇÃO

Quem morou em Criciúma ao final da década de 1950 teve uma vida muito diferente da observada atualmente. Naquela época, como contam nossos pais e avós, o criciumense tinha uma vida pacata e sem grandes luxos. A grande maioria das pessoas vivenciavam quase as mesmas dificuldades, não possuíam carros, precisavam andar a pé muitos quilômetros para buscar água ou adquirir um pouco de conhecimento em escolas distantes. Hoje, cinquenta anos depois, a cara da cidade é completamente outra: as ruas estão asfaltadas, as bicicletas desapareceram e deram lugar para os automóveis que dominam a vida pública, principalmente em volta do centro da cidade. A paisagem cinzenta do carvão e da piritita abriu espaço para grandes comércios, grandes indústrias e a expansão em altura das moradias.

Essa observação empírica é capaz de nos fornecer muitas pistas sobre o tipo de vida valorizado por uma sociedade em determinado momento histórico. Ao observarmos a paisagem de um lugar poderemos tirar conclusões a respeito das pessoas ali residentes. A arquitetura das cidades com o transcorrer do tempo nos mostra profundas mudanças nos ideais humanos de qualidade de vida. Isso ocorre porque cada geração possui uma ideia de qual cidade precisa criar para ter uma vida “longa e feliz”. Cada cidade construída pretende atender as necessidades de sua época, supre os objetivos dos sistemas sociais, políticos e financeiros de um dado momento histórico.

A cultura adquirida durante a trajetória de vida de todo ser humano faz cada um internalizar dentro de si uma imagem de como a sociedade, da qual faz parte, se apresenta ou deveria se apresentar. Segundo Prado (2007) é a partir dessa premissa que as gerações intervêm em seu meio físico buscando construir a imagem de cidade adquirida a priori. “Assim as imagens da cidade vão se constituindo ao longo do tempo, em diferentes espaços, respondendo ao imaginário de cada época” (PRADO, 2007, p. 1).

As cidades brasileiras também assim foram constituídas, por meio de um imaginário urbano que pouco a pouco veio se transformando no atual modelo de sociedade global industrializada e tecnológica. Sobretudo a partir das últimas décadas do século XIX, como nos aponta Prado (2007), as cidades brasileiras empreenderam esforços econômicos e políticos para reestruturar o urbano com o intuito de construir espaços representativos de progresso e modernidade que constituíam o cenário para a crescente industrialização e para o dia-a-dia da sociedade burguesa urbana que despontava aceleradamente.

Modernizar o Brasil na virada do século significava torná-lo semelhante à Europa, sociedade até então considerada como a mais avançada em termos de beleza, cultura, saneamento e economia. O progresso, deste modo, deveria advir do desenvolvimento econômico, cultural e tecnológico. Para tanto era necessária uma gama de reformas urbanísticas que proporcionassem à vida cotidiana inúmeros símbolos representantes da modernidade. Tudo que era contrário à visão de progresso era veementemente repugnado (PRADO, 2007). Sendo assim, a implementação da infraestrutura e renovação da arquitetura foram valorizados como signos do avanço.

A partir dessa época, tornou-se fácil reconhecer uma cidade empenhada em ser vitrine da modernidade, pois ela tornava-se espelho de todas as outras. Bastava estar em contato com uma delas para saber exatamente como seriam as demais.

[...] a civilização é a igualdade num certo poste, que de comum acordo se julga admirável, e, assim como as damas ocidentais usam os mesmos chapéus, os mesmos tecidos, o mesmo andar, assim como dois homens bem vestidos hão de fatalmente ter o mesmo feitio de gola do casaco e do chapéu, todas as cidades modernas têm avenidas largas, squares, mercados e palácios de ferro, vidro e cerâmica. Afinal, uma cidade moderna é como todas as cidades modernas (MAUS, 2003 apud O'DONNELL, 2008, p. 46).

Tudo girava em torno da industrialização e urbanização e estas viraram um fenômeno mundial. Como se não bastasse esse fato, as várias economias, antes muito mais individuais, iniciaram um processo de globalização pela facilidade com que as informações começaram a chegar de um lugar ao outro por meio da internet. Com a universalização das trocas de mercadorias, os países quebraram fronteiras e se aproximaram de maneira nunca antes vista. Isto causou uma dependência entre territórios ocasionada pelas tecnologias da sociedade de informação³ dentro da formação econômica e social capitalista. Segundo Carlos (1994), são as mudanças constantes produzidas pelo desenvolvimento das forças produtivas que geram modificações no espaço urbano. “Estas mudanças são hoje cada vez mais rápidas e profundas, gerando novas formas e configurações espaciais, novo ritmo de vida, novos relacionamentos entre as pessoas, novos valores” (CARLOS, 1994, p. 27).

Entretanto, não podemos negar o salto produzido na qualidade de vida de toda a população quando da criação da máquina, após a Revolução Industrial. Crianças já não

³ A sociedade de informação advém de uma economia de comunicação. Gonçalves (2004b, p. 119) define essa economia como sendo derivada da corrente ideológica, representada pelo neoliberalismo e concretizada pela globalização da economia, que tem produzido o desenvolvimento tecnológico e financeiro dos países localizados no hemisfério norte, interligados por uma rede que exerce a dominação no mundo e dita suas normas. Sua principal característica consiste em ser lugar de comunicação e a realiza em todos os sentidos possíveis.

morriam com tanta facilidade e muitas doenças encontravam formas eficientes de tratamento e cura. A partir daí inicia-se um processo de adensamento do espaço urbano. Como se pode perceber atualmente nas cidades industrializadas tem crescido consideravelmente o montante da população urbana, ao ponto de termos cidades como Curitiba ocupando intensamente 74,1% de sua área urbana efetiva (COSTA, 2006).

De acordo com Costa (2006), alta densidade não significa necessariamente problema, deve-se levar em conta é a qualidade de vida dessas populações, pois na maioria dos casos o que se observa é uma demanda por infraestrutura, educação, emprego, habitação e lazer muito além do que a região urbana é capaz de suprir. Não obstante, são os processos de verticalização das cidades os principais reforços no adensamento. “Nenhuma das cidades brasileiras havia observado tão drástica transformação na sua morfologia urbana até o momento em que seus edifícios romperam a horizontalidade do tecido urbano pré-industrial e ganharam altura” (FERREIRA, 2006, p. 2).

Essas modificações no tecido urbano não ocorrem ao bel prazer da especulação imobiliária. Certos lugares da cidade não podem ser densificados em função da regulamentação urbanística. Deste modo, a alternativa, segundo Souza (1994), é adensar o máximo possível as regiões próximas ao Centro para satisfazer um desejo de uma camada superior da população que almeja estar próxima aos locais onde há maior diversificação dos aparatos urbanos, do comércio e dos serviços oferecidos pela cidade. Em Criciúma, o Plano Diretor se encarrega de dizer onde e em quais condições um prédio pode ser erguido. De um modo geral, o Comerciário e o Centro ainda têm sido os bairros mais procurados para a verticalização por razões que vão além da técnica, envolvendo a história do município, ligeiramente explorada no capítulo 6 do presente texto.

As mudanças em direção ao moderno e atual não se processaram de uma só vez dentro de Criciúma, as construções foram emergindo no tecido urbano na mesma medida em que as demolições foram acontecendo. Na visão de Souza (1994), o promotor imobiliário busca “para a burguesia um lugar onde se possa adensar e obter bom lucro” (SOUZA, 1994, p. 134). Eles compram os terrenos com baixa densidade a um preço reduzido e produzem uma forte densidade e a conseqüente verticalização.

O termo verticalização aparece no dicionário de língua portuguesa como “ato de verticalizar; dar posição vertical a”. Atualmente vem-se empregando esse termo relacionando-o com a expansão em altura das áreas edificadas das cidades, ou seja, construção de edifícios com muitos pavimentos. Dentre várias definições, Somekh (1994); Machado e Mendes (2003) explicam a verticalização como o resultado da multiplicação ou reprodução do solo urbano,

enquanto Souza (1994) a descreve como um processo de produção e apropriação de diferentes formas de capital: fundiário, imobiliário e financeiro, sendo consubstanciado, principalmente, na forma de habitação, no caso específico do Brasil.

O processo de verticalização teve sua origem nos Estados Unidos e sua gênese tem relação com o próprio estágio de desenvolvimento capitalista: a grande concentração urbana, o incremento na divisão do trabalho, o preço da terra elevado, as áreas funcionalmente especializadas e o liberalismo da legislação. Os edifícios construídos neste processo, segundo Ferreira (2006), foram denominados “arranha-céus”, representando o poderio e a força da nova ordem socioeconômica. A verticalização foi a grande inovação da cidade que deu certo.

Para entender como esse processo foi constituído, precisamos compreender a relação existente entre verticalização e metropolização anunciada por Ferreira (2006). De acordo com o autor, a urbanização no Brasil ocorre por meio da concentração da população e a metropolização é a identidade almejada. É paradoxal essa busca, principalmente quando se trata de uma economia subdesenvolvida, pois se sabe que a metrópole é essencialmente o lugar da pobreza.

O processo de verticalização não é uma consequência natural da urbanização, ele é o desenvolvimento da tecnologia sendo subordinado ao desenvolvimento do capital (MACHADO; MENDES, 2003). Ele surge e se relaciona com a cultura do consumo e com os símbolos de poder. Como nos aponta Sahr (2000, p. 3), “a verticalização faz parte da luta no espaço urbano entre o antigo e o novo, o tradicional e o moderno”.

Muitos planejadores urbanos já imaginaram como seria uma cidade ideal. Embora nem todos viveram o auge do capitalismo, previram megacidades inseridas em muitos pavimentos para fazer frente ao contexto neoliberal. Menegat (2008) nos lembra dois, de tantos projetos já desenvolvidos nesse sentido. O projeto criado na década de 70 supunha a acomodação de 400 mil pessoas em duas torres desenvolvidas a fim de criar uma megacidade em um espaço diminuto. Pensou-se também, segundo o autor, na implantação de uma colônia em Marte em forma de redoma onde os habitantes necessitariam apenas de água, ar e comida para sobreviver. Essas são visões ingênuas do que na realidade é a complexidade do ser humano. O homem precisa mais do que simplesmente a manutenção de seu corpo físico. Ele demanda ambientes externos facilitadores de seu desenvolvimento intelectual, social, emocional e espiritual.

Pensemos então na realidade existente hoje em dia. Não são as mesmas torres ou redomas de vidro idealizadas na década de 1970, mas enormes paredões com muitas pessoas morando juntas e tentando um desenvolvimento aprimorado no meio de tantos arranha-céus.

E parece que é esse o caminho escolhido pelas mais variadas cidades brasileiras, sejam elas pequenas, médias ou grandes. Em cidades como Criciúma vê-se um pequeno ensaio de uma grande cidade. Como nos relatou Paula⁴ (2008) em sua entrevista, já houve em anos atrás prédios com portas abertas e crianças brincando na vizinhança, tanto de apartamento para apartamento, como de prédio para prédio. Usavam os corredores, a garagem, a casa de todos os moradores residentes no edifício. Conheciam seus vizinhos de porta e de rua, brincavam na rua. Mas hoje morar em prédio não tem mais essa conotação, as portas permanecem fechadas e cada qual vive para dentro e não mais para fora. Que ser humano se forma dentro desses ambientes? Como podemos esperar que seja o futuro dos bisnetos, tataranetos do modelo de moradia “Bloco de Concreto”?

Menegat (2008) descreve como supõe ser esse humano que mora entre portas fechadas. São avenidas congestionadas, ar poluído e os sujeitos dentro desse sistema mergulhados nos problemas diários e com tantas paredes de concreto, tanta informação, tanta velocidade a atrair-lhes a visão que ele deixa de olhar ao seu redor para apenas seguir o ritmo. Então, deste modo, o indivíduo encontra-se completamente capturado pelo sistema urbano dilacerador de nossa capacidade de transcendência humana. Rouba-nos a capacidade de percepção da totalidade da paisagem. Esse homem já não consegue mais ver o entorno e não vendo não consegue mais senti-lo, apreendê-lo como parte de sua realidade eminentemente humana.

O semáforo surge como símbolo da cidade atual, um signo que emite ordem e ao mesmo tempo é sinônimo da pressa. O tempo entre o “verde-amarelo-vermelho” é o tempo da conversa e do relacionamento com o outro. Esse ritmo acelerado do cotidiano subtrai do tempo a vida do cidadão das grandes cidades (CARLOS, 2003). Em cidades menores, como Criciúma o semáforo controla menos os sujeitos? Não seria o mesmo corre-corre daquele sujeito da grande metrópole? Ambos são influenciados pela mesma mídia, usam as mesmas roupas e os mesmos calçados da moda e anseiam pela felicidade.

O homem cinematográfico acorda pela manhã desejando acabar com várias coisas e deita-se à noite pretendendo acabar com tantas outras. É impossível falar com qualquer ser vivo sem ter a sensação esquisita de que ele vai acabar com alguma coisa. ... A pressa de acabar! Mas é uma forma de histeria difusa! Espalhou-se em toda a multidão. Há nos simples, nos humildes, nos mourejadores diários; há nos inúteis, há nos fúteis, há nos profissionais da coquetterie, há em todos esse delírio lamentável. Qual é o fito principal de todos nós? Acabar depressa! O homem

⁴ Todas as falas dos entrevistados foram identificadas pelo pseudônimo do sujeito entrevistado e o ano que ele concedeu sua entrevista. Diferenciam-se dos autores correntes no texto por terem sido grafados em caixa alta e baixa.

cinematográfico resolveu a suprema insanidade: encher o tempo, atropelar o tempo, abarrotar o tempo, paralisar o tempo para chegar antes dele (JOÃO DO RIO, 1909 apud O'DONNELL, 2008, p. 70).

Como podemos verificar entre os entrevistados, a realidade traduzida pelos autores acima referidos fez parte da história de Criciúma. Na mesma medida em que a cidade se reproduziu, a vida das pessoas deixou de ter o tempo e os lugares para vivenciar atividades recreativas. “O lugar da festa, do encontro quase desaparecem; o número de brincadeiras infantis nas ruas diminui – as crianças quase não são vistas; os pedaços da cidade são vendidos, no mercado, como mercadorias; árvores destruídas, praças transformadas em concreto” (CARLOS, 2003, p. 19).

Mas no natal a gente se vestia de Papai Noel e saía pelo bairro distribuindo balas para as crianças, geralmente os mais velhos para os mais novos. Organizava festa junina, fazia barraca, cachorro-quente, arrecadava dinheiro para fazer camisas pro time de futebol. Isso tu não vê aqui. Então, será que existe local para fazer alguma coisa dessa aqui? Eu não vejo. Via com bons olhos a festa que o City Clube fazia aqui na rua, junina, mas eu acho que já faz uns dois, três anos que.. (Carlos, 2008).

Paula também traz essa mesma sensação em seu discurso. Os edifícios de apartamentos na atualidade dificultam a aproximação entre as pessoas:

No corredor a gente brincava, colocava coisas no corredor, ficava brincando de mágica. Ah... um monte de coisa assim. Ah... e até que eles resolveram se mudar de lá, vir pra esse apartamento. Daí mudou tudo né, porque daí vizinho aqui é tudo... como eu já sou bem... mais... sempre com as portas fechadas. Aqui é tudo mais fechado, a gente não se comunica tanto com os vizinhos. Porque lá a porta ficava aberta, um ficava na casa do outro, um almoçava na casa do outro assim. Aqui já não tem mais tanto isso, né. Acabou cada um indo pro seu lado assim (Paula, 2008).

O homem urbano que vive entre carros e avenidas tem o olhar distante e frio, pensa apenas em chegar depressa em algum lugar. Pois é nesse lugar que ele será avaliado. Nesse lugar encontram-se as “quinquilharias” tecnológicas e modernas que ele é capaz de adquirir com seu esforço supra-humano. “O outdoor da propaganda das camisas/calças da USTOP é bastante sintomático desse tipo de relação: O MUNDO TRATA MELHOR QUEM SE VESTE BEM” (CARLOS, 2003, p. 20).

Cristina entendeu esse recado quando entrou em uma loja para comprar uma roupa para o marido e foi tratada com hostilidade no centro comercial de Criciúma.

Senti, senti, mais eu senti mais das pessoas. Porque tu ir numa loja e eles te olharem de cima, esse lado eu senti mais que doía. Te olharem de cima embaixo pra te ver como é que tu tá vestida, isso doía mais do que tu mudar da casa para o apartamento.

Então, eu jogava voleibol pela Teka em Blumenau, aí andava com a Michele de canguru, de tênis e andava bastante, até porque eu queria perder peso. Não tinha com quem deixar a menina pra ir numa academia. Então o que eu fazia, colocava no canguru e saía caminhando pela cidade, porque eu moro muito longe do centro, né... (risos) e fazia isso. E então eu entrei numa loja, e assim, eu nunca fui ligada a marca e essa marca eu gravei, Pierre Cardin é uma marca famosa. Aí entrei numa loja e pedi, olha eu quero um conjunto desse, tu tens tamanho GG. Daí ela assim: – É muito caro! Bem assim, mas eu: – Mas eu quero ver, tens tamanho GG? O meu marido não é gordo, mas é alto, então tem que ser o GG. Aí ela foi lá, me mostrou, desdobrou te olhando assim meio de lado, como quem diz, ai desgraçada vai me fazer só desdobrar e vou ter que dobrar de novo. Tenho certeza que ela pensou isso. Aí, beleza, eu disse: – Eu vou levar. – Em quantas vezes? Aí eu disse: – Não eu vou levar à vista. Não preciso dizer né, eu raramente entro nessa loja. Mas tu vê, são poucas lojas de homem, então eu acabo sempre comprando coisa ali, mas assim, teve nessa loja e em outras (Cristina, 2008).

Segundo Carlos (2003, p. 21) “as pessoas são tratadas de forma diferenciada em função de sua aparência, das roupas que vestem, do carro que dirigem, lugares onde passam férias, restaurantes que frequentam, cartões de crédito que usam. Até as filas de banco são diferenciadas pelo uso do cheque especial”. Esses são os valores urbanos, a sociedade urbana mostrando suas “garras”. Quem não se enquadra a esse estado de coisas é excluído do processo produtivo e passa a ser visto como alguém inferior.

As relações na cidade são mediadas pelo dinheiro e pelas mercadorias. A própria cidade com suas avenidas, seus viadutos, seus prédios e sua população passa a ser vista como um produto comercializável. E como qualquer mercadoria que se preze é descartável, pois a sociedade de consumo vive para mostrar ao consumidor que sempre existe outro produto melhor para ser adquirido. Também o espaço passa a ser produto de descarte. Sendo assim, para que preocupar-se com o seu lugar se ele “está” para ser desgastado, usufruído e jogado fora? Não existe sentido no cuidado, no apreço ou na valorização sentimental em relação a algum bem material.

O cidadão citadino preza pelo “produto de ponta”, ele quer o moderno, sonha com ele, deseja alcançá-lo a qualquer preço e sob quaisquer circunstâncias. “Algumas características da cidade grande - trânsito intenso, aglomeração de pessoas, comércio dinâmico e também a verticalização crescente - são tidas como modelos a serem copiados pelas cidades médias e pequenas que almejam ‘prosperidade’” (SAHR, 2000, p. 1).

A busca na modernidade tardia⁵ ou pós-modernidade⁶ é por uma satisfação estética apregoada como única forma de felicidade possível. Segundo Hermann (2005), essa é uma estratégia econômica para potencializar as vendas, pois o consumidor acaba por adquirir o produto pelo modo de vida estético que está associado a ele. Morar no centro da cidade ou próximo a ele, por exemplo, traz um estilo de vida associado.

Agora eu moro aqui. As pessoas te olham... – Olha ela mora no Centro. Ela mora em apartamento. Tu impõe um pouco mais de respeito, querendo ou não. Tu pode morar numa mansão lá na Mina do Mato... – Ah... eu moro na Mina do Mato. – Ah... Onde é que tu mora? – Ah... eu moro no Comerciário. – Ahhh! É incrível como as pessoas têm uma visão assim. (JOANA, 2008).

Para sujeitos como Joana, com uma infância sem condições de adquirir os mesmos brinquedos, o mesmo padrão de vida de seus vizinhos, morar próximo ao Centro em apartamento é sinônimo de ascensão social. Não é o apartamento em si que mais lhe importa, mas o fato de estar dentro do processo. Ela passa a não ser mais excluída. É como uma medalha ou um diploma em dia de formatura. Agora o sujeito está apto a participar de alguma coisa além. Do que ele participa? Do jogo. O jogo de compra e venda de mercadorias capazes de agregar valor à identidade das pessoas.

Estando dentro ou fora do jogo o indivíduo vive com inúmeras dúvidas a pairar sobre sua cabeça. “O que fazer? Como agir? Quem ser? São perguntas centrais para quem vive nas circunstâncias da modernidade tardia – e perguntas que, num ou noutro nível, todos respondemos, seja discursivamente, seja no comportamento no dia-a-dia” (GIDDENS, 2002, p. 70). Juntamente com o advento da modernidade tardia/pós-modernidade verifica-se inúmeras mudanças relacionadas aos aspectos social e cultural das moradias e do estilo de vida das diversas classes sociais, em especial as classes média e alta (SAHR, 2000). Essas classes passam a valorizar moradias mais individualizadas e condizentes com suas posições na sociedade e no mercado de trabalho.

⁵ O termo modernidade tardia ou alta modernidade é empregado por Giddens (2002) em relação às instituições e modos de comportamento estabelecidos na Europa no século XX, sendo entendida como o mundo industrial capitalista com sua mercantilização competitiva de produtos e de força de trabalho. Para este autor a modernidade é caracterizada pela aceleração das mudanças. A emergência da fragmentação e dissociação das pessoas e situações na modernidade marca o início do que Giddens chama Modernidade tardia. Esse mesmo período coincide com a chamada Pós-modernidade empregada por autores como Harvey (1998) tendo como característica de produção marcante o surgimento das tecnologias de informação.

⁶ Habermans fala em pós-modernidade, mas toma o cuidado de não refutar os pressupostos anteriores. “Não podemos, no entanto, afastar a priori a suspeita de que o pensamento pós-moderno está meramente a atribuir a si mesmo uma posição transcendente, quando na realidade permanece dependente dos pressupostos, validados por Hegel, da autocompreensão moderna”. (HABERMANS, 1990, p. 16).

Aqui encontramos a complexidade do processo de verticalização. Para que ele se disseminasse, na visão de Souza (1994), era imprescindível a vontade da classe média e alta de possuir certo espaço. “É mais ou menos como o valor de uso, é preciso que ele exista para que o valor de troca exista. É preciso que o valor de uso em tal bairro seja considerado tão grande que as pessoas se predisponham a pagar caro para se instalar nele. Isso pode sugerir a verticalização” (SOUZA, 1994, p. 130).

Por outro lado um modelo compacto de moradia para usuários que vivem em uma sociedade pós-moderna, na qual homens e mulheres possuem carreiras profissionais, é bastante conveniente. Isso porque um apartamento, pelo menos na teoria, afasta as preocupações com a segurança. “Fechou a porta, você vai viajar e ponto final. É divertido. Você quer passar um final de semana na praia de Itajubá que é pertinho de Blumenau, você vai. Mais tranquilidade porque você vai saber que ninguém vai mexer na tua casa” (Cristina, 2008).

Mas qual o problema das casas? Ora, para as famílias que não possuem integrantes que permanecem ali em todas as horas do dia, ela ficará boa parte do tempo fechada, atraindo olhares de estranhos que possam vir a querer tirar proveito da situação e empreender em atos ilícitos contra os moradores.

Apesar de gostar de casa. Mas o que me leva a buscar sempre o apartamento? A questão da segurança, né. Então assim oh. Como eu viajo muito, como tem muito a vida fora. Chavear a porta, sair... e saber que quando tu voltar vai estar tudo ok, não vai ter problema de gente pra cuidar da casa, alarme... sabe? Toda essa estrutura que precisa ter pra uma casa. Pra quem viaja muito isso é difícil (Davi, 2008).

Casas são mais dispendiosas, demandam mais tempo em relação aos serviços exteriores, além de trazer maior preocupação quanto ao cuidado. “Quem vai cuidar da minha casa na minha ausência?” O habitante dessa nova cidade não possui mais uma relação de vizinhança capaz de suprir sua demanda por proteção. A menos que o morador pague alguém para retirar o jornal todos os dias, recolher as folhas de árvores e acender e apagar luzes a fim de dar a impressão de não estar longe por tanto tempo, ele não conseguirá viajar descansado. E ainda assim, mesmo pagando alguém, não existe a certeza de estar livre de invasões, pois nessa nova cidade cada indivíduo preocupa-se consigo e não tem um olhar voltado à coletividade.

O homem cidadão não tem mais tempo para dedicar-se com empenho às atividades domésticas, por isso um apartamento é a opção mais razoável para ter uma vida com menos afazeres.

É bom apartamento. É ótimo. É ótimo, pra ti que quer privacidade, que não quer coisarada pra limpar, não tem tempo pra limpar, é ótimo. Porque tu entra, tu fecha a tua porta, pronto. Tu dá a tua varridinha, deu. Não tem área, não tem sacada, aquela área enorme ao redor de casa, não tem grama. Não tem nada, não tem sujeira. A tua sujeira é essa, básica, né (Joana, 2008).

Segundo Pinho (2005), o edifício residencial e a habitação unifamiliar são duas modalidades de moradia com diferenças em muitos aspectos, tanto no que diz respeito à concepção de projeto quanto ao processo produtivo, agentes envolvidos na construção e, até mesmo, na interação do morador com o ambiente construído. Contudo, ainda na visão do autor, os mesmos valores historicamente atribuídos à casa são aspirados pelo usuário ao transferir-se para o apartamento.

Todavia, quando se decide morar em unidades de domicílios plurifamiliares, opta-se na verdade por uma vida “individual em conjunto”, ou seja, aparentemente as pessoas vivem mais próximas umas das outras porque precisam administrar várias questões referentes ao prédio que dizem respeito a todos os moradores. Todavia, é como um negócio onde cada qual apenas escolhe a mercadoria mais satisfatória. As decisões sobre o condomínio não servem para unir esses moradores, são apenas atos burocráticos e não comunitários.

Mas que dizer sobre a intimidade e a coletividade com estranhos advinda dessa situação de morar em condomínios onde dezenas de moradores são os donos do prédio? Durante uma pesquisa realizada no ano 2000 em um condomínio de apartamentos da cidade de Recife, Lopes (2000 apud LOPES; MONTEIRO, 2007) detectou diversos casos de divergências entre vizinhos. O motivo para ocorrência de tantos conflitos, segundo o autor, era por causa da proximidade física, a heterogeneidade dos moradores e o desrespeito às normas que regem o condomínio.

Nos edifícios verticais, a proximidade física é um aspecto relevante à perda de privacidade e choque de rotinas e horários entre moradores. Como exemplo podemos citar a falta de conforto ambiental (como a acústica, por exemplo) entre os apartamentos causando uma série de desconfortos ao realizar atividades cotidianas. Por outro lado, a heterogeneidade entre os moradores inclui divergências de interesses, valores e ações causadas principalmente pela diversidade de classes sociais que podem conviver mutuamente dentro do mesmo condomínio (LOPES; MONTEIRO, 2007).

Porém, é inevitável que, nas grandes cidades, ou mesmo em pequenos centros urbanos, uma significativa parcela da população esteja adotando a moradia vertical. Os indivíduos buscam maior proximidade com os centros de produção e consumo. Em contrapartida, tentam aliviar a insegurança disseminada a cada dia pelos noticiários

jornalísticos. “Num mundo constantemente em movimento, a angústia que se condensou no medo dos estranhos impregna a totalidade da vida diária – preenche todo fragmento e toda ranhura da condição humana” (BAUMAN, 1998, p. 15).

Por que que a sociedade tá verticalizando? No fundo, socializa despesas. Tu rateia custos com pessoas, então tu tem o aspecto econômico, tu dilui o risco de segurança, é mais fácil tu contratar guarda, um zelador para o prédio do que para uma casa, porque tu está em várias pessoas. Em tese tu tens outras pessoas olhando por ti, o que as vezes não é verdadeiro, mas em tese tu tens. Então, é... parece que a sociedade acaba indo por essa linha de individualidade [...] (Carlos, 2008).

Esse tipo de moradia supre a necessidade daqueles usuários que “moram” a maior parte do tempo no trabalho e utilizam suas residências basicamente para dormir ao final do dia. Ela é uma adaptação perfeita para uma sociedade de classes a qual existe uma discrepância elevada entre ricos e pobres, pois se pressupõe que aqueles devem se resguardar das possíveis ações contraventoras destes. “Antes, apartamento pra mim era o céu. Eu quase não ficava em casa, trabalhava o dia inteiro, chegava em casa pra dormir” (Salete, 2008).

Todavia, quanto mais individual a moradia, mais ela serve para afastar as pessoas umas das outras, gerando uma quantidade de estranhos a andar pelas ruas cada vez maiores. Opta-se por apartamentos porque eles são “mais seguros”, mas, ao se individualizar a convivência entre as pessoas, pouco elas irão perceber quem é seu vizinho de porta, de andar ou de prédio, criando um efeito contrário ao esperado, porque também os marginais já perceberam que é exatamente nesses lugares que as pessoas pouco se preocupam umas com as outras. Ocorre, assim, uma falha no sistema e as ruas de cidades eminentemente industriais, cada vez mais verticalizadas, possuem cada vez menos segurança, tornam-se ruas de ninguém.

É como se ninguém se sentisse integrante do lugar, peça-chave no que comumente era chamado de comunidade. A partir de agora todos se encontram separados e indiferentes sob o signo da televisão, do computador e do automóvel. Estes signos instituindo modelos de comportamentos por todos os lados mediando as relações entre as pessoas. Todos, portanto, estão alinhados no seu delírio de identificação com esses modelos, os quais simulam outra realidade. Nessa dimensão de vida, cada cidadão se sente o ator principal (DONNE, 1979).

A vida das crianças e adolescentes residentes em apartamento transcorre quase exclusivamente dentro do próprio apartamento. Conforme vão crescendo, o quarto vai se tornando o local de maior uso da casa. Em todos os discursos o computador sempre aparece como um material importante na vida do jovem. “[...] aqui tem tudo que eu gosto. Meu violão, computador, cama, roupa, tudo aqui, então, tá tudo perto, então... é aqui que eu gosto de ficar”

(Ricardo, 2008). Com tantas tecnologias à disposição o indivíduo quase não precisa sair do seu quarto para ter tudo que precisa a mão e quando se encontra em um local externo, com bastante espaço para interação, sente saudade do ambiente virtual da internet. “Aqui tem... Não é que tem muita coisa pra fazer. Não sei... mas é diferente. Eu sentia saudade de vir no meu computador. Porque lá não tinha computador. Eu sentia saudade do meu computador” (Cristiano, 2008).

Este é o caminho percorrido pelas famílias da “alta modernidade”, como gosta de se referir Giddens a esse período de desenvolvimento histórico das cidades. No discurso de um dos entrevistados podemos perceber que, apesar de estar imerso nesse contexto, o sujeito é capaz de pensar a respeito de sua própria vida e até mesmo de fazer juízo de valor sobre o caminho percorrido pela sociedade e tomar uma direção oposta.

[...] as famílias estão individuais e computadorizadas. Extinguiu-se a brincadeira, colocou-se a criança na frente da televisão, na frente do computador. Enfim, é tudo pronto, isso acaba repercutindo no seu pensar [...] Durante muito tempo a gente tinha TV a cabo, mas nós não tínhamos assinatura no quarto do casal. Nós nos sujeitávamos a assistir desenhos na sala com as crianças, exatamente pelo fato de que daqui a pouco tu táis na sala, o outro tá..., daqui a pouco tu tens seis pessoas morando junto e cada uma se bastando e a gente procura assim, com muito sacrifício, ficar com elas vendo desenhinhos, coisa e tal, procuro fazer regras, horário do jornal é do pai, novela ninguém assiste, então vai, vai, vai tentando administrar essa questão de cada um ter um certo horário (Carlos, 2008).

O pano de fundo do discurso de Carlos é a vida moderna tardia ou pós-modernidade, como preferem chamar alguns autores. Nesse universo social permeado por sistemas abstratos onde o local e o global se confundem, o eu sofre mudanças bruscas. Está presente no mundo uma variedade de escolhas, as quais o sujeito tem pouca ou nenhuma ajuda para selecionar, mas ao mesmo tempo sente-se pressionado a fazê-las (GIDDENS, 2002).

A primeira delas, segundo o autor, diz respeito ao estilo de vida. As pessoas são obrigadas a escolher entre uma variedade de estilos existentes, não há outra alternativa, deve-se viver dentro de algum padrão pré-estabelecido. “Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da autoidentidade” (GIDDENS, 2002, p. 79).

Escolher o modo de vida baseado em um bairro vertical é aderir à viva flor da vida privada e do individualismo, não porque os sujeitos ali residentes têm menos sensibilidade ou desejam menos interações que os demais, mas porque já moram em apartamentos devido ao

tempo reduzido para esse tipo de atividade, seja ela de socialização com o próximo ou de reflexão e aprimoramento de si mesmo enquanto pessoa.

3.1 A transição do sujeito horizontal para o sujeito vertical

Falar em transformação do sujeito horizontal para o vertical é tocar nas principais feridas que levam o homem da alta modernidade ao alheamento em relação aos outros homens. É uma mutação processada aos poucos na vida e nas mentes de grande parte das pessoas. Os principais incentivadores dessa alteração encontram-se nas casas da maioria dos brasileiros e vêm tomando espaço cada vez maior no dia-a-dia dos sujeitos. Estamos nos referindo ao televisor, ao computador e à mídia.

De fato, enquanto a televisão vai ganhando espaço dentro da residência, percebe-se que ela tende a desaparecer da sala principal, e observa-se, em muitos apartamentos, a utilização de um dos quartos como “sala de televisão”. A partir dos anos 1980 chega a ser quase uma constante, nos apartamentos mais caros, a inclusão de uma “sala de TV” ou “estar íntimo”, pois a televisão já não é um espetáculo; tornou-se parte da rotina e da vida privada do grupo doméstico, acompanhando todas as atividades dentro de casa (PINHO, 2005, p. 25).

É muito comum as famílias aproveitarem o tempo livre para se reunir em frente ao televisor, isso quando existe uma sala principal. Nesses casos as conversas muitas vezes se limitam a comentários sobre a programação ou fatos ocorridos durante o dia contados rapidamente durante as propagandas comerciais. O mais comum é cada integrante de uma mesma residência possuir seu próprio televisor, com isso, cada qual se isola em seu quarto para assistir à programação desejada.

Segundo Pinho (2005), em 1999, 87,8% dos domicílios brasileiros possuíam ao menos um televisor em sua residência. Por esses dados podemos inferir uma porcentagem perto de zero para a ausência desse equipamento nas famílias das mais variadas rendas atualmente. A televisão tornou-se artigo de primeira necessidade, juntamente com artigos essenciais à conservação e preparo de alimentos como fogão, geladeira e pia. Muitas vezes poderemos encontrar em determinadas moradias a inexistência destes últimos, mas não do televisor.

Essa também é a realidade que vem ocorrendo com os computadores. Eles estão deixando de ter um local coletivo para todos os habitantes da casa utilizarem, para adentrar os

quartos e ser objeto de uso exclusivo de apenas uma pessoa. Falamos, então, do computador pessoal. Essa foi a proposta sugerida aos consumidores pela mídia tecnológica. Toda pessoa deve possuir seu Notebook. A intenção quando da sua produção sempre foi muito clara, ele deve ser um objeto de uso individual.

Deste modo o computador e posteriormente, a internet, entram no espaço privado da habitação e requalificam esse espaço (PINHO, 2005). Desfaz a fronteira entre público e privado, deixando a intimidade do lar percorrer o mundo por meio das redes. Ao mesmo tempo impede uma simples conversa com o irmão ou o pai e a mãe que se encontram em outro quarto também em um computador enviando informações pessoais para uma infinidade de internautas.

Encontrar-se com o outro face a face exige um tipo de habilidade social inexistente em certas pessoas. É menos angustiante saber que

[...] é a minha mão, só ela, que segura o mouse e o meu dedo, apenas ele, que repousa sobre o botão. Nunca vai acontecer de um inadvertido (e incontrolado!) trejeito em meu rosto ou uma vacilante mas reveladora expressão de desejo deixar vaziar e trair para a pessoa do outro lado do diálogo um volume maior de meus pensamentos ou intenções mais íntimas do que eu estava preparado para divulgar (BAUMAN, 2008, p. 29).

Estar na frente do outro significa expor-se ao desconhecido, revelar algo de mim ou de minhas emoções, abrir a minh'alma e me colocar em perigo. Perigo? Sim, nessa sociedade o outro é potencialmente alguém capaz de me trazer algum desgosto ou, na versão sociedade de consumo, algum prejuízo irremediável. Nesse jogo do presente/ausente deixamos de olhar nos olhos e tornamos nossas emoções e pensamentos mais íntimos invisíveis e inexploráveis (BAUMAN, 2008).

3.2 Os filhos da verticalização

Um indivíduo que nasce no meio da verticalização, com oportunidades de usufruir as benesses da sociedade de consumo, dificilmente conceberá algo além da sociedade bipartida tentando arrancar os olhos de todos os habitantes desejosos de enxergá-la exatamente como ela é. Os filhos da verticalização possuem a vida agitada desde seu nascimento, logo seus pais encontram uma porção de atividades boas o suficiente para os manterem ocupados e

desenvolverem sua cognição. São tantos os compromissos que nem mesmo as crianças têm tempo sobrando para brincadeiras de rua. Até mesmo porque a rua para eles é um local desconhecido, nunca frequentado e extremamente perigoso, do qual guardam um medo tão grande quanto o têm de bruxas e lobo mau.

As crianças ou são bombardeadas de contatos, não conseguindo interagir efetivamente com ninguém, ou são criadas no meio de outros tantos adultos eliminando rapidamente todo o mundo imaginário próprio da infância. Nos dois casos ocorre um desenvolvimento cognitivo exacerbado, enquanto os demais conhecimentos, também importantes ao desenvolvimento da personalidade e identidade de um sujeito, ficam prejudicados.

Dentro das condições de alta modernidade, como são os netos da verticalização? Já têm o medo como legado de sua infância? Não confiam nem mesmo em seus parentes mais próximos? Tendo telefones celulares como brinquedos desde bebês, computadores pessoais, além de uma parafernália sem precedentes de equipamentos de áudio e vídeo não podem almejar para suas vidas menos do que terem mais. Terem mais o quê? Terem mais controle, mais estímulos, mais tecnologia para satisfação de prazeres imediatos. Freud nunca esteve tão atual como agora nessa nossa sociedade, pois estamos na era do sujeito faltante, ou seja, o sujeito insatisfeito com sua condição de vida que não alcança em nenhum momento de sua existência a felicidade plena.

Esse sujeito precisa sentir o controle em suas mãos, pois somente assim é capaz de perceber-se tendo um eixo de apoio. Um eixo ilusório, por certo, mas para ele o único que foi ensinado a buscar. Ele age como se tivesse o mundo sob seu domínio, mas não dá conta dos sobressaltos que este mesmo mundo o faz passar. Obviamente, esta é uma ideia fácil de se compreender. Nas condições de modernidade tardia, o homem vive em um habitat construído, separado totalmente da natureza. Esta passa a ser o campo ou a selva e como tal é entendida como descolada do ambiente urbano, como se as atividades desenvolvidas neste não influenciassem sobremaneira naquele.

A verticalização funciona como mais uma das ferramentas utilizadas pelo capitalismo pós-moderno para auxiliar o sujeito a adentrar um mundo de simulação. O ser humano deste novo lugar se desenvolve por meio de modelos, de um real, sem realidade. Em seu dia-a-dia, por conta das turvações entre as facilidades da mídia e as dificuldades encontradas em sua busca pelo sucesso, ele se perde dentro de sua própria identidade, não conseguindo mais distinguir o real do ilusório, ou o verdadeiro do falso. Sem esse discernimento ele distancia-se dos valores capazes de trazer um sentido a sua vida e abraça o

ideal imposto pela mídia, trazendo para sua vida frustração por não conseguir alcançar a felicidade, mesmo obedecendo religiosamente a moda e os padrões de consumo valorizados na atualidade (KUMAR, 1997).

Essa é a crise de identidade anunciada por Hall (2001), segundo a qual o homem não consegue se formar em um todo acabado. Vive em estresse constante pelo excesso de informações.

Na visão de Zanella (2002), essas são algumas das características da cultura contemporânea. Uma cultura geradora de experiências fragmentadas, desordenadas, imediatistas e descontínuas temporalmente. Esse sujeito precisa responder cada vez mais rápido às demandas do meio, principalmente quando mora na cidade. Ao reunir uma quantidade exacerbada de estímulos diferentes em suas formas e intenções, o meio urbano induz a “experiências cada vez mais complexas, proporcionando uma reeducação do olhar e do sentir” (O’DONNELL, 2008, p. 69). Simmel (1979) denomina esse efeito causado no sujeito de atitude blasé do homem da cidade. Submerso em tantos estímulos ele desiste de responder a eles como uma proteção advinda do cansaço físico e psíquico e acaba por perceber tudo quanto o mais o rodeia, como coisas destituídas de substância.

Portanto, a modernidade tardia ou modernidade líquida⁷, como gosta de chamar Zygmunt Bauman, induz o indivíduo a um modo de vida vazia para o coletivo e com ausência de valores. Dois são os principais caminhos percorridos por esse homem: o da espiritualidade ou da fortuna. No caminho da espiritualidade ele segue procurando a transcendência nas mais variadas religiões, seitas e filosofias de vida. No outro caminho, Deus não se apresenta como uma figura salvadora e se não há salvação sua história passa a ser baseada no presente e a finalidade da vida é a busca do prazer, do consumo e do individualismo.

[...] Denominarei esse corpo de experiência ‘modernidade’. Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo – e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. Os ambientes e experiências modernos cruzam todas as fronteiras da geografia e da etnicidade, da classe e da nacionalidade, da religião e da ideologia; nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une toda a humanidade. Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desunidade; ela nos arroja num redemoinho de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é ser

⁷ Bauman (1998) distingue dois momentos da modernidade, a sólida e a líquida. A sólida inicia-se com as transformações clássicas e o advento da industrialização, com um conjunto estável de valores e modos de vida. Na modernidade líquida, ao contrário, tudo é fugaz. As relações humanas são deterioradas e a vida familiar, conjugal, de amizades e afinidades entre as pessoas perde a estabilidade e pode se desfazer a qualquer momento, basta o sujeito não sentir mais o prazer absoluto proporcionado por estas.

parte de um universo em que, como disse Marx, 'tudo o que é sólido desmancha no ar' (HARVEY, 1998, p. 21).

Baumam (2008) denomina tal desenvolvimento social de sociedade de consumidores. Nessa sociedade ninguém se torna sujeito sem antes virar mercadoria, e uma mercadoria vendável. Sua subjetividade se constrói em um esforço sem precedentes para permanecer circulando no mercado a um alto valor de troca. Para o autor, o indivíduo além de sonhar com a fama aspira não estar opaco no meio de outras mercadorias, sua cobiça está em ser notável, uma mercadoria destacada das demais, desejável e desejada com a mesma matéria de que são feitos os contos de fada. “[...] o cotidiano está impregnado pela preocupação com o glamour, a satisfação e a aparência pessoal. Nesse âmbito, o reconhecimento do outro e a preocupação com os danos que nossas ações podem causar são deixados de lado em favor de um individualismo exacerbado” (HERMANN, 2005, p. 5).

Da mesma forma como o excesso de estímulos provoca a atitude blasé (indiferente) em relação a todas as coisas, também a estetização exagerada provoca uma outra estetização na consciência e na concepção que o sujeito tem sobre a realidade. A percepção humana precisa de zonas de descanso e zonas de animação e estímulo. Uma hiperestetização gera superficialidades e banalização do que outrora era entendido como a outra parte constituinte do indivíduo. Se o pressuposto básico do ser humano é possuir o lado da razão (instrumental e pragmático) e o lado da emoção (estético e transcendente), este último tem sido subordinado ao anterior. Pois “onde tudo é belo, nada mais é belo e a estetização vira anestetização” (HERMANN, 2005, p. 10).

A sociedade virou uma grande exposição de vitrines, vitrines de objetos e de pessoas. A ordem advinda torrencialmente pela mídia para a expulsão do feio (entendido também como o velho e ultrapassado) de dentro do espaço urbano não é algo recente, já vinha se mostrando desde o surgimento da “Liga contra o feio”, liderada em 1908 por Luiz Edmundo, e a “Liga da defesa estética”, comandada por Coelho Neto em 1915” (O’DONNELL, 2008, p. 50). Com essas duas frentes, ficava claro que o maior crime contra as cidades era enfeiar suas paisagens com materiais ultrapassados e pessoas indesejáveis.

Desse ponto, até tratar a vida de acordo com as oscilações de mercado e seu uso ou desuso, não foi muito longe. Logo se começou a expor em capas de revistas os estilos de pessoas que deveriam ser invejadas e copiadas pela grande maioria da população. Daí para a influência desse mesmo pensamento sobre os relacionamentos foi apenas um passo. Estes não correm por outro caminho a não ser o de valor de uso ou valor de troca. As pessoas são estimuladas a desenvolver seus relacionamentos pessoais e sua intimidade de acordo com

normas contratuais passíveis de renegociação de dívidas, de repasse de financiamento ou mesmo de dissolução de contrato no caso do não-cumprimento de qualquer cláusula especificada a priori.

A maneira encontrada pelo consumidor para enfrentar a insatisfação é descartar todo e qualquer objeto causador de incomodação. Não é esperada fidelidade aos objetos obtidos para o consumo. Tudo que é velho está defasado e precisa ser descartado o mais rápido possível. O grande problema é o tempo do objeto novo diminuindo a cada dia. No exato momento em que o consumidor entra na loja e visualiza o produto desejado, um outro produto muito mais novo e atraente está a caminho e fará o sujeito sentir-se defasado no dia seguinte de sua compra. “Uma vez que a permissão (e a prescrição) de rejeitar e substituir um objeto de consumo que não traz mais satisfação total seja estendida às relações de parceria, os parceiros são reduzidos ao status de objetos de consumo” (BAUMAN, 2008, p. 32).

Desfez-se a fronteira entre a dissolução de famílias e o direito à felicidade pessoal. Os vínculos são atados e desatados como ações morais indiferentes ou neutras (BAUMAN, 2008). Não há preocupação em relação aos filhos e o importante não é o companheirismo e a responsabilidade com o outro a longo prazo, mas a paixão avassaladora no presente, revelada como o amor capaz de trazer “o felizes para sempre” para sua vida. Mas isso somente ocorre até o próximo desentendimento ou o lançamento de um novo produto (amor) trazendo a mesma promessa de felicidade eterna para o mercado.

3.3 Privacidade ou fuga social?

Essa estrutura de cidade favorece a fuga social e tem um objetivo único: afastar os homens e alheá-los reciprocamente. Como afirma Donne (1979) sobre os casos de pessoas atacadas e assassinadas tendo os vizinhos como telespectadores inertes, que nem sequer se dispuseram a telefonar à polícia. Essa é a tendência desse formato de cidade⁸, uma caminhada ao alheamento resultante do fraco grau de co-envolvimento com o próximo e da ideologia individualista.

⁸ Embora uma forte tendência das cidades urbanas em se tornarem individualizadas, precisamos ter em mente que a realidade aqui expressa é de grandes metrópoles. Em cidades médias e pequenas o contexto de alheamento ainda não atingiu tal extremo. Contudo, devido à inexistência de estudos sobre pequenas cidades industriais optou-se por expor os dados de grandes metrópoles a fim de que o próprio leitor compreendesse a situação limite e colocasse as cidades médias e pequenas no caminho do meio.

Qual é então a matéria de que são feitos os sonhos num tal mundo? Juliette diz, em resposta a essa pergunta (feita por seu filho pequeno): “Eu costumava sonhar que era sugada para dentro de um enorme buraco, mas agora sinto que sou partida em mil pedaços e quando acordo me preocupo com a possibilidade de um deles estar faltando”. A assustadora paranóia tantas vezes associada à modernidade cede aqui lugar à sensibilidade da esquizofrenia tão frequentemente associada à pós-modernidade (HARVEY, 2004, p. 24).

Esse ritmo de cidade com tempo marcado, apressado, atrasado, marca de tal modo a vida das pessoas que estas já não se sentem pertencentes ao lugar, perdem a identificação com este e com as outras pessoas. E essa mesma ideia de tempo que controla o corre-corre da cidade atinge os corações e as mentes deixando que as relações sejam mediadas pelas máquinas. Essa é a situação do homem no mundo moderno, contraditória e conflituosa, conforme aponta Carlos: “Os meus olhos, e também as minhas orelhas, de tão acostumados, já começam a ver e a escutar tudo sob certa espécie de rápida, trêmula e cadenciada reprodução mecânica” (1994, p. 18).

E assim as questões afetivas de envolvimento com o lugar e com os demais habitantes do bairro vão se perdendo na mesma medida em que a proximidade com a natureza vai se escasseando, as áreas livres para criança brincarem vão sendo substituídas por atividades que possuem hora e local para acontecerem. Escolas de ginástica, idiomas, natação, shoppings estão pouco a pouco redefinindo as necessidades e influenciando na opção de moradia dessas pessoas, implicando em relações específicas, fundamentadas na propriedade privada.

Entre os espaços de consumo, os shoppings center são de longe as instâncias que melhor se arquitetaram fisicamente para estimular a compra e a permanência dos consumidores em seus interiores. Eles são feitos de modo circular a fim de manterem as pessoas em movimento, olhando vitrines e utilizando os serviços ali oferecidos. Dentro do shopping não existe percepção do exterior, é como se o tempo não transcorresse da mesma forma ali dentro. As pessoas permanecem ali várias horas sem se darem conta disso, pois não há como perceber se é dia ou noite (SALGUEIRO, 2005).

Sendo os shoppings lugares celebrados pelos habitantes do espaço urbano, os lugares de encontro e de trocas interativas entre as pessoas estão sendo reduzidos (ARAÚJO, 2002). As pessoas preferem o abrigo seguro da praça de alimentação dos shoppings do que um passeio no parque, onde para elas não há qualquer atrativo, pois não existe apelo ao consumo.

As necessidades de circulação invadem o espaço público acentuando a sua decadência como lugar de encontro e socialização. Constantemente congestionadas por veículos, tornam-se pouco apetecíveis a pessoas cuja organização do tempo já

não contempla o da conversa despreocupada no jardim ou na praça. Acresce que os cafés do centro e os de muitos bairros desaparecem para dar lugar a agências bancárias, e o televisor da sala acompanha o jantar com as notícias de desgraças banalizadas e ocorridas em lugares distantes ou próximos, mas nunca do entorno imediato (SALGUEIRO, 2005, p. 102).

Se não estão no shopping, esses mesmos sujeitos preferem não sair de casa, pois é mais seguro viajar por locais distantes do planeta por meio da internet do que sair à rua sem saber quais experiências são passíveis de acontecer involuntariamente. “Assim, para nós, modernos, que vivemos em sociedade onde a parte (o indivíduo) é mais importante que o todo (a sociedade), o problema estaria sempre no coletivo e na multidão, esses ‘estados’ que seriam o inverso do indivíduo que o sistema consagra como normal e ideal” (DAMATTA, 1997, p. 43).

Essa tendência de valorização da individualidade é respaldada prontamente pela indústria eletroeletrônica por meio do lançamento de uma variedade quase infinita de aparelhos para serem usados individualmente, como é o caso de telefones móveis, agendas eletrônicas, Notebooks, Mp3 e seus derivados, além de muitos outros com funções de áudio, vídeo e comunicação. É deste modo, como afirma Pinho (2005), que os equipamentos individuais e os espaços privados das habitações criam as condições facilitadoras para os sujeitos escolherem entre conviver com os demais indivíduos da sociedade ou isolar-se em seu mundo egocêntrico.

A valorização do individual causa uma patologia urbana, na visão de Donne (1979), pois no meio do coletivo o sujeito sente falta de situações emocionais geradoras de segurança. Com isso nasce a indiferença e a estranheza em relação ao devir urbano e a consequente fuga para a privacidade devido à ausência de canais de comunicação reais entre indivíduos e coisas e entre os sujeitos e seus semelhantes. A verticalização acaba, assim, por contribuir voluntária ou involuntariamente para que os homens se fechem dentro de si mesmos em um estilo de vida solitário. Isso porque o apartamento é capaz de transmitir ao morador um sentimento de segurança e privacidade.

Para Valera (1999), a vida urbana nos faz cegos e surdos em relação aos nossos semelhantes. O excesso de oportunidades de interação tende a criar desorientação e sentimentos de ameaça. Por conseguinte, cria-se a necessidade de um maior controle e reclusão pessoal, a tal ponto de complexidade que restringe a relação espontânea entre as pessoas, estabelecendo, assim, o imperativo de fazer do privado mais privado e do público mais público. Deste modo, apesar da grande diversidade social presente nas cidades, a

tendência é de nos relacionarmos cada vez mais com pessoas percebidas como iguais e nos distanciarmos daquelas vistas como mais diferentes.

O anonimato é uma vantagem na vida urbana. Não nos importamos com os outros. Essa atitude de indiferença e insensibilidade que se espalha devido às coisas serem comercializáveis, até mesmo o amor, gera esse desinteresse e uma distância pessoal (FREITAG, 2007). É uma cultura centrada no narcisismo. O homem prima por sua própria imagem e suas necessidades, normalmente imediatas, surgidas em seu ego com o prazo de ontem para serem satisfeitas. E por conta disso a resistência à frustração quase inexistente, pois o homem enxerga o mundo somente pelas lentes de seu ego e dos objetos venerados por ele. Essa busca interminável pelo ter leva à perda de substância, e a possibilidade de se admirar, de transcender e desenvolver momentos poéticos em sua vida lhe é negada, sobrando apenas uma subjetividade esvaziada (MODIA; VASCONCELLOS, 2005).

Nesse ponto insere-se o descaso com o bem público. A população passa a não mais demonstrar senso de coletividade ou preocupação com as questões de interesse comum. O público passa a ser algo alheio ao sujeito. As pessoas temem a vida pública e a desprezam. Conforme cresce a disparidade social e econômica fica mais forte o individualismo e a separação entre as pessoas e com isso a responsabilidade com o patrimônio público (LOPES; MONTEIRO, 2007). Parece mesmo que ninguém mais se preocupa com o que ocorre ao seu redor. O mundo pode estar sendo destruído, mas “não é problema meu”. Fala-se do governo, porque não se sente responsável civilmente pelas ações que o presidente, os governantes ou os parlamentares assumem todos os dias na administração da nação. Omite-se no momento do voto, omite-se no momento da denúncia de injustiças e fala-se em um mundo mais comprometido com o meio ambiente, desde que esse comprometimento não atinja minhas particularidades, minha rotina diária, minha vida.

[...] o habitante da metrópole mostra-se independente da classe social a que pertence, do status de que se reveste, ao sentir os acontecimentos do desenvolvimento urbano. Neste sentido todos os homens, são homens da rua, face aos quais se ergue a cidade que se autodesenvolve engolindo a um ritmo crescente todos os dias, o mais possível de tráfego, de trabalho, de mercadorias... aqui o homem qualquer que seja o seu papel e emprego específico sente-se cada vez mais afastado da realidade, excluído do momento decisório e vive o drama do desenvolvimento metropolitano com crescente indiferença (DONNE, 1979, p. 196)

À medida que a nova realidade de cidades eminentemente urbanas se concretiza vê-se que outras tantas cidades precisam passar por readequações ou serem descartadas do processo produtivo vigente (PECHMAN; KUSTER, 2007). Sendo assim, o que se conhecia

vai se transformando pouco a pouco em um modelo exatamente igual a tantos outros em várias partes do mundo. Os lugares de encontros, de festas; as brincadeiras infantis realizadas ao ar livre diminuem significativamente e as crianças não mais são vistas. A cidade é vendida no mercado como mais uma mercadoria. Praças e árvores dão lugar a construções de concreto (na maioria das vezes com muitos pavimentos). E já não se vê a singularidade das cidades. É como se, ao olhar para uma, estivesse vendo todas.

3.4 O filho que não deve crescer

Ao falar em cidade e progresso, nos reportamos a região carbonífera de Santa Catarina, onde está inserida a cidade de Criciúma, para nos referirmos ao sonho da maioria das cidades pequenas que desejam tornarem-se tão desenvolvidas como os grandes centros. Mas na medida em que uma cidade cresce, aumentam com ela os problemas relacionados à violência e à favelização. Não há mais confiança em andar pelas calçadas. Em cidades pequenas, mesmo sendo urbanizadas, ainda se pode andar sozinho com certo grau de segurança nas ruas. “A minha filha de 11 e o meu filho de 9, eles vão pra catequese a pé, porque é próximo. Então eu não deixaria eles nessa idade se aventurarem se eu não tivesse segurança no local” (Davi, 2008).

Mas essa segurança não é percebida por todos, ela está mais presente naqueles sujeitos que já viveram em metrópoles e conseguem distinguir entre o medo disseminado pela mídia para todos os habitantes, sejam eles de cidades grandes, médias ou pequenas, e a realidade encontrada nas ruas diariamente.

Em Criciúma os incidentes violentos que acontecem, mesmo em proporções menores do que em grandes centros urbanos, geram um sentimento de insegurança entre os sujeitos. Segundo Pedrazzini (2006), esse sentimento invade igualmente as cidades, não importando o tamanho delas, basta que se encontrem expostas à globalização para sentirem-se como se estivessem andando nas ruas sob a mira de linhas de fogo. Isso ocorre também pelo fato de que a “reconquista” da segurança individual e coletiva é proporcionada por um mercado de segurança atrativo. Se as pessoas não se sentirem ameaçadas pelos estranhos da rua a indústria da segurança não poderá ter seu lugar garantido no mercado comercial.

A verticalização é uma mola propulsora tanto da falta de segurança nas ruas como do alheamento entre as pessoas. Mas em Criciúma, mesmo morando em um bairro tão adensado

como o Comerciário, não são todos os prédios que possuem olhos voltados unicamente para dentro do apartamento. Ainda encontram-se aqueles onde existe o cuidado e a proteção dos vizinhos uns para com os outros.

Tem a segurança dos vizinhos aqui muito próxima, os prédios tem... tu consegue sair mais tranquilo [...]. Acho que tem esse olhar amigo. Sempre... eu vejo, por mim e por alguns aqui, que sempre que a gente vê uma pessoa de fora que não conhece, para, pergunta, você queria ir onde? Então existe... [...] Tem, nós temos aqui no prédio. É, grandes centros é mais difícil, né. Porto Alegre é menos frequente esse tipo de comportamento. Mas aqui tem bastante [...] inclusive um dos motivos que me fez sair de Porto Alegre foi a violência. Eu fui assaltado duas vezes na rua e uma vez eu cheguei em casa e a porta do meu apartamento estava arrombada, mesmo tendo chaves. Foi quebrado a porta, as pessoas entraram e roubaram computador, um monte de coisas, né. E ninguém viu (Davi, 2008).

A realidade encontrada nas metrópoles e megalópoles nos dias atuais, ainda é muito diferente daquela vivenciada em cidades de menor porte. Não podemos transpor para nossas cidades a realidade existente nesses grandes centros. A pobreza e desigualdade social assolam todos os lugares, mas não na proporção das metrópoles. Criciúma é um pequeno centro urbano onde existem diferenças significativas entre ricos e pobres, existem favelas e o planejamento urbano é realizado de modo a sabermos onde moram determinados grupos sociais. O trânsito vem se tornando um problema pela quantidade exacerbada de automóveis a rodar pelas estradas principais da cidade todos os dias. E os sujeitos aqui residentes, principalmente nos lugares mais adensados como o bairro Centro e o Comerciário, estão caminhando rumo à mesma modernidade líquida anunciada por Bauman (2008).

Todavia, devemos ponderar tais afirmações, pois os habitantes de Criciúma, segundo os relatos dos sujeitos entrevistados, ainda anseiam por lugares de contato e interação com o outro, que pode ser o seu vizinho de prédio, e buscam de alguma forma identificar-se com o espaço onde vivem, seja a cidade como um todo, o bairro ou o apartamento. Falta-lhes apenas uma iniciativa maior para fazer algo. Não se sentem partícipes da gestão de seus bairros, não conseguem fazer frente a esses assuntos. É como se estivessem de mãos atadas. Suas vidas são consumidas pelo dia-a-dia e acabam não se ocupando das questões da comunidade, acabam apenas assistindo às decisões sendo tomadas e lamentando sobre os espaços inexistentes para uma vida mais digna e de qualidade.

O que eu penso é o seguinte: isso é uma falha minha e nossa, né. Nós como cidadãos exigimos pouco daqueles que deveriam estar olhando por nós. O reflexo disso é lá em Brasília. Ninguém tá dando bola para o que precisamos. Eles fazem tudo ao bel prazer. Como nós não nos organizamos, nós precisamos nos doarmos um pouquinho para as coisas acontecerem. Te confesso que eu não participo (Carlos, 2008).

No Comerciário existe uma Associação de Moradores. Embora não pareça tão atuante segundo a fala de alguns entrevistados que nem mesmo sabiam de sua existência, ela se fez presente nas reuniões de elaboração do plano diretor de Criciúma. Todos os bairros podiam solicitar melhorias ou discutir a respeito das necessidades de seus habitantes. Em um bairro com uma população bastante grande, muito adensado e sem espaços de convívio, era de se esperar que as reivindicações girassem em torno da falta de áreas livres. Na lista de obras para o bairro Comerciário disponibilizada pela CODEPLA encontra-se: aquisição de área declarada de utilidade pública para a construção de praça no bairro Comerciário; melhoria dos acessos; a construção de um PSF (Posto de Saúde da Família); uma creche; um centro comunitário e a melhoria dos passeios públicos.

Cada bairro solicita aquilo a que dá mais valor. Percebe-se que dentro de tantos prédios, tanto apartamentos e no meio de tantos moradores, há um clamor por convivência, por não deixar o espírito de comunidade desfalecer por conta da verticalidade das residências. Dentre as diretrizes elencadas para a região do bairro Comerciário dentro do Plano Diretor, podemos destacar: miscigenação de raças e culturas vivendo em harmonia; áreas de lazer proporcional ao número de habitantes, por bairro, por região; preservação das APPs e áreas verdes dos loteamentos; enraizamento; humanização do trânsito; arborização das vias – lei de incentivo à arborização; participação da população nas decisões envolvendo assuntos de interesse da cidade; incentivo à formação de grupos folclóricos; políticas públicas de incentivo à cultura; poluição visual – preocupação com o visual da cidade; diminuição do adensamento, dentre outras.

Os moradores não querem se deixar tomar pelo mundo da mercadoria, muitos deles, como alguns dos entrevistados no presente estudo, possuem um passado vivido com muita liberdade, morando em casas e vivendo o cotidiano da comunidade.

[...] em casa que eu sempre tive a maior liberdade possível, com pé no chão, enfim, aquela época a cidade era segura. A violência se ouvia falar, mas estava ocorrendo em outras cidades como Porto Alegre, Rio de Janeiro e então sempre tive uma infância com muita atividade esportiva, com muita brincadeira de criança na rua, seja de bicicleta, seja de carretilha, seja de pião, de bolinha de gude, de fazer pandorga, eu vivi isso (Carlos, 2008).

Ao transferir-se para um apartamento, não se esquecem de “seus bons tempos”, quando a violência não era um assunto preocupante entre os sujeitos e a vida transcorria mais tranquilamente.

Mas era assim, era uma vida muito diferente porque a gente tinha liberdade. As crianças naquela época tinham liberdade. A gente ficava brincando de taco, de roller na rua até as dez, onze horas da noite. Imagina se hoje as crianças na rua iam poder fazer alguma coisa, não existe mais isso. Tinha campinho de futebol pra gurizada tocar, jogar, tinha é... brincadeira de passar anel, pegar, tinha, então a gente teve uma infância bem saudável, corremos, brincamos, tudo que tinha direito (Carmem, 2008).

Mesmo no início do processo de verticalização, morar em prédio não era um problema, pois não havia grandes diferenças entre uma moradia horizontal ou vertical. As crianças eram vistas nas ruas e brincavam com a mesma liberdade de gerações anteriores.

É, essa rua tem bastante prédio antigo. E a gente se encontrava bastante. Não era tão amigo quanto o pessoal do prédio mesmo. Aqui no prédio a gente ia um na casa do outro. A gente se reunia, ia todo mundo na casa de um. Aí bagunçava a casa, aí as mães ficavam loca, aí ia tudo na casa do outro. E às vezes a gente ficava no corredor, nossa! Daí eles não gostavam porque gritava muito, fazia muita bagunça. Mas era muito bom essa época. [...] Foi a infância, a gente brincava de futebol, vôlei. Na rua, ali, no meio da rua. No asfalto ali a gente ficava... (Cristiano, 2008).

Mas a verticalização soou para alguns como ausência: ausência de vizinhos, ausência de amizades, talvez até mesmo a ausência de uma cidade para além do apartamento habitado:

É... quando eu morava em apartamento, não dava pra sair, né. Em Araranguá onde a gente morava, não tinha muita gente ali e os vizinhos não faziam muita amizade. Ficava aquela coisa de ficar sozinho assim. Aí eu me acostumei com isso. Por isso que até hoje ficou aquela coisa assim, que eu tô acostumado (Ricardo, 2008).

Aos poucos a cidade foi crescendo, a alta modernidade invadindo a vida de seus habitantes na mesma proporção em cidades grandes ou pequenas e Criciúma não ficou incólume à essa realidade. Os moradores entrevistados começaram a sentir falta de ambientes externos e passaram a adotar uma segunda residência em suas vidas. O apartamento passou a ser uma extensão do local de serviço. Ali eles moram e desenvolvem suas atividades durante a semana, ou o ano, mas final de semana procuram a casa de praia, o sítio, a casa dos pais e dos sogros para passarem momentos agradáveis em ambientes naturais livres da agitação da cidade.

No verão a gente passa muito na praia porque os pais dela vão pra praia. Então a gente usa a casa. Tem casa ali no Rincão. É grande a casa então cada família tem um quarto. Então é a oportunidade que a gente tem de se reunir. E a gente gosta muito desse convívio. Espera o verão pra tá todo mundo junto. Aquela mesa cheia, né... (Davi, 2008).

É como se esses habitantes fizessem da cidade de Criciúma um imenso EUA, o qual eles emigram para “fazer a vida” (trabalhar a semana inteira, o ano inteiro) e viver realmente em outro lugar. Nessa Boston do Brasil o homem vive apenas para trabalhar, essa é a palavra de ordem, e quando possui um dinheiro e um tempo disponível foge para sua segunda residência. “É... no verão né, a gente vai pra praia, em Florianópolis. A gente viaja, mas é mais... porque agora o guri quer ir pro outro lado, então a gente fica mais... Mais no Rincão. [...] É, é... durante o ano pro trabalho. Aí no verão a gente vai descansar” (Morgana, 2008).

3.5 Embate entre o capital humano e o capital financeiro

Embora haja ressalvas quanto ao estilo de vida de bairros muito adensados e com poucos espaços para o desenvolvimento de atividades lúdicas, a disseminação desse tipo de moradia continua intensa e desordenada, a ponto de existirem ruas completamente tomadas por prédios. Como se fossem imensos bairros a conviverem lado a lado sem espaço para praças, padarias, parques, ou mesmo para a comunicação entre esses gigantes.

O Estado deveria, por lei, cuidar para que os espaços não fossem utilizados unicamente para esse tipo de construção sem nenhum planejamento, para que o morador não prejudique sua qualidade de vida, ao estar “isolado” em habitações verticais. Porém, em um sistema capitalista, o Estado deve garantir a reprodução do capital, gerenciando conflitos que interfiram nesse ciclo. Deste modo, ele produz infraestrutura, controla salários a fim de mantê-los baixos, sendo ao mesmo tempo a mão forte que afaga e reprime. Ele não elimina as contradições do sistema, apenas as ameniza e impõe à sociedade as necessidades da acumulação (CARLOS, 1994). Isso ocorre porque a sociedade moderna enxerga o ser humano da mesma maneira que enxerga o mercado financeiro e o trata como mais uma forma de capital.

Portanto, existe outra dimensão do processo de verticalização: ele traz em seu bojo a articulação humanização-desumanização do homem imposta pelo processo produtivo. Levamos a refletir sobre o homem-máquina, homem-mercadoria, permitindo-nos pensar na necessidade de superação ou possibilidade de transformação da cidade.

Afinal, o homem acaba por produzir um mundo com o qual não parece se identificar. O espaço que ele produz aparece como algo externo a ele, porque é cada vez mais condição geral da produção. A vida tem pouca importância para o Estado e menos ainda para o capital.

E o homem vira máquina para o processo produtivo e é como máquina que ele precisa viver apenas cuidando de sua sobrevivência física (CARLOS, 1994). Enquanto cuida do trabalho e de seu futuro, os sujeitos sonham com outra realidade menos mecanicista e mais humanizadora. Jean trouxe isso veementemente em sua fala, quando responde como imagina estar vivendo em sua vida futura:

Seria mais ou menos isso, morando aqui. Mas no final de semana, poder ter um sítio, pra reunir toda a família, fazendo churrasco, comendo, conversando, tudo junto. Ficar lá tudo junto, rindo, conversando. Porque esse negócio de ficar preso no apartamento, sem contato com ninguém... É bom às vezes tu fazer isso. Imagina a gente reunir a família, os amigos do bairro, do trabalho. Então eu penso assim, ter um lugar pra trabalhar, pra morar, um apartamento, ou uma casa. E final de semana poder ter um sítio pra poder ter o contato com as pessoas, contato com os parentes (Jean, 2008).

Esse contato não deveria ser um sonho, mas um direito inalienável de todo habitante da cidade. O poder público tem o dever de elaborar leis de zoneamento, código de obras e normas para o uso do solo, bem como fiscalizar o cumprimento dessas leis para que se possa, dessa forma, manter a qualidade de vida nas áreas mais adensadas. Observa-se, no entanto, que a legislação não é neutra, mas consequência das exigências dos diferentes grupos que dela se beneficiam. Ela tende a privilegiar os interesses das classes dominantes, direcionando a atuação do poder público em função de decisões e acordos políticoeconômicos locais e regionais (SAHR, 2000).

Assim, no embate entre o que é bom para a sociedade e o que é bom para o processo produtivo, o urbano vai se delineando. Enquanto produto da reprodução da sociedade, o urbano leva-nos a discutir o papel do homem enquanto sujeito, seus valores, sua cultura, seus projetos. Será que ele é feliz com a vida que tem construído? Será que ele consegue edificar ao seu redor um ambiente capaz de assegurar-lhe segurança física, psíquica, emocional e espiritual? A sociedade neoliberal tem dado conta de suas ansiedades, ou apenas está lhe prometendo realizações pessoais cada vez mais distantes?

O vazio humano nesse momento histórico tem levado populações inteiras a aderir a um estilo de vida incapaz de promover realização e crescimento pessoal. Há uma tendência de as pessoas quererem viver em lugares cada vez mais suntuosos, o ideal de vida para todas as classes passa a ser a busca por uma felicidade regada por bens materiais. A alegria deixa de ser encontrada ao ar livre, para ser trancafiada a sete chaves no interior dos apartamentos, shoppings e demais espaços de divertimento privado. O homem pós-moderno está à beira de morar em um planeta cheio de demarcações invisíveis onde ele só consegue confiar e,

consequentemente, habitar lugares cada vez mais restritos. Os demais espaços estão virando buracos negros em sua existência, ninguém sabe ao certo o que pode encontrar quando cai em um deles.

3.6 O direito à cidade

Todo ser humano, seja rico ou pobre, tem direito a usufruir a cidade e de viver nela poeticamente. Tem direito a habitar lugares e não somente morar em espaços inócuos. Para a realização desses direitos, no que pese o espaço urbano, falta aos moradores da cidade muito em termos de qualidade de vida. Até mesmo porque são muitas as discordâncias teóricas sobre esse assunto.

Independentemente de qual conceito é adotado para as práticas socioeconômicas e políticas não se pode perder de vista a opinião dos indivíduos que realmente moram e usufruem a cidade (FORATTINI, 1991). Somente eles serão suficientemente qualificados para opinarem sobre seus modos de vida e suas insatisfações.

No basta conocer acerca del dinero que se tiene o del que se carece, sino también qué tan capaces somos de conducir nuestras vidas. Por ejemplo, para determinar cuál es la expectativa de vida, es necesario saber de salud y educación, no sólo sobre su disponibilidad sino de su naturaleza y calidad; saber si el trabajo es satisfactorio o monótono, si se disfruta algún grado de dignidad, si las relaciones laborales son humanas o denigrantes. Es necesario saber, por ejemplo, como algunos autores acotan, qué privilegios legales y políticos disfrutaban los ciudadanos, qué derechos y libertades y garantías tienen para conducir sus relaciones sociales; cómo están estructuradas sus relaciones familiares, las relaciones entre los géneros y la forma en que esas estructuras promueven o dificultan otros aspectos de la actividad humana. Se requiere saber en qué medida la sociedad permite a las personas soñar, imaginar, maravillarse, amar, entre otras emociones (CARTAY, 2004, p. 493).

O ser humano possui necessidades complexas e contraditórias. Ele precisa simultaneamente da segurança e da aventura, de interações sociais e de solidão, de trabalho e lazer, de erros e acertos (LEFEBVRE, 1999). Satisfazer as demandas dos sujeitos é uma tarefa demasiadamente complicada, implica a complementariedade da motivação interna de cada pessoa, com as possibilidades externas oferecidas pela sociedade e pelo Estado para seu desenvolvimento pleno.

De um modo bastante abrangente a qualidade de vida das pessoas depende da satisfação física, psicológica, social, de atuação, material e estrutural. Tais necessidades se

sobrepõem entre si, não seguem um fluxo rígido, podem se destacar como figura ou fundo (usando uma linguagem gestáltica), dependendo das vivências dos sujeitos. Contudo, dificilmente um indivíduo empreenderá a busca por autorealização se as necessidades fisiológicas e materiais não estiverem razoavelmente satisfeitas.

Todavia, nunca o ser humano sentir-se-á completamente satisfeito em suas necessidades. Essa é a base de toda a vivência humana, a vivência de um ser em processo nunca completamente acabado. Por isso, suas necessidades não podem ser definitivamente completadas, quando ele sente a realização de uma determinada aspiração irá imediatamente em busca de outra, sempre em direção ao crescimento.

A busca mais incessante e desesperadora de todo ser humano desde o início dos tempos tem sido o caminho de sua própria identidade. Somente voltando-se para o interior de si mesmo ele é capaz de realizar seu potencial e se autodesenvolver continuamente, utilizando sua criatividade e seus talentos a ponto de transcender e chegar ao momento estético.

Esse é o caminho empreendido em direção à qualidade de vida, tão procurado por tantos teóricos. Ele é uma estrada muito mais intrigante e profunda do que poderiam supor as teorias reducionistas que transformaram os seres humanos em corpos biológicos com necessidades muito bem delimitadas. A qualidade de vida é muito mais do que o governo está apto a oferecer aos seus concidadãos, isso porque, muitos dos fatores implicados nela têm valor intrínseco e não podem ser adquiridos por meio de medidas externas.

É verdadeiro o fato de as pessoas não possuírem as mesmas aspirações. Quais aspirações são mais importantes para uma pessoa em um dado momento? Na visão de Moser (2003), tanto o indígena da Amazônia quanto os agricultores do Nordeste ou os comerciantes de São Paulo almejam uma vida digna: buscar a tão sonhada qualidade de vida. Porém, suas necessidades não são as mesmas, a própria noção do que vem a ser qualidade de vida pode ser bastante diferenciada entre eles. Por isso, planos políticos para a implementação da qualidade de vida de uma determinada região devem basear-se na realidade existente naquele local a fim de conseguirem prover à população seu próprio entendimento de bem-estar e não uma noção importada de algum projeto de outro lugar muito distante dali (MOSER, 2003).

Tendo em vista a interferência dos aspectos individuais de qualidade de vida, acima apresentados, no coletivo, sabemos da importância de sua contemplação para a qualidade de vida da população. Contudo, segundo Cartay (2004), não podemos esperar do Estado uma contribuição efetiva aos valores abstratos. A única forma legítima de sua atuação para

proporcionar uma vida melhor a todos os cidadãos é assegurar a existência de bens primários⁹, aumentá-los e distribuí-los justamente, além de conservar e proteger os direitos e liberdades de cada um a fim de que eles próprios possam ter meios de satisfazer as demais necessidades abstratas e subjetivas.

“¿Sin embargo, si no se satisfacen ciertas condiciones básicas, si no se proporcionan recursos y oportunidades iguales y accesibles, cuál libertad protegemos?; ¿aquella que el texto constitucional proclama como derecho o la que existe en la realidad social?” (CARTAY, 2004, p. 495). Não é suficiente saber quais são as necessidades dos sujeitos citadinos e nem mesmo entendê-las como um direito inalienável de todo habitante. Ainda que essas necessidades estejam contempladas na lei universal de Direitos Humanos, se cada cidadão, entendido como tal juridicamente, não tiver condição para satisfazer plenamente o que entende por qualidade de vida não se pode compreender a sua existência em determinada rua, bairro ou cidade.

Ter liberdade é condição sine qua non para o desenvolvimento e satisfação de necessidades pessoais e coletivas. Qualidade de vida é um dos fatores elencados como primordiais para a sustentabilidade urbana¹⁰, assim como o é a cidadania. São conceitos inter-relacionados. Ser cidadão implica ter liberdade para usufruir de seus direitos e desenvolver seus deveres civis e éticos. Esse vem a ser o conceito tradicional de cidadania, os direitos de todo o sujeito nascido em uma determinada nação de participar das decisões e destinos de sua cidade/estado/país e de colaborar em contrapartida com o desempenho de seus deveres para com o Estado.

Essa visão é por demais ingênuas, pois pressupõe igualdade de condições para exercer tanto os direitos como os deveres de cidadão. Ocorre que numa sociedade de classes, onde o capital determina os rumos da economia, da política e da sociedade segundo o mercado, não podemos falar em condições igualitárias.

Em uma sociedade onde uma minoria detém todos os recursos e bens para o controle e domínio das decisões, da manipulação e disseminação de informações, das tecnologias e dos instrumentos de produção, enquanto a grande maioria trabalha penosamente

⁹ São as condições necessárias para os sujeitos viverem em determinado ambiente. Segundo Forattini (1991), dividem-se em cinco aspectos: *ambientais*: qualidade da água, do ar e do solo; *habitacionais*: disponibilidade espacial e condições de habitabilidade; *urbanos*: concentração populacional, comunicação, transporte, segurança, poluição; *sanitários*: assistência médica, morbidade, mortalidade; *sociais*: sistemas de classes, nível socioeconômico, consumo, condições de trabalho, educação, lazer, sistema político-administrativo.

¹⁰ O conceito de desenvolvimento sustentável mais aceito diz ser aquele capaz de manter as bases da produção e reprodução do homem e suas atividades, sem comprometer as oportunidades das futuras gerações de satisfazer suas necessidades. Em relação ao meio urbano, seria um desenvolvimento capaz de sustentar a cidade e seus habitantes com qualidade de vida, sem esgotar seus recursos e tendo potenciais iguais para as futuras gerações.

para garantir o sustento diário, não podemos falar em cidadania, qualidade de vida ou muito menos igualdade de condições.

Pouco adianta para um cidadão o direito de ir e vir, de ter saúde, educação e lazer, se não lhe é dada a liberdade substantiva para adquiri-los. A liberdade substantiva está ligada às oportunidades oferecidas a toda população para fazer escolhas e, deste modo, exercer sua cidadania. Inclui também a garantia do intitlamento (SEN, 2000). Ser intitulado é estar apto a escolher a vida que melhor lhe convier. Isso significa ter riqueza o suficiente para adquirir os recursos de primeira necessidade (saúde, alimentação, vestimentas, transporte, moradia, etc) e assim ascender na direção das aspirações intrínsecas dos sujeitos.

Podemos falar então em liberdade condicional, temos liberdade se temos condições financeiras para usufruir dos bens e serviços oferecidos pela sociedade, caso contrário nossa liberdade é tolhida e acabamos desacreditando das políticas públicas e exercendo nosso voto a cada dois anos, como medida obrigatória e não como um ato de democracia passível de resolver nossos problemas sociais.

Se temos razões para querer mais riquezas, precisamos indagar: quais são exatamente essas razões, como elas funcionam ou de que elas dependem, e que coisas podemos 'fazer' com mais riqueza? Geralmente temos excelentes razões para desejar mais renda ou riqueza. Isso não acontece porque elas sejam desejáveis por si mesmas, mas porque são meios admiráveis para termos mais liberdade para levar o tipo de vida que temos razão para valorizar. A utilidade da riqueza está nas coisas que ela nos permite fazer as liberdades substantivas que ela nos ajuda a obter (SEN, 2000, p. 28-29).

Ainda assim, não podemos nos enganar, se não há acesso a um bom serviço de saúde, educação ou lazer, por exemplo, apesar de sua existência disponível para a população, existe privação de liberdade, pois se outros cidadãos intitlados (lê-se com dinheiro) conseguem obter os mesmos serviços em melhores condições a ausência de liberdade dos primeiros está estabelecida.

Para em nossa sociedade um sonho ambientalista de desenvolvimento sustentável. Muitas empresas (como ganho secundário) têm empreendido esforços em conquistar a população na luta a favor da preservação de nosso planeta. A mídia encontra-se envolvida, as universidades e boa parte de civis bem intencionados também discutem e levantam essa bandeira. Mas se olharmos um pouco melhor para nossa sociedade, concordaremos com a pergunta feita por Valadares (2000, p. 91): "Pode um homem não acolhido, não sustentado por seu espaço-ambiente, sustentá-lo?"

O desenvolvimento sustentável aflora na sociedade a ideia de cidadania ambiental, remetendo a discussões bastante pertinentes de direitos humanos, principalmente no que diz respeito à igualdade, pois almeja a ideia muitas vezes “romântica” de um ser humano sadio, que desenvolve sua valência positiva plenamente em iguais condições intergeracionais. Um desenvolvimento que se preze, na visão de Sen (2000), deve eliminar as privações de liberdade.

Harvey (2004) na parte final de seu livro Espaços de Esperança faz uma reafirmação adaptada dos principais direitos universais de todos os sujeitos, contemplados na Declaração de Direitos Humanos da ONU. Por serem bastante oportunos na discussão das questões elencadas por Sen e de suma importância para a construção de uma cidade sustentável, na qual habitem cidadãos intitulados, com liberdades substantivas suficientes para promover sua própria qualidade de vida, relatamos cada um deles resumidamente abaixo. Todo ser humano, deveria por direito ter durante a trajetória de sua história de vida:

Direito a oportunidades de vida: no qual está implícita a noção de intitlamento desenvolvida por Sen. O direito de oportunidade de vida é a garantia do acesso a uma existência digna e satisfatória.

Direito a associação política e a um “bom” Governo: nesse direito está implícita a formação de associações democráticas da população com o fim de monitorar e direcionar as instituições políticas. Os indivíduos deveriam ter a oportunidade de produzir seus espaços comunitários de acordo com suas demandas.

Os direitos dos trabalhadores envolvidos diretamente com o processo produtivo: aqui está incluída a preocupação com as condições de trabalho e as compensações em caso de sofrimentos que possam reduzir a expectativa de vida. Para tanto se vê a necessidade em dar ao maior poder individual e coletivo sobre os processos produtivos.

O direito à inviolabilidade e integridade do corpo humano: toda pessoa tem o direito de estar livre de tortura, prisão, assassinato e demais coerções físicas. Além disso é incluído o direito das mulheres de ter o controle sobre suas funções reprodutivas e estarem protegidas contra coerções e violência de qualquer espécie.

Direitos de imunidade/desestabilização: toda pessoa tem o direito de expressar seu pensamento livremente, sua consciência e sua crença sem medo de retaliações.

O Direito a um ambiente de vida decente e saudável: por esse artigo as pessoas deveriam viver em um ambiente razoavelmente livre de ameaças e perigos ou de riscos desnecessários, muitas vezes impingidos por ações humanas.

O Direito ao controle coletivo de recursos de propriedade comum a todas as pessoas: isso está particularmente voltado para o ambiente, seja natural ou construído, pois se um recurso é de propriedade comum não deveria ser tomado por alguns ou usufruído por determinados grupos chegando, em alguns casos, à exaustão ou falência destes. Mas essa é ainda uma questão de muita controvérsia quanto a quais recursos são tomados como de propriedade coletiva. Esses recursos acabam sendo cotados por um sistema de direitos de propriedade alternativa favorecendo exclusivamente uma parcela restrita da população, normalmente em favor do mercado.

Os Direitos daqueles que ainda vão nascer: esse é um direito complexo, mas bastante pertinente, pois as gerações futuras têm o direito de viver num mundo onde as opções não estejam estabelecidas a priori. Nossas ações atuais podem limitar as ações de nossos descendentes, por isso elas devem ser cuidadosamente analisadas antes de serem efetivadas.

O Direito à produção de espaço: encontra-se nesse direito a possibilidade de o sujeito buscar sua realização em outros territórios. Além da circulação geográfica, a produção de espaço também significa a reconstrução de formas, recursos de comunicação e regras territoriais para tornar o espaço mais maleável à vida social.

O Direito à diferença, incluindo o direito ao desenvolvimento geográfico desigual: o Estado deve oferecer a todas as pessoas direitos econômicos, sociais e culturais a fim de elas poderem desenvolver dignamente suas personalidades. Esse direito é de modo especial voltado para as diferenças culturais, sexuais, de crenças religiosas, etc. Além disso, esse direito também implica as diferenças de explorações geográficas por parte de grupos e coletividade.

Nossos direitos como seres da espécie: por fim, Harvey destaca nossos direitos à evolução. Seria o direito universal de autoexpansão, de poder explorar de forma criativa nossa relação com a natureza e todas as possibilidades de nosso ser enquanto humanos, não perdendo de vista o respeito ao outro, seja ele humano ou nãohumano.

Os direitos universais acima apresentados são conflituosos e não podem ser vistos como a salvação da humanidade. Afinal, depois deles, já vieram muitos tratados e cartas de compromissos internacionais, todos garantindo a mesma proposta anterior. Em sua maioria, existe muita dificuldade de pô-los em prática. Mas qualquer pensamento escrito ou falado, que ousa discutir questões de cidadania, qualidade de vida ou sustentabilidade urbana que não permeia esses direitos já nasce na contramão dos próprios conceitos apregoados.

Ao almejar o comprometimento dos habitantes de uma cidade no que tange a sua preservação, zelo e manutenção de espaços de propriedade coletiva, sejam eles naturais ou construídos a fim de conservá-los como herança para nossos filhos ou netos, é preciso antes atender a demandas mais básicas dos sujeitos. Comportamentos sustentáveis somente se desenvolvem por meio de um sentimento de pertença e de apego ao lugar (ARAÚJO, 2002). E dificilmente um indivíduo sentirá apreço por um espaço no qual se sente excluído e maltratado.

4 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Desde o nascimento o homem se vê inserido em um ambiente e a partir de então interage com ele a todo o momento. Por suas interações ele começa a criar impressões do que é o mundo e quem são as pessoas mais importantes para sua vida: seu pai, sua mãe, seus irmãos e familiares. Ele vai internalizando conceitos, aprendendo a se posicionar e realizar devoluções tanto afetivas como intelectuais a fim de conviver harmoniosamente com os demais sujeitos da sua espécie. Todas essas impressões, atitudes, valores e conceitos que a criança vai absorvendo ao longo de sua vida vão se unir para formar o que chamamos de identidade.

O termo identidade tornou-se popularizado e as pessoas o empregam nas mais variadas situações para afirmar o que são ou o que não são. Embora pareça simples descrever qual a identidade de alguém, a pergunta “quem sou eu?” ainda remete a uma questão filosófica capaz de desestruturar a subjetividade do indivíduo. Isto porque se revela mais profunda do que aparentemente pareça. Qualquer sujeito interpelado com essa pergunta inicia sua resposta com a afirmação: sou “fulano de tal”; ou seja, inicialmente temos o nosso próprio nome como o representante principal de nossa identidade. Contudo, seria demasiado simplório crer que a identidade se findaria nesse ponto.

Quem é você?

Se ela soubesse! É claro que ela era Sofia Amundsen, mas quem era esta pessoa? Isto ela ainda não tinha descoberto direito.

E se tivesse outro nome? Anne Knutsen, por exemplo. Será que só por isso seria outra pessoa?

De repente lembrou-se de que no começo seu pai queria que ela se chamasse Synnove Amundsen. Sofia tentou imaginar-se estendendo a mão e apresentando-se como Synnove Amundsen. Não, não dava. Toda vez que pensava nisso imaginava sempre outra pessoa (GAARDEN, 1995, p. 15)

Nos dizeres de Ciampa (2001) o nome tem uma importância relevante na declaração concreta da identidade. Do mesmo modo, o sobrenome nos coloca como pertencentes a um grupo familiar. Segundo ele, “[...] nosso primeiro nome (prenome) nos diferencia de nossos familiares, enquanto o último (sobrenome) nos iguala a eles. Diferença e igualdade. É a primeira noção de identidade. Sucessivamente vamos nos diferenciando” (CIAMPA, 2001, p. 62).

Podemos entender, então, a identidade como sendo aquilo que se é. Isso está implícito em outro conceito: aquilo que não se é, a diferença. Afirmar ser algo só tem sentido

enquanto existe um não ser, pois os iguais não necessitam falar de sua igualdade. A igualdade e a diferença são, portanto, indissociáveis.

Como a identidade se apresenta enquanto um movimento, podemos entendê-la como um processo de identificação. Nesse processo de identificação Ciampa (2001) afirma que todos acabam sendo autores e personagens de suas próprias histórias. Seguindo esse raciocínio podemos nos imaginar como seres contextualizados. Somente podemos ser da maneira como somos devido ao momento histórico no qual fomos gerados. Portanto, a história também traz um pouco da essência de seus membros em um dado momento. Essa é uma concepção de sujeito que, segundo Rivière (1983), é a fusão da história social e da biografia pessoal, ou seja, o sujeito não é individual e nem social, ele é a síntese dessas duas dimensões.

A construção da identidade é, portanto, um caminho processual, uma metamorfose constante. É como se ao longo da vida uma sucessão de personagens criados pelo próprio sujeito fossem nascendo e morrendo a todo instante. A cada novo personagem uma nova trajetória e uma nova existência. A identidade seria definida como o somatório das histórias desses personagens em transformação. Entretanto, a identidade pode ser definida como o que existe de mais singular no ser humano, ela o diferencia dos demais membros de sua sociedade, faz cada sujeito ser único e insubstituível. É um conjunto de características próprias e exclusivas de uma determinada pessoa, permitindo que o sujeito se perceba, tome posse de sua realidade individual e tenha consciência de si mesmo (CIAMPA, 2001).

Embora tenhamos vários artifícios para detectar as mais variadas características de uma personalidade dificilmente conseguiremos saber ao certo o todo que envolve esse conceito tão particular. Porque identidade não é algo que possa ser definido com algumas palavras, ou por meio de algumas atitudes. Ela envolve toda a vida e vai se modificando conforme as pessoas vão adquirindo novos conhecimentos, novos valores, novos contatos com outras pessoas, ou ainda, à medida que a sociedade muda, os indivíduos que vivem nela também mudam. Assim, suas identidades não podem ser consideradas mais as mesmas. A identidade se forma, portanto, num processo contínuo de transformação, envolvendo todas as dimensões do ser humano: biológica, psicológica, social, cultural e espiritual.

Segundo Mourão e Cavalcante (2005), o conceito de identidade advém das formas como o sujeito é e está no mundo. Esse é um processo que se passa em vários níveis, não podendo ser expresso por um aspecto apenas. Pela sua multiplicidade ela comporta vários sistemas identificatórios em processo de constante vir a ser.

Como um elemento fluido a identidade se concretiza também por meio do sujeito que atua sobre as coisas e as transforma ao mesmo tempo em que se vê transformado por elas. Sujeito pensado em sua historicidade que por intermédio das páginas de sua vida cria e recria culturas e jeitos de ser e de existir no mundo. Nesse processo, segundo Carlos (1994, p. 28), ele não só “constrói o mundo, mas também um novo modo de entendê-lo e explicá-lo enquanto possibilidade aberta de transformação”.

Porque eu tinha um temperamento muito explosivo. Porque eu era... eu na minha infância eu retraía muito os sentimentos. Até que alguém me disse: por que tu não fala? Tu vai acabar morrendo do coração. Tem que jogar pra fora. E quando tu começa a mudar a tua maneira de ser. Às vezes tu não tem a medida certa disso aí, né. Então como eu era muito fechado, eu comecei a abrir demais, eu comecei a falar demais. Aí eu fui começando a voltar, até achar o ponto de equilíbrio. E essa é uma busca constante. Tu tá revendo o que tu tá fazendo, tu tá buscando, tu tá crescendo. Tem que tá sempre fazendo isso. Porque o que eu sou hoje é fruto de todas as vivências que eu tenho. E como eu sou hoje eu sou diferente de ontem. E depois dessa entrevista eu vou ser diferente e tu também. Então em cada interação que tu tem tu te torna diferente (Davi, 2008).

Existem cinco processos psicológicos enunciados por Gonçalves (2008) por meio dos quais o homem é capaz de internalizar a realidade em seu entorno: o cognitivo, o afetivo, o interativo, o simbólico e o estético. São essas cinco formas ascendentes de interação com o mundo e as demais pessoas capazes de criar e recriar a personalidade de um sujeito. Quanto mais ele é capaz de utilizar processos superiores de relação com o meio, tanto mais terá condições de compreender a totalidade dos fenômenos que o rodeiam.

O processo psicológico cognitivo é o mais fácil de se compreender e o mais utilizado entre todos nós seres humanos. Toda a ciência cartesiana tem suas bases rigidamente estabelecidas nele. É por causa dele que somos considerados os seres mais evoluídos da escala de desenvolvimento animal. Pode ser traduzido como razão humana, os conceitos aprendidos por meio da lógica e dos pensamentos racionais. Para melhor entendimento deste processo trazemos a fala de um dos entrevistados na qual o sujeito de pesquisa expressa seu pensamento cognitivo sobre o contraste existente entre indivíduos que se desenvolvem em ambientes abertos e indivíduos que se desenvolvem em ambientes fechados.

São aprendizados que se tem na vida que as gerações que vieram depois estão deixando de ter. Isso eu acho até que repercute nos negócios na formação de novos líderes, novas cabeças pensantes e acho que na minha avaliação é todo um contexto. Se você perceber em Criciúma quem são os novos líderes? Você vai ver que são pessoas que saíram de situação muito mais humilde, pessoas que tiveram que enfrentar desafios ao longo de suas vidas. E as pessoas mais protegidas acabaram tendo medo de tudo eu acho que essa questão acaba repercutindo... (CARLOS, 2008)

O próximo processo é o afetivo. São os sentimentos e emoções a que um sujeito está exposto no transcorrer de sua vida. Ele é o oposto do processo anterior, por isso difícil de se traduzir em palavras, mas é compreensível na medida em que envolve as relações dos sujeitos com pessoas, objetos ou lugares. “A minha mãe sempre foi boa assim, só tava eu e ela. Então tinha aquela cumplicidade assim, tu tem que me ajudar, tem que ajudar de vez em quando assim. Sempre... então eu ajudei sempre, por exemplo, a limpar casa, passar aspirador, limpar o banheiro, esse tipo de coisa assim” (Ricardo, 2008).

Do afetivo passamos a descrever o interativo. Este processo psicológico tem relação direta com o anterior. Eles quase se desenvolvem simultaneamente. Os afetos, porém, podem ser sentidos por objetos e lugares além de pessoas, já o interativo não traz essa possibilidade. Interações se dão na convivência dos sujeitos entre si.

Ah... pra mim sim. Tudo vai depender das pessoas se elas se comunicam ou não. Tem muitas pessoas que não se comunicam no bairro, meu Deus! É que a gente tem a capelinha né, aí leva pra um, leva pra outro, tem 30 famílias. Então a gente... se tem correspondência, eu mando pra elas todas. A gente se encontra na rua, conversa, é muito bom (Morgana, 2008).

Os três processos até então relatados são os mais comuns existentes entre os indivíduos. Os dois últimos são mais difíceis de detectar, por isso mais complexos em suas expressões e definições. Embora utilizemos símbolos o tempo todo, principalmente durante a comunicação escrita, ainda existem equívocos quanto ao seu verdadeiro sentido. Um símbolo constitui um elemento representativo de uma realidade. Ele se encontra no lugar de uma realidade que pode ser um objeto, uma ideia, uma quantidade ou qualidade.

Aprender a realidade de maneira simbólica é dar-lhe um sentido próprio, conforme as interações, significados e valores individuais. No exemplo abaixo vemos a expressão simbólica da entrevistada em relação ao sofá de seu apartamento. Ele não possui qualquer defeito real e é propriedade sua, mas em seu simbolismo ela não o deseja e não sente ele como sendo seu.

Eu posso sentar aqui eu vou ficar agoniada porque eu vou me mexer, eu vou... porque eu não gosto desse sofá. Graças a Deus eu tenho ele há um ano. Engraçado, né... eu tenho ele há um ano, muita gente já sentou nele, não tô... mas eu não gosto dele. [...] Não é o meu sofá, eu não quero esse sofá pra minha vida. É engraçado né, é coisa material, mas eu não gostei, eu não me sinto bem. Eu não acho confortável. (JOANA, 2008).

O processo estético ou também conhecido como poético é uma dimensão humana comum a todos os sujeitos. Morin (2005) entende esse processo como um estado de graça,

uma condição superior de felicidade e emoção. Ele fala da sensação de completude indo além da beleza contemplativa de uma obra de arte. A estética ultrapassa os sentimentos e penetra no corpo e na mente dos sujeitos, colocando-os frente a frente com a igualdade da alma humana. Por ser uma sensação superior de encontro do sujeito com seu eu mais profundo permite reavaliações de pensamentos, sentimentos e comportamentos.

Para Paz (1973), estética é o momento supremo do sujeito, o “instante consagrado” em que o homem transcende sua razão e emoção encontrando com a espiritualidade inerente a toda humanidade. Por meio da estética as pessoas podem mudar sua forma de se posicionar no mundo e assim agregar valores superiores ao seu caráter. Ela seria uma das formas mais finas de atualização, capaz de levar o homem ao seu desenvolvimento pleno.

Em seus devaneios na casa de praia Cristiano se lembra de seu apartamento em Criciúma e sente saudade. Sua saudade é simbólica, pois é proprietário das duas casas, mas só sente como sendo sua a de Criciúma. Já as emoções afloradas quando chega em seu lar e senta-se confortavelmente no sofá de seu apartamento é poética. Nesse momento ele consegue reviver todas as lembranças e vivências ocorridas por esses cômodos, recuperando sua identidade e seu “eu” mais profundo, então ele se tranquiliza e se sente verdadeiramente “em casa”.

Quando eu tô aqui eu não sinto saudade de lá. Mas quando eu tô lá, eu sinto saudade daqui [...] sentar aqui, assistir televisão aqui. Porque aqui é diferente de lá, é bem diferente. [...] Mas sabe que eu acho que eu gosto dessa casa aqui? A minha vida toda foi aqui. Então tudo que eu fiz tem alguma relação com esse ambiente aqui, com esse espaço, com esse apartamento aqui. Algumas vezes, quando eu cheguei triste da rua eu vim aqui, aqui eu me confortei. Sempre quando eu vim alegre eu vim aqui. Cheguei aqui, cheguei alegre. Tudo foi aqui (Cristiano, 2008).

Cinco processos psicológicos se unem para formar um único sujeito, com múltiplas ações e múltiplas identidades. Quando falamos em várias identidades não estamos considerando um sujeito bipartido, mas um sujeito inteiro se comportando diferentemente em cada circunstância específica de sua vida. Em cada momento de nossa existência, embora sejamos uma totalidade, nos portamos como uma parte de nós mesmos. São inúmeros desdobramentos das múltiplas determinações a que estamos sujeitos. Nesse sentido, temos uma variedade enorme de partículas identitárias. Elas se manifestam conforme o lugar, o discurso e as pessoas envolvidas. Cada identidade tem um fim, um objetivo. Por isso, podemos descrever de maneira tão diversa uma mesma pessoa.

Mas eu acho que eu sou um adolescente grande. Uma criança, adolescente, adulto. Porque eu acho que cada situação eu consigo me encaixar. Se é pra ser adulto, eu tô no trabalho, na faculdade tal... se é pra ser maduro eu consigo, eu acredito que consigo. Se eu tô numa situação, num parque de diversão eu sou criança, não quero nem saber. Eu pulo, eu brinco, eu corro, eu brinco com crianças, eu brinco com os meus primos, na rua. Eu brinco de taco na praia. Se é pra ser adolescente, sair, festar, bagunçar eu vou também. Eu vivo assim, eu acho interessante. Eu não quero perder isso. Eu não quero me tornar um adulto, adulto só. Eu não quero perder nunca esses lados que eu acho interessante (Cristiano, 2008).

Em se tratando de identidade, cada sujeito mostra-se para o outro de uma forma particular. É como uma impressão digital. Nunca, jamais uma pessoa será a mesma ou será sentida e entendida da mesma maneira por outrem. Da identidade podemos definir traços, sensações, nunca um todo acabado. Segundo Gonçalves (2002), são quatro as principais dimensões da identidade: **a identidade do eu, a cultural, a de papéis e a de projeto**. Todas essas dimensões integram o processo de construção da identidade que é dinâmico. Para falar dessas dimensões Gonçalves referencia-se em Damergian (2001), Touranin (1989), Castells, Hall (2001), Claval (1999) e Ciampa (2001).

A formação da identidade de um sujeito inicia-se a partir do nascimento e se finda apenas com a morte, apresentando-se em todos os estágios da vida humana. A primeira identidade a ser reconhecida é a do eu. É ela que estrutura a personalidade e a autoestima da pessoa. Essa identidade tem como característica a “imitação” de modelos identificatórios. Inicialmente com a família e posteriormente com amigos e demais integrantes de sua cultura/sociedade. Isso indica que a existência da identidade implica a existência da convivência humana.

Partindo desse princípio percebe-se que a formação da identidade do eu indica uma organização simbólica do Eu, que faz parte do processo formativo do sujeito, possibilitando-o alcançar soluções adequadas para os problemas de interação social existentes nas mais variadas culturas (GONÇALVES, 2004c). Para Habermas (1990), este conceito está relacionado à competência do sujeito capaz de linguagem e de ação para enfrentar determinadas exigências do ambiente circundante.

O primeiro vínculo de convivência de um bebê, segundo Damergian (2001), está relacionado à mãe, ou a uma pessoa que a represente em termos de segurança, cuidado e afeto, sendo esta a mediadora das relações intra e interpessoais. A autora diz que todo bebê necessita de pelo menos um ponto fixo a fim de construir seu mundo interno ou, mais especificamente, sua identidade.

A relação da criança com seu “ponto fixo” deve fornecer-lhe a consideração positiva necessária ao desenvolvimento sadio de sua personalidade. Isso significa dizer que se a

criança se achar num ambiente com um clima tal que possa, sem receio, viver e experienciar todos os objetos, relações e circunstâncias que a rodeiam e, além disso, puder aceitar a si mesma e ser aceita pelos pais e estes lhe forneçam o amor e os limites de forma equilibrada, ela se constituirá um sujeito de subjetividade integrada em sua vida adulta. “Os pais devem não apenas ter certas maneiras de orientar por proibição e permissão; eles devem também ser capazes de representar para a criança uma convicção profunda, quase somática, de que há um sentido no que estão fazendo” (GIDDENS, 1991, p. 87).

A relação estabelecida entre o (s) cuidador (es) e seu filho desde o nascimento deve ser uma relação de confiança, caso contrário, a criança corre sério risco de se transformar em um adulto com sérios problemas psicológicos.

A confiança estabelecida entre uma criança e os que cuidam dela instaura “inoculação” que afasta ameaças e perigos potenciais que até mesmo as atividades mais corriqueiras da vida cotidiana contêm. A confiança nesse sentido é fundamental para um “casulo protetor” que monta guarda em torno do eu em suas relações com a realidade cotidiana. “Põe entre parênteses” ocorrências potenciais que, se seriamente contempladas, produziriam uma paralisia da vontade ou uma sensação de engolfamento. A confiança gera aquele “salto de fé” que o envolvimento prático demanda (GIDDENS, 2002, p. 11)

Se a confiança é estabelecida e a criança não se sentir desamparada em seus sentimentos, não haverá grandes diferenças em ser criada pelos pais, por somente um dos genitores, por seus avós ou por qualquer outra pessoa (s):

Bom, eu te digo assim, a minha infância foi muito amorosa, muito calor. Porque eu tinha a minha vó que eu morava com ela, tinha duas babás que eu chamava de mãe também, porque elas me criaram desde pequenininho e tinha mais uma tia e um tio, que aquele tio me deu mais ou menos aquela referência assim de figura masculina. Eram as mães que eu tinha que faziam tudo que eu queria. E eu era o caçula ainda de quatro irmãos. E... então foi muito boa. Minha infância assim me deu uma base muito boa (Davi, 2008).

A base da formação identitária de um sujeito encontra-se na mãe/pai (ou protetor) e se estende para o meio onde o indivíduo cresce e se referencia. Embora não fique explícito na fala do entrevistado acima, a formação de uma subjetividade demanda também uma contrapartida do meio. Não em iguais proporções, pois pessoas vivendo em meios degradantes e tendo relações interpessoais edificantes conseguem construir sua personalidade e transformar-se em adultos sadios. Apesar disso, a sociedade deve fazer a sua parte na formação de sujeitos integrados.

Como fala Damergian (2001), a sociedade deve ser boa aos sujeitos como se fosse uma mãe. Se for má fornecerá uma vida degradante, com falta de elementos essenciais constitutivos da personalidade do sujeito. Sendo incapaz de fornecer-lhe alimento suficiente ou oportunidades para o desenvolvimento de seus potenciais formará indivíduos desmotivados com sua existência que sobrevivem um dia de cada vez, aguardando o momento em que esse dia será o último. Ao contrário, se a sociedade oferecer todos os meios possíveis para o desenvolvimento pleno de uma pessoa formará sujeitos ativos e confiantes de sua vida e seu futuro.

Um “Eu” bem estruturado tem maiores possibilidades de crescimento. Todo ser possui um tendência ativa para a saúde, porém a pessoa somente será capaz de cultivá-la num clima de relações humanas favoráveis, nas quais o indivíduo seja tratado de forma positiva e ele se sinta aceito e valorizado (JUSTO, 2001). Não basta haver um potencial em todo o ser humano para viver alternando sadicamente entre prosa e poesia, é necessário condições físicas, psíquicas, sociais, econômicas e políticas para que isso aconteça. Para uma grande quantidade de pessoas (diga-se de passagem, mais de 60% de toda a população brasileira) faltam oportunidades de crescimento adequadas. Segundo Rogers (1983), apenas 3% a 5% dos indivíduos podem ser considerados invulneráveis, desenvolvem suas capacidades plenamente apesar do ambiente hostil onde vivem.

O homem não luta somente pela autoconservação, mas deseja internamente desenvolver sua capacidade criadora (JUSTO, 2001).

Eu acho que é isso, importante são as pessoas. É o que tu vive, o que tu sente, o que tu sofre. Acho que a vida é isso. Eu quero... felicidade sempre não existe. Se está feliz, você sofre, você aprende, você se relaciona com as pessoas. E o ambiente em que tu vive eu acho que é aquele teu porto. Você chega, se sente bem. Você chega de viagem, ai que cama boa, né. A melhor cama é a tua. Tu pode estar no melhor hotel, mas tu chega em casa, tem aquele teu colchãozinho, então... eu digo, tô em casa. O teu chuveiro, é o melhor banho que tem, então são essas coisas, esses prazeres da vida que a gente tem (Davi, 2008).

A construção de uma identidade do Eu pressupõe a formação de valores. Estes, por sua vez, são incorporados ao sujeito por meio de sua compreensão de si mesmo no contexto de sua cultura. Definimos assim a **identidade cultural** que se constrói na medida em que os fatores comunitários como crenças, valores morais, ideias e comportamentos específicos, vão penetrando no ambiente de vida da criança. Na visão de Claval (1999), o sujeito se constrói também a partir da sua cultura; todas as suas ações, suas maneiras de sentir e de ver e até

mesmo seus ideais são introduzidos em sua identidade a partir do ambiente cultural ou de elementos recebidos deste.

Segundo Freire e Viera (2006), a identidade é uma constante oscilação entre o coletivo e o particular de um sujeito e sua singularidade apenas confirma o fato de ele estar imerso numa série de relações sociais.

Ahhh, sim. A minha mãe me criou, como a nona criou a mãe baft e buft. Aí um dia o meu filho queria uma coisa e eu não queria dar, ele assim, a vó é que me ama, a mãe nunca me amou porque tu nunca me deu nada. Eu... como é que é, nunca me deu nada? Eu só buft, dirigindo. Nunca mais ele me respondeu. Porque se eu dissesse não, vamos comprar, eu ia tá criando um... que ia me fazer de bobo pelo resto da vida. Hoje não, deu, deu, não deu, não deu, né (Morgana, 2008).

Percebe-se pela fala da entrevistada que o sujeito tenta agir conforme os modelos identificatórios valorizados pela sua sociedade e assumirá os papéis necessários para isso. Esses papéis também serão incorporados a sua identidade, formando assim o que chamamos de **identidade de papel**. Segundo Ciampa (2001), cada pessoa representa vários papéis durante a sua vida. Em cada papel que “representa”, assume determinadas características deste. Assim, se alguém se apresenta como sendo professor, necessariamente ele precisa ensinar, senão essa identidade deixa de ser real. Somente pelo nosso agir nos tornamos algo, se estudo sou estudante, se minto, mentiroso, se escrevo, escritor.

Por fim, se a identidade não é estanque esse constante vir a ser pode ser definido em projetos de vida. De acordo com Follmann (2001), o ser humano costura no tempo e no espaço os seus projetos pessoais com os dos outros e com os projetos coletivos. Castells (1999), por sua vez, afirma que por meio da **identidade de projeto** os sujeitos constroem novas identidades, redefinem seu local social e buscam mudanças na estrutura social.

Entre os entrevistados também foram identificados inúmeros projetos de vidas alguns mais elaborados, outros mais simples e imprecisos, porém todos possuíam uma visão de como seriam suas vidas no futuro. Em alguns momentos prevaleceu a ânsia de convivência misturada com a ideia de “cidade trabalho” e a segunda residência para desenvolver as atividades valorizadas pelo sujeito.

Seria mais ou menos isso, morando aqui. Mas no final de semana, poder ter um sítio, pra reunir toda a família, fazendo churrasco, comendo, conversando, tudo junto. Ficar lá tudo junto, rindo, conversando. Porque esse negócio de ficar preso no apartamento, sem contato com ninguém. É bom às vezes tu fazer isso. Imagina a gente reunir a família, os amigos do bairro, do trabalho. Então eu penso assim, ter um lugar pra trabalhar, pra morar, um apartamento, ou uma casa. E final de semana poder ter um sítio pra poder ter o contato com as pessoas, contato com os parentes. Eu acho importante isso, ter contato com a família. Não assim, só pai e mãe, mas

também pai, irmão, tio, sobrinho, primo. Isso é importante. Acho que isso é o meu ideal de vida (Jean, 2008).

Em outros momentos pôde-se perceber a insegurança como um fator importante, porém, não determinante na escolha da futura morada.

Ai... eu acho que eu ia preferir morar em uma casa, apesar de ser um pouquinho perigoso assim, mas eu ia preferir morar em casa. Porque é melhor assim. Vamos ver... casar, ter uma família. E lutar assim sempre pra conseguir as coisas que eu quero. Ter uma vida razoável, ter um carro, ter uma casa aconchegante (Paula, 2008).

De um modo geral, tem sido muito difícil fazer projetos a longo plano em nossa sociedade. As incertezas e mudanças constantes aparecem como flashes em nossas vidas e logo se dissipam em alguma esquina entre a ânsia por novas tecnologias e a impossibilidade de adquiri-las todas na mesma proporção em que elas aparecem no mercado.

Ah... eu não consigo imaginar isso, eu não tenho ideia do que eu penso em fazer daqui a cinco anos. Eu não tenho ideia da onde que eu vou estar. Eu tenho um planejamento pro ano que vem. Mas pra daqui a dez anos... eu não tenho. Eu tenho aquela ideia assim, eu quero ter um carro, uma mulher, filhos, por enquanto isso.. Essa é a questão, eu não sei. Ciências da computação eu vou parar no meio do ano, porque eu não gostei do curso. Então eu vou tentar arquitetura no final do ano. Daí então, chegar final do ano.. daí arquitetura, fica lá em Laguna. Daí se eu conhecer uma mulher lá, de repente se eu gostar dela, ficar com ela e daí... eu não sei. [...] não dá pra mim planejar, ah... eu vou morar em Florianópolis porque eu gosto de lá. De repente eu vou pra Laguna, mas eu volto pra cá (Ricardo, 2008).

A identidade de projeto está atrelada a uma questão de escolhas. É uma forma de identidade das mais passíveis de mudanças. Mas essa é a tônica de toda personalidade, a possibilidade de modificações constantes. As pessoas andam confusas, são interpeladas por um universo tecnológico de distanciamento, mas buscam desesperadamente contatos mais íntimos e humanos. Em todos os projetos de vida elencados acima havia um ponto central de união entre eles, o fato de almejarem uma família, maiores e melhores relacionamentos, como relatava claramente Jean em sua fala.

Essa agitação da cidade tem transformado os indivíduos em algo diferente do que realmente são. Eles vivem como esquizofrênicos paranóicos e não conseguem mais se defrontar com momentos de solidão. Simultaneamente as pessoas se tornam mais egocêntricas e individualizadas e transformam a introspecção numa atitude em extinção (BAUMAN, 2005).

Sem momentos de interiorização, os sujeitos não se conhecem mais e ficam procurando por suas identidades nos mais variados cantos do mundo. Esse anseio por se encontrar advém do desejo de segurança. A mesma segurança almejada pela criança durante seu desenvolvimento. Não se sabe se essa segurança foi perdida de berço, mas o fato é que os sujeitos já não possuem confiança em seus empregos, em suas relações e em si mesmos, acabando por deixar passar entre seus dedos a confiança na própria vida.

Feridos pela experiência do abandono, homens e mulheres desta nossa época suspeitam ser peões no jogo de alguém, desprotegidos dos movimentos feitos pelos grandes jogadores e facilmente renegados e destinados à pilha de lixo quando estes acharem que eles não dão mais lucro. Consciente ou subconscientemente, os homens e as mulheres de nossa época são assombrados pelo espectro da exclusão. Sua voz não é mais ouvida, com frequência ficam literalmente mudos. E assim têm medo de serem abandonados, sem acesso a um coração afetuoso ou uma mão amiga, e sentem muita falta do calor, conforto e segurança do convívio (BAUMAN, 2005, p. 53).

Os sujeitos se abrigam como podem dentro de seus lares a fim de se protegerem dos ventos, tempestades e emboscadas encontradas em toda parte na rua. No mundo exterior só existe a possibilidade de modernizar-se constantemente. A mudança é, segundo Bauman (2005), obsessiva e compulsiva com a roupagem de progresso, atualização ou desenvolvimento. Nesse espaço de mercadorias não se pode deixar de remendar o que se é a todo o momento correndo o risco de em algum momento costurar pedaços não pertencentes ao próprio sujeito.

4.1 Identidade de Lugar

Por meio dos processos de produção, atualmente verificados no capitalismo moderno, o homem vê seu domínio sobre a natureza sendo ampliado e adquirindo novos significados. Isso porque produzindo a existência os homens constroem a história, o conhecimento e também o espaço. Um espaço passível de ser apreendido, entendido e aprofundado, pois, afinal, ao produzir o espaço o homem produz sua própria identidade. E como vimos, identidade é sempre um processo transitório de identificações com pessoas, acontecimentos, objetos ou lugares.

Na visão de Tuan (1983), todo lugar tem um significado diferente quando se sabe quem dele se apropriou, pois todos os sujeitos expressam por meio do lugar uma linguagem

simbólica, cheia de significados, que faz parte de sua própria identidade. A esta identidade que vai se construindo nesse processo de interação com o lugar, Proshanski (1976, apud POL, s/d) denominou de **identidade de lugar**. Esta consiste no significado que o lugar traz para vida dos sujeitos e ocorre em relação a um ambiente construído, um elemento natural ou por lembranças vivenciadas em determinado lugar. O indivíduo estabelece a identidade de lugar através das características do entorno físico impregnadas no seu consciente ou inconsciente, demonstradas através de sentimentos, valores, objetivos, preferências, habilidades e condutas referidas ao entorno específico.

Esse conceito de identidade considera que o homem se constrói através do meio. A identidade de lugar, portanto, é parte do autoconceito de um indivíduo derivada do significado valorativo e emocional associado a seu pertencimento a um determinado espaço (MOURÃO; CAVALCANTE, 2005).

A identidade de lugar se expressa por meio do **sentimento de pertença** e de **apropriação do espaço**. Sentir-se pertencente ao lugar é se perceber como sendo parte integrante dele. O sentimento de pertença faz o indivíduo perceber o “seu” lugar como sendo “o melhor de todos”. Ele não deseja mudar de apartamento, nem de vizinhos, nem de rua e muito menos de bairro, pois o lugar apropriado torna-se sua sede, seu ponto fixo. “[...] viajo bastante, mas minha sede é aqui. Nesse bairro bastante verticalizado, próximo ao Centro” (Davi, 2008).

O sentimento de pertença pode fazer da rua uma extensão da casa e das pessoas do bairro uma segunda família.

E no bairro é o encontro das fofocas aqui no mercadinho, fui adotada como filha, são minhas cobaias eu digo né, eu faço bolo tudo e levo pra eles. Eu tenho um vínculo assim muito grande, né. Aí então... antes de você chegar, passei lá no mercadinho, contei as piadinhas do dia, tal (Cristina, 2008).

Desta forma, a pessoa se sente segura e protegida neste meio e dele se apropria. Apropriar-se de um espaço é fazer dele sua “morada” interna, um lugar de aconchego e tranquilidade, no qual o sujeito sente-se bem e livre para desenvolver atividades privilegiadas. Por meio da apropriação o sujeito significa os espaços e desenvolve sentimentos afetivos em relação a ele. Os afetos transmitidos para o espaço serão percebidos devido aos laços fortemente constituídos entre o sujeito e o lugar (Place Attachment). A beleza que enxerga no lugar apropriado vai muito além da realidade, ela é movida de uma emoção e um amor fraternal. “Nossa, é um lugar lindo, lindo. E depois tem outra coisa, essa região aqui em cima

foi onde eu me criei, eu conheço ainda muita gente que mora nessa região, eu sei a maioria das pessoas que moram ali. Lá era minha casa (ela aponta o lugar)” (Carmem, 2008).

A expressão desses laços com relação ao espaço é percebida por meio da **personificação do lugar**. Personificar é colocar na arquitetura do lugar marcas humanas que expressam a capacidade do sujeito de sentir, ver e pensar. “cuando la gente se identifica fuertemente con un espacio tiende a personalizarlo y, frecuentemente, los mismos objetos usados como indicadores o símbolos de la personalidad (real o deseada) de los ocupantes sirven de signos de ocupación” (PROSHANSKI, 1976 apud POL, s/d., p. 50).

Aqui é o meu... aqui é o meu. E a única coisa que tem aqui é a cama que é... foi a minha primeira cama de casal. E eu não quis me desfazer também. Porque ela era uma cama de... era uma cama de mogno. Ela é uma cama... que eu mandei fazer, não é uma cama que a gente compra. Eu mandei fazer. Só que ela é de mogno, né. Só que quando eu vim pra cá eu queria clarear tudo, né. Aí eu mandei pintar de branco. Aí pra ti achar um guarda-roupa todo branco que ficasse legal, não achei, daí eu pego um guarda-roupa... mistura ali, dá uma... Aqui o meu banheirinho, eu gosto muito do meu banheirinho... aqui teve um dedinho de arquiteto, mas foi eu escolhi, ainda assim. (CARMEM, 2008).

E ao personificar o lugar o sujeito desenvolve a **cultivação**. Cultivar é, além de ter apreço pelo espaço, protegê-lo da degradação, e buscar formas de melhorá-lo (decoração, enfeites, jardins, reformas, etc) para que este se perpetue e esteja sempre em boas condições para o próprio sujeito e para as demais pessoas que desfrutem do mesmo espaço.

[...] quando eles fizeram esse asfalto aqui, eles rebaixaram a rua e aí o esgoto não ficou bem feito e aí tem cheiro, e aí a gente tem que resolver aquele problema. Daí a gente... foram atrás, foram atrás, não resolveram. Eu já disse, qualquer hora dessa eu vou lá na prefeitura, vou me meter nessa história também. Porque eu não tô sendo prejudicada aqui, porque eu moro atrás. Mas o morador da frente, principalmente o do outro lado do prédio dia de... de... de... neblina, dia de tempo úmido e fechado, não tem quem pare dentro do apartamento do fedor, por causa da boca-de-lobo que passa ali na frente. Então tu acaba ti... tu tens que resolver os problemas em nome da comunidade (Carmem, 2008).

De acordo com Heidegger (apud LEFEBVRE, 1999), mesmo os objetos de bom ou de mau gosto usados em abundância poluindo o espaço da habitação estão a moldar no espaço a poesia oferecida pelo morador a si mesmo. São pequenas alegrias colocadas estrategicamente em determinados locais da casa, do apartamento, capazes de retirar da prosa constante do sujeito pequenas poesias. Alguns instantes absortos pela imagem de uma fotografia, um quadro de recados, uma boneca ou mesmo um bibelô já aliviam o peso cotidiano e refream a corrida enlouquecedora, devolvendo ao sujeito a possibilidade de sonhar e se encantar com a vida e suas pequenas coisas.

5 O SUJEITO QUE EXISTE DENTRO DO ESPAÇO

5.1 Espaço e Lugar

Todo espaço possui um significado próprio e isso é uma característica inerente dele. Em linhas gerais, Pertegàs (1996) entende que o simbolismo do espaço é propriedade deste. O significado do espaço está relacionado ao homem. Espaço e homem são um sistema inter-relacionado. Devido a isso é necessário prestar atenção aos espaços e lugares criados por nós a fim de descobrir as relações entre o comportamento e o meio ambiente.

Espaços e lugares possuem conotações diferenciadas no que tange às atitudes humanas. Tuan (1983) destaca em seu texto lugar como estando relacionado com estabilidade e segurança, já o espaço teria relação com movimento e liberdade. Um espaço se transforma em lugar na medida da interação do sujeito com este. Se este é capaz de infiltrar no espaço valores afetivos, ele o transforma em lugar.

Quando perguntados a respeito do espaço mais significativo dentro do apartamento, onde os entrevistados gostavam de ficar, a resposta sempre trazia a noção apresentada por Tuan de algum lugar apinhado de sentimentos pelo sujeito. “No meu quarto. Eu tô no quarto (risos). [...] Porque o meu quarto é o meu quarto. Tá a minha cama, tá os meus mestres, tá o meu computador que eu adoro, né” (Cristiano, 2008).

O quarto do sujeito é um dos principais lugares em uma residência, por ele a pessoa nutre emoções diferenciadas devido ao significado existente nessa peça-chave do apartamento. De um modo particular, para aqueles moradores que não possuem o domínio dos outros cômodos de seu lar, o quarto possui uma importância ainda maior, pois é somente dentro dele que estes se sentem próximos de algo mais “seu”, ou, dito de outra forma, é dentro do quarto que eles encontram sua identidade no lugar. Isso ocorre de modo especial com os jovens e adultos solteiros quando moram com seus pais. O apartamento é propriedade dos pais, então é um espaço onde eles não têm o domínio de mudança, devem identificar-se ou não com os espaços sem alterá-los, pois esse é um direito exclusivo de seus pais. O quarto, em contrapartida, pode ser modificado, decorado no intuito de apresentar as preferências do indivíduo que ali dorme. “Acho que o meu quarto, né. Tá ali quietinho, deitado na cama. Acho que é um lugar... eu gosto muito de ficar quieto também. Às vezes acontece alguma coisa, eu fico meio chateado... eu vou pro meu quarto... eu fico ali” (Jean, 2008).

Nos lugares o sujeito produz sua subjetividade, pois dentro deles ele transfere significações próprias. Nos espaços de moradia, trabalho, estudo, passeio e passagem os sujeitos atribuem os seus mais variados lugares. Apropria-se com seus sentidos desses espaços, transformando-os em lugares. “O ‘lugar’ é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram, com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas” (GONÇALVES, 2007, p. 57).

Os lugares dão forma humana à cidade, pois esta é o desdobramento do tempo de seus moradores e suas realizações. O ritmo da cidade é o mesmo de sua população urbana. (LEFEBVRE, 1999).

5.2 Morar e Habitar

Da mesma forma como espaço é diferente de lugar, Morar e Habitar possuem suas particularidades. Talvez possamos relacionar esses quatro conceitos dizendo que moramos nos espaços e habitamos os lugares. Pois Habitar é dar um significado ao espaço e transformá-lo em lugar. Morar é estar localizado no espaço, ter um ponto de direção para o retorno todos os dias, depois de suas atividades de estudo, trabalho e lazer. Podemos morar durante anos em um determinado espaço e nunca habitá-lo verdadeiramente. “Não, não... gosto daqui, mas assim, não vejo nesse bairro... Esse bairro talvez não tenha uma identidade de bairro. É um amontoado de pessoas morando no mesmo prédio, ponto” (Carlos, 2008).

Habitar é “apropriar-se de todos os espaços (físico, simbólico, emocional, cultural) nos quais estão todos os lugares, as pessoas, as coisas e os objetos com os quais o homem se relaciona” (GONÇALVES, 2007, p. 72). “Eu gosto é de andar, eu ando muito, dou a volta nas quadras com o cachorrinho. Eu gosto do bairro como um todo. Não tem o que é mais especial pra mim. Gosto do bairro como um todo” (Morgana, 2008).

O homem habita os lugares por meio de seu corpo e seus sentidos. Um espaço habitado tem valor de uso para o morador. A porção do espaço apropriável para a vida é o lugar habitado pelo sujeito. O ato de morar/habitar tem a casa como centro e a partir dela se estende para o bairro, as ruas, as praças e toda a cidade. Usando como ponto de partida o lar, o homem vai marcando os lugares de sua vivência e suas relações com o outro. Os modos de uso são capazes de definir quem mora ou habita determinado espaço/lugar, pois somente por

meio da utilização constante de um espaço um homem cria vínculos e se apropria dos lugares (CARLOS, 2004).

Podemos então entender o lugar não como um local delimitado ou definido formalmente, mas como o espaço vivido e significado pelos próprios usuários a partir de suas experiências cotidianas, gerando assim um sentido de localidade que interfere diretamente na percepção que os sujeitos têm de si mesmos enquanto habitantes de um lugar influenciando na construção ou reconstrução de suas identidades (RODRIGUES, 2007).

5.3 Espaço e identidade

Para Valera e Pol (1999), o modo como o sujeito simboliza o espaço tem uma relação direta com sua identidade pessoal e social. Segundo os autores, esses dois componentes da identidade se formam apoiados na identidade de lugar. Sendo assim, quanto maior for a identificação do indivíduo com seu entorno, tanto mais ele tentará preservá-lo, pois, caso contrário, estaria depreciando sua própria vida.

Esse espaço, vivido e significado, está comprometido na atual sociedade de consumo, a ponto de se limitar ao espaço de apartamentos cada vez menores. E por ser tão diminuto esse ambiente o homem acaba por cair no alheamento com relação a seus semelhantes. Já não se preocupa mais com o seu vizinho, porque nem mesmo o conhece e como o seu espaço apropriado (tanto concretamente por ser propriedade sua, como de maneira identitária, por ser significativo para sua vida) é bastante limitado, ele acaba por se esquecer que mora em uma rua com mais moradores, que existem outras tantas ruas em seu bairro e não se ocupa das questões necessárias para uma habitação com qualidade de vida em seu espaço/lugar.

Pode ser que fique mais individualista. Se você ver no sentido de que tu resolve a tua questão fechando a porta. Em tese os problemas ficaram lá fora e tu te isolou do problema. Pode ser, é difícil de afirmar que isso categoricamente tenha ocorrido, mas negar que isso possa ocorrer também não é verdadeiro (Carlos, 2008).

A vida na cidade verticalizada retirou o homem de seu ambiente natural e limitou suas experiências a lugares construídos. Mas a cidade, em tese, não deveria ser o local do alheamento humano, pois se o sujeito resolve morar no espaço urbano é porque tem sede de

relações e de contato com seus semelhantes. É dentro da cidade que o homem é capaz de questionar como está se conduzindo moralmente, como desenvolve seu senso de justiça e de que forma convive com as diferenças. Embora exista uma ação contrária a esse desenvolvimento a cidade é eminentemente o local que ensina como um ser humano se transforma em humano (FREITAG, 2007).

Mas como desenvolver essas interações se a cidade proporciona a um só tempo a junção de pessoas por meio da proximidade com elas e seu distanciamento por meio de artefatos como a internet, a moradia vertical e o medo? A mesma sociedade se comporta como vilão ou mocinho no enredo de nossas histórias de vida. Pode transformar o ser humano em humano ou em alguma “coisa” diferente disso. Nas palavras de Damergian: “A sociedade também pode ser encarada como uma grande mãe, capaz ou incapaz de maternagem, boa ou má, que acolhe e favorece o desenvolvimento de seus filhos membros ou os desampara” (DAMERGIAN, 2001, p. 96).

Segundo Modia e Vasconcellos (2005), uma boa mãe prepara o filho para a vida. Em relação à sociedade isso significa dizer que ela deverá proporcionar as condições necessárias para o desenvolvimento saudável dos sujeitos. Isso inclui modelos identificatórios pautados na busca da virtude, da excelência e da ética no pensar e no agir.

Mas essa sociedade urbana não tem se comportado como uma boa mãe. Dia após dia tem incutido nas mentes e nos corações das pessoas, por meio da mídia, modelos fragmentadores da personalidade. Estes não ajudam os sujeitos em suas dificuldades dando condições para o desenvolvimento pleno do ser, mas sim os influenciam a criar uma identidade narcísica que valoriza os bens materiais e transforma os homens em indivíduos vazios e em meros consumidores do espaço e das relações sociais.

Enquanto consumidor, a cidade passa a ser o meio de consumo coletivo para a reprodução da vida humana. Ela é o lócus da habitação e de tudo quanto mais o habitar significa atualmente: escolas, assistência médica, transporte, água, luz, esgoto, telefone, atividades culturais, lazer, ócio, compras, entre outras coisas (CARLOS, 1994). Sendo um mundo de mercadorias a cidade acaba tendo a lógica desse mundo. Lógica baseada no dinheiro e no valor de troca generalizado sem limites. Exprime indiferença e reduz os encontros às negociações, e os lugares de encontros aos lugares de contratos de troca, reduzindo a cidade ao mercado (CASSAB, 2007).

5.4 Da identidade ao pertencimento?

As residências plurifamiliares, por certo, não foram construídas com o intuito de auxiliarem o capital no empreendimento da transformação dos homens em mercadoria. Mas com o passar do tempo se mostrou grande aliada nesse processo. Já as residências unifamiliares são capazes de trazer maior sentido de pertencimento aos seus moradores. Em casas as pessoas possuem maiores possibilidades de se relacionarem com os vizinhos e com a natureza, podem optar por ter jardins floridos e manter maior contato com a rua e suas extensões. Segundo Rodrigues (2007), as redes de vizinhança podem ser extremamente fortes para a noção de pertencimento ao bairro, a ponto de estarem delimitadas pela identidade de vizinho. É a vivência cotidiana, por meio do uso constante de espaços comuns, que cria fortes vínculos e reforça o sentimento de pertencer a um bairro.

Embora seja mais difícil o desenvolvimento afetivo entre os moradores de prédios, e isso se mostrou presente entre os entrevistados, alguns deles ainda conseguem vencer o distanciamento imposto pela verticalidade e empreender relações afetuosas com outros moradores ou trabalhadores do bairro:

Vire e mexe tô conversando com um, com outro, aí tem o pessoal que vão ver os passarinhos, tem o pessoal dos aposentados que ficam embaixo da figueira, embaixo daquela árvore. Eu sempre falo, a prefeitura tem que cobrar imposto de vocês, porque isso é um auê, uma reunião geral (Cristina, 2008).

O sentimento de pertencimento, portanto, percorre as ações do homem, sendo atravessadas pelas redes de sociabilidade, como ocorre em atividades festivas, de lazer, consumo ou mesmo ações cotidianas que marcam os espaços vividos e compartilhados pelos moradores. Quanto mais próximas as pessoas se sentem umas das outras, mais elas podem interferir nas identificações internas e externas ao bairro de cada sujeito.

Mas no natal a gente se vestia de Papai Noel e saía pelo bairro distribuindo balas para as crianças, geralmente os mais velhos para os mais novos. Organizava festa junina, fazia barraca, cachorro-quente, arrecadava dinheiro para fazer camisas pro time de futebol. Isso tu não vê aqui. Então, será que existe local para fazer alguma coisa dessa aqui? Eu não vejo (Carlos, 2008).

E como essas questões influenciam-se mutuamente, pode-se dizer que redes de sociabilidade diferenciadas geram diferentes formas de apropriação do espaço e vice-versa. Assim, as múltiplas formas de apropriação dos pedaços do bairro, bem como as diferentes

atribuições de sentido aos lugares chocam-se com os padrões considerados propriamente urbanos de vida, trabalho, lazer e consumo (RODRIGUES, 2007), ou seja, vivendo em condomínios verticais as pessoas não conseguem desenvolver a identidade de lugar de maneira tão profunda como aquelas influenciadas pelas redes de sociabilidade.

Mas, pessoas do bairro mesmo eu ainda não conheço muita gente. Porque é mais difícil né, como é prédio, é mais difícil tu sair e fazer alguma coisa pra ver alguém. Mas eu conheço algumas pessoas do colégio assim, amigos de clube assim. Mas amizade de fora assim eu não tenho. Daí é muita distância, já é mais difícil assim... de se comunicar assim... (Paula, 2008).

Assim a experiência urbana se mostra como aquela não mais baseada no encontro, mas na cultura do evitamento. E assim o vínculo social é liberado da responsabilidade para com os outros. “A cidade deixa de ser referência e fazer sentido diante das novas formas de subjetivação, o que parece estar surgindo é um mundo onde a vida pública não é mais o componente que dá sustento à experiência urbana” (PECHMAN; KUSTER, 2007, p. 16).

Deste modo, para entender a cidade do ponto de vista antropológico precisamos considerar as interpretações feitas pelos próprios moradores de seus modos de vida e suas experiências individuais ou coletivas dentro do contexto urbano. E ainda, partindo da referência do bairro e da cidade habitada por eles, perceber os significados atribuídos as suas vivências (RODRIGUES, 2007). As relações espaciais estão estreitamente vinculadas às relações sociais, e por meio delas pode-se generalizar a realidade experienciada para outras cidades em nível local, regional ou mundial que vivenciam os mesmos moldes de urbanização e industrialização.

Hoje a cidade é a expressão mais forte do processo de formação da humanidade pautada pela economia capitalista. É na cidade que vemos a separação homem-natureza, presenciamos a desigualdade social de forma extrema e verificamos o esfacelamento das relações. O modo de vida urbano é aquele regido pela falta de tempo e dominado pela preocupação do homem em atender suas necessidades vitais de habitação, alimentação e saúde. Esse homem da cidade sente-se abandonado diante da fartura de poucos e da precariedade de muitos e prima por uma felicidade, por sonhos que nunca hão de se realizar.

Para superar esse deserto emocional em que vivem os cidadãos em sua relação com a cidade, Donne (1979) argumenta que é necessário partir-se da vida privada¹¹. Precisamos buscar na única fonte a qual o ser humano se sente amparado diante da realidade individualista da cidade no mundo contemporâneo: seu lar. Nesse ponto poderemos encontrar uma brecha para o contato e interpretação dos fatos urbanos. Somente tocando em uma esfera de sua vida a qual o homem não se sinta acuado é que poderemos verificar onde se encontra o fio condutor que o levará de volta a uma vida mais coletiva.

E o ambiente em que tu vive eu acho que é aquele teu porto. Você chega, se sente bem. Você chega de viagem, aí que cama boa, né. A melhor cama é a tua. Tu pode estar no melhor hotel, mas tu chega em casa, tem aquele teu colchãozinho, então... eu digo, tô em casa. O teu chuveiro, é o melhor banho que tem, então são essas coisas, esses prazeres da vida que a gente tem (Davi, 2008).

Tocar, deste modo, na esfera privada da sociedade de comunicação, é considerar fenômenos totalmente alheios ao ambiente público, é ter em mente uma série de outros fatores, sentidos e experiências. Quando falamos em lar como fonte de segurança, estamos nos dirigindo não a um objeto físico, mas à representação interna desse objeto que fornece ao homem sentimentos mais nobres e com os quais ele não consegue mais entrar em contato quando se encontra retirado de seu espaço/lugar de moradia.

Esse espaço/lugar se encontra no mais das vezes dentro do apartamento. Por este motivo podemos inferir sobre as vidas existentes nos edifícios. Segundo Ferreira (2006), somente tomamos consciência desse fato quando aceitamos o conjunto de objetos e ações indissociáveis na construção do espaço. E ao falar em edificações verticais, nos referimos ao novo espaço privado-coletivo, no qual as pessoas apresentam comportamentos semelhantes aos observados tanto em espaços privados como em espaços públicos. Um espaço de ambivalência, onde os conceitos entre o que é privado e o que é coletivo se confundem (LOPES; MONTEIRO, 2007).

Um espaço coletivo por excelência é aquele no qual todo e qualquer sujeito pode usufruir, ainda que esse sujeito tenha o dever de zelar por esse espaço para que sempre esteja em bom estado de conservação para toda a humanidade. Um espaço público deixa de ter uma vida individual para se lançar no tempo, como um bem para todas as gerações que dele fizerem parte enquanto este subsistir.

¹¹ Quando se fala em esfera privada, não estamos discutindo a noção de privado na sociedade industrial, não é a questão individualista do homem que tem a casa, o apartamento como objeto de propriedade, e sim nos referimos ao mundo simbólico entendendo a esfera privada como o lar, o ambiente o qual o homem é capaz de se sentir seguro e de deixar emergir sua singularidade.

Contudo, o que vemos nas cidades da sociedade pós-moderna é que quando um morador trata um espaço coletivo como público ele se exime da responsabilidade em relação àquele ambiente e limita-se a cuidar apenas do espaço considerado de domínio imediato, ou seja, sua unidade de apartamento. Por outro lado, quando ele resolve considerar o espaço público como se fosse privado ocorre na realidade uma expansão de direitos e o morador sente-se como proprietário destes espaços e imprime sobre eles ações de mandos que não são legítimas para tais ambientes.

Esses encolhimentos ou avanços nas responsabilidades de moradias plurifamiliares ocorrem, como pondera Lefebvre (2004), por causa da estratégia capitalista de dominação do espaço a qual reduziu a cidade a um simples produto do sistema neoliberal. E como o espaço passou a ter valor de troca a apropriação começou a ocorrer em termos de propriedade privada. E assim a cidade é apropriada na medida em que determinados espaços são passíveis de serem comprados. O resultado na visão de Cassab (2007) é que os moradores acabam por reduzir-se a meros usuários de parcela da cidade.

Isso ocorre também em relação ao apartamento. Se o sujeito não é proprietário terá dificuldades em apropriar-se dele. Às vezes desenvolvendo sentimentos contrários, de repulsa em relação ao local onde vive.

Eu gosto assim, do meu quarto, das minhas coisas. Eu queria outro sofá, eu queria mais espaço... Sabe... eu queria outra mesa, porque parece que nada fica bom. Não sei se é porque não é meu. Os móveis são meu, mas eu não posso mexer, eu não posso botar gesso. Deixar bunitinho como eu quero. Aí tu pensa em comprar. Ah... vou comprar, mas aí não é meu. Eu vou comprar uma mesa pra cá, daqui a pouco eu vou ter que sair... eu vou ter que comprar outro (Joana, 2008).

Os encolhimentos das responsabilidades diante do espaço habitado também se mostram evidentes quando o sujeito não se considera dono. É como se pudesse lavar as mãos quanto à vida pública, pois sente que mais cedo ou mais tarde irá sair daquela moradia e as consequências de sua estada naquele local não serão sentidas por ele e nem mesmo influenciarão sua vida futura.

Eu morava... quando eu fui morar na Luminar... Quando eu morei lá em Araranguá no apartamento, eu morava num apartamento alugado então tu não tem muita preocupação, não tem mesmo. Tu não fica preocupado porque tu vai fazer... claro né, tu relaciona com as pessoas, mas tu não tem muita preocupação de saber como é que é as regras das coisas, tá certo? Tu vive a tua vida normal. Uma vez nós chegamos em casa o Ricardo e o Luan era onze horas da noite eles tavam jogando bola dentro do apartamento. Aí veio um morador de baixo perguntar se tava acontecendo alguma coisa. Tipo assim, hoje eu jamais faria isso, porque eu sei que

incomoda o morador de baixo, né. E aí quando tu é o dono do imóvel tu acaba tendo essa preocupação [...] (Carmem, 2008).

Por essa razão a apropriação fica prejudicada, pois ela é entendida como a possibilidade real e concreta de ter um lugar como mercadoria passível de compra. A apropriação legítima não se processa desta maneira, ela ocorre na medida das ações e movimentos dos sujeitos nos espaços vividos, sejam eles públicos ou privados, não importando se são proprietários ou locatários destes últimos. A identificação com o território sempre traz a possibilidade para o indivíduo de transformar o espaço por meio de suas ações. “Um espaço que não se faz parte ou não se identifica, não é apropriado e, conseqüentemente transformado” (CASSAB, 2007, p. 8). A apropriação é sempre refletida em um sentido simbólico do vivido, ou seja, é dada pelo valor de uso de determinado espaço por uma pessoa, não perpassa o campo da dominação, o qual se refere a um valor de troca, de compra ou propriedade privada.

5.5 Para além do meu quintal

Infelizmente, pela diminuição dos espaços apropriados pelos sujeitos urbanos, a rua, outrora lugar de encontro, passa a ser apenas lugar de passagem. Para Lefebvre (2004), inclusive, sem a rua não existe outras possibilidades de encontros em lugares determinados, porque é nela que se efetua o movimento sem o qual não existe vida urbana, mas apenas separação e segregação.

As ruas e suas calçadas, na visão de Jacobs (2003), são os órgãos vitais das cidades. Qualquer pessoa ao lembrar de uma cidade imagina suas ruas em sua mente. Para a autora, se as ruas de uma cidade parecerem interessantes aos olhos de quem ali passa, a cidade será interessante, caso contrário não verão brilho nos lugares.

Em nossa sociedade urbana as ruas estão povoadas de um amontoado de gente em busca de mercadorias. Ela virou a passagem obrigatória entre a casa e o trabalho, sem que a verdadeira apropriação, a mesma que afirma o significado do uso e do valor, não ocorra e seja, até mesmo combatida por aqueles que comandam o silêncio e o esquecimento (LEFEBVRE, 2004).

As ruas não sendo apropriadas por seus moradores correrão sérios riscos de se tornarem alvo fácil da violência e do medo. Pois ao sentirem-se inseguras em um bairro, rua

ou cidade as pessoas estão demonstrando a impossibilidade de andar pelas calçadas (JACOBS, 2003).

É de conhecimento comum que a maioria das cidades brasileiras constrói suas estradas pensando no trânsito de veículos automotores que percorrerão aquele caminho e não nos moradores ou transeuntes da via pública. Atualmente o sistema de transporte é orientado para atender de forma privilegiada a mobilidade e acessibilidade dos automóveis em detrimento das necessidades dos demais usuários da rua. O pedestre é uma presença inexistente nesse sistema, só é lembrado quando de alguma forma atrapalha o fluxo de trânsito ou sofre algum acidente nas estradas (AGUIAR, 2003).

A invasão dos automóveis e a pressão dessa indústria, isto é, do lobby do automóvel, fazem dele um objeto-piloto, do estacionamento uma obsessão, da circulação um objetivo prioritário, destruidores de toda vida social e urbana. Aproxima-se o dia em que será preciso limitar os direitos e poderes do automóvel, não sem dificuldades e destruições (LEFEBVRE, 1999, p. 29).

Ao extinguir-se a rua, extingui-se a vida e reduz-se a cidade a um mero dormitório funcional da existência humana. Se não há vida pública nas ruas, a função informativa, simbólica e lúdica outrora outorgadas a ela deixam de acontecer (LEFEBVRE, 1999). Ao eliminar o valor de uso, ela passa a ser como tantas outras coisas na cidade, mais uma mercadoria vendável. Os encontros passam a ser superficiais e ela passa a conter um amontoado de sujeitos em busca de algo.

O Parlamento Comum Europeu (apud AGUIAR, 2003) ao perceber a transformação das ruas em vias quase exclusivas para automóveis aprovou uma legislação com a finalidade de garantir o uso desses espaços também pelo pedestre. Tal lei traz como pressupostos o direito do pedestre de caminhar livremente em um ambiente saudável e usufruir de áreas e bens públicos. Esses ambientes coletivos devem lhe proporcionar bem-estar físico e psicológico. A cidade deve ser pensada para os seres humanos e não para as necessidades do carro. Essa lei envolve ainda os direitos de acessibilidade a todas as pessoas, sejam adultos, crianças, idosos ou deficientes.

Calçadas com nove ou dez metros de largura são capazes de comportar praticamente qualquer recreação informal – além de árvores para dar sombra e espaço suficiente para a circulação de pedestres e para a vida em público e o ócio dos adultos. Há poucas calçadas com largura tão farta. Invariavelmente, a largura delas é sacrificada em favor da largura da rua para os veículos, em parte porque as calçadas são tradicionalmente consideradas um espaço destinado ao trânsito de pedestres e ao acesso a prédios e continuam a ser desconsideradas e desprezadas na condição de únicos elementos vitais e imprescindíveis da segurança, da vida pública e da criação de crianças nas cidades (JACOBS, 2003, p. 95).

A importância de vias públicas adequadas ao caminhar do transeunte não é algo novo. João do Rio já havia pensado a respeito da importância do calçamento a mais de um século atrás.

Isso não é paradoxo: é verdade segura e irrecusável. O homem que vai aos seus negócios ou aos seus prazeres com o espírito amarrado a uma meditação, vai habitualmente com a cabeça baixa, olhando o solo. Quando o solo está bem limpo, bem calçado, bem varrido, bem plano, os olhos desse homem vão recebendo sensações alegres e tranquilas, que vão contribuindo para tornar tranquilas e alegres suas ideias... [...] O país faz o cidadão – e o calçamento faz o transeunte (JOÃO DO RIO apud O'DONNELL, 2008, p. 37).

Paulo Barreto, conhecido em seus escritos como João do Rio, era o flaneur de Baudelaire vivendo no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Jornalista, contista, cronista e teatrólogo, nasceu e viveu no Rio de Janeiro de 1881 a 1921. Nessa época ele já percebia o rumo equivocado que as cidades urbanizadas iam tomando. Falava da importância da preservação das ruas e calçadas para os transeuntes. Se vivesse nos dias de hoje, talvez se unisse a Jacobs (2003) em seu empreendimento de humanizar os espaços urbanos. Para ela, uma rua deve ter infraestrutura adequada para abrigar tanto moradores como desconhecidos a transitar ininterruptamente pelas calçadas.

Mas que infraestrutura é essa, afinal? Para a autora a rua deve apresentar uma separação clara entre o espaço público e o privado. Essa separação deve ser nítida, pois nenhuma pessoa deseja expor aos outros como vive em sua privacidade. O morador deve ter a possibilidade de escolher o quanto de sua vida privada deseja mostrar, a quem e em quais circunstâncias.

Além disso, outro ponto levantado por Jacobs é a respeito da vigilância constante. As ruas devem conter olhos voltados para ela, pessoas que cuidem e garantam a segurança dos estranhos e dos moradores do bairro. Esses cuidadores são os mais variados possíveis no espaço de uma rua, podem ser pequenos comerciantes, moradores a olhar o movimento pelas janelas de suas casas ou apartamentos ou levando seus cachorros para passear. Enfim, não importa quem eles sejam, o imprescindível é estarem ali. Desse preceito deriva outro, a necessidade de haver usuários transitando ininterruptamente pelas calçadas. Estes aumentam a segurança da rua e a tornam atraente a ponto de induzir as pessoas de dentro de suas moradas a olharem para o movimento externo.

Em um bairro completamente verticalizado como o Comércio qualquer pessoa sente a presença muito maior de desconhecidos do que de conhecidos. São tantos habitantes residindo numa área geográfica demasiadamente pequena que inviabiliza a possibilidade de

conhecê-los em sua totalidade. O fato de existirem tantos desconhecidos a habitarem muito próximos uns dos outros acaba gerando um sentimento de insegurança maior entre os moradores de um bairro. Essa insegurança é traduzida no medo da violência urbana. Segundo Jacobs (2003, p. 30), “não é preciso haver muitos casos de violência numa rua ou num distrito para que as pessoas temam as ruas. E, quando temem as ruas, as pessoas as usam menos, o que torna as ruas ainda mais inseguras”.

Para aumentar a segurança em relação ao bairro, seguindo a mesma linha de pensamento de Jacobs, Campos Filhos (2003) diz ser desejável para os moradores a presença dos principais estabelecimentos urbanos dentro de seus próprios bairros, a fim de gerar descentralidades e ao mesmo tempo impulsionar a vida e a circulação de pessoas pelas ruas e calçadas. Uma questão relevante é a presença da escola. A proximidade desse equipamento em relação à moradia permite à criança com uma determinada idade andar a pé, sozinha, de sua residência até seu colégio. De acordo com Campos Filhos (2003), 800 metros é a distância máxima considerada cômoda para se andar a pé até um serviço urbano ou outros espaços coletivos.

Claro que tem algumas coisas que a gente já tem... né, não tem como, o bairro não supre. Mas fazer a unha, ela faz aqui, almoçar a gente almoça ali. Alguma coisa que faltou, corre no mercadinho ali. A escola é próximo aqui também, de dois que estão no ensino fundamental. Então a gente procura estar dentro desse contexto do bairro (Davi, 2008).

Segundo Jacobs (2003), são os estabelecimentos e locais públicos existentes ao longo das ruas de uma cidade, sendo eles diversificados e funcionando de dia e de noite, que dão motivos aos moradores ou estranhos para utilizarem as calçadas onde existem tais comércios e espaços coletivos. Não adianta tentar burlar a violência com sistemas de vigilância ou áreas de recreação fechadas. São as ruas de uma cidade as responsáveis por lidar com os desconhecidos, inibindo possíveis atitudes depredadoras de sujeitos mal-intencionados e garantindo a segurança dos estranhos bem intencionados que simplesmente passam por determinado local.

Essas são ideias bastante pertinentes não observadas por planejadores urbanos. Ainda existe no imaginário dos “fazedores da cidade” a setorização como melhor forma de organização dos espaços urbanos. Mas se um bairro se destinar unicamente ao comércio e outro apenas à moradia, o primeiro tenderá a ter milhares de pessoas a andar por suas ruas e calçadas enquanto o último verá suas ruas desertas, pois seus moradores passarão por elas apenas por serem caminho de suas residências. Isso aumentaria em potencial o nível de

violência desta enquanto insuflaria um congestionamento (de veículos e pessoas) e uma exacerbação de estímulos na outra.

Esse pensamento pode, sob diversos olhares, organizar a cidade de forma mais simples em termos de localização, mas cria outra série de problemas muito mais difíceis de resolver, como é o caso da violência. A melhor opção para esta ainda seria o restabelecimento da vigilância natural e deveria ser pensada já a partir do projeto arquitetural das casas e prédios, principalmente destes últimos. Dentre as características apontadas por Cavalcante (2003), uma vigilância natural poderia ser restabelecida se os imóveis fossem menores e permitissem uma apropriação mais fácil de áreas comuns, se estivessem situados próximos a vias públicas e possuíssem maior abertura entre o exterior e o interior. Agregado a isso ela também fala a respeito dos olhos voltados para a rua e acrescenta que também os espaços públicos devem exercer controle social sobre espaços semiprivados internos. Essas ações, juntamente com a presença de um porteiro, nos prédios residenciais, auxiliariam a abertura de portas pelas pessoas, e, com ela, uma maior convivência entre os vizinhos. Esta convivência permitiria um aumento significativo da utilização e vigilância natural dos espaços coletivos da rua.

Deste modo, abrir portas não é um simples ato cinestésico, é uma atitude simbólica que demanda ações internas ao sujeito e externas a ele.

[...] um processo que deveria se iniciar pela alteração de seu sistema de segurança atualmente fundado na segurança eletrônica. Tal sistema, quando implantado em sua totalidade, realiza uma vigilância sem dúvida eficaz, porém a um preço muito alto: a perda do sentimento de convivialidade que uma porta de entrada deve também transmitir (CAVALCANTE, 2003, p. 277).

A falta de convivialidade entre as pessoas, embora sendo sentida de modo desagradável por boa parte da população, acaba sendo rapidamente absorvida pelos moradores a ponto de eles a perceberem como algo natural. O ser humano se acostuma com as cercas impostas pelos modos de morar e acaba por se tornar um ser inerte em relação aos acontecimentos para além do seu quintal.

O retorno da vigilância natural, na visão de Cavalcante (2003), geraria uma economia a longo prazo em termos de crimes, sistemas de segurança individuais e até mesmo desempregos. Para a autora a vigilância natural traria além de tudo outro ganho, subjetivo aos sujeitos, pois reduziria o medo e as ansiedades dos habitantes e estes passariam a frequentar mais os espaços coletivos por nutrirem maior confiança em seus vizinhos. Afinal, como

afirma Jacobs (2003, p. 36), “[...] nenhuma pessoa normal pode passar a vida numa redoma. Todos precisam usar as ruas”.

Embora essas sejam ideias discutíveis e renegadas por uma gama variada de pensadores e profissionais por julgarem insuficientes e poucos concebíveis, por nossa posição preferimos crer que:

[...] há quem acredite nela e proponha a integração com a rua, a realidade e o cotidiano da cidade através de prédios sem grade, calçadas parcialmente gramadas com banco de madeira e vigilância exercida por alguém conhecido da vizinhança. Estas são as características do prédio de número 65 da rua General Jardim, no centro de São Paulo, onde funciona a Escola da Cidade, primeira faculdade de arquitetura criada e gerida pelos arquitetos que nela lecionam. Os profissionais da instituição acreditam que viver enclausurados por conta do medo gera mais exclusão e, conseqüentemente, mais violência. *Ciro Pirondi, diretor de Escola, julga que “a melhor crítica que podemos fazer a uma poesia é compor outra em seu lugar” (GAZETA MERCANTIL apud CAVALCANTE, 2003, p. 276).*

Ao continuarmos construindo cidades em função do capital e do processo produtivo em detrimento do uso e bem-estar de seus moradores, inevitavelmente deveremos conviver com uma insegurança constante e com o desenvolvimento cada vez maior de bairros verticalizados, nos quais as pessoas desejam ardentemente maior proximidade e convivência nos espaços públicos, mas a temem e a evitam de todas as formas possíveis.

Jacobs (2003) diz que existem três maneiras de conviver com a violência: uma delas é a deixarmos reinar absoluta, cuidando apenas para que ela não atinja a “minha residência e minha família”. Outra forma encontrada por boa parte da população é refugiar-se dentro de veículos, não abrindo os vidros e deixando de parar em sinais de trânsito a certas horas da noite. Uma terceira, já ocorrida em determinados bairros de algumas cidades, em especial em grandes centros, é a instituição de territórios por gangs.

Quem sofre mais com esse tipo de cidade são as crianças, obrigadas a edificar suas personalidades trancafiadas dentro de apartamentos e shoppings center. Seus pais possuem fortes motivos para não permitirem que brinquem nas ruas, afinal, se estas não são frequentadas por adultos, serão realmente perigosas para as crianças. Mas isso não significa que as ruas sejam naturalmente locais ruins para elas, significa que as calçadas não têm mais oferecido vigilância adequada para sua educação.

Sem frequentarem e conhecerem as ruas elas correrão o risco de se tornarem adultos incapazes de assumir responsabilidade pública por outras pessoas, principalmente se estas forem completamente estranhas. Essa é a máxima da vida urbana próspera na visão de Jacobs e da grande maioria dos urbanistas, embora estes últimos ainda não tenham conseguido incutir

esses preceitos nos habitantes da cidade por meio de suas ações. O erro encontra-se já no desenvolvimento infantil, não podemos esperar adultos comprometidos com o patrimônio coletivo e com responsabilidade social se estamos permitindo a formação de crianças individualistas e egocêntricas.

5.6 Novo Urbanismo

Vimos propor então um novo urbanismo, utópico em sua concepção mas talvez o único meio de retorno do individual para o coletivo. Esse novo urbanismo deve fazer do espaço de moradia um local propício para recompor as energias físicas e emocionais gastas durante o dia de trabalho (CAMPOS FILHO, 2003). Para tanto, este lugar habitado pelo sujeito se estenderia rua afora, ultrapassando os espaços privados e assumindo uma vida coletiva mais ativa por meio de praças e parques existentes no próprio bairro onde residem.

Queremos povoar as cidades com contatos humanos variados, enriquecidos culturalmente por conta de sua diversificação (CAMPOS FILHO, 2003). Diga-se de passagem, diversidade é um dos principais conceitos definidores da urbanidade. E as pessoas que vivem nas cidades desejam esses contatos, tanto isso é verdade que os procuram em suas férias e finais de semana. Saem de seus apartamentos, muitas vezes luxuosos, para se abrigarem em uma casa de praia, um sítio ou um hotel onde possam viver realmente e desfrutar de uma liberdade impossível de ser concebida no meio urbano.

[...] o meu pai tem uma casa lá na Forquilha e tem a casa da minha Nona e até os meus oito anos assim a gente sempre ia na sexta-feira pra casa, no sítio e ficava de sexta a domingo e nesse meio tempo tu via assim. Porque daí tem mais casa ao redor, tu acaba falando com todo mundo. É uma coisa mais aberta assim, melhor pra ti brincar, quando é pequena, ou se comunicar com mais alguém assim, conversar. Porque prédio, tu chegou em casa, não tem o que fazer, geralmente ou tu vai reto pra frente da televisão ou pega um livro e fica lendo. Assim, em casa não. Tu dá uma voltinha, tem aquele ar livre, tu fica ali na frente (Paula, 2008).

Pela fala da entrevistada podemos confirmar os dizeres de Campos Filho (2003) a respeito do desejo da maioria dos seres humanos de possuírem um espaço mais tranquilo para morar, podendo usufruir de ambientes agitados em outros momentos quando isso for conveniente ou apreciável. Dentre as incomodações possíveis geradas pelo meio urbano a

seus moradores, relatadas pelo autor, podemos citar a falta de insolação, ventilação e espaços livres para o convívio coletivo (terrenos com cobertura vegetal).

Estes últimos, na visão de Bauman (1999), têm ficado relegados à saudade e à lembrança, sendo sobrepostos por espaços privados de consumo, condicionando a entrada ao pagamento de “ingresso”. Para o autor, a ausência desses espaços é preocupante por vários motivos, o principal deles é devido ao debate em relação à criação de normas e valores. Hoje em dia “os vereditos de certo e errado, belo e feio, adequado e inadequado, útil e inútil só podem ser decretados de cima, de regiões que jamais deverão ser penetradas senão por um olhar extremamente inquisitivo; os vereditos são inquestionáveis [...]”. (BAUMAN, 1999, p.31).

Um novo urbanismo, por conseguinte, rejeita a tendência pós-moderna à fragmentação e alienação quanto às decisões políticas que definem o destino da vida coletiva. Ele quer instaurar formas de desenvolvimento diversificadas, sem tanta repetição e importação de modelos não compatíveis com a realidade vivida no local. Pensa em voltar-se para as ruas e suas melhorias a fim de promover em suas calçadas a sociabilidade. Além disso, almeja uma nova relação entre o sujeito e seu trabalho, o sujeito e as mercadorias, o sujeito e os ambientes naturais e construídos, para que este possa formar vínculos superiores e anseie em seu projeto de vida atingir uma existência mais poética e menos voltada aos objetos de consumo.

O novo urbanismo se vincula a um esforço leviano contemporâneo de transformar cidades grandes e hiperpopuladas, aparentemente bastante fora de controle, numa rede interligada de “aldeias urbanas”, nas quais, acredita-se, cada cidadão poderá relacionar-se, democrática e cordialmente, com todos os outros (HARVEY, 2004, p. 222-223).

Segundo Harvey (2004), encontrar-se-á nos bairros alguma coisa intrínseca equivalente à comunidade. E comunidade é o local onde todos desejam ou precisam morar, mesmo que não o saibam. Nessas comunidades haverá a defesa da diversidade de usos dos espaços, de nível socioeconômico da população e dos tipos de edificações. Haverá parques situados onde existe muita movimentação de pessoas por conta da existência de comércio, escola, escritórios, bares, restaurantes, atividades culturais e residências. Com uma vizinhança bastante diversificada e comprometida com os espaços públicos a segurança urbana ficaria garantida e não dependeria unicamente das ações coercitivas da polícia (JACOBS, 2003).

Sabemos que a aplicação prática de um novo urbanismo para todos em uma sociedade capitalista é uma ideia quase ilusória. Afinal, o modelo vigente se pauta na

desigualdade. As diferenças sociais são a mola propulsora da economia, fazendo-a progredir em seus objetivos.

A proposta desse novo urbanismo é focada em um novo modelo de desenvolvimento econômico no qual uma vida mais coletiva possa realmente existir. Tendo uma vida mais coletiva as pessoas ficariam mais próximas e, assim, haveria uma tendência em se preocuparem mais umas com as outras, passando a cuidar mais de seus espaços de moradia, sejam os imediatamente próximos de seu domínio privado, ou os mais distantes locais de domínio público.

Mas enquanto esse urbanismo é apenas um sonho devemos pensar nessas pessoas que dormem e acordam todos os dias para a chamada cidade global. Essas centenas de pessoas de todas as classes que passam umas pelas outras na multidão com o mesmo potencial de crescimento e com os mesmos sonhos e ideais de felicidade. Se for verdadeiro, como nos afirma Pechman e Kuster (2007), que estamos no reino do puramente urbano e a cidade global não é mais uma cidade como as outras, como historicamente foram as cidades, é preciso parar para repensar melhor quem é esse humano que vive dentro dessa cidade talhada a ser um espaço unicamente do sucesso econômico.

Então, nesse aspecto, isso já é uma questão que... depois que a gente começou a perceber a questão de ausência de praças, isso é fato, eu já falei isso com o Prefeito, com pessoas que são da administração pública, entendo assim que ou a cidade começa a ter um olhar para essas questões ou fica inabitável, porque graças a Deus a gente tem a condição, tem o clube, tem a casa na praia, mas e quem não tem? (Carlos, 2008).

Coloca-se na apropriação, a partir das palavras de Carlos (2004), as possibilidades da invenção que faz parte da vida, que institui o uso que explora o possível ligando-o a uma prática criadora. Pelo uso, ao longo do tempo, pode-se conduzir à superação da imagem da cidade como simples localização dos acontecimentos comerciais e revelá-la como condição de sentido da vida, aberta, portanto, a um futuro menos desanimador.

5.7 Para um novo urbanismo, uma população mais ativa politicamente

Sabemos de todo o cuidado que as sociedades vêm tomando dia após dia em relação aos ambientes naturais. Embora os discursos ambientalistas estejam longe de se efetivarem

em atitudes desinteressadas, ainda assim, cresce o selo de defesa dos ecossistemas e da luta contra as explorações desmedidas. Enquanto aumentam o número de adeptos a essa causa, nosso patrimônio ambiental das cidades encontra-se largado à própria sorte. Quem nasce nesse contexto desolador de uma política social e urbana descaradamente oportunista não consegue imaginar alternativas melhores. Talvez em algumas viagens ou por meio de estudos aprofundados consigam comparar suas realidades com outras mais aprimoradas e comecem a admitir o quanto nossas cidades brasileiras estão pecando em qualidade (YÁZIGI, 2005).

Os problemas enfrentados devido ao simples fato de as pessoas viverem em aglomerados urbanos têm sido motivo de muita discussão e planejamento político. Muitas promessas de implementação ao “caos urbano” têm sido usadas durante o período de eleição para angariar votos e simplesmente engavetadas durante os anos de mandato. O principal interessado muitas vezes nem se lembra em quem votou na última eleição, quanto mais das inúmeras falas sedutoras de alguns políticos mal-intencionados. Obviamente, essa situação não pode ser colocada como uma simples armadilha de uns poucos espertalhões que se utilizam da boa fé do povo para engordarem suas contas bancárias e viverem luxuosamente com o dinheiro público. Isso porque existe o outro lado da moeda.

O povo coloca em cargos de liderança pessoas de reputação duvidosa e, além disso, deixa exclusivamente para os políticos a responsabilidade de tomar as decisões que afetarão a vida de todos dentro da cidade. Cada sujeito dá plenos poderes ao seu candidato e esquece da administração pública por, pelo menos, os dois anos que se seguem até o próximo período eleitoral. Essa é uma situação muito perigosa para todos nós, pois quando permitimos a algumas pessoas tomarem as decisões sobre o que é melhor para uma população inteira, existe grande chance de tais sujeitos cometerem erros sem que consigamos evitá-los.

Nesse ponto inicia-se um movimento a favor da democracia direta a fim de permitir a todos os habitantes da cidade participarem dos processos decisórios com o intuito de auxiliar nas melhores alternativas para investimentos de verbas públicas e para a fiscalização dos membros integrantes do corpo político eleito. Todavia, embora os esforços nesse sentido vêm crescendo e adquirindo muitos simpatizantes, inúmeras objeções têm sido lançadas em torno desse tipo de democracia. A maioria delas esconde um juízo de valor elitista e revela interesses particulares de uma determinada classe detentora do poder e das riquezas das cidades. Essa camada da população deseja manter os demais sujeitos alienados do processo político, por isso insufla por meio da mídia e de outros meios de comunicação de massa mensagens contrárias à participação popular nos objetivos do Estado. A grande massa populacional, por sua vez, aviltada de informações e desacreditada do processo acaba por

desejar ser liberada do fardo de ocupar-se dos negócios coletivos. E assim, abre mão do direito de decidir por uma questão de comodidade ou para evitar algo que pensa ser incomodação para suas vidas.

Diz-se ser a população incapaz tecnicamente de decidir sobre assuntos coletivos, mas essa é uma inverdade, pois todos os sujeitos, mesmo os mais pobres, são capazes de discutir sobre as carências existentes em seus bairros. Não se pode esperar deles uma linguagem apurada, ou mesmo um conhecimento aprofundado, mas isso não seria lógico, são os técnicos que devem buscar dialogar com uma linguagem acessível a toda a população. Se as pessoas leigas forem devidamente informadas a respeito dos custos e alternativas, poderão decidir a respeito dos objetivos em relação ao planejamento urbano (SOUZA, 2006).

Outro entrave referente à democracia direta diz respeito à inviabilidade de exercê-la em grandes coletividades. Mas essa acaba sendo uma desculpa para não realizá-la, pois decompondo as populações em pequenos agrupamentos político-territoriais o exercício democrático pode ser processado com êxito por meio de assembleias. A delegação também é uma possibilidade pertinente, embora os representantes escolhidos não devam entender seus postos como sendo um aval para tomarem quaisquer decisões em nome da comunidade. Todo representante deve tomar decisões sempre em comum acordo com seus representados. Além disso, as tecnologias de informação podem ser usadas em prol da participação popular de um grande número de pessoas que poderiam tomar partido em processos decisórios sem estarem fisicamente presentes (SOUZA, 2006).

A proposta de participação popular é pensada para uma sociedade autônoma, onde os processos decisórios não sejam comandados pelo Estado como instância de poder em separado da comunidade, ao contrário, esta participa plenamente no momento da elaboração e execução dos objetivos, opinando sem reservas e sem ressalvas diante da instância superior. O povo, sendo a totalidade dos cidadãos, é esclarecido quando ao exercício do poder, pois sua participação é desejável “de acordo com seus interesses e suas aptidões, não havendo nenhum grupo que seja, estrutural e essencialmente, excluído do exercício do poder” (SOUZA, 2006, p. 333).

Embora a participação popular não elimine erros e não seja garantia de acertos ela pode contribuir para controlar os administradores do Estado a fim de diminuir a corrupção e os erros de avaliação que geram desperdício de tempo e de recursos. Muitas vezes um político interpreta as necessidades da população de acordo com seus próprios valores sem considerar a diversidade de opinião da maioria. Além disso, tomar partido das decisões que afetam no seu

cotidiano faz as pessoas se sentirem mais responsáveis em relação ao destino de suas cidades e tenderão a cuidar mais dos espaços urbanos e os bens de domínio público (SOUZA, 2006).

A participação também pode ser entendida como um dos vieses do intitlamento. Obviamente, um sujeito não estará disposto a discutir a respeito dos destinos de sua rua, bairro ou cidade se não consegue levar alimentos suficientes para sua mesa todos os dias ou se possui qualquer tipo de privação em nível primário. Talvez considere a política como algo ultrajante a sua própria condição humana, sendo uma afronta alguém solicitar-lhe uma opinião sobre a construção de novos abrigos de ônibus, por exemplo, quando ele carece de outras coisas mais essenciais a sua existência.

Parece pouco discutível que aumentar as chances de integração dos pobres, no sentido de menos desigualdade aos meios de satisfação de necessidades nos marcos da própria sociedade existente, é, ainda, um dos desafios mais importantes e básicos a serem vencidos em um país capitalista semiperiférico como o Brasil. Mais e melhor acesso a alimentação, vestuário e moradia, a informações e a instrução formal, a serviços de saúde etc, tudo isso visto como base para o aumento de auto-estima e das possibilidades de participar conscientemente da vida política do país, são requisitos elementares e indispensáveis para uma existência digna (SOUZA, 2006, p. 334).

Não somente os políticos, mas todos os especialistas urbanos têm auxiliado para a manutenção do modelo vigente. Eles agem de acordo com ideologias e disposições institucionais visando os próprios interesses. Nesse meio nasce o problema do urbanismo privado o qual pretende substituir a prática urbana por seus preceitos desenvolvidos em gabinetes e reuniões extraordinárias. Embora tais sujeitos vivam dentro dessa prática não conseguem enxergá-la e compreendê-la e por isso substituem a realidade por suas próprias representações da vida social e dos espaços (LEFEBVRE, 1999).

Essa forma de proceder o urbanismo reduz o usuário a sua função de habitar. Os urbanistas creem conhecer as necessidades dos sujeitos que vivem na cidade e têm a plena certeza de estarem correspondendo a elas. Para eles essas necessidades podem ser declaradas pelos usuários, mas podem ser conhecidas também por meio de estudos especializados. O que temos visto de empreendimentos urbanos nos levam a crer que eles dão preferência a esses últimos. Mas os estudos teóricos não conseguem abranger a realidade social vivida no cotidiano de um determinado lugar, por isso a necessidade da participação popular também nesses projetos de criação do espaço. Nas palavras de Lefebvre, “quem cria espaço cria o que o preenche. O lugar suscita a coisa e o lugar certo para a coisa certa. Daí uma ambiguidade, um mal-entendido, uma oscilação singular” (LEFEBVRE, 1999, p. 146).

O processo participativo dos sujeitos na criação e planejamento dos espaços urbanos é uma das poucas formas existentes de suscitar o fortalecimento da identidade de lugar destes por meio da apropriação. Ao fortalecer a identidade de lugar o indivíduo cria laços com seu entorno, estimulando a cultivação do ambiente (FREIRE; VIEIRA, 2006). Essa é uma ação difícil de ser contemplada pelos urbanistas. Muitos de seus empreendimentos no serviço público não são bem vistos ou preservados pela população. Os habitantes não possuem a ética do cuidado ou não conseguem ver sentido em determinada ação realizada em prol dos espaços coletivos. Ao estimular e favorecer a participação durante o processo de formulação e execução dos objetivos o urbanismo ganha em duas frentes, economizando em manutenção devido à depredação e em uso efetivo dos equipamentos oferecidos para melhorar, pelo menos em tese, a vida da população.

6 A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO NO BAIRRO COMERCÍARIO

6.1 Comerciário: de uma região rural para um “quase centro”

A história do bairro Comerciário está ligada à própria trajetória da cidade de Criciúma, sua antiga estrada de ferro e suas minas de carvão. Localizado ao lado da área central da cidade, quem percorre o bairro Comerciário nos dias de hoje, com suas ruas calçadas, muitas delas asfaltadas e servindo como percursos estratégicos para o planejamento rodoviário de Criciúma, não consegue supor o quanto é recente seu processo de crescimento e urbanização.

O fato de esse bairro ter ficado tanto tempo relegado a uma região agrícola sem muita importância tanto para moradia quanto para comércio diz respeito à implantação da Estrada de Ferro cortando a cidade na direção leste-oeste. Ao mesmo tempo em que a estrada de ferro contribuiu para a formação do centro da cidade ela funcionou como um obstáculo dividindo a região em dois lados opostos. A área correspondente a parte central, lado norte dos trilhos, se desenvolveu e se tornou valorizada, era ocupada por moradores e comerciantes de renda mais elevada. O lado sul, em contrapartida, era pouco valorizado e ocupado por aqueles em iguais condições de discriminação, os pobres (NASCIMENTO, 2004).

O rompimento da barreira após a retirada dos trilhos ocorreu nas proximidades da estação central da estrada de ferro. O processo de ocupação do bairro Comerciário foi impulsionado pela construção do estádio Heriberto Hulse em 1955, pertencente ao Comerciário Esporte Clube, de onde surgiu o nome posterior desse bairro. Além do campo de futebol, a Escola de Educação Básica Eng^o Sebastião Toledo dos Santos, popularmente conhecida como “Colegião”, localizada nas proximidades do estádio, também foi um grande chamariz para futuros moradores (NASCIMENTO, 2004).

A retirada da estrada de ferro em 1970 foi decisiva para a valorização imobiliária do Comerciário e Michel (bairro vizinho do anterior). Até então esses bairros se desenvolviam lentamente de tal modo que os imóveis não possuíam valor de uso, o IPTU recolhido no bairro Michel era o de menor preço, segundo uma entrevista concedida pelo Sr. Nelson Alexandrino, ex-prefeito de Criciúma. (BALTHAZAR; PIMENTA, 2005).



Figura 1: Antiga Estação Ferroviária – Início da década de 70
Fonte: CODEPLA



Figura 2: Região do Comerciário logo após a retirada da estrada de ferro
Fonte: CODEPLA

A foto acima apresentada mostra o início da transformação da estrada de ferro em Avenida Centenário na década de 70. O bairro Comerciário, localizado no lado sul da avenida (na margem superior da estrada na foto) ainda encontrava-se pouco povoado, uma região praticamente rural. Na margem inferior da avenida pode-se notar a presença de alguns estabelecimentos e residências, essa era a região norte, o “lado de cá” da estrada de ferro, bastante valorizado pelos mais abastados habitantes da cidade.

Foi nesse período da retirada da estrutura ferroviária que se inicia o processo de verticalização do bairro Comerciário. Apesar de ser o bairro com maior concentração de prédios nos dias de hoje, não foi ali que se deu o início desse processo na cidade. Segundo Balthazar e Pimenta (2005), três edifícios marcaram o início da verticalização em Criciúma, o COMASA e os hotéis União Turismo e Cavaller, todos localizados no bairro Centro. Eles foram os precursores, mas foi no bairro Comerciário que o capital especulativo encontrou fôlego para se disseminar. Várias residências unifamiliares com mais de um século de existência foram substituídas por modernos edifícios de mais de dez pavimentos (BALTHAZAR; PIMENTA, 2005).

Apesar das alegações acima, surge ainda uma dúvida referente à motivação por detrás da verticalização do bairro Comerciário, pois uma ocupação tardia não necessariamente levaria a uma acelerada verticalização do local. Podemos falar em um somatório de fatores: a proximidade com o centro, os terrenos mais baratos, e, sob o nosso ponto de vista o principal, o gabarito estabelecido pelo plano diretor. Por não ter sido uma área minerada o gabarito ainda é dos mais altos em relação à maioria das regiões da cidade de Criciúma (NASCIMENTO, 2004).

Apesar da posterior urbanização e valoração do bairro Comerciário, ainda hoje existe o imaginário de fronteira em relação à área central, talvez devido à presença da Avenida Centenário, funcionando como um divisor de águas do mesmo modo como a estrada de ferro o fez em tempos anteriores. Os habitantes do Comerciário são aqueles que supostamente não conseguiram adquirir um imóvel no Centro e por isso contentam-se com o lugar mais próximo. Segundo Olvacir Bez Fontana, diretor-presidente da Construtora Fontana (apud NASCIMENTO, 2004), atualmente ainda é mais fácil vender apartamentos na área central do que no bairro Comerciário. Os atuais moradores desse bairro são, em sua maioria, pessoas sem vínculo com esse passado histórico.

6.2 O lastro familiar e a história que não se joga no lixo

Às voltas do pé da serra, vendo ao longe uma estrada sinuosa encravada nas rochas em meio à vegetação densa subindo diante dos seus olhos, nasceu Carmem¹², a primeira personagem das histórias de vida apresentadas neste capítulo. Ela era criança quando veio com os pais e mais duas irmãs para Criciúma, mas nunca deixou de viver inconscientemente os sonhos e aspirações de quando morava logo abaixo da Serra do Rio do Rastro na Região de Lauro Muller. Até hoje, depois de tantos anos afastada de sua terra, ainda sonha com o dia em que poderá subir até o alto dessa montanha e construir uma casinha onde ela já não olhe para a vegetação distante da serra, mas esteja no meio dela, vivendo entre as nuvens. “Meu desejo sempre foi comprar uma casa na serra, se eu tivesse dinheiro eu iria comprar uma casa lá, lá em Urubici. Nossa, é um lugar lindo, lindo” (Carmem, 2008).

Em Lauro Muller sua família possuía muito prestígio, era muito respeitada, eram considerados como pessoas trabalhadoras e bem conceituadas. Em Criciúma sua família era desconhecida, seu nome não era reconhecido pela sociedade. Não havia um lastro que pudesse anunciar a boa fama de seus familiares. Foi esse o principal fato que influenciou de forma decisiva a vida de Carmem. Para ela, havia a necessidade de construir “o nome”, adquirir um status social para ser conhecida e reconhecida perante a sociedade a fim de obter boas oportunidades na vida.

Para uma boa carreira profissional o nome é algo fundamental e Carmem foi educada para ser profissional. Desde pequena sua mãe dizia que o melhor investimento na vida era a educação e o trabalho. Uma mulher não poderia contar com a sorte de casar-se com um homem que sustentasse a casa, pois isso poderia não acontecer. Desse modo, suas filhas precisavam se prevenir a esse respeito e não sonhar com o dia do casamento e sim com o diploma e a carreira.

Começou a trabalhar com 15 anos e desde então nunca mais parou. Inicialmente morou com seus pais perto da Praça do Congresso, no Centro de Criciúma, não conhecia ninguém. Com o tempo foram se relacionando com as outras pessoas, outras crianças, embora não abrissem muito a convivência, eram mais voltados para a própria família.

¹² Carmem tem 48 anos, foi entrevistada no dia 19/05/08 às 20:30hs. Mora em um apartamento no bairro Comerciário com seu filho há cerca de 8 anos.

Alguns anos mais tarde sua família mudou-se para a região que hoje é o Comerciário, ali começou a construir as bases para seu nome familiar. Nessa época o bairro Comerciário não possui a mesma imagem de hoje, não havia prédios, nem tão pouco calçamento ou asfalto.

Era uma estrada de chão. Aquela rua aqui, do Joaquim Nabuco aqui, não tinha calçamento também, era estrada de chão quando nós vimos morar aqui. [...] Mas era assim, era uma vida muito diferente porque a gente tinha liberdade. As crianças naquela época tinham liberdade. A gente ficava brincando de taco, de roller na rua até as dez, onze horas da noite. Imagina se hoje as crianças na rua iam poder fazer alguma coisa, não existe mais isso. Tinha campinho de futebol pra gurizada tocar, jogar, tinha é... brincadeira de passar anel, pegar, tinha, então a gente teve uma infância bem saudável, corremos, brincamos, tudo que tinha direito. (Carmem, 2008).

A vida em um meio não urbanizado é muito diferente da vida na cidade verticalizada. Essas diferenças atingem todas as classes e todas as idades. As crianças do meio urbano já não podem mais brincar na rua, quanto mais ficar nesse lugar perigoso até altas horas da noite. A noite da cidade não foi feita para crianças, muitas vezes temos dúvidas se foi feita para adultos. O medo que envolve seus habitantes transforma as crianças em pequenos encarcerados, podem somente brincar dentro do cercado, quando moram em casas, e dentro do apartamento se moram em prédios.

Carmem, porém, viveu em outro tempo, com muita liberdade e grandes possibilidades para ir e vir. Sua adolescência não foi diferente, envolveu-se com atividades esportivas, teatro e todas as atividades que, segundo ela, os adolescentes gostam de se envolver. Então com 15 anos seu pai lhe arranhou um emprego na Casa Ouro. Hoje, com 47 anos, está apenas a um ano da aposentadoria, pois trabalhou ininterruptamente, tendo pausa somente para a licença-maternidade. Ela namorou um garoto na adolescência, mas não era sua preocupação formar família, por isso não dava muito valor a esses relacionamentos, sua preocupação era trabalhar.

Para todo ser humano o trabalho é um valor de extrema importância. É dele que se tira o sustento. É por meio dele que os sujeitos podem expor sua criatividade e desenvolver grande parte de suas potencialidades. Contudo, para alguns indivíduos o trabalho tem um peso maior entre os valores adquiridos ao longo da vida. Ele é sentido como o cume, o ponto supremo da jornada. Para esses sujeitos tudo que vem a mais na vida é secundário, pode esperar ou pode ficar em segundo plano.

É porque, quinze anos eu tinha quando fui trabalhar pela primeira vez, tô com 47, não tem outra coisa que eu tenha feito mais na vida. Não fui mãe mais tempo, não fui... eu só sou pessoa há mais tempo. Mas... não teve outra atividade que eu tivesse mais. Eu não casei eu não tenho um relacionamento que tenha durado tanto tempo. Então a construção é muito diferente das outras mulheres. Porque... se tu vai perguntar pra uma... Se tu vai pedir o histórico de vida de uma mulher que tenha 47 anos que casou a 20 é bem diferente. Ela pode até hoje estar bem sucedida profissionalmente, mas ela vai citar muito mais o marido e os filhos do que eu cito (Carmem, 2008).

A vida de Carmem foi planejada, sua carreira e o nascimento de seu filho. Ela aos 25 anos, após o nascimento de seu sobrinho, começou a sentir o desejo de ser mãe. A maternidade é uma fase importante na vida de grande parte das mulheres, normalmente vem acompanhada do desejo de constituir uma união e formar uma nova família. Com Carmem a história foi outra. Ela tinha um relacionamento, mas não desejava levá-lo adiante. Dos 25 aos 29 anos comprou uma casa e começou a criar condições financeiras para ter o filho tão desejado sozinha. Quando enfim conseguiu engravidar, aos 29 anos, depois de ter feito tratamento, ela rompeu seu relacionamento.

Mesmo com todo o preconceito da época, sua mãe lhe deu total apoio e não rejeitou sua decisão de ser mãe solteira. Sua mãe, a pessoa mais importante dentro de seu núcleo familiar, o ponto fixo, não teve preconceito com o seu jeito de pensar, seu jeito de planejar a vida e esse apoio lhe deu a chance de construir tudo que ela almejou profissionalmente e na vida pessoal.

A vinda do filho foi pensada até em termos dos cuidados dispensados a ele. Pois até então os pais de Carmem não possuíam um imóvel próprio, isso era uma das questões que a afetava, pois para ela era necessário adquirir uma situação social estável e isso inclui ter uma casa. A casa própria é um elemento concreto e simbólico na vida dos ocidentais. Ela é vista como abrigo, proteção, e ter ela para si, não morar de aluguel é garantir a permanência do lar, garantir uma segurança que não irá se esvaír.

Além da educação para o trabalho Carmem também desenvolveu um comportamento de iniciativa, ou seja, ela era aquela que precisava resolver os problemas, tanto os seus próprios quanto os de seus pais, seu filho, seus vizinhos, seus clientes. Deste modo, nessa época seus pais não possuíam casa e ela precisava ter a certeza de que eles a ajudariam a criar seu filho. Decidiu então unir duas situações:

[...] eu vou tomar essa situação e vou resolver essa parada. Eu vou comprar uma casa lá pra mim. E como eu quero ter um filho sozinha, eu vou ter uma casa, aí eu vou convidar o meu pai e a minha mãe pra morar e vou perguntar pra minha mãe se ela me ajuda porque se ela não me ajudar daí eu não vou ter, porque eu sabia que eu queria ter um filho sozinha. [...] E aí, comprei a casa. Meu pai e minha mãe foram

morar comigo. E aí o pessoal da Luminar começou a insistir pra mim assumir gerência. Eles faziam tempo que tavam me convidando pra assumir gerência. E aí quando eu ganhei o Ricardo é óbvio que minhas despesas aumentaram, né. Aí tinha que ter um salário maior. Aí ou eu saía da Luminar e ia trabalhar numa empresa, arriscando não gostar e ganhar um pouco mais, ou assumia uma gerência da Luminar. Mas eu gostava, sempre gostei muito de trabalhar na rua. Então era um conflito né, mas eu vou... (Carmem, 2008).

Quando então decide assumir a gerência de uma das lojas da Luminar, Carmem opta por sair de Criciúma, pois para assumir um papel de chefe deveria iniciar em um lugar onde os subalternos não fossem seus conhecidos, não tivessem sido seus colegas de função, pois nessa situação não lhe dariam o devido respeito. Ser respeitada era uma preocupação muito forte durante a vida de Carmem, ser respeitada como vendedora, depois como chefe, como mulher, como uma pessoa de prestígio, de status social, ou como diriam antigamente: uma pessoa de boa fama.

Ao assumir a gerência de uma loja fora de sua cidade, Carmem iniciou a dinâmica do que seria sua vida nos próximos anos: “Era toda vida trabalhando no limite” (Carmem, 2008). Ao escolher ser mãe solteira e ser uma profissional bem sucedida a fim de elevar seu padrão econômico e seu status social, Carmem gera uma espécie de neurose muito comum na vida moderna. Aquela da falta de tempo para desenvolver atividades prazerosas, e aproveitar as relações que lhe são mais caras. A sociedade capitalista exige que você use todo o seu tempo disponível em prol do capital. Com filho pequeno para criar e muitas responsabilidades no trabalho, Carmem se virava como podia. Teve sempre empregada e babá, mas durante muitas noites teve que levar seu filho consigo para garantir o faturamento. Nunca teve hora pra chegar em casa.

Eu já era boa profissional aos 18 anos. Quando eu fui trabalhar no SESC, eu comecei a trabalhar no SESC eu tinha 17 anos, no SESC tinha, devia ter lá, mil sócios, no final de um ano que eu tava lá, tinha cinco mil sócios. Eu sempre fui de trabalhar muito. Eu não tinha muito... eu não tinha preguiça, eu era toda vida atacada, toda vida atacada. [...] Ah, é pra ficar até as dez? Vamos! Tem que fazer isso. Vamo! Tem que apresentar o orçamento, oh... esse orçamento tem que ta... eles me entregam o orçamento às cinco horas da tarde, esse orçamento tem que ta pronto amanhã de manhã. Tem 54 folhas de orçamento, vamos trabalhar até a hora que terminar. Trabalhamos até as duas horas da manhã, até as três horas da manhã, se precisar virar noite nós viramos. Depois nós vamo (Carmem, 2008).

Sua vida desde adolescente sempre se desenvolveu no sentido de provar para a sociedade que ela poderia ser tão boa quanto qualquer homem, ou até melhor que eles, bastava uma oportunidade e o respeito dos demais colegas. Em sua área de atuação, como vendedora externa, em Criciúma, ela foi a pioneira. Devido a isso sofreu muito preconceito e

teve que de alguma forma criar uma postura mais rígida, embrutecer, para sobreviver no mercado extremamente machista e traiçoeiro.

E aí tu ia nos lugares, eu ia nos lugares pra vender. Porque assim, eu sempre fui muito reta. Eu não tinha muito. Eu sou muito carrancuda, eu não tenho senso de humor. Eu vou num lugar eu vou pra trabalhar, eu não vou lá pra outra coisa, eu vou pra trabalhar. E aí os cara pensavam que eu ia pra outra coisa. Aí eles chegavam... Teve um comprador que disse se nós não sair junto tu não vai... tu não vai... eu não vou comprar nada de ti. Muito bem, não é que tu não vai comprar de mim. Eu não vou vender pra ti e nem a empresa que eu trabalho nunca mais vai vender pra ti enquanto tiver tu na função de comprador, porque tu é um grandíssimo filho da puta. Tchau! Isolei o cara, isolei uns meses, ele me telefonou. Ô mais tu é braba, heim. Eu sou braba, eu sou uma profissional, tu não me respeitou como profissional, vai a merda. Tô eu aqui trabalhando que nem uma loca pra construir uma coisa pra mim, vem tu aqui querer quebrar [...] (Carmem, 2008).

A rigidez enquanto profissional teve influências na vida pessoal de Carmem. Seu lema na vida pessoal era: “Nada de homem na minha casa dando ordens”. Não foi educada para ser subserviente aos homens. Para ela um relacionamento só poderia dar certo se o seu parceiro a enxergasse de igual para igual e não desejasse uma mulher submissa que iria fazer todas as suas vontades e concordar com todos os seus pensamentos. “É por isso a questão de ter um filho sozinha. Porque daí eu ficava pensando, será que eu vou aturar um homem dentro de casa querendo dar... querendo repartir. Com essa minha mania de fazer as coisas do meu jeito e não ficar muito perguntando” (Carmem, 2008).

E quando fala nas diferenças culturais e financeiras entre homens e mulheres é bem categórica. Homens na sociedade em que vivemos não conseguem aceitar ter uma posição abaixo das mulheres, têm dificuldades em administrar em suas vidas pessoais esse fator. Se sua companheira tiver mais dinheiro do que ele é preciso humildade de sua parte para construir uma relação harmoniosa. Agora o contrário, que é o mais comum, faz os homens agirem como se possuíssem uma espécie de poder pelo sexo oposto e o usam tanto na vida pessoal como profissional.

Por que assim oh, por menos... por menos... a pessoa precisa ter assim um nível de... humildade pra aceitar que a outra pessoa tenha mais que tu e... te ponha o gancho pra ti levar junto. Principalmente na condição de mulher, porque daí. Aí se é o homem que tem dinheiro tu é obrigada a... e eu sou muito... sempre fui muito independente. Não tenho assim essas coisas de ficar... ah não, tá bom querido. Não é meu querido, se não fizer as coisas conforme eu quero já vai... eu já... então é muito difícil pra um homem querer uma mulher parecida comigo. [...] Porque daí, quando tem dinheiro pensa que pode tudo, né... e eu sei porque eu conheço os homens que tem dinheiro bastante. Então tem... essa... essa... diferença (Carmem, 2008).

Carmem se mostrou sempre uma mulher forte, não era dependente de homem algum, ao contrário, para sua família ela se tornou a pedra de alicerce, aquela que sustenta os pilares quando a construção está prestes a desmoronar. E foi o que fez no ano de 1996 quando descobriram o câncer de seu pai. Daquela data em diante, todas as propostas de gerências oferecidas a ela para sair da cidade Carmem rejeitou. Segundo sua fala, nessas horas prevalece os laços familiares e o “sangue italiano”. Seu pai veio a falecer em 1999 e no dia de seu enterro a casa em que viviam na Mina do Mato foi arrombada e esse fato foi determinante para ela adquirir o apartamento no bairro Comerciário. Morar em casa, sozinha, sua mãe não queria. Então Carmem comprou o apartamento na planta, colocou a casa e o carro em negociação e chamou sua mãe para morar com ela.

Comprar apartamentos na planta em condições mais acessíveis e financiamentos melhores é o que atrai boa parte dos criciumenses a deixar a morada horizontal para morar verticalmente. A especulação imobiliária e as facilidades propostas por bancos e construtoras induzem ao aceleração da produção de uma cidade cada vez mais verticalizada.

Depois de uma situação de arrombamento, roubo, sequestro, ou qualquer outra forma de violência urbana, o medo incutido nessas pessoas que passam por esse tipo de experiência traumática faz eles verem no apartamento a solução para a violência. Muitos deles, acostumados com uma vida de muito contato com a natureza, prefeririam outra solução, como é o caso de Carmem, mas não veem saída e se rendem ao modelo de residência, em tese, mais segura.

Aí a opção de morar em apartamento em princípio foi por isso. Por causa do ladrão. Eu tenho muita vontade de morar numa casa. Porque eu gosto muito de flor. Adoro minhas florzinhas. [...] Depois que eu fui morar em Araranguá, faz quinze anos que eu moro em apartamento. Mas, de 47, 15 eu morei em apartamento, os outros todos foi em casa. Então assim, eu gosto muito dessa história de ter um jardim, acho muito bonito, esse negócio de ter um jardim é legal. Eu gosto muito das coisas arrumadinhas, assim... A casa da Mina do Mato era um brinco. Tudo... era tudo... tinha jardim, era tudo enfeitadinho, tudo direitinho. Porque meu pai e minha mãe eram muito caprichosos e eles cuidavam da casa. Mas agora, talvez um dia eu ainda volte. Mas agora, a questão de morar em apartamento é pela... pela... questão da segurança (Carmem, 2008).

A maioria dos sujeitos que se mudam de um lugar horizontal, com jardins, árvores, bastantes verdes, sentem falta de todo esse contato quando vão morar em prédios no meio da cidade. Vemos hoje nos apartamentos uma realidade bastante diferenciada de gerações convivendo juntas. Uma que se mudou para o apartamento depois de muito contato com a natureza e outra que nasceu já no modelo de cidade vertical e que não imagina como é viver

uma vida com maior contato externo. “Porque agora o Ricardo¹³ tem 18 anos, 15 ele morou em apartamento. [...] Então ele tá acostumado a sair, deixar a janela aberta. Esses dias ele deixou a porta aberta, né. Então agora, eu acho muito imprudente morar numa casa” (Carmem, 2008).

E para falar de sua relação com o apartamento Carmem faz referência ao fato de ter que viver obrigatoriamente em comunidade. “[...] porque quando tu compra um apartamento. Quando tu vem morar de aluguel é diferente... mas quando tu compra. Tu é obrigada a desenvolver uma relação comunitária” (Carmem, 2008). A compra do apartamento é diferenciada da locação pelo fato de comprar o apartamento para si e adquirir a moradia própria, aquela relação de abrigo, de proteção, que já vínhamos discutindo anteriormente. O próprio morador faz a diferenciação, comprar o apartamento e ter o seu porto seguro constituído, locá-lo é sentir-se como um navio aportado que mais cedo ou mais tarde irá zarpar para outros mares. Deste modo a relação de vizinhança também se torna diferenciada. “Não tem como não ser, [...] num apartamento tu tem que ter um espírito comunitário mesmo. Porque se não... oh, tá vendo? Barulho? É barulho, é cachorro, é gato, é periquito, é criança, é...” (Carmem, 2008).

Seu pensamento também é baseado nos valores adquiridos desde a infância. Podemos perceber claramente a questão da visibilidade social envolvida no sentimento de comunidade. “Porque são pessoas com quem tu te depara no elevador, no hall ou na garagem, todos os dias, ou pelo menos em alguns dias, né. E se tu não construir... eu sei porque eu tive que fazer isso”. (Carmem, 2008). Novamente fica explícita a questão de “fazer o nome”, você deve construir sua boa fama entre os vizinhos, ter com eles relações que demonstrem seu bom caráter e sua boa índole. “E aí quando tu é o dono do imóvel tu acaba tendo essa preocupação porque se tu gerar um conflito com um vizinho, como é que depois tu vai pegar o elevador, ou... pior, não pegar o elevador quando ele tiver dentro, né” (Carmem, 2008).

O espírito comunitário para quem vive em apartamento tem a ver com questões burocráticas resolvidas em reuniões de condomínios, as quais possuem um quorum reduzido, pois a maioria dos moradores, assim como fazem em relação aos governantes, colocam o síndico no “poder” e vivem sua vida normalmente não se preocupando se algo está sendo feito ou não. Quando se dão conta, alguma coisa nova aparece na sua frente e eles nem têm ideia de onde surgiu. Quem participa, como é o caso de Carmem, sabe bem como funciona a dinâmica

¹³ O filho de Carmem, Ricardo, é um dos sujeitos de pesquisa. É interessante comparar as duas versões de uma mesma realidade. Cada qual enxerga os acontecimentos ao longo de suas vidas de formas bastante diferenciadas.

do prédio e quais são as regras do jogo e todas as negociações que precisam ser feitas para que 27 moradores consigam viver no mesmo espaço, com um nível de cordialidade e tolerância aceitável.

O processo de apropriação do apartamento e do bairro está bem constituído no âmbito de Carmem. Ela mora em sua rua de infância, em meio às lembranças e o arvoredo que enxerga pela varanda de sua casa. A região onde se encontra o seu prédio é um lugar de divisa, segundo o plano diretor municipal, na parte superior do bairro não podem ser erguidas edificações verticais, pois é uma região minerada em seu subsolo (Ver mapa da página 96). Por conta disso, a paisagem avistada pela sacada de sua casa é paisagem de moradias horizontais com uma vasta vegetação. Ao lançar o olhar para o horizonte, Carmem consegue ver a serra e seu sonho de moradia...

[...] no fim de semana eu gosto muito de ficar nessa área, se fosse de dia você ia entender o porquê¹⁴. Aqui tem muitas árvores e como eu te falei, que eu gosto muito. [...] E também, por que meu desejo sempre foi comprar uma casa na serra, se eu tivesse dinheiro eu iria comprar uma casa lá, lá em Urubici. Nossa, é um lugar lindo, lindo. E depois tem outra coisa, essa região aqui em cima foi onde eu me criei, eu conheço ainda muita gente que mora nessa região, eu sei a maioria das pessoas que moram ali. Lá era minha casa (ela aponta o lugar) (Carmem, 2008).

Seus devaneios em relação ao lugar têm sempre cheiro de família. A síntese poética é feita pela história familiar. Os objetos pelos quais tem apreço trazem o orgulho de seu sobrenome e de sua história. São heranças familiares sem preço, alguns objetos foram resgatados, restaurados com o intuito de guardar a memória familiar. Para ela a grande magia da restauração está em ver a história de sua família sendo eternizada.

Segundo Gonçalves (2007, p. 40), “o tempo interior do sujeito, ou seja, o tempo psicológico é acionado pelo objeto estético produzido”. O momento poético é de revelação, nesse instante o sujeito se transporta para outra dimensão e vive a estética da obra. Complementa ainda o autor que “a experiência poética se dá em três tempos: sujeito, objeto estético e a relação entre eles” (GONÇALVES, 2007, p. 40).

Para Carmem, não há somente beleza no resgate e na reforma de um objeto que esteve durante tantos anos percorrendo a história de sua família.

Não!! Não é só beleza. O que me encanta é exatamente a história e a transformação, né. Porque eu gosto muito disso. Desse negócio de transformar e deixar bonito. Isso

¹⁴ A pesquisadora voltou ao prédio onde Carmem mora, em outra oportunidade, para bater a foto daquela região do Comércio pela sacada de seu apartamento.

que é a essência da transformação. Mas, transformar o que é dos outros... não é a mesma coisa. Transformar o que tá dentro da tua família... porque esse negócio da família pra mim é... dos parentes da minha mãe e do meu pai é uma coisa que eu vou longe atrás (Carmem, 2008).



Figura 4: Paisagem avistada pela varanda da casa de Carmem

Fonte: Do pesquisador

Tão longe que viajou duas cidades a fim de comprar os brasões de sua família e pendurá-los na parede como um sinal de amor familiar e orgulho de ser quem é e ter as origens que tem.

Na visão de Rabinovich (2005, p. 122), “são os aspectos decorativos do ambiente os que mais se prestam a esse encontro em que o ser/fazer se revela em sua dupla face: estruturado e estruturante, vitrine e espelho”.

Em cada cômodo do apartamento existe uma história para contar. O sofá da sala já está com ela há 20 anos, foi reformado para combinar com o estilo mais arrojado de seu apartamento. Ali também se encontram dois baús, um dos quais era o guarda-roupa de sua avó. Esse objeto foi restaurado por seu pai há cerca de 20 anos, mas sua história data de 85 anos atrás. Enquanto apresenta a casa e seus objetos, Carmem relata os significados ocultos de cada artefato e seu prazer em morar em um local cheio de aconchego familiar. Um dos quartos é mobiliado com o jogo de quarto de sua mãe, por suas próprias palavras, ali está a cama em que ela foi feita. Trazer o jogo de quarto da mãe para seu apartamento significa uma

abertura, um convite para recebê-la e ter um lugar especial, um lugar onde também ela se sintia em casa. “Então essa cama tem um... um... significado muito mais forte. Porque foi a cama do meu pai e da minha mãe. Era a cama dela. E então se um dia ela quiser vir morar comigo, a cama tá aqui” (Carmem, 2008). E complementa ao ser questionada se ela não poderia ter montado outro quarto para a mãe, mais novo, mais moderno: “Não... a gente não joga a história fora, né. A história tem que caminhar junto com a gente” (Carmem, 2008).



Figura 5: As origens sendo condecoradas em um espaço privilegiado do apartamento .
Fonte: Do pesquisador.

Além desses móveis, ela guarda na cozinha, com muito cuidado, as porcelanas legítimas que foram presentes de casamento de sua mãe. O jogo de jantar com bordas decoradas em fios de ouro e o jogo de chá são objetos caros para Carmem, não por seu valor efetivo, mas pelo significado que têm para sua mãe e, conseqüentemente, para ela também. Em cada elemento uma história, em cada história um sentimento e o “dar-se conta” de si mesmo, como nos lembra Rogers. Por meio dessas peças, Carmem se faz humana e se reencontra com seu eu mais profundo e devolve aos homens a humanidade perdida.

Ah.. aquele ali, por exemplo, vem aqui, me oferece quinze, vinte mil pelo baú eu não vou vender. Não vai ter dinheiro pra me pagar aquilo ali. Aquela ali foi uma coisa que acompanhou a história da minha família. Não vou me desfazer dele. [...] Aí eu assim, o pai, mas o pai tinha essas coisas, o pai gostava de arrumar essas

coisas. Eu disse o pai, eu queria até que tu lixe, mas eu não quero que tu tire a história dele. Eu quero que deixe um pouco melhor, porque ele tava muito judiado. Mas não tire as ranhuras, não tire. Só lixe suavemente pra deixar a textura um pouco melhor. Pra tirar as farpas e conserta as fechaduras, essas coisas tudo e depois enverniza. [...] E aí o pai foi lá, ajeitou tudo, arrumou. Quando ficou pronto, ficou isso aí. Que eu acho uma peça maravilhosa, né. E já teve gente que já veio aqui já me cantou.. (Carmem, 2008).

O sujeito, quando se apropria de um lugar, tende a colocar nele sua marca. Assim, cada lugar reflete a personalidade do morador que ali reside. Carmem não desejava qualquer baú e nem uma restauração por completo, algo que apagasse a história contada pelo guarda-roupa de sua avó. Se as ranhuras fossem retiradas o que haveria para lembrar? Não. Ela precisava de um elemento de evocação, um objeto de fruição poética capaz de transportá-la pelos seus espaços psíquicos interiores. Em cada ranhura uma vivência escondida, uma trajetória percorrida, uma derrota, uma vitória... mas uma vida que se revela a cada instante sendo recontada pelas mãos e os pensamentos de Carmem.

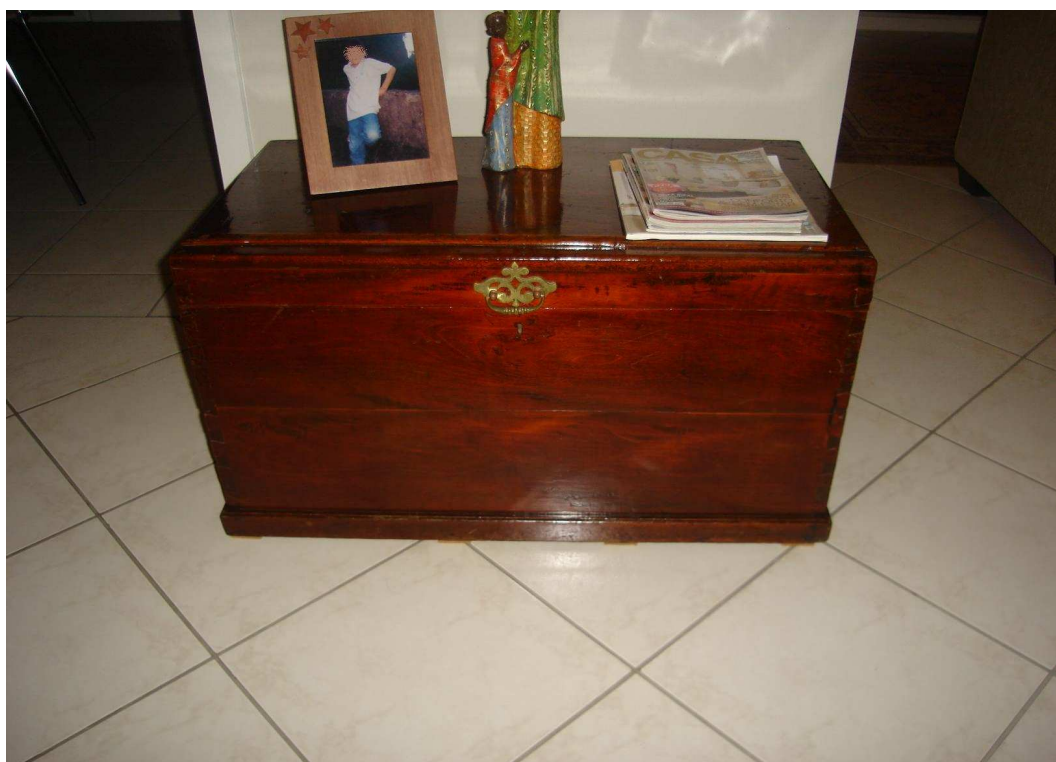


Figura 6: Relíquia da família de Carmem

Fonte: Do pesquisador

Para um morador de um edifício a apropriação do bairro tende a não ir muito além dos arredores de seu prédio. Quando este possui uma identificação com o bairro, ela está relacionada muito mais com a rua em que vive e com os prédios e equipamentos urbanos vizinhos. Isso ocorre talvez porque além de sua rua o sujeito só consegue enxergar um

aglomerado urbano. Um conhecimento profundo dos moradores de prédios distantes demandaria uma permanência muito maior no bairro e um tempo que o espaço urbano não permite a seus habitantes. Desse modo, quando Carmem representa o seu bairro por meio de um desenho, ela o faz até os limites principais de sua rua, que é em síntese o espaço do bairro que ela conhece, se identifica e do qual ela cuida e se sente pertencente efetivamente.

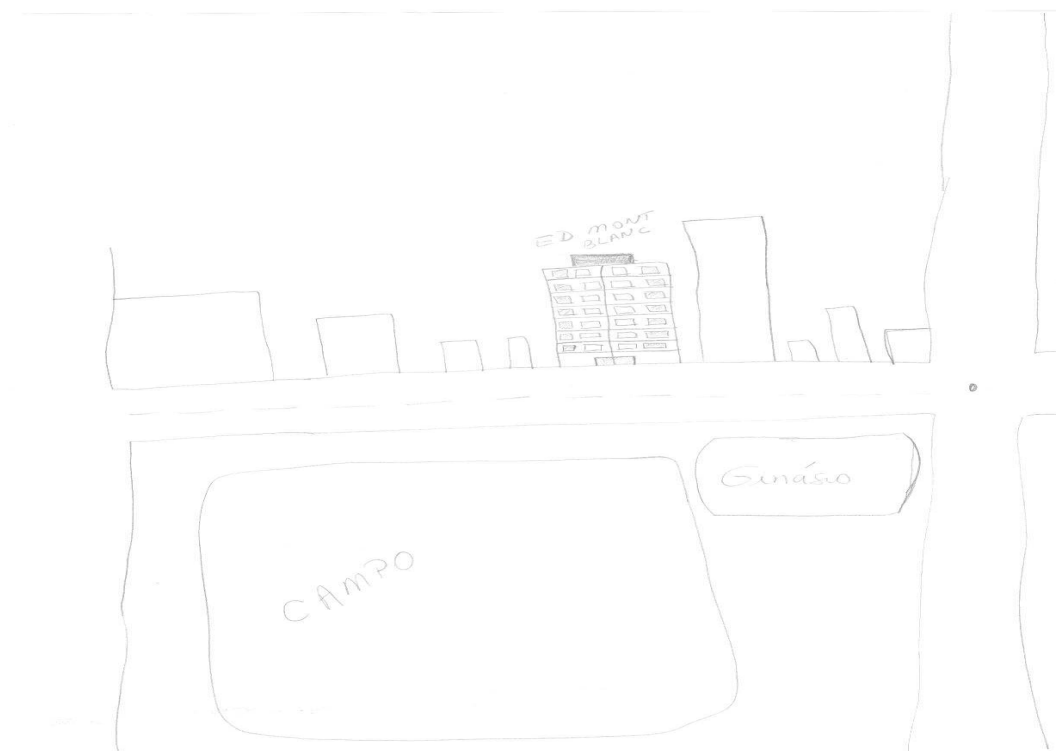


Figura 7: Desenho do Bairro Comerciário elaborado por Carmem
Fonte: Carmen (2008)

A apropriação do espaço é demonstrada pelo sujeito por sua ligação afetiva com determinados lugares. No caso do bairro e do prédio, Carmem faz sempre o mesmo movimento, de cuidar para que todos possam usufruir dos espaços com conforto e em iguais condições. Ela sempre procura auxiliar na resolução dos problemas relacionados à rua e ao prédio que afetam o dia-a-dia dos moradores, independente se ela está sendo afetada diretamente ou não. Em seu entendimento ela vê isso como uma obrigação de quem convive com tantas pessoas dentro do mesmo espaço físico. Mas analisando mais a fundo suas atitudes, podemos perceber os traços de um sujeito que se identifica com o lugar e dele se apropria tentando devolver para o ambiente um pouco de si, de seu cuidado, seus valores, enfim, do que imagina fazê-la mais feliz e aos demais vizinhos.

Em relação ao apartamento não é diferente, não existe um cômodo mais ou menos apropriado, todos eles foram organizados segundo o gosto e as vivências da entrevistada. Na varanda as plantas que lhe fazem lembrar dos jardins cultivados nas casas onde morou e ainda do sentimento familiar envolvido, da ideia de união que sempre esteve presente em sua vida. Por cada planta da varanda Carmem tem um sentimento especial, pois todas elas foram ganhadas em algum momento de sua história por um familiar diferente. Pelo sentimento de apreço em relação a todo o apartamento, Carmem o representa na íntegra, com muitos detalhes e ainda escreve: “Meu lar”.

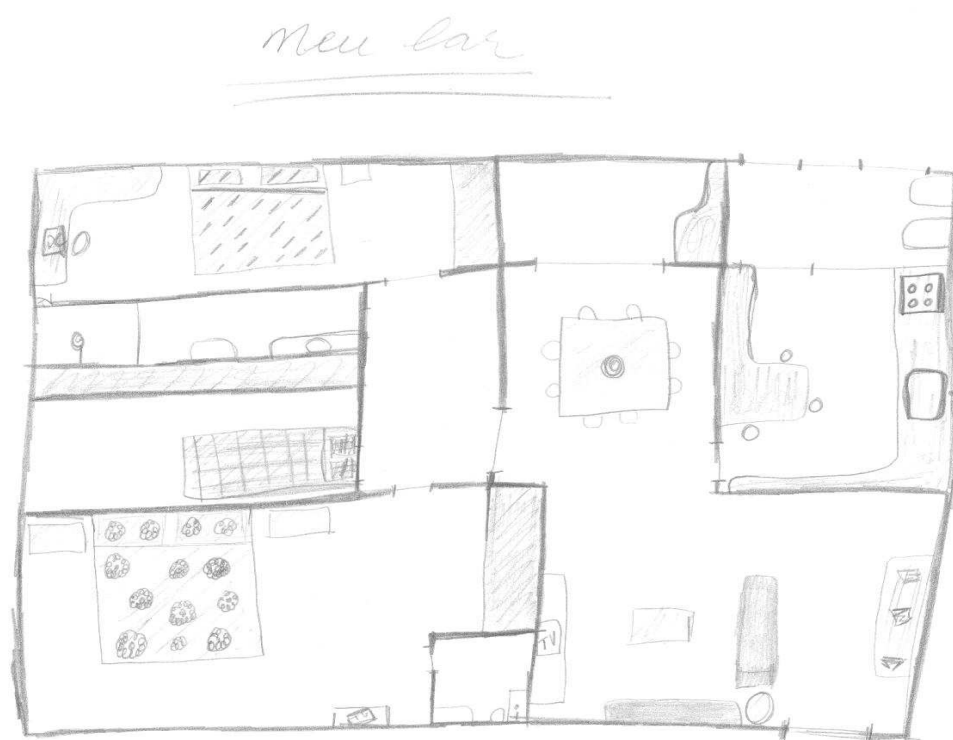


Figura 8: Desenho do apartamento feito por Carmem
 Fonte: Carmem (2008).

O lar de Carmem é seu lugar de aconchego onde ela pode habitar a sua maneira, deixando o lastro familiar muito vivo nos objetos e plantas cultivadas. Ali encontram-se todas as suas conquistas. Ela almejou uma vida melhor e conseguiu construir um lar e um nome. A partir de agora não é mais “qualquer uma” entre tantos moradores criciumenses. Não, agora ela tem o seu lugar ao sol. Em seu apartamento ela vê sintetizado todo o seu mundo interior, por isso não precisa falar sobre ele, ele está expresso em todos os cômodos de sua casa, em cada transformação entre um objeto velho em uma jóia preciosa de sua família. Seu apartamento é regado pelo calor familiar de todas as lembranças vividas nos arredores de seu prédio, onde um dia ela já brincou até altas horas da noite nas ruas de estrada de chão, hoje

cobertas por asfaltos e cheias de edifícios verticais. De sua janela ela presencia passado, presente e futuro. Um futuro conjugado no pretérito quando ela se lembra de passagens de sua vida, pela saudade da casa na serra que nunca realmente foi construída, mas da qual ela sente a presença muito viva cada vez que passa os olhos através de suas janelas.

6.3 Morando no aglomerado individual e Habitando o Pio Corrêa

A casa do sujeito é seu abrigo, o lugar onde finca raízes e constrói sua humanidade. A transição de uma casa para um apartamento pode ocorrer sem grandes emoções, mas pode guardar consequências sérias na vida de alguém com o decorrer dos anos. Carlos¹⁵ tem hoje 42 anos, morou até os 17 no bairro Pio Correia. Embora tenha se mudado para apartamento muito jovem, ele jamais conseguiu sair completamente dos arredores de seu bairro de origem. Sua casa com muito espaço, as ruas asfaltadas, as descidas de carretilha, as árvores floridas e a praça. A praça é tudo que restou de sua vida enraizada nesse bairro. Ele ainda acorda pelas manhãs e vai caminhar nessa praça, passa pelas casas de seus antigos vizinhos e amigos encontrando seu lar de infância, não consegue evitar a saudade falando alto em seu peito.

Viveu sua infância com muita liberdade, muita atividade esportiva, muita brincadeira de criança na rua: bicicleta, carretilha, peão, bolinha de gude, pandorga, etc. Uma época sem grandes preocupações em relação à segurança. “A violência se ouvia falar mais estava ocorrendo em outras cidades como Porto Alegre, Rio de Janeiro [...]” (Carlos, 2008).

Essa infância vivenciada por ele não existe mais. Ao tirarem as crianças das ruas muitas brincadeiras infantis, consideradas culturais por Carlos, foram se perdendo, as crianças não sabem mais tocar peão, brincar com bolinha de gude, bilboquê ou empinar pipa. “Até esses tempos teve um trabalhinho na escola da minha filha e eu era o único pai que sabia fazer pandorga... eu tenho 42 anos, eu não me acho tão velho para que este tipo de cultura tenha se perdido com pessoas mais jovens do que eu” (Carlos, 2008).

Para Carlos, a extinção desse tipo de brincadeira se deve ao individualismo das famílias e à entrada do computador na vida das pessoas. A sociedade moderna trancou as pessoas nos quartos e ligou o computador e a TV para elas verem o mundo por meio de telas.

¹⁵ Carlos tem 42 anos, foi entrevistado no dia 31/03/08 às 19:30 hs. Mora em um apartamento no bairro Comerciário há 13 anos com sua esposa e duas filhas.

Sem interação com outras crianças, já não conseguem mais desenvolver o senso de coletividade.

[...] é tudo pronto, isso acaba repercutindo no seu pensar. Quando você faz uma brincadeira de pega-ladrão e de esconde-esconde você é partícipe dessa brincadeira, seja perseguindo ou sendo perseguido você vai tendo que trabalhar na sua cabeça, conceitos que o computador é que está fazendo virtualmente. Não é a mesma coisa, o objetivo até dos dois jogos é o mesmo, mas o trabalho não é o mesmo (Carlos, 2008).

Quando a criança é impedida de realizar atividades como jogar futebol, ou andar de bicicleta e passa a ficar em casa jogando videogame, assistindo TV ou utilizando o computador de forma exacerbada, ela acelera seu desenvolvimento intelectual e prejudica a criatividade e o universo simbólico de sua infância. A psicologia do desenvolvimento infantil enfatiza a importância da socialização para o desenvolvimento intelectual, afetivo e interativo da criança. Desenvolver-se exclusivamente dentro do espaço de um apartamento, com aparelhos eletrônicos e sem socialização, compromete a futura personalidade do sujeito e sua vida de um modo geral.

[...] não tem interação, e eu acho que isso é uma grande perda que se tem da criança. E acho que isso repercute muitas das vezes nas inseguranças delas. Talvez a gente tenha depressão, estresse, coisa e tal, às vezes por dificuldades de tomada de decisão, que lá naquela brincadeira lúdica que aprendemos, será que eu vou por aqui ou por ali, tem que optar. Se eu for por aqui eu vou ser pego, se for por ali eu não vou. São aprendizados que se tem na vida que as gerações que vieram depois estão deixando de ter. Isso eu acho até que repercute nos negócios na formação de novos líderes, novas cabeças pensantes e acho que na minha avaliação é todo um contexto. Se você perceber em Criciúma quem são os novos líderes você vai ver que são pessoas que saíram de situação muito mais humilde, pessoas que tiveram que enfrentar desafios ao longo de suas vidas. E as pessoas mais protegidas acabaram tendo medo de tudo, eu acho que essa questão acaba repercutindo e assim... (Carlos, 2008).

Carlos vivenciou essa interação e as brincadeiras lúdicas que tanto acha importante para a formação de novos líderes. Sendo advogado, com uma carreira bem sucedida, pode-se dizer que as brincadeiras infantis e uma adolescência com relações sociais fecundas foram um auxílio importante para seu sucesso profissional. “[...] eu tive uma adolescência muito boa, preocupação dos pais com relação ao contato com pessoas que usam drogas. E isso é natural, algo que hoje todo pai sabe que tem que cuidar. Eu agradeço a Deus por ter passado por tudo isso” (Carlos, 2008).

Ao sair de Criciúma com seus 17 anos, Carlos teve sua primeira experiência de morar em apartamento. Lá havia muito contato com os outros estudantes, muitas festas, por

isso o fato de estar em apartamento não era motivo de isolamento. Além disso, a experiência de morar fora de casa, no centro de Florianópolis, com outros amigos para cursar a faculdade soou como uma novidade gratificante e não como o início de uma vida mais individual.

Em 1989 ele volta pra Criciúma e casa-se em 1992, indo morar no apartamento que vive até hoje com sua esposa e suas duas filhas. Carlos mora em uma região do Comerciário que cresceu muito nos últimos 20 anos, quando foi morar ali em 92 havia cerca de quatro ou cinco prédios. Enquanto ele concede a entrevista, lembra das paisagens contempladas pelas janelas de seu apartamento pouco a pouco encobertas por outras tantas paredes de concreto. “[...] nós tínhamos a vista daqui pelo lado de lá da Centenário, esse daqui nós conseguíamos ver o morro ali de cima, era uma vista bonita” (Carlos, 2008).

Segundo ele não sentiu o impacto em relação à restrição de ambiente quando de sua mudança definitiva para apartamento. Ele considera seu apartamento bastante diferenciado dos demais, visto cada morador ser proprietário de um andar inteiro. São 16 anos morando em apartamento e tendo uma vida confortável. Somente em 1999, quando construiu uma casa na praia, ele começou a sentir vontade de voltar a morar em casa novamente. O contato com o chão, num terreno com muito espaço, o fez ter devaneios com as lembranças de quando morava em casa. “[...] lá a gente tem um terreno bastante grande. Aí é que é como te falo, casa é tão bom, casa é tão bom, casa é tão bom. Nós temos um receio em relação à segurança com um problema que envolveu um assalto aos meus sogros” (Carlos, 2008).

Devido a uma situação traumática de sequestro ocorrida com seus sogros em Criciúma, Carlos não acha prudente morar em casa, com sua família. Embora já tenha conversado com sua esposa em relação a isso, ela não consegue livrar-se do trauma para morar em casa novamente. Na casa da praia, em um ambiente de veraneio, ela sente-se bem, por ser uma situação transitória e não estar registrada qualquer forma de violência em seu imaginário.

Carlos não se incomoda em morar em apartamento, mas não consegue se apropriar do bairro, mesmo depois de tantos anos morando ali. Conforme o bairro foi se adensando ele foi tendo um retrocesso, uma “desapropriação”, se é possível dizer desta forma. Sem contato com os vizinhos, não consegue aprofundar seu sentimento em relação ao bairro.

O que que hoje me incomoda? Não é o apartamento, mas é o meio. E aí entra outra questão. Tu tá num meio aqui, que tu tens barulho de carro, que há 15 anos atrás tu não tinha. Tu tens fila aqui, ou tu sai um pouquinho antes ou sai um pouquinho depois. Dia de chuva é um terror, e aí começa a entrar nesses pequenos estresses (Carlos, 2008).

Segundo Mourão e Cavalcante (2005), é característica humana sua modificação interior devido aos contatos exteriores desenvolvidos com outras pessoas. Ele se apropria de novos elementos para sua identidade por meio das relações vivenciadas durante sua existência. A apropriação tem caráter ativo, o sujeito não pode ser comparável a um líquido capaz de se moldar ao ambiente e apenas absorver dele suas percepções, ele se apropria ou não de um lugar conforme sua individualidade dentro do seu contexto social e de sua história pregressa. Se não há interações suficientes envolvendo outras pessoas, não poderá haver apropriação.

Ao percorrer o bairro Comerciário um transeunte pode verificar vários modos de morar e habitar, em cada hemisfério do bairro predomina um tipo de vida completamente diferente do hemisfério oposto; isso se deve, em parte, por causa das vias de trânsito. Segundo informações da CODEPLA, existem dois anéis viários centrais interligando o centro aos bairros Michel e Comerciário, um deles faz “ponte” com a rua, onde Carlos mora e permite o escoamento do trânsito que segue para o Centro da cidade, os Hospitais e a Avenida Chile em direção ao bairro Próspera. Esse é o principal motivo pelo qual o fluxo de automóveis aumentou radicalmente nos últimos anos em sua rua e se tornou ainda mais intenso há cerca de um ano quando da modificação dos sentidos de algumas ruas nas proximidades. Inclusive a parte final da rua onde Carlos mora foi modificada, tendo hoje acesso nos dois sentidos. Essa rua faz ligação com um dos anéis viários, sendo uma facilitadora para fluxo de automóveis que fazem o trajeto BR101/Quarta-Linha e bairro Universitário/Fórum/São Luiz desejando chegar ao centro da cidade.

Segundo Campos Filhos (2003), uma pesquisa realizada nos Estados Unidos por pesquisadores da Universidade da Califórnia em Berkeley demonstrou que existe concordância pública sobre a quantidade de fluxo adequada para haver uma convivência de rua. Segundo tais pesquisadores, com até três veículos passando por um local por minuto existe a possibilidade de convivência pacífica entre os moradores dos prédios lindeiros, os transeuntes e os motoristas nos interiores dos veículos. Aumentando esse valor para quatro a oito veículos por minuto, a perturbação do fluxo se torna ruim, mas tolerável; além dessa faixa a perturbação ambiental é intolerável e os sujeitos abandonam as ruas como espaços coletivos e se isolam em suas casas ou apartamentos.

Contemplar grande parte das cidades brasileiras grande parte das cidades brasileiras provoca um sentimento de desolação. É a degradação dos ambientes, agravados pela miséria, mas não só ela. Construções e ambiências são sistematicamente destruídas e substituídas pelo modernoso. São lugares aviltados pela subjetividade, pela condição de eterno, de provisório, pela exacerbação da publicidade caótica e fora de lugar,

pela falta de manutenção, pelo lixo, pelas fiações aéreas e até pela poluição sonora que também perverte a qualidade do ambiente. Por trás disso tudo está a corrupção e/ou a incompetência gerindo o destino das municipalidades, diante de uma população resignada e passiva. Uma população que já nasce neste quadro referencial, acabando por achá-lo natural. (YÁZIGI, 2005, p. 254).

Carlos viu sua morada pacata ser transformada não somente em um lugar rodeado de prédios, mas também em um local com muito barulho. Este não foi o lugar onde anos atrás ele comprou um apartamento e escolheu viver. Seu ambiente de vida foi por demais alterado e em nenhum momento alguém lhe perguntou se desejava morar em meio às buzinas da cidade, numa rua diferente do que escolhera a priori.

Seu apartamento pouco a pouco ficou restrito em si mesmo. Já não possui a visão da cidade iluminada durante a noite e está sujeito à situação da janela indiscreta: “Tu está sujeito a ficar olhando ou tu está sujeito a ser olhado. Tira a tua privacidade” (Carlos, 2008).

Qualquer habitante de um local extremamente adensado sente a necessidade de fechar suas janelas, se privar em alguns momentos da claridade da rua, do calor do sol, das brisas suaves para não ter a sensação de estar sendo constantemente vigiado. Por meio da janela “damo-nos conta da existência do olhar de outrem, que espia por outras janelas. Corrigimos nossos comportamentos, sofremos a ação da liberdade desse outro que nos espia, e, igualmente, vê a cidade” (JORGE, 1995, p. 93)

Mas não é somente o barulho e a janela o único motivo de tanto incômodo. Carlos diz que a ausência de uma praça, um lugar público para convivência mútua deixará a cidade inabitável. Para ele existe solução, pois possui uma condição financeira estável para frequentar o clube, ter uma casa na praia e sair de férias no verão ou em alguns finais de semana. Mas essa será a realidade de toda a população residente em prédios?

Sen (2001) preocupa-se exatamente com essas questões de oportunidades. Ele denuncia o fato de não haver igualdade de condições para as pessoas usufruírem as possibilidades oferecidas pelo espaço urbano. Como ocorre entre os moradores de prédio que são aviltados pelas ruas movimentadas, pela verticalização exacerbada e pela ausência de espaços de convivência, mas não possuem iguais condições de “burlar” o sistema e encontrar espaços exteriores longe desse meio para terem maior contato com ambientes naturais e outras pessoas. Segundo o autor, não basta haver uma liberdade legal para comprar sítios, casas de praia e frequentar clubes se os sujeitos não estão intitulados a fazê-lo, pois somente tem acesso a essas benesses aquele “cidadão” que possui condições financeiras para comprá-las.

Entre os entrevistados, porém, todos encontravam um jeito de enfrentar a falta de espaço e parar o ciclo da individualidade. Estamos falando sobre a questão da segunda

residência. Carlos para espairecer leva sua família ao clube, à casa de praia, uma viagem, uma visita à casa de sua sogra em um bairro horizontal em Criciúma. “Então assim, geralmente a gente tem que sair desse ambiente para espairecer, ter contato com a natureza, brincar no açude, um amigo. Experimentar alguma coisa, meio fora do apartamento” (Carlos, 2008).

A criação de crianças dentro de apartamentos obriga os pais a encontrarem outros lugares para ofertar a elas experiências em ambientes exteriores. Caso contrário seus filhos só possuirão os playgrounds e os cômodos do próprio apartamento para brincar, pois os pais não têm coragem de permitir que seus filhos usufruam das ruas sem sua vigilância por perto. “[...] e aí eu faço um paralelo, nós brincávamos de pegar em árvores, tipo macaquinho, pulando de galho em galho, um pegando o outro e tal, nós brincávamos de esconder até onze da noite na rua. Isso que eu tô falando até sete e oito anos de idade” (Carlos, 2008).

O fato de ter boas condições financeiras em nossa sociedade também é um limitador de liberdades. Elas se sentem ameaçadas e preferem viver na cidade como se não fossem habitantes desta. Na realidade, tais sujeitos moram na cidade, trabalham nela, mas vivem em outros lugares. Vivem em suas viagens, nos clubes ou em suas casas de veraneio. Deixam a cidade para ser usufruída pelos pobres. Esses sim, se apropriam da cidade, são os verdadeiros fazedores da cidade porque não têm qualquer restrição em sua liberdade de andar pelas ruas, seja de dia ou de noite. O medo é inexistente para aqueles que não possuem nada que se possa perder além da própria vida.

A dificuldade em se apropriar do bairro é proporcional à falta de contato com os vizinhos. Carlos quase não vê seus vizinhos de prédio, mal os conhece direito, passa meses sem qualquer contato. Para ele o conceito de vizinhança deveria ser repensado, não existem mais vizinhos como os de antigamente. “Porque a gente na verdade mora junto. É um aglomerado de pessoas vivendo próximas, sem proximidade. Por que isso tudo?” (Carlos, 2008).

Sennett (2002) fala a respeito desse sentido de desconhecimento levando o sujeito a perceber-se perdido e sozinho diante de uma plateia de estranhos. É como se não houvesse vida para além do andar habitado. Um indivíduo pode viver anos morando em um prédio e nunca ter visitado qualquer dos andares superiores ou inferiores aos seus.

Talvez os dizeres de Carlos e sua pergunta no fundo seja a ânsia de muitos moradores de edifícios residenciais. O conceito de vizinhança para eles não existe porque suas vidas são voltadas para dentro do apartamento. Além de sua porta fechada, próximo ao elevador, não existe mais nada. Em outros lugares, onde sua mente não esteja tão ocupada com os compromissos, existe a possibilidade de uma relação de vizinhança: “[...] o teu

vizinho de praia é um vizinho diferente. Eu sinto isso, e talvez na praia todos estejam, vamos dizer... mais relaxados e esse relaxamento te permite uma aproximação com teu vizinho” (Carlos, 2008).

Poder-se-ia dizer, como outro entrevistado relatou, que em cidades médias e pequenas ainda encontramos um olhar amigo do vizinho de apartamento. Porém, pela fala de Carlos podemos analisar que essa realidade não existe para todos ou para todos os prédios. Alguns moradores de apartamentos vivem como quem vive em uma grande metrópole, correndo aceleradamente em sua vida cotidiana, tendo tempo de desacelerar somente da porta para dentro de seu apartamento. Isso quando conseguem, como Carlos, desligar computadores e TVs a fim de ter um momento para respirar, descansar e desenvolver atividades prazerosas com sua família. Essa é uma atitude consciente dele e da esposa, um esforço para não permitir a perda de laços afetivos familiares e para aproveitar o pouco de tempo que possuem e realizar programas comuns, sentar com suas filhas e ser realmente pais delas.

O grande pesar é saber que tantos Carlos tem seguido o mesmo caminho: viver para dentro e para si e deixar as ruas com seus inúmeros estranhos muito longe de seu campo de visão. Para Carlos, em seu bairro não existe integração comunitária. Ele não enxerga nenhuma ação nesse sentido e nem procura participar de reuniões ou de qualquer ação que diga respeito ao bairro e a sua comunidade, acredita que essas ações são inexistentes. Todavia, ao entrar em contato com o arquiteto da CODEPLA, fomos informados da participação de alguns dirigentes da associação de bairro do Comerciário em reuniões referentes à elaboração do Plano Diretor de Criciúma. O bairro Comerciário não está completamente fragmentado em termos de ações comunitárias. Em outra entrevista uma senhora relata haver uma associação de bairro atuante, da qual ela própria participa ativamente. Mas para Carlos essa é uma realidade distante e uma falha difícil de ser corrigida.

O que eu penso é o seguinte: isso é uma falha minha e nossa, né. Nós como cidadãos exigimos pouco daqueles que deveriam estar olhando por nós. O reflexo disso é lá em Brasília. Ninguém tá dando bola para o que precisamos. Eles fazem tudo ao bel prazer. Como nós não nos organizamos, nós precisamos nos doar um pouquinho para as coisas acontecerem. Te confesso que eu não participo. [...] talvez isso seja uma falta de prática do exercício de cidadania, meu, de todos os meus vizinhos e desta comunidade. E aí eu concordo contigo, pode ser um olhar, eu resolvo o meu problema e ponto. Pra que que eu vou me incomodar? Pode, pode, pode [...] (Carlos, 2008).

Na visão de Souza (2006), quando o sujeito abre mão do poder de decidir sobre questões referentes ao lugar onde vive, seja de seu condomínio, sua rua, seu bairro ou sua cidade, ele coloca-se numa posição de tutela perante o governo, como o faz a criança diante

do adulto. O sentimento de estar aliviado do peso da participação é um juízo distorcido referente ao ganho que atos políticos democráticos podem trazer para a vida da população. Souza complementa ainda que a percepção de ser a participação individual na administração pública um fardo para o indivíduo é um valor incutido por uma ideologia que estimula a apatia política e o desinteresse pelos assuntos coletivos.

Muitas pessoas, por comodismo, e apesar de uma usual desconfiança em relação à chamada “classe política”, podem achar ser mais fácil entregar o poder de decidir sobre assuntos que afetam a sua vida a políticos profissionais e especialistas, sem fazer ideia do quão funcional esse comportamento é para o sistema de dominação que, de um modo ou de outro, as prejudica ou pode prejudicá-las, ao tolher sua liberdade (SOUZA, 2006, p. 336).

Essa atitude tem relação direta com o fato de Carlos pensar ser mais fácil fechar a porta e deixar todas essas questões do lado de fora de sua moradia. Ao ser questionado se sua posição mais individualista se desenvolveu ao longo dos anos vividos em apartamento e se essas duas variáveis teriam de alguma forma uma relação direta, ele não soube dizer ao certo, mas pensa ser uma possibilidade bastante plausível e podendo ter coerência com sua história de vida.

[...] isso é difícil dizer.. (pausa longa) Pode ser que fique mais individualista. Se você ver no sentido de que tu resolve a tua questão fechando a porta. Em tese os problemas ficaram lá fora e tu te isolou do problema. Pode ser, é difícil de afirmar que isso categoricamente tenha ocorrido, mas negar que isso possa ocorrer também não é verdadeiro. Porque assim. Por que que a sociedade tá verticalizando? No fundo, socializa despesas. Tu rateia custos com pessoas, então tu tem o aspecto econômico, tu dilui o risco de segurança, é mais fácil tu contratar guarda, um zelador para o prédio do que para uma casa, porque tu está em várias pessoas. Em tese tu tens outras pessoas olhando por ti, o que as vezes não é verdadeiro, mas em tese tu tens. Então, é... parece que a sociedade acaba indo por essa linha de individualidade, o que vai inclusive naquele ideia inicial do computador, né. O individualismo na tela do computador. Se fecha cada vez mais (Carlos, 2008).

Em sua fala, a porta tem sentido simbólico. O sujeito fecha a porta deixando do lado de fora tudo quanto mais lhe causa desgosto. Fecha porque não deseja conectar seus espaços, nem tão pouco deseja contato com o mundo “lá fora”. Um mundo que não lhe causa admiração ou interesse. A porta fechada traduz medo, individualismo e solidão próprios das sociedades industrializadas. A porta acolhedora já não existe mais, hoje as pessoas estão bem trancadas atrás de suas portas com inúmeros esquemas de fechamento e vigilância (CAVALCANTE, 2003).

“De fato, vale lembrar que, nas rotinas de sociedades assim constituídas, tudo é individual: cadeiras para o cinema e o teatro, ônibus, avião e locais de refeição. As cabines

telefônicas também são individuais, bem como a maioria dos aparelhos domésticos e de mesa” (DAMATTA, 1997, p. 40). Em seus apartamentos já não recebem mais visitas indesejadas, caso deixem alguém com quem não tenham intimidade penetrar em seu recinto utilizam uma sala especial, descolada do restante do apartamento, criada estrategicamente e exclusivamente para os estranhos. Nessa sala pouco se encontra a respeito de quem são os donos do lugar. Parece um espaço sombrio, sem evocação, sem história, mas com um ar de conservação, como se fosse um objeto que acaba de ser desembalado ou um carro novo que até seu cheiro é diferenciado. Assim é a sala em que Carlos forneceu sua entrevista. Um lugar polido, mas pouco utilizado. Ele mesmo diz ser uma sala inabitada: “[...] então gosto do apartamento, é bastante confortável. A gente tem ideia de fazer algumas mudanças, tipo assim. Fazer uma churrasqueira de repente. Desmontar isso aqui e fazer uma sala de uso” (Carlos, 2008). E complementa falando sobre a sala de visitas.

[...] é, é aquela antiga sala de visitas. Só que hoje as pessoas se visitam pouco e quem te visita é amigo teu. [...] Então o seguinte, um amigo teu ele pode tá na cozinha, ele pode tá na sala de TV, ele pode tá até no teu quarto, ele é amigo teu. Antigamente esse conceito de sala de visita era pra quando vir alguém que tu vai fazer uma janta, meio que tu... hoje tu modifica o paradigma. Na verdade não vem ninguém pra ir na tua casa hoje, é... se ele vem na tua casa é porque tu convidou e se tu convidou é porque tu tem um grau de intimidade um pouco maior com aquela pessoa, tu não vai convidar alguém pra tua casa pra... tu vai convidar pessoa que tu queira que esteja contigo. Eu acho que esse paradigma mudou da época que a gente casou pra agora e é possível que a gente faça esse tipo de modificação pra gente ter um ambiente pra tu usar do que pra, entre aspas, receber visitas (Carlos, 2008).

Damatta (1997) nos dá algumas pistas sobre esse espaço que sempre foi um capítulo especial da vida social. Segundo ele, o ritual de receber uma visita tinha e tem até hoje requintes quase barrocos, pois significa deixar entrar em sua casa um estranho. O ambiente da sala de visitas é o ambiente perfeito, ele demonstra a existência de pessoas perfeitas, sem máculas, preservando a identidade e a privacidade dos habitantes do lugar. É como se houvesse uma mensagem subliminar na ação de receber estranhos em uma sala específica. Uma mensagem que diz: “Para esses desconhecidos não mostro quem eu sou de verdade, eu mostro apenas alguns aspectos, os melhores, aqueles que não comprometem minha imagem perante a sociedade”. E, apesar de Carlos falar sobre a mudança de paradigma, ele ainda utilizou inconscientemente a sala de visitas como um limitador de intimidade entre ele e o pesquisador, alguém estranho que não poderia compartilhar de seus espaços mais íntimos e privilegiados.



Figura 9: Sala de visitas do apartamento de Carlos
Fonte: Do pesquisador.

O apartamento em si, o que existe da porta para dentro apesar de todas as reservas e ressalvas em relação aos estranhos, demonstra o gosto e a individualidade sua e de sua esposa.

[...] todo o apartamento foi mobiliado todo por mim e pela minha esposa. Dependendo às vezes uma opinião de um amigo, de uma decoradora, mas sempre, cada peça, sempre foi... ah vamos comprar isso, vamos comprar aquilo. Sempre... às vezes tu opta por uma coisa, opção econômica, mas todo montado por nós, então, ele revela aquilo que a gente gosta (Carlos, 2008).

É interessante observar que gosto é um aspecto variável na vida das pessoas. Ele se altera com o passar do tempo. Isso ocorre porque as necessidades do sujeito vão se modificando na medida em que sua vida e sua história se descortinam. A identidade formada com elementos de um lugar diz respeito tanto ao lugar real existente no momento presente em determinado espaço, como todos os “outros lugares” que já existiram no mesmo espaço do sujeito e lhe contam histórias de si, histórias que os demais sujeitos não enxergam no ambiente físico, mas que o habitante é capaz de relembrar com detalhes apenas em olhar para um vão onde antes um móvel havia sido colocado por algum motivo especial e hoje não existe mais ali... Afinal, “[...] quando tu monta um apartamento, tu monta numa concepção, só que a

família, veio uma menina, veio outra, as tuas necessidades vão se modificando e isso hoje a gente percebe que a gente teria que modificar certas situações” (Carlos, 2008).

Na visão de Proshansky et al (1983 apud MOURÃO; CAVALCANTE, 2005), a identidade de lugar tem um aspecto instável. Quando os cenários físicos mudam ou as necessidades dos usuários se alteram a ponto de não se sentirem satisfeitos com determinados espaços, os indivíduos tendem a modificá-los, exigindo deles novos esforços de apropriação. Com uma nova apropriação, outros elementos não existentes anteriormente são incorporados à identidade de lugar do sujeito transformando-a novamente.

Avançando um pouco mais em sua entrevista, Carlos demonstra um aspecto frágil (ou forte, como queiramos entender) de sua personalidade. É curioso perceber o quanto as pessoas estão carentes de relacionamentos afetuosos. Elas se fecham em seus apartamentos, saem muito cedo de casa, chegam muito tarde do serviço, quase não têm tempo para o lazer, mas desejam fervorosamente estar junto de seus familiares. Carlos tem pouco tempo, ou tempo nenhum para as questões do bairro e da rua, mas para sua família sempre espera um minuto a mais: espera o meio-dia para almoçar ao lado das filhas, espera o fim do expediente para brincar com elas em seus quartos, estar junto de sua esposa na sala, com a TV desligada, de preferência. E o lugar mais apreciado em seu apartamento não poderia ser outro:

[...] onde fica a família. É porque o teu dia-a-dia de manhã a gente sai cedo, mas chega ao meio-dia as crianças estão te esperando para almoçar, ir para o colégio, tal... a noite tão te esperando. Claro, é... a gente procura brincar com as crianças, usa o quarto de uma, usa o quarto de outra... enfim... agora o dia-a-dia durante a semana é bastante corrido, porque a gente trabalha, sai cedo, a hora que sai elas estão dormindo. Ao meio-dia a gente chega, elas já estão almoçando, às vezes... eu não sou muito pontual não, meio dia e quinze então às vezes elas já estão almoçadas, então a gente tem uma brincadeira de fazer companhia. Então eu quando chego tarde... ah... vem fazer companhia pra mim! E elas vem e sentam do lado, ou vice e versa. É uma forma de... manter junto. Durante muito tempo a gente tinha TV a cabo, mas nós não tínhamos assinatura no quarto do casal. Nós nos sujeitávamos a assistir desenhos na sala com as crianças, exatamente pelo fato de que daqui a pouco tu tais na sala, o outro tá..., daqui a pouco tu tens seis pessoas morando junto e cada uma se bastando [...] (Carlos, 2008).

Bastar-se a si mesmo, esse é o principal problema da sociedade pós-industrial. Uma sociedade onde as relações estão se dilacerando devido à distorção pela busca do prazer. Existe no pensamento coletivo a ideia de felicidade perene e prazer a qualquer preço. Para esta sociedade, ser humano saudável é aquele de muito prazer e muitos sorrisos. Essa obrigação leva os sujeitos a uma busca constante por relações que só podem trazer felicidade. Um preenchimento nunca saciado completamente. As pessoas se transformam em bens passíveis de serem adquiridos no mercado e com prazo de validade para serem descartados.

Dentro do esquema comercial, a mercadoria humana é considerada um bem não durável, tanto quanto o é um sapato ou uma peça de roupa, descartados logo após o lançamento da próxima coleção em outra estação, que com toda certeza deixará o sujeito em estado de graça, pelo menos por alguns meses, ou dias...

Enfrentar essa imagem idealizada e lutar por uma vida “normal” com seus altos e baixos é um esforço constante de remar contra a maré, com ondas voluptuosas que entram em sua residência por inúmeros canais advindos normalmente de meios eletrônicos. Carlos luta como pode contra essa realidade, às vezes se deixando submergir, outras vezes salvando as poucas esperanças que lhe restam. Dentro de seu recôndito, em seu lar, ele ainda é capaz de lembrar, capaz de transcender a sua realidade e encontrar fruição nas fotos de sua mãe e sua infância.

O que transmite algo assim, os meus pais são falecidos, eu tenho uma foto da minha mãe que me transmite muita paz e uma foto minha de neném, mas isso tá associado ao fato de eles já serem falecidos, então a gente acaba se sensibilizando com essa questão. Tenho alguns objetos que eram do pai e da mãe que eu trouxe pra casa, que realmente mexem com a gente, mexem pela questão de saudade mesmo (Carlos, 2008).

A emoção não é bem-vinda na sociedade pós-moderna, é sinal de fraqueza, ainda mais se provém de um homem criado em uma família tradicional, na qual provavelmente foi ensinado que sentimento explícito somente brota de um coração feminino. Carlos vive momentos poéticos quando está diante de suas fotos e dos objetos pertencentes aos seus pais. O momento poético permite ao sujeito sentir saudade. E embora ele não queira admitir a emoção, suas lembranças não são somente em relação a seus pais, mas também a sua infância, sua adolescência, um tempo perdido no passado.

[...] me remete a um outro tempo. Um tempo que assim, quando tu fala de pai e mãe, quando tu fala de pai falecido, de mãe falecida, às vezes tu te pega emocionado. Tem situações que realmente, tu pára e não... deixa eu respirar um pouco porque... tem épocas que tu tais bem em relação a isso (Carlos, 2008).

Para Gonçalves (2007), o objeto poético evoca o encontro da emoção contida no mundo interno do sujeito com a imagem expressa materialmente. “Uma fotografia aparentemente imóvel e muda tem o poder de evocar. Numa evocação, traz à consciência imagens e sentimentos numa mobilidade que transcende o tempo comum e fala numa linguagem que só é entendida no momento poético” (GONÇALVES, 2007, p. 41).

A partir da lembrança de sua infância e de seus pais, Carlos passa a fazer de sua entrevista uma espécie de devaneio, no qual ele revive todas as suas vivências anteriores no bairro Pio Correia, local onde ele passou sua infância e sua adolescência e com o qual ele formou laços. Em algumas manhãs ele acorda cedinho e vai até a praça existente no bairro para caminhar. Ali ele encontra o seu chão, o lugar onde fez seu enraizamento. Ali ele reencontra o seu lar.



Figura 10: Objetos poéticos de Carlos
Fonte: Do pesquisador

Freire e Vieira (2006) nos falam a respeito desse sentimento em relação ao lugar de origem de um sujeito. Quando lembrado por uma pessoa causa a sensação de pertencimento, como se montassem as peças quebradas de sua escultura e voltassem a sentir novamente beleza e perfeição onde agora reina apenas lugares inexistentes. Em algum momento em sua história anterior um malfeitor sorrateiro veio durante a noite e descolou o indivíduo do lugar onde ele era parte integrante. Quando o sujeito acorda de seu sono profundo, se dá conta que está a morar e a viver em outro lugar, tão diferente, tão distante, tão pouco seu.

É... eu gosto muito da região em que eu vivi, eu caminho. Não todos os dias, mas eu tenho acordado seis horas da manhã pra caminhar e caminho praquela região. É a região que assim, é o meu chão, é onde eu me criei. Outro dia eu tava passando e vendo todas as casas de todos os vizinhos e me lembrando de cada um. Então assim,

é uma parte da cidade que eu adoro. Pode ser um pouco saudosismo, pode. É uma parte da vida que eu... eu me identifico, eu passo pela rua, passo pelo colégio, tenho aquele carinho pelo colégio. A minha urna de eleição ainda é ali, embora eu more em outro bairro, ainda é ali, eu não transferi. Poderia ser no Colegião, é mais perto, mas é uma sensação muito gostosa, tu voltar em um ambiente que... não é meu mais... é teu. Tu encontrar pessoas, pessoas que passaram pela vida da gente. Esses dias, tu encontra um ex-colega, um amigo que tu jogava bola, um amigo que tu treinava handebol, ou vôlei, ou basquete, uma pessoa que tu fazia, enfim... festa junto. Naquele ambiente onde tu viveu (Carlos, 2008).

Pol (1996) nos afirma ser o surgimento de um universo significativo em relação ao entorno e à cultura do sujeito que são capazes de transformar, ao longo do tempo, um espaço qualquer em um lugar com significados especiais. Essa mudança de um espaço vazio para um espaço cheio de apego e lembranças é chamada de apropriação. É por meio da apropriação que o sujeito sente uma ligação com o lugar e percebe como se este o pertencesse, mesmo não tendo a posse legal dele. A recíproca é verdadeira, pois também o sujeito sente que pertence ao lugar apropriado.

“As pessoas, individualmente ou de forma coletiva, necessitam identificar territórios como próprios, para construir sua personalidade, estruturar suas cognições e suas relações sociais, e ao mesmo tempo suprir suas necessidades de pertença e de identificação”. (MOURÃO; CAVALCANTE, 2005, p. 50). Apesar de ser, muitas vezes, engolido pelo esquema da vida moderna e viver em seu apartamento como se ele fosse uma verdadeira ilha perante o prédio e o bairro, em seus sonhos Carlos se imagina em outro lugar: um lugar ideal, com uma vivência de comunidade ideal. Em suas lembranças o Pio Correia é esse lugar, perfeito em seus mínimos detalhes. Lá existe gente andando pelas ruas, se preocupando com seus vizinhos, organizando festas com barracas para angariar fundos para o time de futebol. Lá no Natal tem gente se vestindo de Papai Noel e distribuindo balas para as crianças, os mais velhos para os mais novos. No bairro imaginário/real existe movimento. “As pessoas pararem, conversarem, se abraçarem, se beijarem. Como é que tais, o que aconteceu contigo, minha filha foi viajar, meu filho casou, minha filha vai casar, meu filho separou. Que é o ambiente do calor humano” (Carlos, 2008).

O ambiente do calor humano necessariamente precisa de um lugar que possibilite a convivência com os demais, uma praça, uma rua, onde as pessoas se encontrem, se falem, se conheçam. Nesse lugar não vive um amontoado de gente, morando juntas e não se encontrando por meses e meses, nem mesmo nos elevadores.



Figura 11: Praça do bairro Pio Corrêa onde Carlos gosta de caminhar

Fonte: Do pesquisador

E aí quando tu possibilita, seja através de uma praça. Lá no Pio Correa eu percebo que ocorre lá é que muita gente já está indo na praça pra bater um papo, pra levar criança, leva o cachorro, leva a bicicleta e, como eu caminho. Passo domingo de manhã lá, tem gente, passo sábado à tarde, tem gente. Provavelmente, durante a semana também, minha esposa já levou as crianças lá e me conta (Carlos, 2008).

Carlos, como todo ser humano, tem desejo de enraizamento, necessidade de se sentir pertencente a algum lugar. Um lugar para chamar de seu, como o autor sugere em sua música *Regret (Pesar)*: “Eu gostaria de um lugar que eu poderia chamar de meu, ter uma conversa no telefone, despertar diariamente como se fosse um começo [...]”. Ou ainda como nos lembra Casimiro de Abreu: “Oh! Que saudades que tenho, da aurora da minha vida, da minha infância querida, que os anos não trazem mais!”. E assim se finda o devaneio de Carlos, com um frescor de infância e as histórias jamais esquecidas de um dos períodos mais sublimes de sua vida, onde ele vivia feliz nos arredores do Pio Correa em lugar que poderia chamar verdadeiramente de seu.

6.4 Um bolo, uma conversa debaixo da figueira e as lembranças de Blumenau

Blumenau é reconhecida entre as cidades catarinenses por ser um centro urbano moderno de colonização alemã. Sua população possui um padrão de vida superior à média brasileira e com baixo índice de analfabetismo e violência. É uma cidade como poucas do Brasil, com inúmeras áreas verdes e casas em estilo enxaimel. Embora esse discurso seja nossa primeira impressão a respeito da terra natal de Cristina¹⁶, essas não são as principais lembranças que lhe vêm a mente quando se lembra de suas origens. Seu sentimento por este lugar é muito mais profundo do que um anúncio de cartão postal. Misturadas com os arredores da casa onde nasceu e cresceu vêm as lembranças de uma vida de sofrimento psíquico infantil, juntamente com as alegrias e a luta para construir-se como alguém capaz de confiar em si mesma e em suas capacidades. Para ela Blumenau é a cidade das flores, das plantas e da simplicidade. Lá ela pode andar de tênis e camiseta pelas ruas do centro sem medo de ser tomada pelo que não é e ser mal atendida ou desrespeitada em algum lugar da cidade.

Cristina mora há 10 anos no mesmo apartamento em Criciúma, no bairro Comerciário. Em Blumenau viveu toda a sua infância, adolescência e início da idade adulta, em casa. Com problemas de coordenação motora e aprendizagem quando criança, morar em um lugar com bastante espaço para correr, pular, subir em árvores auxiliou-a decisivamente em seu desenvolvimento infantil.

Ela admite que existe uma diferença significativa nas crianças quando possuem espaços para brincar em lugares abertos, como os de sua casa na infância, de quando vivem exclusivamente dentro dos apartamentos. E por mais que os pais as levem em parques, casa de mãe, sogra, sítios, não é o mesmo que morar dentro desses lugares.

Seu apartamento em Criciúma está localizado no primeiro andar e isso facilita a locomoção pela escadaria do prédio ao invés do elevador. Cristina raramente sobe pelo elevador, em sua opinião é melhor usar as escadas e assim exercitar mais os músculos. Parece um resquício advindo de sua infância com muitas quedas e arranhões, como se tivesse formado em sua mente um pensamento automático: “Melhor sempre usar as escadas para não voltar a ter problemas de coordenação motora”. Obviamente sabemos os benefícios da

¹⁶ Cristina tem 34 anos, foi entrevistada no dia 14/05/08 às 9:30 hs. Mora em um apartamento no bairro Comerciário há 10 anos com o marido e a filha.

utilização das escadas em relação ao elevador. Moradores de prédios residenciais têm a tendência de serem sedentários, pois seus músculos não são utilizados em quase nenhum momento do dia. Saem de casa pelo elevador, utilizam carros para se locomoverem e trabalham em grande parte das suas funções sentados. Para esses, o uso da escada seria sim um colaborador eficiente para o cuidado com seus músculos e articulações.

Sua infância foi bastante alegre, mas a medida que ia se desenvolvendo, chegando na pré-adolescência e agravando os problemas de aprendizagem, começou a ter dificuldades e sofrer muito com os rótulos colocados. Era entendida como “retardada mental” pelos professores das escolas e como preguiçosa pelos familiares.

Sua narração é dividida entre a fase em que aconteceram momentos muito felizes, até os sete anos, “[...] eu me recordo de tudo, era tudo maravilhoso mesmo caindo, se matando” (Cristina, 2008), e a fase entre nove e treze anos, considerada “retardada mental” e encaminhada para estudar na APAE. Ela se lembra desses momentos como sendo muito difíceis em sua vida, pois sua família não compreendia, achavam que era apenas malandragem para não estudar. Por esse motivo, diziam a ela que nunca seria ninguém na vida.

Exatamente, ela não quer estudar, então nunca vai dar nada na vida, vai varrer rua. Porque uma coisa que eu noto aqui, uma questão de sociedade, em Criciúma, o pessoal não olha tão diferente para uma pessoa que varre rua, em Blumenau, como é uma cultura alemã pesada, bem tradicional, então Deus o livre, é a maior ofensa possível ter um emprego simples, então varrer uma rua, que que é isso, fulano é um malandro, não quis estudar mesmo, tem mais é que pastar mesmo (Cristina, 2008).

A pressão de uma cultura fechada e preconceituosa, com um padrão estabelecido de “homem ideal”, interferiu até certo tempo no desenvolvimento de Cristina. Até certo ponto porque aos 14 anos ela resolve tomar as rédeas da própria vida e fazer todas as coisas das quais diziam não ser capaz. Começou a trabalhar e logo em seguida voltou a estudar. Dali em diante viveu exclusivamente para o trabalho e o estudo. E quis estudar muito a fim de reaver o tempo perdido.

Ao “despertar para vida”, como ela mesma relatou, não restou tempo para diversão, ocupava sua mente o dia inteiro, deixando seu corpo exausto, sem condições de empreender em outras atividades. Não havia motivação para o lazer, seu pensamento era fixo “em guardar dinheiro para ter algo na vida”.

Todo santo dia tinha aquela rotina né, era trabalhava de manhã, à tarde ia pra Sagrada Família, à noite ia pro Pontinho, aí ia pra casa, dormia. Eu chegava em casa quase meia-noite, aí dormia até as quatro da manhã, um pouquinho menos e olhe lá, quando dormia, porque tinha trabalho da escola, do curso pra fazer. [...] às vezes

dormia menos, porque não tinha como você dormir muito, aí inventei de fazer curso no sábado de manhã. [...] o que eu não estudei quando era pequena, me revolti depois. Aí nos sábados, empresas trabalham das cinco da manhã, às nove da manhã. Aí então saía, ia pra casa, limpava a casa e aí a tarde pegava o Cetil. Até acho que tinha o Cetil aqui em Criciúma, uma escola de informática, aí até as oito horas da noite no sábado. Aí só tinha folga no domingo, raramente, porque sete e meia, tava o meu pai quebrando a porta pra ir pra igreja (Cristina, 2008).

Essa foi sua rotina diária até os 17 anos, quando entrou na faculdade. Com todo o seu esforço para estudar e estando em uma escola para acelerar os estudos, Cristina entra na faculdade na faixa etária comum aos demais jovens. Não enxerga esse período de sua vida como algo sofrido, provar que conseguia, segundo ela, foi necessário, mesmo abrindo mão de qualquer diversão até o fim da faculdade.

“E a partir do momento que eu me formei na faculdade e um pouco antes, eu era muito mão fechada, a gente era mão de vaca pra caramba, com dezoito anos eu já tinha um terreno, fiz um consórcio de um carro e fazia faculdade” (Cristina, 2008). Para sua cultura de origem a diversão viria em segundo plano, essencial seria, antes de tudo, ter a segurança material, possuir bens duráveis como casa, terreno, carro. Unindo as bases culturais alemã, com o sentimento de superar todos os rótulos anteriormente colocados, Cristina ficava sem dinheiro para divertir-se, comprar utensílios e roupas pessoais. O essencial era adquirir para o futuro.

E assim seguiu sua vida até o final da faculdade, quando parou de economizar e passou a usufruir da liberdade e do lazer.

Daí sim, daí quando eu me formei na faculdade, terminei de pagar todas as contas, daí eu disse mesmo pra minha mãe, o que eu economizei até hoje, eu economizei, a partir de hoje, vai ser só pra festa, passear, não festa... hoje eu penso assim, quando eu dizia a expressão, eu só vou festar, o pessoal pensa que é... mas não é, era ir numa pizzaria, tu comer, tu fazer uma viagem (Cristina, 2008).

Todo sujeito almeja ser valorizado em sua cultura e Cristina, após ter sido tratada como se não tivesse qualquer valor, vive para demonstrar o quanto estavam errados ao seu respeito. Então não poderia divertir-se, não poderia estar totalmente livre para usufruir sua vida, tinha uma missão anterior e somente depois de cumpri-la estaria aberta para outras possibilidades.

Seu rompimento definitivo com o rótulo infantil de ser “a menina bobinha e retardada” se deu quando trabalhava na Teka e em menos de um ano foi promovida para trabalhar no escritório. Sentiu a inveja das colegas de produção que estavam no mesmo cargo há mais tempo e o peso da responsabilidade dos chefes de produção, que em tese “tinham

pavor” do seu posto, pois era ela a responsável por controlar a produção. Se precisasse parar uma máquina para fazer uma amostra, ela fazia. Mas Cristina fala dessa sua responsabilidade, apesar dos “inimigos” que formou a partir daí, com muito orgulho como se essas atribuições fossem a superação necessária para dizer ao mundo: eu venci.

Seu atual marido ela conheceu tempos depois do término da faculdade pelo “lugar” telefônico de encontros conhecido como 145. Eles tinham um relacionamento casual até o momento em que engravidou. Foi nessa época que sua história começou a tomar um rumo em direção ao apartamento em Criciúma. Sua gravidez, inicialmente mantida em sigilo por ela e o seu atual marido, foi descoberta por sua mãe. Cristina conta como foi esse confronto inicial um pouco magoada pelas palavras duras ouvidas nessa época.

Aí engravidei, aí ele vou voltar no Natal, beleza. Daí a minha mãe um belo dia, com todo amor e carinho chegou na porta do quarto e páh! Porque tu tá escondendo essa gravidez. Ela já sabia. Acho que alguém contou pra ela. Até hoje eu tô pra descobrir como é que ela descobriu, mas eu já tava quase de três meses. [...] mas eu não tinha barriga, não tinha nada, fui ter barriga no sétimo mês, eu tive barriga um mês. Aí beleza, não, não tô escondendo, eu ia contar no Natal. Aí ela saiu do quarto toda atucanada. Daqui a pouco ela voltou, ele vai assumir? Olha, assumir ele vai, agora se a gente vai casar aí é uma outra história. Até porque eu tava comprando um apartamento, até pouco tempo atrás eu ainda tinha ele. Porque meu pai e minha mãe sempre foram assim, no dia em que uma filha minha engravidar, vai pra fora de casa (Cristina, 2008).

Novamente Cristina vive momentos traumáticos em sua história, vivenciados com dor e depois superados com um “gosto de vingança”, como ela mesma diz: “No final até imploraram pra mim não casar, pra ficar lá em Blumenau com eles. Pra ver só como a coisa muda”. Cristina teve uma gravidez tranquila em termos de reações adversas, enjoou muito nos três primeiros meses, mas após esse período passou a gravidez como algo quase inexistente. Sua barriga foi aparecer quando tinha sete meses e, por conta disso, diz ela não saber o que é acompanhar uma gestação. “A minha vida não mudou nada, eu continuei vindo pra cá, continuei viajando, continuei trabalhando” (Cristina, 2008).

Um pouco antes de sua filha nascer, Cristina veio morar com João em Criciúma. Ele havia sido transferido, iria ganhar o suficiente para manter a família, então ela abandonou o emprego e veio para o apartamento em Criciúma, numa cidade desconhecida, sem parentes, sem amigos e com uma rotina completamente diferente da habitual.

“[...] pra quem sempre morou em casa, morava com a família, você vir morar em uma cidade que você mal conhecia, achava as pessoas, achava e acha as pessoas muito mal-educadas, ah, a cultura completamente diferente, questão de limpeza, organização [...]” (Cristina, 2008). Nessa fala a entrevistada demonstra a não-apropriação de um lugar

desconhecido. O sujeito, quando se apropria de determinada cidade, cria modelos identificatórios em relação a ela. Ao ir morar em outro lugar, distante do lugar de origem, procura adequar em sua estrutura psíquica a nova cidade à cidade anterior, a qual ele está habituado, da qual já se apropriou e pela qual possui laços afetivos. Como ele não consegue sobrepor o modelo anterior ao da cidade atual, tenderá a reiniciar o processo de apropriação. Se o indivíduo conseguir completá-lo efetivamente, encontrará no novo lugar uma relação com sua história de vida e sua personalidade, caso contrário poderá viver em um ambiente com o qual não consegue se identificar ou formar vínculos afetivos.

Segundo Rivlin (2003), as pessoas criam modos de vida bem sucedidos quando conseguem atingir seus objetivos nos variados ambientes onde vivem. Nenhum local habitado é isento de intencionalidade, pois os sujeitos chegam nos lugares com intenções de realizar algo. Se os lugares não são apropriados devidamente por serem avessos às atividades que o sujeito pretendia realizar, haverá a necessidade de um período de adaptação. A adaptação demanda um esforço do habitante em alterar o local e facilitar as atividades planejadas. O sujeito deverá extrair do ambiente as características que lhe forem convenientes a fim de estabelecer uma ligação entre sua personalidade e o local habitado.

Cristina relata como foi essa adaptação em sua vida. Fala da diferença, muitas vezes conflituosa, de morar em uma casa com muitos espaços externos e mudar-se para um apartamento: um espaço pequeno onde se vive com outras pessoas e necessita-se de cuidados específicos para não invadir os direitos dos demais vizinhos. “[...] mas assim, nos primeiros tempos eu senti o baque, de você morar numa casa, você ter um pátio, é teu, tá dentro do teu espaço e no apartamento não, tu tem que cuidar com o barulho pra não incomodar ninguém” (Cristina, 2008).

Apesar do impacto inicial, o ser humano tende a se adequar às situações de vida que lhes são impostas. Como seu marido viaja bastante, Cristina sente-se mais segura dentro do apartamento, para ela trancar a porta e saber que nada de mal poderá lhe acontecer traz uma sensação de tranquilidade e alívio.

O medo ronda os habitantes da cidade, eles admitem o quanto às vezes é desproporcional a realidade vivida. Contudo, é inevitável não senti-lo devido à influência das notícias divulgadas diariamente na mídia, mas é importante esclarecer o quanto esse medo neurótico não corresponde à realidade de cidades pequenas. Existem roubos, existem assaltos, mas a violência urbana a qual eles se referem ainda não atingiu as ruas da cidade de Criciúma com tal intensidade. Tanto isso é verdade que a mídia local trata de divulgar com espanto um acontecimento violento, como foi o assalto na agência do UNIBANCO, em agosto de 2003,

ou o espancamento sofrido por uma moradora de um prédio no bairro Comerciário em 23 de outubro de 2008. A dona do imóvel foi amordaçada e amarrada durante a ação dos assaltantes que procuravam por um cofre que, na realidade, não existia no apartamento da moradora.

Quantos assaltos nós vemos diariamente em nossas ruas? Quem de nós já não esqueceu uma janela aberta, ou uma porta aberta e não aconteceu absolutamente nada? O ladrão está à espreita de todas as casas? Com esses dois casos bastante anunciados na mídia local podemos verificar a quebra de dois mitos importantes que rondam o imaginário dos moradores de Criciúma. Em primeiro lugar não ocorrem na cidade tantos atos brutais quanto os ocorridos em cidades de maior porte. As pessoas ainda têm liberdade de usufruir e andar pela cidade durante o dia e até durante a noite, salvo em algumas regiões. Outro “mito” que pode ser questionado é o fato de os moradores de prédios acharem que estão totalmente seguros em apartamentos, o que não é exatamente verdade, pois se existem menos atos violentos em apartamentos do que em casas em Criciúma, isso pode estar relacionado ao número de residências horizontais e verticais existentes, estas últimas ainda são em número bem menor do que as primeiras.

Mesmo assim, os moradores dos prédios ainda sentem maior segurança em morar em apartamentos do que em casas. Para eles é muito mais tranquilo o apartamento porque se pode fechar a porta e ir viajar ou trabalhar tranquilamente sem maiores preocupações.

Segundo Pinho (2005), o medo da violência ou a aceleração no ritmo de vida, bem como as mudanças profissionais, tecnológicas e familiares transformaram os hábitos dos moradores de cidades urbanizadas. As habitações verticais se encaixaram perfeitamente nessas mudanças e contribuíram para a aceleração destas.

[...] e depois a questão de diferença da casa e de um apartamento, como a família nossa é toda de longe, tu fecha a porta e vai embora. É uma tranquilidade que tu tem, tu não precisa ficar pedindo pra alguém tirar o jornal, recolher as folhinhas pras pessoas ver que tá tanto tempo fora. Fechou a porta você vai viajar e ponto final (Cristina, 2008).

A questão simbólica de fechar a porta e ficar tranquilo é bastante expressa entre os entrevistados. Atrás da porta que se fecha estão os seus pertences, a sua vida e a sua história, quando o sujeito fecha a porta ele sabe que o “seu eu” está seguro ali dentro e que quando retornar o encontrará intacto, do mesmo jeito como deixou ao sair. “[...] um exemplo prático: amo ir pra Blumenau, mas quando eu chego em casa, o cheirinho da casa, as coisas tudo organizado no teu lugar, é maravilhoso, isso é o que eu me identifico” (Cristina, 2008).

Os lugares do ambiente vivido não são neutros, nem livres de valor. Segundo Moser (2003), todo ambiente incorpora os valores sociais e culturais dos que nele habitam. Isso significa dizer que o lugar habitado promove identidade e essa identificação pode ser apreendida pelo olhar, pelos sons, pelo cheiro... “É através do seu corpo que o homem constrói e usa os lugares [...]” (CARLOS, 2004, p. 51).

Cristina se apropriou da totalidade do seu apartamento, não possui um cômodo mais importante, ou um objeto que lhe transmita algo mais especial. Sua poética ela faz com o funcionamento da casa, desde as partes práticas como lavar uma roupa e estendê-la no varal, até o momento em que ela vai até o quarto da filha contar uma história, deitar ao seu lado e ficar mais próxima dela.

[...] todo o ambiente da minha casa me traz uma lembrança, por exemplo, o meu quarto, é o momento meu e do meu marido. O quarto da minha filha é que tá o computador, é a minha filha né, a hora que eu deito com ela, a hora que eu vou contar uma historinha, é o momento eu e ela. A sala, é onde a gente coloca o colchão final de semana, alugamos DVD e vamos os três abraçados vendo DVD. A cozinha é onde que eu vou fazer uma coisa gostosa, um bolo, uma comida, isso, aquilo, pra reunir todo mundo. Toda a casa tem um movimento, toda ela tem uma recordação forte. Então, o quarto meu, quando eu tô cansada, eu deito na minha cama é uma maravilha, o quarto de brinquedo da Michele é onde a gente senta e vai brincar com os jogos, rolando tabuada, imagem em ação, tem o quadro de atividades (Cristina, 2008).

Em seu desenho do apartamento Cristina confirma a sua fala, todo seu apartamento é elaborado em detalhes, ela representa todos os elementos de fruição poética em seu dia-a-dia, inclusive alguns vasos com plantas. Conforme seu relato a sua casa deve estar em pleno funcionamento e organização, é deste modo que ela se identifica com o lugar e é deste modo que ela o projeta em forma de desenho.

Na visão de Mourão e Cavalcante (2005), a prática espacial do sujeito em seu lugar de morada altera o espaço habitado devido às marcas impressas pelo indivíduo sobre ele. Essas marcas são gravadas no ambiente na medida de suas necessidades subjetivas e vivências emocionais que marcam sua história de vida e modificam sua identidade. “As ações sobre o espaço não se constituem, portanto, somente em atos cognitivos ou materiais, mas em atos de investimento emocional, momento em que o agir e o sentir encontram-se em plena sintonia” (MOURÃO; CAVALCANTE, 2005, p. 50).

Na frente do sofá de seu apartamento, logo na entrada, em uma das paredes vê-se desenhada uma grande montanha com textura azul da cor da parede. Em cima daquela montanha, ou do que poderia ser identificado como um grande sol, existem três pássaros

voando. Foi uma obra criada por ela e seu marido. Cristina relata que os três pássaros voando, representam a sua família: ela, o marido e a filha.

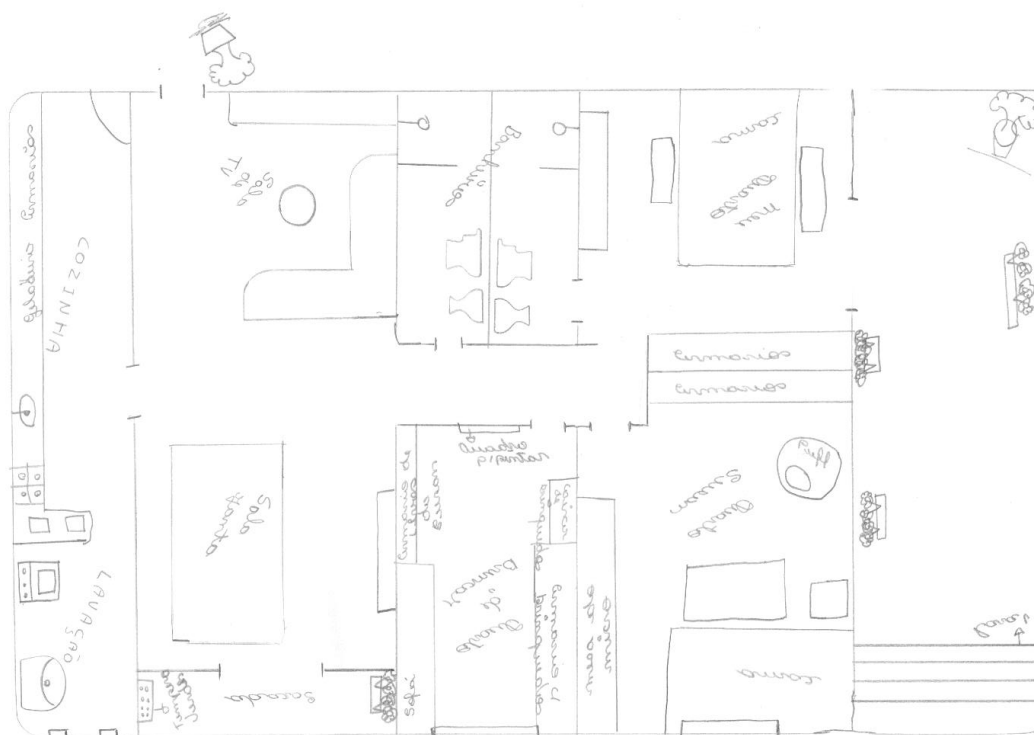


Figura 12: Desenho do Apartamento feito por Cristina
Fonte: Cristina (2008)



Figura 13: Sala do apartamento de Cristina mostrando a textura da parede elaborado por ela e pelo marido
Fonte: Cristina (2008)

Ao instalar-se numa casa vazia o sujeito irá colocar nela objetos, utensílios, móveis. Na forma de organizar, ornamentar e decorar a casa estão refletidos os hábitos, os valores, os modos de vida. Dessa forma, faz-se uma equivalência entre espaço e sujeito. Esse processo dá-se em mão dupla: o sujeito demanda ao espaço, e este ao sujeito; apropriamo-nos do espaço e ele se apropria de nós. Do mesmo modo que transformamos os lugares que são parte do espaço e neles deixamos nossa marca, como reflexo de nossa identidade e nosso modo de vida, essa organização dos lugares nos liga a formas de ser e agir (GONÇALVES, 2007, p. 30).

A apropriação do espaço acontece pela necessidade humana de sentir-se enraizado em algum lugar. Quando o sujeito forma laços com um determinado espaço ele tende a personalizá-lo, colocando objetos simbólicos, desenhando montanhas, enfeitando-o segundo seu gosto e suas preferências. Quando não há essa possibilidade ou porque o espaço não lhe pertence ou porque existem outros proprietários comuns, ele apenas cuida do ambiente, prima por ele e o protege de qualquer adversidade.

Cristina desenvolveu laços sólidos com seu apartamento, mas também com o bairro Comerciário e os seus vizinhos de prédio. Conhece a maioria deles, pois está sempre conversando com eles pelas ruas do bairro ou mesmo nos corredores do prédio. Como seus vizinhos são, na grande maioria, idosos, ela procura “educá-los” em alguns hábitos arraigados que prejudicam os demais moradores. “[...] eu também não sou uma alemoa muito fácil de se lidar... então bater de frente, brigar, não leva a nada. Então o que eu fiz, aos pouquinhos comecei a fazer eles verem, eles se colocarem no meu lugar, fazer eles sentirem o que eu sentia morando no primeiro andar” (Cristina, 2008).

Prédios possuem algumas normas explícitas aos moradores para que estes possam viver em harmonia, mas algumas ações demandam o bom senso de cada habitante no intuito de perceber o quanto sua atitude pode influenciar negativamente ou positivamente a vida cotidiana dos demais vizinhos. Viver em apartamento é abster-se de relacionamentos mais íntimos, por um lado, mas estreitar questões específicas vivenciadas no dia-a-dia do funcionamento de um lar.

Todos os entrevistados possuem uma alternativa para a falta de espaço. Alguns possuem segunda residência para férias, outros vão viajar em momentos de folga, alguns possuem sítios ou parentes que moram em casas para poderem passear ao ar livre de vez em quando. Cristina utiliza o clube para poder aumentar as possibilidades de brincadeira de sua filha, lá ela pode andar de bicicleta enquanto eles preparam o churrasco. Costumam ir na praia, ou para a casa de sua mãe em Blumenau, a saída encontrada não é o mais importante, o que conta é correr descalço na grama e ter mais espaço para sua filha brincar. “Até esse ano é o último ano que tem estudo integral no SESI e daí eu deixo ela o dia todo porque eu sei que

de manhã ela tem aula e à tarde ela vai pro parque, ela vai correr, ela vai brincar, ela não vai ficar na frente da televisão que tu vê a maioria das crianças” (Cristina, 2008).

Todo ser humano tem necessidade de contato com o exterior. Além de sua filha, Cristina também gosta muito de espaços externos para respirar outros ares. Para ela uma volta até o mercado Comerciário, uma conversa com os aposentados na frente da figueira e umas orelhinhas de gato compradas na padaria, tudo isso já alegrava sua manhã e colocava-a em contato com o mundo exterior do bairro. No momento final dessa entrevista, Cristina já estava pronta, com um bolo nas mãos para levar aos donos do mercadinho, o Cláudio e o Ézio, este último considerado avô adotivo de sua filha Michele. Com essa atitude demonstra o sentimento de pertença em relação ao bairro Comerciário e os laços com esse lugar onde ela constrói sua individualidade e incorpora elementos a sua personalidade. “E no bairro é o encontro das fofocas aqui no mercadinho, fui adotada como filha, são minhas cobaias, eu digo, né, eu faço bolo tudo e levo pra eles. Eu tenho um vínculo assim muito grande, né. Aí então... antes de você chegar, passei lá no mercadinho, contei as piadinhas do dia, tal” (Cristina, 2008).



Figura 14: Mercado Comerciário localizado nos arredores do apartamento de Cristina

Fonte: Do pesquisador.

Pela interação simbólica o sujeito se reconhece no entorno habitado e apropriado. Este, por sua vez, passa a exercer um papel fundamental nos processos cognitivos, em termos de categorização e orientação no espaço e nos processos afetivos aumentando a autoestima e estimulando o enraizamento dos laços com o lugar (GONÇALVES, 2007).

Em seu desenho do Bairro Comerciário, Cristina coloca todos os elementos significativos para ela nesse seu lugar de convívio e desenvolvimento: o mercadinho do Cláudio, a Padaria onde compra as orelhinhas de gato, a figueira; seu espaço de conversa com os aposentados e alguns outros estabelecimentos, que embora não tenham sido citados por ela durante a entrevista fazem parte da constituição de sua identidade de lugar.

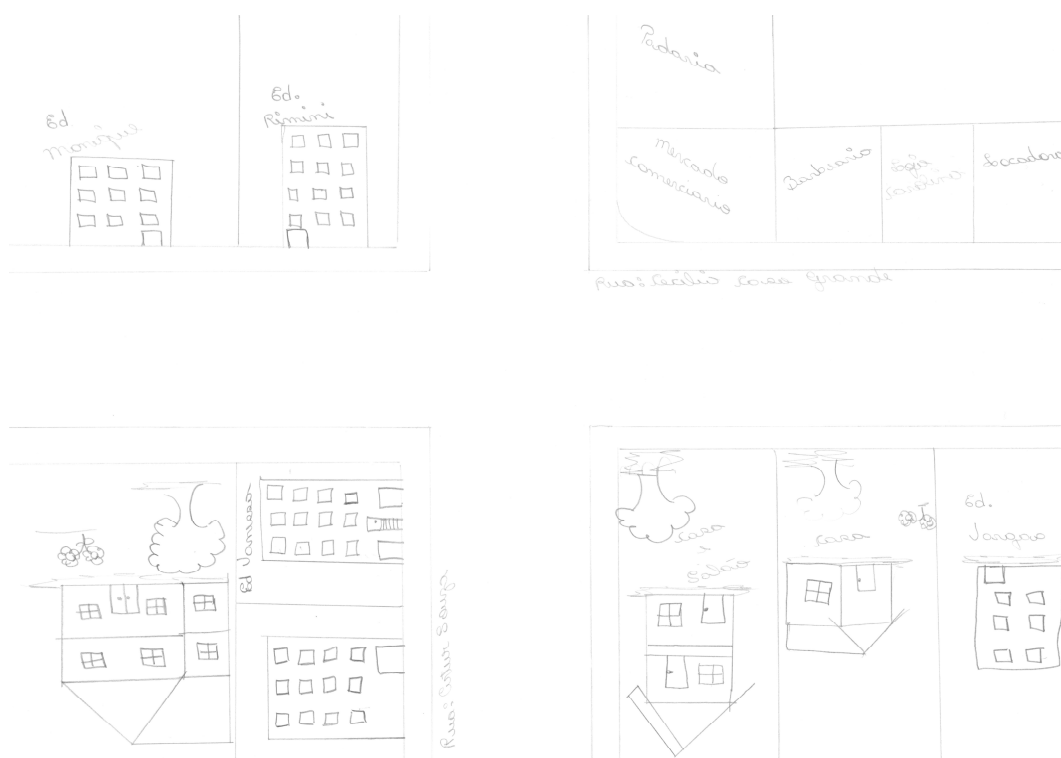


Figura 15: Desenho do Bairro Comerciário elaborado por Cristina

Fonte: Cristina (2008)

Como os demais entrevistados, mesmo se apropriando do bairro, Cristina não consegue compor em seu imaginário algo além das ruas que fazem parte do seu setting ambiental. Isso significa que a representação mental dos habitantes de bairros verticais não ultrapassa mais do que uma ou duas quadras além de onde está localizado o prédio onde moram. A apropriação e os laços estão naquele pequeno sítio reunindo algumas ruas que constituem o espaço/lugar onde o sujeito se referencia.

A identidade de lugar é configurada por meio de um depósito cognitivo inconsciente que permite à pessoa relacionar seu passado ambiental com as propriedades encontradas em lugares novos. Esse depósito facilita a familiaridade e favorece as ações dos sujeitos sobre os ambientes, bem como o grau de apropriação e o sentimento de segurança ambiental (VALERA; POL, s.d.).

Seu sentimento pelo bairro é afetoso. Nesses dez anos vividos em Criciúma, Cristina apoiou seu passado ambiental nas ruas do bairro Comerciário próximas a sua residência e conseguiu formar vínculos e cultivar laços com esse espaço habitado. Em contrapartida, a cidade de Criciúma como um todo não faz parte de seu sentimento de apropriação. Para ela o bairro Comerciário é um local diferente do restante da cidade, é como se ele fosse uma ilha formada por sujeitos com cultura e valores muito diferentes das pessoas dos demais bairros existentes na cidade. Ali as pessoas são mais companheiras, abertas e solícitas, já os demais habitantes de Criciúma são individualistas e egocêntricos.

[...] porque as pessoas de Criciúma o meu ponto de vista já foi pior. Há dez anos atrás foi muito pior que hoje. Não sei se era ou se você se adapta com essa mudança também. Eles são muito fechados, eles não querem que ninguém de fora entrem no grupo. Uma coisa que eu noto bastante. Normalmente as pessoas que vem de fora, acabam montando um grupinho, um tipo de amizade com pessoas que também não são da cidade. São raras as pessoas de Criciúma que eu tenho vínculo. A maioria que vem de uma cidade próxima, mas de Criciúma mesmo é meio difícil (Cristina, 2008).

Sua visão em relação a Criciúma é de uma cidade pouco acolhedora, fria e incapaz de receber bem os migrantes ou turistas. Dessa cidade Cristina não é capaz de se apropriar. Ela não é parte integrante deste meio. Não há lugar fora do Comerciário que ela aprecie ou deseje estar em momentos de lazer. Ela fincou raízes profundas em seu apartamento e em seu bairro, ali possui relações sociais engrandecedoras, capazes de nutrir sua personalidade e desenvolvê-la. Neste bairro, nos arredores verticalizados de seu prédio, logo em frente à figueira de que tanto gosta, ela sabe que pode sair do seu apartamento de abrigo e tênis levando um bolo nas mãos que será bem recebida em qualquer estabelecimento comercial que desejar entrar.

6.5 O quarto: consolo que resta do seu lar

Salete¹⁷ tem 68 anos, viveu em Criciúma numa época onde não havia urbanização. Os arredores de sua moradia eram cobertos de pastagens e uma natureza exuberante. Sua infância e adolescência morou em casa numa vila chamada garagem, próxima onde hoje existem os bairros Michel e Comerciário. Ela e seus irmãos ajudavam seus pais, pois não havia água encanada, precisavam buscar com latões. Também traziam lenha para cozinhar e se aquecer no inverno. Foi criada em casa com muito espaço, “fazia tudo que tinha vontade”. Uma infância e adolescência muito boas, com muita liberdade. Não se ouvia falar em crise de identidade na adolescência, porque além de serem criados livremente, desde novos, com sete, oito anos tinham tarefas a cumprir.

[...] a minha adolescência, foi muito boa, eu não tive adolescência que as crianças ficam diferente, fico brava, fico... eu não tive isso. Naquele tempo ninguém passava por isso. Adolescência era uma festa. Era uma festa, se juntava aquela turma de guria ia jogar futebol, ia fazer uma coisa, ia fazer outra. Não era diferente, porque a gente brincava. A gente brincava até os 15, 16 anos. Depois que a gente começava a ir dançar, querer paquerar também. Só que era tudo diferente de hoje (Salete, 2008).

Tinha vida difícil até mesmo para estudar, caminhava oito quilômetros para ir e oito para voltar da escola, por isso estudou até a quarta série. A maioria dos jovens não seguia adiante, paravam os estudos para trabalhar e ter algum dinheiro. Essa também foi a decisão de Salete. Com quinze anos aprendeu a costurar e deixou definitivamente os estudos para trás.

Nessa época, a dificuldade encontrada durante a vida não abatia as pessoas, porque todas tinham as mesmas condições. Não havia entre os vizinhos quem tivesse água encanada ou um carro para não andar a pé. Todos, fossem ricos ou pobres, tinham mais ou menos as mesmas dificuldades.

A gente não tinha quase nada, mas não era ruim. Todo mundo era igual, não tinha diferente, por exemplo, nós não tinha carro, né, mas os nossos vizinhos nenhum tinha. Tinha carro só aquele que... nem aquele que era considerado bem de vida não tinha carro. Não tinha carro. Hoje em dia todo mundo tem, né. Mas naquela época, nem os que eram considerados bem de vida, que era os dos escritórios, né, que era os do profissional que eram mais estudado, também não tinha. E o que a gente não tinha em casa, eles também não tinha (Salete, 2008).

¹⁷ Salete tem 68 anos, foi entrevistada no dia 16/05/08 às 9:30 hs. Mora em apartamento no bairro Comerciário há 18 anos, no último ano, devido a problemas de saúde, mudou-se para o apartamento da filha e vive lá com ela e seus dois netos.

A sociedade capitalista e urbanizada gera uma diferença social muito gritante entre ricos e pobres. Em países do terceiro mundo, essa diferença leva as pessoas a se sentirem excluídas do processo de produção e circulação de mercadorias. Fala-se em cidadania, mas qual cidadão exerce os seus deveres se não puder usufruir dos seus direitos? Não há direito a vida, a emprego, a comida ou a qualquer bem no mercado se não existe acesso. Se alguns possuem liberdade substantiva para adquirir e viver confortavelmente, enquanto outros não a têm.

O mundo das mercadorias sutilmente impregna as mentes dos sujeitos, lhes fazendo pensar que não podem viver sem este ou aquele produto de ponta. Não há diferença entre o mais abastado ou o miserável, todos são influenciados pela mídia e têm os mesmos desejos e anseios trazidos pela modernidade. Antes do advento do capitalismo neoliberal, as pessoas não tinham muitos móveis e objetos em suas casas. Aparelhos eletrônicos não existiam e, portanto, ninguém sentia falta deles. A diferença social não se mostrava gritante, por isso, as pessoas viviam satisfeitas com o que possuíam e não ficavam desesperadas correndo atrás de dinheiro, de trabalho e mais trabalho para adquirir tudo quanto mais eles viam na casa dos seus vizinhos.

Era um tempo diferente, como dizia Salete. Uma época em que as mulheres casavam cedo, virgens e mal conheciam o noivo antes do casamento. Namoravam muitos anos, mas não havia qualquer intimidade nem mesmo no diálogo entre os dois. Salete, porém, fugiu dos padrões e casou-se aos 27 anos, mas, como as demais moças, quase não conhecia seu futuro marido. Para ela os tempos de hoje são mais brandos e permitem um conhecimento maior entre os namorados. É uma evolução positiva. “Até acho melhor a pessoa se conhecer, só que muitos são muito provalecidos, mas é melhor se conhecer bem antes. Do que ser como a gente foi e casar virgem e não saber nem como é que é a vida” (Salete, 2008).

Da mesma forma como cresceu Salete também criou todos os seus filhos, livres em casa. Quando foi morar em apartamento seus filhos já estavam casados e sua última filha, ainda solteira, já era moça. Faz 18 anos desde quando saiu de casa para morar em prédio. Morou 17 anos em um edifício em frente ao que mora agora com sua filha Juliana. Não precisou a data de sua separação, mas durante muitos anos morou sozinha em seu antigo prédio, seu ex-marido foi embora para a casa que tinham na praia e não voltou mais.

Depois de muitos anos morando sozinha, Salete adoeceu e resolveu ir morar junto de sua filha, também separada, e de seus netos. Precisava de companhia e ajuda, pois dormir sozinha em seu apartamento já não era algo agradável. Durante dois anos pagou pessoas para lhe ajudar e acompanhar em seus afazeres diários, mas sua renda não era suficiente e preferiu

se transferir para o apartamento da filha. Embora não tenha efetivamente muita atenção dos netos, pois estão sempre ocupados com seus estudos e suas atividades, o que lhe importa é ter sempre gente entrando e saindo, isso lhe dá uma segurança de não estar só.

Salete gosta de morar em apartamento, sente-se protegida. Vai dormir sem medo de alguém bater em sua janela, ou mesmo arrombá-la e entrar em sua casa. Seus filhos ela não deixava sozinhos em casa, mas pensa que em apartamento não haveria problema, pois há mais segurança. Para ela o apartamento só se torna um lugar ruim quando ela adoece e não pode sair, andar pelas ruas e pela cidade. Nessas condições ela sente-se presa. Caso contrário, ela é livre para sair, participar do clube de idosos, viajar com seus amigos sem preocupação, porque é só fechar a porta e ir embora.

Novamente vemos o simbolismo da porta fechada no discurso do entrevistado, a porta fechada é sinal de preservação de sua vida. Toda sua história encontrada para além da porta está resguardada dos perigos do mundo. Quando ela retornar de seus passeios, suas atividades ou suas viagens, vai encontrar seu mundo interior preservado. A porta aparece então como o objeto protetor, capaz de aliviar a angústia do medo de ter suas raízes arrancadas, ter seu referencial invadido por um desconhecido.

Segundo Cavalcante (2003), um objeto material é também um meio social. Se o social for tomado em consideração a porta deixará de ser neutra e passará a possuir valores e sentidos por causa das relações do indivíduo para com ela.

Embora tenha medo e guarde restrições contra a segurança existente no bairro, Salete possui um carinho muito grande por essa região da cidade, pois acompanhou o transcorrer de sua história. Ela conta que quando tinha doze anos no Comerciário só existia mato e onde hoje é o museu havia um pasto enorme onde houve uma festa e ela veio assistir ao pára-queda.

Aos 24 anos foi morar no bairro Metropol, pois seu pai havia sido transferido. Quando se casou voltou para o lugar onde nasceu e cresceu, perto do bairro Michel, um bairro vizinho ao Comerciário. Não existiam muitos prédios nessa região. Ela morava em casa e conhecia todos os seus vizinhos desde seu nascimento. Os mesmos vizinhos que viveram o processo de adensamento urbano do bairro Comerciário e migraram para prédios bem próximos onde Salete vive hoje.

Para Salete o Comerciário é um lugar muito bom de se viver, ali se encontram seus amigos de infância e com o passar dos anos aprendeu a gostar da cidade, diz não se adaptar mais ao interior. Ela gosta do movimento, da agitação, não deseja mais a “monotonia” do campo.

Para Gonçalves (2007), a cidade é o lugar onde a luz resplandece, a vida se agita e a poesia e a música são entoadas por todas as ruas e avenidas. “Os elementos que dão sentido à vida no urbano são os lugares onde o sujeito mora e habita, trabalha e se locomove, mas, principalmente, os lugares de fruição poética que resultam da montagem da realidade a partir de injunções materiais” (BRAUDEL, 1983 apud GONÇALVES, 2007, p. 53). Na cidade as pessoas vivem muito próximas e inevitavelmente dependem umas das outras.

Salete vê o bairro Comerciário como uma verdadeira comunidade, as pessoas do seu prédio se reúnem nas novenas de Natal, ela participa do clube de idosos no Colegião, todos moram em prédios e se visitam, passeiam juntos. Ao ser questionada se existe diferença entre morar em casa ou em prédio, Salete pensa não haver nenhuma, apenas na proporção de conhecidos.

[...] só em casa o teu amigo é aquele lá do fim da rua, o teu amigo é lá... aqui não, pessoa da rua de lá eu quase nunca vejo. Eu vejo agora, por exemplo, eu entrei no grupo de idosos, eu não conhecia quase ninguém da minha idade, a não ser aquelas que já eram minhas amigas, aí eu fiz amizade com várias... todo mundo mora em prédio (Salete, 2008).

A noção de comunidade em bairros verticais, como já havia sido exposta por outros entrevistados, é voltada para o prédio e seus arredores. Os habitantes entendem a sua comunidade como as pessoas dos prédios vizinhos. Outras ruas fogem completamente de seu campo de visão e de contato. Outras ruas formam outras comunidades. Para eles são sujeitos completamente estranhos.

O bairro é apropriado por Salete, ele é o lugar onde ela criou raízes e viveu sua história. Praticamente toda a sua vida é contada dos arredores do bairro Comerciário. Seu desenho é o único colorido¹⁸ dentre os demais entrevistados, demonstrando apreço e cuidado ao representá-lo. Salete representa em seu desenho o bairro como sendo um lugar alegre, colorido, bem cuidado, onde o verde permanece margeando os prédios e as ruas são largas e calçadas. Aparentemente um lugar calmo, adequado para moradia e para uma vida feliz.

Além de entregar ao pesquisador a imagem do bairro desenhada, Salete encontrou uma notícia sobre o Comerciário onde havia uma foto do bairro, recortou-a, colou cuidadosamente em uma folha branca e entregou-a mostrando a imagem real do bairro. Esse cuidado, esse apreço demonstra o enraizamento com o lugar. O sujeito com uma identidade de

¹⁸ Em nenhum momento a pesquisadora solicita um desenho colorido, inclusive a indicação era para eles desenharem o bairro como o enxergavam. A intenção era compor a imagem do bairro vista pelos olhos dos entrevistados.

lugar fortificada aprecia o espaço habitado, valoriza e deseja mostrar as qualidades existentes às demais pessoas, como se não houvesse no mundo lugar melhor de se viver. Para o sujeito com sentimento de pertença em relação ao bairro, possuindo laços concretos com este, não há lugar melhor do que o seu lar, mesmo ele sendo verticalizado, com muitos prédios, muitas pessoas desconhecidas, ali é seu abrigo, seu refúgio e uma parte de si mesmo.

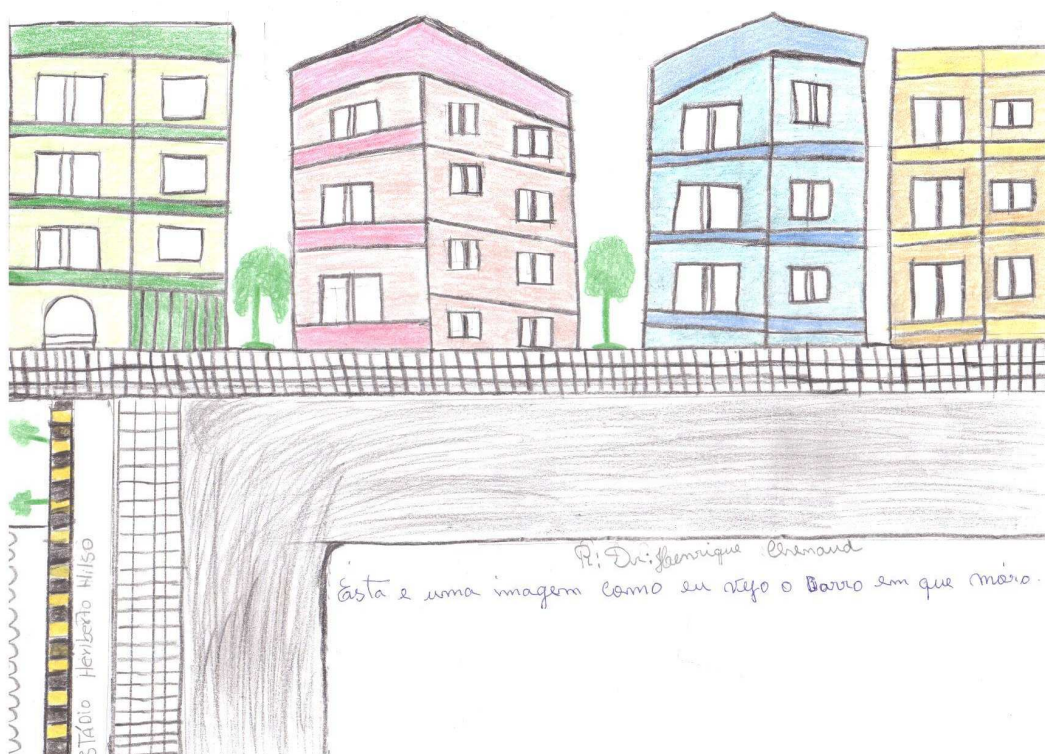


Figura 16: Desenho do bairro Comerciário elaborado por Salete
Fonte: Salete (2008)

Apesar de ser uma notícia direcionada aos habitantes de toda a cidade, Salete identifica parte de seu bairro e demonstra o desejo de mostrá-lo ao pesquisador. Em nenhum momento aparece o nome Comerciário na notícia, mas isso não é importante para o sujeito. Ele reconhece o lugar onde vive. Assim como faz um cachorro que fareja e marca seu território, também o indivíduo marca em seu subconsciente seu espaço habitado e basta uma foto para reaver imediatamente em sua consciência a lembrança de seu lugar.

Araújo (2002) nos remete a uma questão importante sobre a identidade de lugar. Segundo o autor, “quanto mais tempo a pessoa permanece num determinado local, mais este poderá adquirir significados, com uma carga emocional muito forte” (ARAÚJO, 2002, p.34). Salete com seus 68 anos já vive há muitos anos no mesmo lugar, devido a isso teve condições de desenvolver raízes profundas e difíceis de serem arrancadas. E o autor complementa nesse

sentido que “[...] há uma tendência que esse apego ao lugar se manifeste mais fortemente nas pessoas idosas, o que pode explicar porque a maioria destas não deseja abandonar a sua comunidade” (ARAÚJO, 2002, p.35).



Figura 17: Recorte de uma notícia de jornal encontrada por Salete e entregue a pesquisadora mostrando a região do Comerciário

Fonte: Salete (2008)

No prédio onde mora atualmente, todos os vizinhos conhecem Salete, muito mais até do que quando morava em seu apartamento anterior (localizado em frente desse). “O meu é mais difícil, porque os pessoal antigo quando eu fui morar mudaram tudo, porque o meu é de dois quartos, então quem teve três filhos mudô, porque três filhos... o quarto ficou muito apertado” (Salete, 2008). Faz apenas um ano desde sua mudança e todos os vizinhos já a conhecem e dão atenção, principalmente quando a veem adoecida.

Embora relate que em casa haja mais contato com os vizinhos, no apartamento algumas amigas suas vão visitá-la de vez em quando e levam Salete para um banho de sol.

De vez em quando vem uma, é muita gente, mas também de vez em quando a gente desce porque aqui também tem um espaço bom atrás. Tem mesa, tem cadeira, tem espaço pra criança. Aqui a gente desce. Até as minhas amigas que eu digo que vem me visitar elas dizem, Salete vamos descer pra pegar sol? Aí nós vamos ali atrás, nós sentemo na cadeira, conversemo bastante (Salete, 2008).

Não basta um salão de festas aos habitantes de um prédio. Todo edifício precisa de uma área onde crianças e adultos possam conviver uns com os outros. No prédio de Salete existe um espaço para as crianças brincarem e os adultos sentarem, conversarem e passarem um tempo. Mas como em Criciúma esses espaços não são privilegiados, acabam se tornando um local isolado, com pouca insolação e desinteressante para os moradores, mesmo às crianças. O resultado é um espaço não utilizado e abandonado. Embora Salete desça para pegar sol e conversar com as amigas de vez em quando, o que se percebe nesse espaço é uma falta de preparo para atender os momentos livres dos moradores. A área de lazer, ou comumente chamado, playground se encontra atrás do prédio, num local bastante isolado, é um espaço todo em concreto e “pressionado” entre dois prédios.



Figura 18: Playground localizado no edifício onde Salete reside
Fonte: Do pesquisador



Figura 19: Espaço de convivência para adultos localizado no edifício onde Salete reside
Fonte: Do pesquisador

Salete fala dos lugares onde morou com bastante apreço, especialmente seu apartamento. Lá se encontram todos seus quadros, seu mobiliário e suas recordações. Hoje, morando no apartamento da filha, não se sente dona de nada, nem mesmo com direito em opinar sobre a beleza ou comodidade do lugar. Ela diz ter levado muito tempo para se acostumar com o ambiente. “Eu custei a me acostumar agora quando eu vim pra cá, por exemplo, não é a minha casa. Porque lá é a minha casa, os meus móveis, as minhas coisas. Aqui não é do jeito... a gente tem que concordar com o jeito da outra pessoa”. Ali tudo está ao estilo de sua filha, não é o seu gosto, não tem sua identidade. Para ela a esperança de tornar a voltar para seu verdadeiro lar lhe fez deixar tudo lá.

[...] tudo que é meu eu deixei lá. Eu só trouxe fotografias. Até os quadros da parede ficou tudo lá. Eu tenho bastante quadro que a minha cunhada pintou, eu não quis tirar da parede porque eu vim até melhorar, com intenção depois de voltar. Porque na verdade eu só alugo de ano em ano pra quando fizer o ano se eu pudesse voltar tudo que é meu tá lá. O meu quarto que eu mandei fazer, só trouxe a caminha (Salete, 2008).

Somente uma cama e umas fotografias foram trazidas de sua vida anterior para sua nova morada. Tudo quanto mais existe no apartamento é muito bonito, mas não possui sua marca. O prédio onde vive agora é mais novo, melhor do que o anterior, mas os laços que

formamos com os lugares não enxergam esses detalhes. Não importa ao sujeito se seus móveis são mais antigos, se o apartamento é menor e pega menos sol, lá está sua referência e como diz aquela velha frase: “não existe melhor lugar do que o lar”. Não importa como ele seja, é seu, é do jeito como Salete o criou, foi construindo e se construindo ao longo de 17 anos.



Figura 20: Prédio localizado no bairro Comerciário onde Salete morou 17 anos

Fonte: Do pesquisador

Ela se lembra das imagens vistas por sua sacada antes da construção de outros prédios, lá ela viveu muitos momentos poéticos. “[...] agora eu só vejo prédio, né, eu acho que é por isso que no começo eu achava maravilhoso, eu chegava na sacada, eu olhava a serra, até com binóculo tu enxergava bem a serra, branco, tu enxergava bastante coisa. Mas assim, eu achava maravilhoso ali” (Salete, 2008).

Quantos dias ensolarados já passara naquele lugar? Quantas noites estreladas e quantas chuvas já pingaram em suas janelas? Tudo está em suas lembranças, em seus devaneios com o passado não mais existente. Uma época onde ela fechava a porta do

apartamento e saía a passear pela cidade com saúde. Seus filhos solteiros... Companhia para conversar. Depois os filhos foram casando, saindo de casa e ela foi ficando solitária em seu apartamento. Este ficou grande demais para caminhar, pois ela pouco a pouco perdia suas forças e sua vontade.

Só que naquele tempo a gente tinha saúde, chegava em casa, limpava a casa inteira. Só que agora eu não posso fazer nada, então a gente se sente inválida, se sente que não tem mais aquele poder que a gente tinha, porque eu tinha força, tinha vontade. Agora não tenho nem mais força, nem vontade. Mas eu adorava assim, fim de semana ficar em casa. Eu via televisão, escutava música, é o que faço também (Salete, 2008).

Seus hábitos não mudaram muito, ainda vê TV e ouve música para se distrair. Permanece grande parte de seu tempo na sala de televisão. Sem vigor para viver sozinha e adoentada, Salete conforma-se em morar em um lugar que não é seu para ter companhia e ajuda quando necessário. “A sala é o lugar onde eu mais fico. Até eu tava dizendo pra Juliana, esse teu sofá tem que trocar, mas já pensou, esse é o lugar onde nós paremos mais, é o lugar que estraga mais também” (Salete, 2008).



Figura 21: Lugar onde Salete assiste TV e ouve músicas
Fonte: Do pesquisador

Uma sala moderna, porém, feia ao olhar de Salete. “[...] A nossa sala é o ambiente mais feio que a gente tem e é o que mais nós usamos”. Sua sala, com um sofá grande demais para o espaço do apartamento, ainda possui mais brilho do que esta onde ela permanece grande parte de seu tempo atualmente. “[...] aqui tem lugar pra colocar CD, tem outras coisas. Tem que ser do gosto dela, né” (Salete, 2008).

Preocupada com sua saúde, Salete reclama da falta de uma unidade de saúde no bairro Comerciário. Em Criciúma as Unidades de Saúde são divididas em zonas de atendimento ao público. De acordo com o bairro onde mora o usuário é destinado a uma determinada Unidade de Saúde. Algumas delas se encontram no próprio bairro, outras, porém, estão localizadas em bairros vizinhos, dificultando o acesso aos habitantes, especialmente os mais adoentados e com dificuldades de locomoção. Além disso, Salete relata a existência de preconceito contra os moradores do Comerciário. Não chega a mencionar explicitamente, mas dá a entender que não são bem atendidos pelo SUS porque lá no posto central os funcionários pensam que os moradores do Comerciário são ricos e deveriam utilizar um serviço particular.

Eu gosto muito daqui, mas pra nós ainda falta um posto de saúde. Porque o nosso é o SUS lá em baixo e eles acham que quem mora no bairro comerciário é tudo rico e não é. Tem bastante operários que moram aqui, tem bastante gente que... sim, tem o apartamento pra morar, porque já tinha há muito tempo atrás e é considerado tudo rico e não e a gente vai no SUS e todos bairros pobres têm um posto, tu vai ali, o médico te orienta, tu ganha remédio, tu ganha tudo e nós aqui não, nós é o SUS, tu chega lá tu não é tratada como tu é tratada num bairro pobre. É mais mal-tratada, o bairro pobre trata muito bem as pessoas (Salete, 2008).

Existe uma distorção do entendimento da proposta do serviço de saúde oferecido pelo SUS. Desde sua criação em 1988, o Sistema Único de Saúde tem a proposta de atender toda a população brasileira sem diferenciação de classe social. O SUS traz entre seus princípios básicos o conceito de universalidade e equidade indicando ser a saúde um direito de todos serem atendidos em igualdade de oportunidade. A comunidade em geral e muitas vezes os próprios funcionários do sistema pensam o SUS como uma prioridade de uso da classe pobre por não possuir recursos para utilizar os serviços particulares. Veem os usuários com padrão aquisitivo melhor como sendo invasores do sistema. Como se estes estivessem tirando o espaço de milhares de pessoas sem dinheiro e sem um acesso real às consultas e benefícios oferecidos pelo SUS.

Porém, o SUS foi criado para atender sem diferenciação tanto os ricos quanto os pobres. Embora a discriminação com o pobre seja um tema bastante polêmico em sociedades de terceiro mundo, dentro do sistema de saúde existe um preconceito velado inversamente

pelos mais abastados. Em muitas Unidades de Saúde e Hospitais Públicos, além destes serem discriminados pelos demais usuários e funcionários, são mal atendidos e passam por constrangimentos desnecessários se a proposta do SUS fosse mais bem compreendida e internalizada por todas as demais pessoas.

Além da Unidade de Saúde, Salete sente falta de uma praça no bairro Comerciário. Morar em um prédio próximo a uma praça é o sonho de boa parte dos entrevistados nesta pesquisa. Para Salete a praça de sua referência é a do Congresso. Diz ter ido muitas vezes lá quando tinha saúde. Sentava em um banco, observava as crianças brincando e às vezes, com sorte, outra pessoa sentava-se ao seu lado e conversavam sobre suas vidas. Muitos rostos estranhos a caminhar pela praça, um movimento contínuo de corpos a caminhar de um lado ao outro. Muitos deles trazem a mesma história de Salete, morando em apartamento e saindo pouco de seu “mundinho” para usufruir a convivência e os ambientes exteriores.

Suas lembranças de quando possuía saúde ferem sua alma, vêm a tona imagens de momentos felizes que já não podem retornar. Demonstra uma amargura contida quando diz não adiantar falar a respeito daqueles momentos. Eles estão em um passado distante. Tão distante quanto o sonho anual de melhorar fisicamente e poder retornar ao seu apartamento, seu verdadeiro lar e a sua vida anterior onde ela fechava a porta e saía a viajar com seus amigos. Naquele apartamento havia vida, ela habitava seus cômodos e tinha todos seus móveis e objetos em alta conta, pois eram a expressão de seu ser. Tudo que fazia sentido ficou lá, juntamente com a possibilidade de usufruir do entorno de seu bairro que tanto prazer lhe dava. Hoje só lhe restam as lembranças e a esperança de voltar a morar naquele pequeno apartamento onde passou os melhores momentos de sua vida. Dentro dele havia paz, e fora um grande mundo a ser explorado.

6.6 A saudade da infância e o sonho de uma família em uma boneca

As marcas deixadas por determinadas experiências nos acompanham e arrastam-se conosco nos caminhos afora de nossa história de vida. O lugar nasce como fundo na figura de nossa existência, mas esse fundo não apenas molda a paisagem externa de nosso cotidiano, ele impregna o cenário interior de nossa personalidade a ponto de persistir nas lembranças e na maioria de nossos projetos futuros.

Paula¹⁹ nasceu em Criciúma, morava em um prédio próximo ao que reside atualmente. Na rua onde se localizava seu prédio, não existia nenhum outro edifício e as pessoas ali residentes eram conhecidas umas das outras. Nos arredores de onde morava a cidade crescia em meio à construção de estradas asfaltadas e de todos os serviços característicos de um centro urbano em ascensão. Quando criança, ela entrava na casa de todos os moradores de seu prédio para brincar. Eram cerca de vinte crianças brincando todas no mesmo lugar. Ela diz ter advindo dessa época sua facilidade em comunicar-se com os outros.

Entre as crianças que brincavam juntas, Paula era a mais novinha e, por conta disso, “sofria” mais, pois sempre “sobrava” para ela a função de carregar objetos para as demais crianças e limpar a sujeira dos outros. Apesar disso, foi a época de ouro de sua vida, recheada de experiências positivas. As portas abertas dos apartamentos, a rua ao alcance de suas brincadeiras, tudo isso contribuiu para uma infância irrevente, pelo menos enquanto não havia se mudado. As experiências no novo prédio mudaram radicalmente seu estilo de vida.

Naquele prédio, sua vida era extremamente diferente do que começou a se delinear após mudar-se para o edifício atual no bairro Comerciário. Nessa nova morada a porta do prédio permanecia sempre fechada, os moradores não se falavam tanto e, conseqüentemente, pouco se conheciam, havia uma liberdade menor. Paula passou a viver muito mais dentro de seu apartamento sozinha do que fora dele com outras crianças. “Aqui já é mais assim. Aqui já é raro a porta ficar aberta, né. E aqui é muito mais perigoso já, mas lá não. Lá a gente era muito mais amigo. Todo mundo se conhecia, mas aqui nem tanto” (Paula, 2008).

Pode-se perceber pela fala da entrevistada a diferença encontrada entre um e outro prédio, está na convivência entre os moradores. Quanto mais conhecimento existe entre as pessoas, mais liberdade é oferecida às brincadeiras infantis e menos perigosas se tornam as ruas. Entretanto, ao fecharem-se as portas e distanciarem-se uns dos outros, os moradores precisam tomar maiores preocupações com seus lares e suas crianças, pois a violência urbana, em geral, se torna muito mais exacerbada.

“O fenômeno da porta fechada traduz o medo latente que reina em nossas cidades. O individualismo e a solidão impostos pela sociedade industrializada são, em última análise, responsáveis por esta apreensão” (CAVALCANTE, 2003, p. 278). Nosso sistema social tem

¹⁹ Paula tem 18 anos, foi entrevistada no dia 20/05/08 às 14:30 hs. Morou sua vida toda em apartamento, no bairro Comerciário reside desde o início de sua adolescência.

se modificado e criado portas intransponíveis incapazes de compartilhar objetivos em comum. Somente uma alteração nesse sistema poderia modificar o estado da porta.

Atualmente as portas de entrada dos espaços privados estão mais fechadas do que abertas. A porta que vela, a porta que acolhe, própria das comunidades pré-industrializadas, não existem mais. Hoje cada um está bem trancado atrás de sua porta, senão blindada, pelo menos munida de algumas três fechaduras (CAVALCANTE, 2003, p.279).

E assim a violência cresce. Obviamente, outros fatores estão envolvidos no nível de violência existente em uma rua ou em uma cidade. Porém, todos eles, segundo Jacobs (2003), envolvem o distanciamento entre os habitantes de uma rua, a falta de cuidado e responsabilidade que cada sujeito, sendo ele morador ou comerciante, deveria ter em relação à violência. Apenas uma rua com olhos voltados para ela é capaz de controlar quem passa pelas calçadas e, assim, garantir a segurança tanto dos moradores quanto dos desconhecidos bem intencionados que passam por ali. Para a autora, isso demanda uma dose de confiança. Confiança esta adquirida no dia-a-dia por meio dos contatos públicos nas calçadas.

Ela nasce de pessoas que param no bar para tomar uma cerveja, que recebem conselhos do merceiro e dão conselhos ao jornaleiro, que cotejam opiniões com outros fregueses na padaria e dão bom-dia aos garotos que bebem refrigerante à porta de casa, de olho nas meninas enquanto esperam ser chamados para jantar, que advertem as crianças, que ouvem do sujeito da loja de ferragens que há um emprego e pegam um dólar emprestado com o farmacêutico, que admiram os bebês novos e confirmam que um casaco realmente desbotou. Os hábitos variam: em certas vizinhanças, as pessoas trocam impressões sobre seus cachorros; em outras, trocam impressões sobre seu senhorio (JACOBS, 2003, p. 60).

Aqui ocorre um problema de contexto, como desenvolver essa confiança em uma rua onde não existem nem moradores horizontais, nem estabelecimentos comerciais? Pensemos na Rua onde Paula mora, uma das ruas mestras do bairro Comerciário, com fluxo intenso de automóveis por servir de retorno para o centro da cidade. Uma rua onde não há bares, nem jornaleiro, nem padaria, nem casas, apenas uma fileira única de prédios, com poucas pessoas que efetivamente permanecem nas calçadas.

Nesse tipo de ruas típicas de cidades urbanizadas ninguém deseja estar com suas portas e janelas abertas, preferem a privacidade de seu lar, pois praticamente não vivem nele, não têm tempo o suficiente para isso. João do Rio traduz de forma brilhante esse sentimento de estar sempre atrasado em busca de chegar primeiro em algum lugar que não se sabe onde...

“Agora é correr para a frente. Morre-se depressa para ser esquecido dali a momentos; come-se rapidamente sem pensar no que se come; arranja-se sem pensar, no amanhã que se

pode pensar agora, diz ele em ‘A era do automóvel’, de 1911” (JOÃO DO RIO apud O’DONNELL, 2008, p. 69).



Figura 22: Rua onde Paula mora

Fonte: Do pesquisador

Quem sente mais a ausência de contatos e a frustração da rapidez com que tudo e todas as relações são tratadas são as crianças e jovens porque não possuem outras atividades durante o dia e permanecem grande parte do tempo trancadas dentro do apartamento sozinhas ou com empregadas. Talvez fosse o caso de repensar o planejamento urbano e criar ruas mais diversificadas que possibilitem um equilíbrio entre a privacidade e o desejo de variar os graus de contato e auxílio mútuo entre os sujeitos.

Em lugares da cidade que careçam de vida pública natural e informal, é comum os moradores manterem em relação aos outros um isolamento extraordinário. Se o mero contato com os vizinhos implica que você se envolva na vida deles, ou eles na sua, e se você não puder selecionar seus vizinhos como a classe média alta costuma fazer, a única solução lógica que resta é evitar a amizade ou o oferecimento de ajuda eventual. É melhor manter-se bem afastado. O resultado disso na prática é que se deixam de realizar as obrigações públicas comuns – como cuidar das crianças –, nas quais as pessoas precisam ter um pouco de iniciativa pessoal, ou aquelas em que é preciso associar-se por um propósito comum. O fosso que essa situação abre atinge proporções incríveis (JACOBS, 2003, p. 70).

Ruas verticais sem qualquer diversidade criam ilhas de sobrevivência. Alguns indivíduos conseguem conviver com seus demais vizinhos e fazer de seu prédio uma comunidade, outros somente convivem com as demais pessoas residentes no mesmo apartamento e talvez elaborem uma boa relação familiar. Porém, há aqueles jovens ou adultos que possuem apenas o espaço de seu quarto para se sentirem relaxados e em paz. Com os olhos voltados cada vez mais para o interior do que para o exterior, não é de se surpreender haver tanto medo rondando as ruas dos bairros verticais.

A adolescência de Paula no apartamento onde vive agora não foi muito diferente do final de sua infância, apenas aumentaram suas responsabilidades em relação ao estudo e por esse motivo não teve mais tempo para pensar o quanto era menos sozinha quando morava no outro prédio. Mesmo assim, às vezes sente vontade de voltar à infância por ter sido muito mais divertida. Sua adolescência foi sentida como uma sucessão de dias iguais: monótonos e sem ter com quem conversar.

Foi, não teve nada de trágico, ou de muito ruim. Foi bem equilibrado, mas... eu acho que mais momentos alegres do que ruins. Só que a minha infância, não sei se porque era criança, aí só brinca praticamente, mas... é que eu tinha muito mais relacionamentos com pessoas. Era eu mais umas vinte crianças brincando juntas. Então torna-se assim uma coisa mais legal. Divertida do que brincar em três, quatro. Mas a minha adolescência também foi boa, bem normal... assim eu acho. Não foi tão diferente. É que da minha infância que eu falo tanto é porque foi uma coisa bem diferente da maioria das gurias da minha idade assim. Porque a gente morava, a gente fazia rampa no prédio, uma rampa de skate, de bicicleta, roller, brincava de tudo assim. Na adolescência já não, era bem mais fechado dentro de casa. Assim, daí é uma coisa mais normal assim, já não é uma coisa tão diferente (Paula, 2008).

Paula em sua fala demonstra ver a vida monótona e “normal” dos apartamentos como comum. Afinal, todas as demais mulheres de sua idade tiveram esse tipo de vida tanto na infância como na adolescência. E assim o que era comum, ver crianças e jovens nas ruas brincando, se relacionando uns com os outros, passou a ser o diferente e as pessoas pouco a pouco se acostumam com essa dinâmica e não pensam haver outra solução, somente adaptar-se e tornar-se mais individualizado.

Seu relacionamento familiar é descrito como harmonioso. Sempre saíam juntos e se ajudavam mutuamente. Durante o dia, desde os cinco anos, Paula ficava sozinha com a empregada para seus pais trabalharem, então estes procuravam aproveitar ao máximo os momentos em família como almoço, a hora das tarefas, brincadeiras e conversas. Segundo ela, seus pais lhe deram muito apoio e lhe ensinaram a lutar por seus objetivos. Sempre teve tudo que quis, porém seus pais utilizavam os presentes como formas de recompensas a suas

atitudes. E essa forma de educação para Paula foi satisfatória porque permitiu a ela tornar-se uma pessoa dedicada e persistente.

Paula não tem contato com outras pessoas do bairro, embora tenha ido morar ali quando era criança e tenha visto os prédios aparecerem ao redor do seu gradativamente. As únicas pessoas do bairro com quem tem contato são aquelas frequentadoras do City Clube, onde faz aeróbica. Porém, como ninguém tem muito tempo não se encontram fora do clube. “Então quer dizer, a gente faz festinha, já é difícil de todo mundo ir porque... é difícil todo mundo ter o mesmo horário. Morando em prédio com essa vida corrida, não dá muito certo” (Paula, 2008).

Morar em prédio em nossa sociedade já é sinal de uma vida sem muito tempo para o lazer. Exatamente por essa característica no cotidiano de cada um, os sujeitos optam por morar em prédios. Ter uma casa para não usufruir dela faz pouco sentido, melhor habitar um lugar compacto, sem tantos afazeres e com maior garantia de segurança. Essa já é uma ideia impregnada no imaginário coletivo dos habitantes da cidade.

Por outro lado, Paula atenta para o fato de a casa facilitar o encontro e o contato com as demais pessoas do bairro. “Porque casa é mais fácil né, tu chega em casa, tá sentada na frente de casa. Tu encontra alguém, tu conversa, tu dá um oi, tu dá um tchau, tu convida pra almoçar. Em prédio não é tão comum assim” (Paula, 2008).

Apesar da falta de contato com o bairro e da aparente não-apropriação deste, ocorre uma inconsistência entre a imagem real do bairro e aquela projetada por Paula em seu desenho. Ela transfere para o papel uma rua diversificada, com arborização próxima aos prédios e casas que intercalam os edifícios ali existentes. Talvez Paula tenha desenhado seu ideal de moradia, ou mesmo o bairro onde morou em sua infância.

Toda pessoa com uma subjetividade integrada consegue projetar-se para o futuro e imaginar um ideal de vida. Ninguém deseja menos do que uma vida confortável, com condições financeiras dignas para viver bem junto aos seus familiares. Mesmo sendo imagens hipotéticas, quando um sujeito escolhe um ou outro tipo de vida, ele o faz com base em suas vivências anteriores. Paula deseja residir em uma casa futuramente. Apesar do perigo, pensa que terá uma vida melhor se não morar em prédio.

Paula é uma dentre tantos moradores de edifícios residenciais que possuem uma segunda residência e essa é uma casa, um sítio, no caso, de sua família. No sítio ela pode sair do meio do barulho e dos prédios da cidade e conviver efetivamente com seus vizinhos.



Figura 23: Desenho do bairro Comerciário elaborado por Paula
 Fonte: Paula (2008)

[...] até os meus oito anos assim a gente sempre ia na sexta-feira pra casa, no sítio e ficava de sexta a domingo e nesse meio tempo tu via assim. Porque daí tem mais casa ao redor, tu acaba falando com todo mundo. É uma coisa mais aberta assim, melhor pra ti brincar, quando é pequena. Ou se comunicar com mais alguém assim, conversar. Porque prédio, tu chegou em casa, não tem o que fazer, geralmente ou tu vai reto pra frente da televisão ou pega um livro e fica lendo. Assim, em casa não. Tu dá uma voltinha, tem aquele ar livre, tu fica ali na frente. [...] daí tem os animais do meu pai. Tem ovelha, marrequinho, burro. Daí tu vai lá, mexe com animal, tu vai apanhar uma fruta, daí distrai um pouco, né. Porque sai totalmente da rotina. Até cortar a grama tu vai... Porque até isso é divertido. (Paula, 2008),

Para Paula é entediante ficar o dia inteiro dentro de um apartamento sem ter nada o que fazer. Apartamentos são pequenos por natureza e fechados em relação a moradias horizontais. Mas nem todas as pessoas percebem essas características, ou se incomodam com elas. Segundo a entrevistada, apesar de seu apartamento ser aconchegante e ela ter todas as suas coisas, o seu quarto, não há um lugar aberto para ir. Quando se cansa de estar dentro do apartamento, não pode simplesmente sair e dar uma volta no pomar, porque não há espaço algum do lado de fora, nem mesmo uma praça onde ela possa sentar e admirar a paisagem, as crianças brincando e as pessoas que passam por ali.

Quando era mais nova ela sentava numa pracinha ao lado de sua casa onde algumas mães levam suas crianças para brincar. Mas é um local pequeno, sem muitos cuidados e fica localizada entre dois prédios, mas parecida com uma passarela que leva de um lado ao outro

da rua do que propriamente uma praça para sentar e passar o tempo. É pouco atrativa para os moradores do bairro.

Da mesma forma como outros entrevistados já haviam relatado anteriormente, ela sente a necessidade de um ambiente maior, com espaços livres, árvores, talvez um laguinho. Um lugar onde as pessoas pudessem se encontrar e se conhecer, passear num domingo à tarde, dar uma caminhada no início da noite. Falta um espaço desse gênero para os habitantes do Comerciário. Eles sentem isso e falam sobre essa ausência.

A ausência de uma praça, de um local aberto na vida de Paula está relacionada à falta de pessoas, mais precisamente à falta de seus familiares. Desde a mudança para o Comerciário sempre esteve muito sozinha, sem ninguém por perto para brincar, para conversar. Então, quando pode, quer estar junto de pessoas. Gostaria de poder viajar mais com os pais, fazer atividades diferentes com eles. Enquanto espera a formação de sua própria família deseja estar mais unida a seus próprios pais.

É interessante observar o quanto o indivíduo na aldeia global tem sede de família. Ele sonha com isso, faz planos, busca desesperadamente pelo preenchimento de sua solidão. E, para eles, não existe mais outro lugar a procurar senão dentro de seus lares. Na rua todos estão muito distantes uns dos outros. Numa cidade com tantos estranhos, numa sociedade que preza o individual e não o coletivo, onde encontrar as demais pessoas para que um ser humano possa ser enunciado como social? Ora, ninguém resolve se urbanizar, viver em uma sociedade para estar longe de pessoas. Mas é contraditório pensar deste modo, quando a mesma sociedade que já é por definição coletiva tem tentado convencer seus membros a se individualizarem cada vez mais.

Alguns sujeitos já entenderam a lógica do mercado e tentam burlar a formação do egocentrismo em massa. Uma das formas mais louváveis, já apresentada por um dos entrevistados e novamente trazida à tona por Paula, é retirar dos quartos o principal causador do isolamento dos membros de uma residência: a televisão. Essa foi a maneira encontrada por sua família para “forçar” uma convivência mais próxima e livrar os demais membros familiares do “cada um por si”.

[...]no meu quarto não tem, até porque eu nem gosto. E também pelo fato de que se botar uma TV em cada quarto é aquele negócio. Chega em casa vai cada um pro seu quarto. Aí então põe uma TV na sala, quando quer ver TV aí tá todo mundo junto. Todo mundo senta. [...] no quarto, ninguém tem TV, por que senão... até tinha, mas a gente acabou tirando por causa disso, porque senão fica cada um no quarto vendo TV, aí nunca ninguém se encontra mesmo (Paula, 2008).

Dentro do apartamento Paula permanece a maior parte do tempo em seu quarto, exatamente como ocorre com os demais sujeitos entrevistados em sua faixa etária. A apropriação do quarto pelo jovem ocorre espontaneamente por causa de sua busca por identidade. O quarto então é o lugar onde este visualiza as possibilidades de ser, é o lugar de sua criação, onde ele pode ter sua privacidade resguardada e ao mesmo tempo forjar nesse ambiente outra estrutura, às vezes diferenciada do restante do apartamento. Mas no caso de Paula isso não ocorre, ela fica mais tempo em seu quarto por uma questão de conveniência, todos os seus materiais de estudo estão lá. Em sua narração ela não demonstra preferência por nenhum cômodo da casa. Possui mais afinidade com a cozinha, porque quando não está no quarto estudando ou deseja se distrair inventa algo para cozinhar. “[...] porque eu não sou muito fã de ficar sentada vendo TV. Eu gosto de mexer nas coisas. Se eu dizer... ah, eu vou fazer uma coisa diferente hoje, pode ver que eu vou pra cozinha fazer alguma coisa” (Paula, 2008).

Em seu desenho do apartamento Paula expressa todos os ambientes de seu lar minuciosamente com muita perfeição, não deixando escapar nenhum detalhe. Ela conhece cada pedacinho de onde mora, talvez porque o apartamento seja muito mais seu do que de

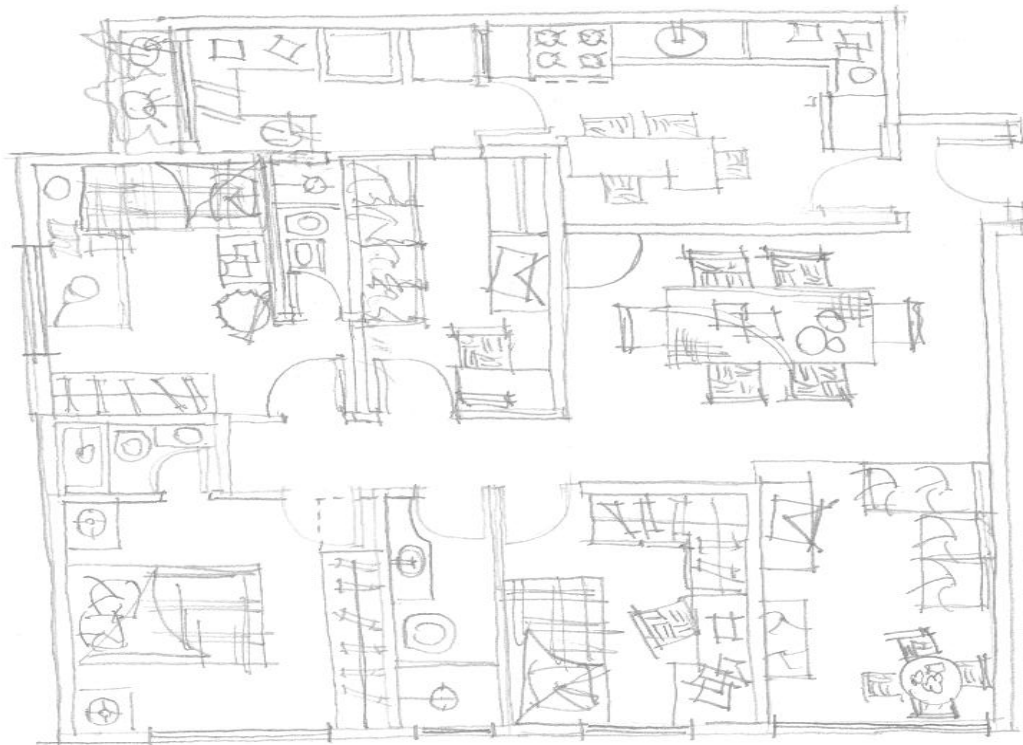


Figura 24: Desenho do apartamento elaborado por Paula
Fonte: Paula (2008)

qualquer outra pessoa. É ela quem permanece a maior parte do tempo em casa. Ela utiliza os lugares. Ela “vive” o apartamento. Muito natural possuir grandes laços com ele e demonstrá-lo em seus pormenores em seu desenho.

A casa (apartamento) é o lugar onde guardamos nossos pertences mais importantes, ali nos alimentamos, dormimos, recebemos nossos amigos e parentes, enfim, é o local onde nos sentimos protegidos. Para o morador a casa deve ter movimento, da mesma forma como sua vida tem. Ela deve possibilitar o desenvolvimento de todas as atividades às quais está destinada (GURGEL, 2004). Somente desta forma o sujeito se sentirá “em casa” na sua casa, caso contrário pode sentir o espaço como se não fosse seu de verdade ou então utilizar a casa como mais um objeto de consumo, extraindo dela o que lhe interessa e descartando-a quando não serve mais.

Quando o sujeito se apega a um lugar ou a um objeto, tem cuidado com ele. Trata-o como se fosse feito de um material valioso e, muitas vezes, nutre ciúmes em relação a ele. A ponto de não permitir que outras pessoas arrumem o ambiente, ou sequer segurem o objeto estimado, pois temem o mal que essas pessoas podem causar ao ambiente/objeto apreciado.



Figura 25: Objeto poético de Paula
Fonte: Do pesquisador

Paula possui um desses objetos intocáveis. Apesar de apropriar-se do apartamento como um todo é com uma boneca de sua infância que ela faz devaneios, se distancia da prosa, é capaz de refazer sua humanidade. “Mas alguma coisa que eu gosto e que eu não gosto que mexa, mas daí é... mais objeto. É uma boneca que eu tenho no meu quarto que eu ganhei quando eu era pequena. Daí é mais um objeto assim, não é uma coisa da casa. Mas é o que eu mais me identifico assim” (Paula, 2008).

Esse objeto de fruição poética transporta Paula para o passado e para o futuro simultaneamente. A boneca lhe faz voltar à infância, às brincadeiras, às amigas e ao prédio com as portas sempre abertas. Ao mesmo tempo, pela imagem da boneca emerge o desejo em seu íntimo, os planos de constituir uma família e ter filhos. Seu passado de felicidade, “diferente do normal”, e o devaneio de um futuro também “diferente do normal”. “Pode-se dizer que os devaneios e os sonhos são a esperança e a vida contida expressada na poética” (GONÇALVES, 2007, p. 50). “Às vezes quando eu tô triste eu pego ela, fico penteando o cabelo. Lembra os dois assim, eu acho bom assim também...” (Paula, 2008). E com a boneca ela faz sua síntese poética, supera suas frustrações e acalenta sua dor pondo em funcionamento sua esperança. A esperança de outra vida, com mais espaços livres, morando numa casa com varanda, onde o contato com as pessoas é privilegiado. Nesse lugar ela sonha em construir seu lar e sua família, refazendo o caminho das portas abertas e dos dias alegres com as 20 crianças brincando juntas em todos os apartamentos do prédio.

6.7 O Esquecer/Lembrar do mundo pelas águas do banho

Ao longo de uma grande rua de lajota, num bairro próximo ao centro da cidade, Joana²⁰ viveu sua infância e adolescência. Ela é uma jovem de 24 anos, até os 16 morou em casa e se divertiu com as brincadeiras de ruas. Nesse lugar onde viveu, cresceu e se construiu como pessoa conheceu e se aproximou de todas as crianças da vizinhança, tanto as ricas quanto as pobres, na sua opinião ela se encaixava na segunda categoria. Embora próximo à região central, era um bairro pouco movimentado, sua rua acabava funcionando como um

²⁰ Joana tem 24 anos, foi entrevistada no dia 21/05/08 às 19:30 hs. Mora em apartamento desde os 16 anos. No bairro Comerciário reside em um apartamento locado há um ano, com seu marido.

grande pátio onde as crianças transitavam livremente e os adultos traziam o sentido de vizinhança para suas casas.

Joana começa seu relato falando das muitas mudanças de moradia pelas quais passou durante a infância e da ausência de seus pais em sua vida. Sua mãe trabalhava e ela ficava em casa com suas outras quatro irmãs, sendo que a mais velha, de oito anos, cuidava das demais, incluindo o seu irmão que nessa época era bebê.

Então a minha infância foi isso, né, sem a mãe e sem meu pai, porque nunca estavam. Tavam assim final de semana, mas ela nunca tava presente pra nós porque ela tava na cozinha, fazendo comida, aquela coisa mesmo de mãe dona de casa, que os filhos tavam na rua brincando, só chamava pra dormir e tomar banho, foi assim (Joana, 2008).

Não basta os pais suprirem seus filhos de segurança, comida, brinquedos e obrigações. Se não puderem oferecer uma dose de amor e atenção, estes se sentirão desamparados e crescerão como crianças órfãs de pais vivos. A mãe ou substituta desta, de um modo particular, exerce a função de pedra angular para seus filhos. É o ponto de apoio de que fala Damergian (2001). Sem ela o núcleo do ego fica fragilizado e a identidade não se constrói apropriadamente.

Apesar da ausência dos pais, Joana diz ter tido uma infância maravilhosa, com muitas brincadeiras na rua. Em sua época não existia computador, nem telefone celular, nada eletrônico com o que brincar, mas em compensação ela jogava bola, subia em árvores, descia os morros de carretilha, tomava banho de chuva e saía às escondidas pra se refrescar na cachoeira.

Naquela época todo mundo brincava na lama e não ficava doente. Tomava banho de lodo, de esconder, de pegar. Aquelas brincadeiras de bairro que hoje é difícil. Não sei se porque hoje a gente vive... Eu vivo numa sociedade um pouco mais... Eu e o meu marido, o meu trabalho e deu, do que aquela coisa de bairro, né.. (Joana, 2008).

A sociedade urbanizada é diferenciada da sociedade de bairro, na sociedade urbanizada as pessoas vivem mais para elas mesmas e no bairro as pessoas vivem para os outros também. Hoje Joana percebe que não existem mais pelas ruas crianças brincando desses jogos de estratégia e criatividade. Então ela fala das “coisas de criança da sua época” e se admira com a própria fala por saber que “sua época” foi há apenas 15 anos. Passou-se alguns poucos anos e a sociedade transformou-se completamente.

Devido à falta de afeto oferecida por seus pais, Joana foi desenvolvendo uma personalidade sem muita valência positiva, pois a mãe não conseguiu ser suficientemente

continente para suas angústias. A saída encontrada por Joana foi desenvolver um comportamento neurótico por horário e estudo. Ela cresceu tentando lutar contra os sentimentos de inferioridade e baixa auto-estima que rondavam sua estrutura psíquica. “Eu ia dormir, eu não podia ouvir um barulhinho, nada. Se passava um carro eu já acordava. Eu ficava doente... Eu gritava... Eu chorava... Porque tinha que ser a primeira a acordar e a primeira a chegar no colégio” (Joana, 2008). Muitas vezes acordava em dias não letivos para ir à escola, algumas vezes chegou a ir até o local e somente lá dar-se conta de que era final de semana ou feriado.

Sentia-se angustiada por seu comportamento, mas ao mesmo tempo não conseguia livrar-se dele. Tinha amizade com todas as crianças de sua rua, segundo seu relato, ela vivia em uma rua muito comprida em que ela conhecia de ponta a ponta todas as pessoas, mas ainda ressentia-se por ser a família mais pobre de sua rua.

É. E as minhas amigas da minha rua estudava no Marista, no Michel eu era no... Marechal Rondon, colégio estadual. Elas eram em colégio particular. O pai delas tinha carrão, a mãe delas não trabalhava. A minha mãe não, a minha mãe trabalhava. Algumas trabalhavam, mas tinham loja, tinham empresa... a minha mãe não, a minha mãe era empregada doméstica, entende? Mas então... eu tinha amizade com todas elas. Então eu ainda ria porque o meu pai viajava pro Paraguai, pra trazer as Barbie, essas coisas. E a delas era tudo verdadeira né, da Livraria Fátima que pagava uma fortuna. Os roller, quando era época de roller, o meu era com rodinha de plástico, o delas era de silicone. Mas eu sempre tive. Como a minha mãe podia me dar ela me dava. Assim... Eu sentia a diferença. Uma vez até... eu e a minha irmã final de semana a gente tava lembrando. A gente disse pra uma amiguinha nossa que as louça da minha mãe era tudo de porcelana de cristal (risos). Tudo mentira, não era nada. Mas é porque.. (Joana, 2008).

Uma criança que não se sente amada sente inferioridade perante os outros. Pode possuir os mesmos brinquedos e ainda assim o do outro será melhor do que o seu. Se os pais de Joana comprassem as bonecas na Livraria Fátima ou o roller com rodinha de silicone como aqueles de seus amiguinhos, ela ainda pensaria que o brinquedo dela era inferior, porque não era o brinquedo que era inferior e sim ela mesma. Seu sentimento de insignificância advém de um ego sem atenção, sem segurança psíquica, daí a necessidade de mentir para igualar-se aos outros. Em alguns casos as crianças agem com arrogância e prepotência em relação aos demais para mascarar o sentimento negativo em relação a si mesmo.

Começou a namorar cedo, com treze anos, encontrou nessa relação o carinho e a atenção que tanto almejava de seus pais e não foi oferecida por eles. Namorou cinco anos com o mesmo rapaz aguentando um relacionamento cheio de conflitos e agressividade, talvez porque em seu ego infantil havia uma gravação muito forte referente a sua falta de valor como

pessoa. E alguém que não se valoriza, aguenta relações depreciativas porque inconscientemente não crê merecer algo de melhor para sua vida.

Era aquela coisa de achar que ia casar de um momento pro outro. Bem... quatro anos foi. Sofriia igual a cachorro. [...] Ele era agressivo, ele era ciumento. Ele tinha ciúmes do meu pai. Ele tinha ciúmes da... de tudo assim. Eu demorei mais de quatro anos pra esquecer ele assim, depois.. (Joana, 2008).

Segundo Darmergian (2001), o bebê precisa de pelo menos um ponto fixo para construir seu universo, caso contrário o núcleo do ego se estrutura de forma pouco saudável, desenvolvendo uma personalidade vacilante e uma identidade pouco capaz de um desenvolvimento pleno.

A mãe é a principal responsável pelo desenvolvimento do bebê, pois é ela, normalmente, quem mais tempo convive com seu filho. A mãe deve ser a valência positiva capaz de auxiliar o bebê a construir seu mundo interno em seus primeiros anos de vida (DAMERGIAN, 2001). Somente se ela for suficientemente boa, um suporte acolhedor para as angústias do bebê oferecendo a ele proteção e segurança, o bebê desenvolverá sua vida emocional de forma a tornar-se um adulto saudável.

A ausência desse ponto fixo na vida de Joana teve consequências em seu desenvolvimento. Ela amadureceu rapidamente, adquiriu responsabilidades e assumiu sua própria vida. Em seu relato diz fazer todas as coisas por si mesma desde a infância, procurou a religião como suporte, fez a catequese por iniciativa própria, ia ao médico sozinha e começou a trabalhar com 14 anos, mas aos 10 fazia uns bicos como babá.

[...] Eu sempre fui muito precoce assim. E... daí tipo assim, eu trabalhei cedo. Depois que eu comecei a trabalhar a minha mãe não precisou me dar mais nada, eu mesmo comprava as minhas coisas. [...] Mas foi assim. Tive tudo... mas ao mesmo tempo assim, eu sempre fui adulta. Eu nunca tive uma coisa assim, ai que criança que ela é, não; eu sempre fui adulta assim. Trabalhar cedo... Viver cedo... Eu sempre fui precoce (Joana, 2008).

A precocidade foi uma exigência de seu ego, uma necessidade para não sucumbir em meio à falta de apoio emocional. Seus pais por algum motivo não conseguiram suprir as carências emocionais de Joana, deram-lhe comida, roupas, casa, segurança, deram-lhe brinquedos, procuraram oferecer-lhe tudo quanto mais achavam necessário ao desenvolvimento infantil, mas faltou-lhes uma dose de amor e abrigo afetivo. Por isso ela encontra no namoro da adolescência todo apoio emocional nunca antes vivido. Seu namorado

era muito ciumento e agressivo, mas como toda relação neurótica tem um ganho secundário, ele dava a ela muita atenção, muito carinho e todos os bens materiais desejados.

Não... não era sempre, tinha momentos maravilhosos. Eu era tratada como uma princesa, tudo era pra mim, tudo era eu. Eu tinha o que eu queria. Se eu não quisesse trabalhar ele me dava de tuudo. É isso, não parecia que eu tinha treze anos. Hoje eu conto isso, não parece que sou eu, porque a minha vida é outra. Mas olhando pra trás assim, eu posso dizer, não fui eu que vivi isso. Porque pra mim eu era uma criança. Hoje com treze anos é uma criança. Só que na época eu me sentia uma adulta. Ele também, os pais dele aceitavam na boa, ninguém falava nada. A única preocupação da minha vida era o ciúme dele assim. Daí eu assim, não, não quero. Deus o livre não trabalhar. Eu sempre fui muito guerreira. Muito independente (Joana, 2008).

Aos dezesseis anos vai morar sozinha por uma ânsia de independência, mas também para livrar-se da situação de maus-tratos do pai. Segundo sua fala ele tratava os filhos como emprestáveis e Joana se incomodava muito, tanto por ela própria quanto pela mãe e os irmãos. “Na época... tu nasceu pra me incomodar e vai morrer me incomodando. [...] Porque tu não presta pra nada. Era isso que eu escutava dele. Nunca escutei vagabunda da boca dele pra mim, mas... eu creio que ele pensava isso, né” (Joana, 2008).

Sua relação com seu pai era de muito medo quando criança, como se na realidade não se tratasse de um pai e sim de um bandido que morava na mesma casa e estava sempre pronto a lhe fazer mal.

O meu pai falava comigo eu fazia xixi na calça. Era ele falar assim Joana, pronto! Eu fazia xixi na calça. Uma vez ele... não, ele: vem aqui! Espera um pouquinho. Eu apanhei porque eu falei espera um pouquinho. Não era pra esperar, era pra ir. [...] As minhas irmãs, tinham que sair no domingo, tinha que chegar às onze horas em casa, depois das onze elas não entravam mais dentro de casa. Ele deixava dormindo na rua (Joana, 2008).

As pessoas constroem suas subjetividades a partir das trocas e dos relacionamentos que vão tendo ao longo de suas vidas. Uma relação de dominação do marido com a esposa e do pai com as filhas advém de um regime conhecido como patriarcado, sob o qual as relações são baseadas na dominação e expropriação de direitos das mulheres em benefício dos homens. Nesse regime o masculino precede e sente-se dono do feminino. É ele que estabelece as regras de poder e de controle sob a família e a sociedade (NARVAZ, 2005).

O meu pai fazia as coisas e a minha mãe só ficava sabendo depois e a minha mãe não pode fazer nada. Tipo... só um exemplo, isso às vezes ainda acontece, ele sai às vezes e chega de madrugada. Ela sabe porque ele convida ela pra ir, ela não vai, ele vai sozinho. Mas ela não pode ir no culto. Ela não pode ir na igreja sozinha. Não que ele não deixa. Mas ele vai ficar emburrado. Então ela já sabe e ela não vai. E ela

nem tenta. Tu entende o que que eu quero dizer? É assim, dessa forma que acontece (Joana, 2008).

A mãe e as irmãs de Joana vivem dentro desse sistema de patriarcalismo e não veem como ofensa o “homem da casa” ter mais direitos e mais autoridade que as demais mulheres. Para sua mãe e suas irmãs o tratamento de seu pai não era de agressão familiar, viam como algo natural dentro da família. Afinal, ele precisava gerenciar a casa e todas as demais mulheres estavam sob seu pátrio poder. Joana, ao contrário, esteve desde bebê inserida nesse sistema, mas não foi por ele absorvida. Vê-se diferente de suas irmãs, pois estas tinham um comportamento de submissão em relação ao pai, enquanto ela própria não o tinha. “A minha mãe, a minha irmã... guria, tu não nasceu pra ser dona de casa. Não é que eu não nasci pra ser... eu não nasci pra ser mandada eu acho” (Joana, 2008).

Navaz (2005) ainda diz que o patriarcado como existia nas épocas da Idade Média e da modernidade até o século XVII é um regime extinto. Porém, existe um patriarcado moderno, pois, se ainda está no imaginário social a ideia de que a mulher casa-se para viver segundo os preceitos do marido, não há como afirmar ter havido um fim do patriarcalismo. E por esse motivo a mãe de Joana não compreende seus pensamentos. Para ela a mulher nasce para ser dona de casa, antes de ser profissional (uma possibilidade aceita pelos homens a partir da industrialização), esposa e mãe. A parte profissional é apenas um complemento ao marido, um auxílio pelas dificuldades econômicas da era moderna. Contudo, o fato de trabalhar fora não a exime de nenhuma de suas atividades anteriores de servidão ao braço forte que conduz, orienta e dá segurança à família: o homem.

E Joana cresceu como o contraponto da família, a ovelha desgarrada, incapaz de ser conduzida pelo seu pastor. Ela incorporou o papel de resistência atribuído por Foucault (1995). Na visão do autor, “[...] não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual; toda relação de poder implica, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta [...]” (FOUCAULT, 1995, p. 248). Sua resistência foi um lastro herdado em sua vida pelas atitudes do pai e pela submissão da mãe e das irmãs. Doravante ela jamais será a mesma mulher, mesmo tendo saído de casa aos dezesseis anos para não conviver com situações com as quais não concordava e não via como legítimas.

Em todos os campos de sua vida, quando algo lhe empurra para uma aceitação incondicional às atitudes masculinas ou para subserviência, sua psique reage imediatamente em sentido oposto, lhe dando o alerta sobre o tipo de vida que sempre rejeitou e deixou para trás quando saiu de casa, e os ideais vislumbrados após seu “grito de liberdade”.

Eu nunca quero ter um marido assim. Eu não quero viver como a minha mãe vive. O meu sonho era tirar a carteira de motorista. Meu Deus eu me via realizada. E hoje eu tenho a minha carteira de motorista. Deus me deu um carro. Eu tenho um marido que não é assim. Às vezes ele até faz um papel de passar e amor bota isso pra mim. Não! Volta, pega o copo e bota. E aquela coisa de... Não vou fazer. Ai porque tu viu o teu pai. Daí eu falei pra ele. Não é porque eu vi o meu pai. É porque eu não vou ser como a tua mãe, como a minha mãe. Não é mais isso. Antigamente eu não trabalhava fora, eu não te falei, mas eu não trabalhava. Tipo aquela coisa de sair do banheiro, ai a minha cueca. Sabe... faz a minha cama pra dormir. Pô, vai lá e faz. Entende? Porque que ele não leva a toalhinha pra ela no banheiro. Aquela coisa de compartilhar sabe. [...] Que nem esses dias de manhã. Ele acordou. Ele me acordou pra fazer café. Eu assim, tu visse o que tu fizesse? Mas eu não levantei, na cama mesmo. Tu visse o que tu falou. Tu tais me acordando pra preparar o café. Porque que tu não vai lá e prepara um café pra nós? Ele... é né? Ele levantou, veio e fez. Levou na cama pra mim. Mas daí, se a mulher deixa isso acontecer, vira... Eu já tô cortando porque, faz... nem um ano de casado ainda. Mas se deixa, e começa a deixar? Vira hábito. Cabô. Cabô. Depois pra perder isso. Não perde mais. Então eu via muito isso no meu pai (Joana, 2008).

Quebrar o círculo de dominação em uma sociedade capitalista não é algo fácil de se fazer, isso porque os valores vigentes são dotados de masculinidade. Ainda vivemos a ciência da prova, cartesiana e cognitivista, e por isso machista e masculina. Capra (2002) é um dos autores a explicar o quanto a expansão, competição e uma consciência centrada em objetos (lê-se acúmulo de bens) são associados à virilidade e favorecidos pela cultura patriarcal. Segundo a cultura tradicional chinesa, esses valores são chamados de yang, fazem parte do lado masculino da natureza humana. Não são vistos como nem bons, nem maus; somente devem ser equilibrados pelos valores yin, ou femininos – a expansão pela conservação, a competição pela cooperação e a consciência centrada nos objetos por uma consciência centrada nas relações.

Mesmo empiricamente sabemos desde há muito tempo que a sociedade diferencia os atributos ditos femininos dos igualmente ditos masculinos. Então aqui se pode pensar a razão (homem) como sendo o oposto da emoção (mulher). E embora sendo estes atributos opostos, portanto, complementares, o mundo ainda debate-se entre qual deles é o mais importante ou o realmente válido. Os atributos considerados como eminentemente masculinos como medir, discriminar, classificar, dominar geram o egocentrismo e o individualismo próprios da nossa sociedade de mercado neoliberal capitalista. Por outro lado, a experiência direta, não lógica, a percepção e a transcendência que geram o ser coletivo e holístico e que advém da feminilidade, são considerados como uma espécie de valores inferiores e, portanto, passíveis de erros e sem consistência. O conhecimento científico ainda reina absoluto como a única forma de saber realmente aceitável.

Diante de todos esses argumentos, fica uma situação difícil para uma mulher que percebe a desigualdade, se incomoda com ela e luta por um equilíbrio entre o Yin e o Yang.

Esse foi e ainda é o conflito existencial na vida de Joana. Porém, todo sentimento reprimido de baixa auto-estima e inferioridade foram “superados” quando Joana veio morar em um apartamento no bairro Comerciário. Isso porque em seu imaginário morar em apartamento e perto do centro lhe trazia um status social diferenciado.

É... a coisa de status. Porque a pessoa acha... Geralmente quem mora em casa, acha que quem mora em apartamento tem mais dinheiro. É tudo mentira, né. É pura ilusão. Porque apartamento é muito mais barato do que uma casa. Pra ti manter e pra ti comprar. [...] Agora eu moro aqui. As pessoas te olham... olha, ela mora no Centro. Ela mora em apartamento. Tu impõe um pouco mais de respeito, querendo ou não. Tu pode morar numa mansão lá na Mina do Mato... Ah... eu moro na Mina do Mato. Ah... Onde é que tu mora. Ah... eu moro no Comerciário. Ahhh! É incrível como as pessoas têm uma visão assim. Ai, porque eu moro no Pio Correia, eu sou rica... Claro, pode ser mesmo, mas não quer dizer isso. Porque ela mora no Centro que ela... [...] Eu duvido quem viveu pobre assim que tinha... É exatamente isso. Eu tinha todas as minhas amigas ricas e eu era pobre. Hoje eu digo que eu estou melhor. Porque eu consegui um emprego e eu consegui na minha vida morar no Centro, no Comerciário, em apartamento... tudo isso (Joana, 2008).

Ao mudar-se para um apartamento no bairro Comerciário Joana rompe com seu estigma infantil de pobreza e insignificância. Da mesma forma como ela utilizou o estudo como a bengala para se mostrar ou se perceber “um pouco melhor” perante os outros, agora ela usa o apartamento e o bairro. Mas como todo mecanismo de defesa tem a função de “tapaburacos”, também o dela não é capaz de fazer-lhe gostar do lugar onde vive e apropriar-se dele²¹.

Ela não gosta do apartamento onde vive e não consegue definir direito o porquê de sua repulsa. Na visão de Moser (2003), os sujeitos reagem ao ambiente de acordo com a forma como eles o percebem individualmente. As percepções de Joana não são boas em relação a seu apartamento. Por sua vontade ela teria um lugar com mais espaço, uma sala ampla onde pudesse colocar um sofá maior e mais confortável que ela pudesse se aconchegar nele, num dia de frio, puxar um cobertor e pensar na vida. Adormecer em seu sofá assistindo TV.

Eu posso sentar aqui mas eu vou ficar agoniada porque eu vou me mexer, eu vou... porque eu não gosto desse sofá. Graças a Deus eu tenho ele há um ano. Engraçado, né... eu tenho ele há um ano, muita gente já sentou nele, não to... mas eu não gosto dele. [...] Não é o meu sofá, eu não quero esse sofá pra minha vida. É engraçado né,

²¹ Embora a pesquisadora tenha entrado em contato com Joana em outras ocasiões após sua entrevista para obter os desenhos do apartamento e do bairro ela não os realizou. O fato de não apropriar-se do bairro e do apartamento pode ter sido um dos motivos inconscientes que não permitiu que Joana fizesse os desenhos como foi solicitado.

é coisa material, mas eu não gostei, eu não me sinto bem. Eu não acho confortável. (JOANA, 2008).



Figura 26: Sofá do apartamento de Joana

Fonte: Do pesquisador

A apropriação é um sentimento que vai além do material, da propriedade. Joana tem consciência de possuir o sofá de sua sala, mas como não consegue apropriar-se desse espaço em seu apartamento é como se o próprio sofá tivesse outro dono. A sala de seus devaneios, de seus sonhos não faz parte de sua realidade. Nessa sala imaginária ela seria capaz de fazer uma síntese poética com o lugar onde vive, essa sala sonhada é um elemento de fruição poética em sua vida. Talvez a imagem de uma sala onde ela já pode deitar-se num dia de chuva, ficar com os pensamentos vagando e dormir em frente à TV.

Em seu apartamento, o único lugar por ela apropriado e relatado verbalmente em sua história é seu banheiro. Após o casamento foi morar naquele apartamento e não lhe sobrou outro lugar para transcender, para realizar momentos poéticos. O chuveiro, a água escorrendo pelo corpo a transporta para outro lugar:

Sabe que quando eu entro pra tomar banho eu... eu não era assim. Eu descobri o porquê que as pessoas às vezes demoram no chuveiro. Não é porque tá tomando banho, tá pensando. Quando eu entro no chuveiro, eu esqueço do mundo. Ou eu lembro do mundo... porque ali vem as ideias. Sabe aquela coisa de deitar a cabeça no travesseiro? Pra mim é o chuveiro. Hoje assim, depois que eu casei, depois que

eu vim morar aqui. Hoje é pra mim o chuveiro que faz ter ideias... ah vou fazer isso, ai é verdade. É onde eu converso com Deus. Assim, é bem engraçado. Às vezes eu me pego encostada com a mangueirinha assim, me lavando... longe... longe... que eu levo susto com a minha própria imagem que eu me olho assim é... o meu Box é de vidro e às vezes te reflete e eu ui, parecia que tinha alguém. Do susto de tu... aí o Felipe... tu tá aí ainda? Ah... tá, eu já vou sair... e eu fico vermeelha, da água quente, né (Joana, 2008).



Figura 27: Lugar de fruição poética de Joana dentro de seu apartamento

Fonte: Do pesquisador

Durante o banho ela faz devaneios, anda por mundos distantes do pequeno apartamento alugado, onde não há espaço, não pode modificar as coisas, não pode trocar o sofá. No devaneio se esquece do mundo? Ou se lembra do mundo?

Segundo Gonçalves (2007, p. 46), “o devaneio é o momento da condição humana onde reside sua liberdade essencial. É o momento poético que está dentro do espaço psicológico. O objeto poético intermedeia a relação com o sujeito e é carregado de significados de todos, da humanidade”.

Enquanto a água escorre por seu corpo talvez Joana sonhe com seu lugar ideal para viver, o lugar de sua infância onde ela conhecia todos que moravam em sua rua. Apesar da desigualdade social e de suas frustrações, nesse lugar ela encontra a sua história. “Até hoje

quando eu sonho, eu sonho com a minha casa que eu morei ali no... aqui no Centro. Na minha infância. Dos meus sete aos meus 18 anos” (Joana, 2008). Joana sonha com a casa onde morou, mas com certeza desejou e deseja uma maior e mais bela como as dos seus amiguinhos, mas o lugar de sua infância lhe encanta e faz ela emocionar-se quando se lembra. “Porque eu vivi tudo ali. Até hoje quando eu sonho tudo que eu sonho a gente tá naquela casa. É incrível assim”. (Joana, 2008).

Seus sonhos podem ser mais amplos do que seu apartamento locado. Em seu apartamento ela tem privacidade, mas não tem amizades, não é como morar em uma rua comprida onde ela conhece “todo mundo” e brinca com “todo mundo”. No prédio em que vive, as pessoas se respeitam, mas não se veem. Ela admite o quanto sua vida é corrida e não sobra tempo para conhecer os demais moradores.

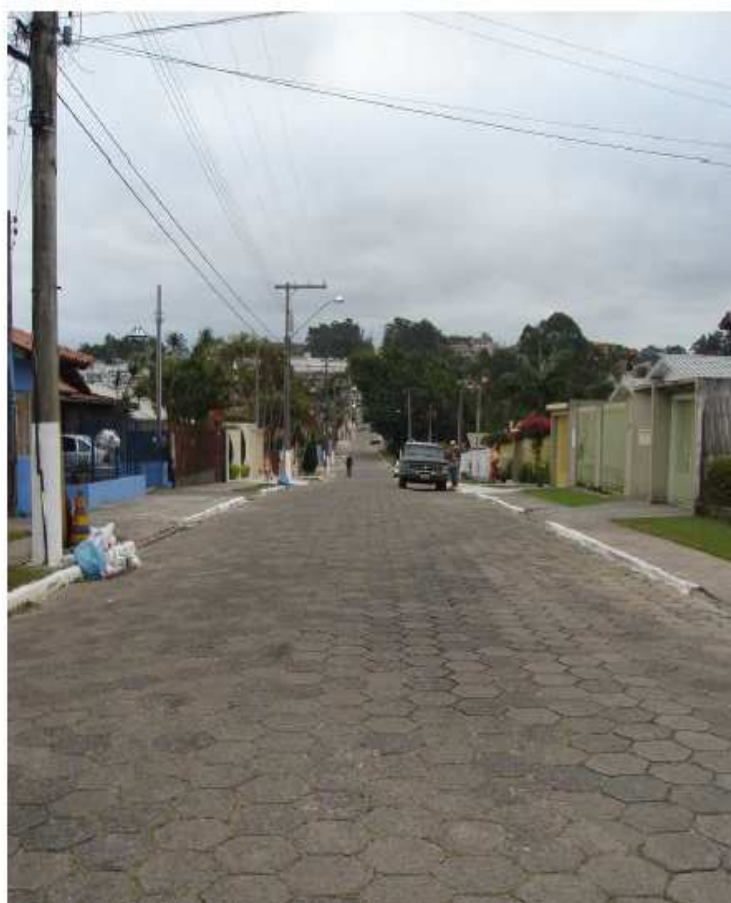


Figura 28: O lugar onde viveu e o qual desejaria morar

Fonte: Do pesquisador

Às vezes a gente se cruza na entrada, na garagem, deu. Tu não tem um ciclo de amigos. Igual tu morar em rua, ir na vizinha e pedir trigo, açúcar emprestado. Eu gosto disso. [...] numa casa é diferente, tu vai ficar com a porta aberta, tu vai ver o vizinho passar, a estrada, é diferente. Final de semana tu tá com a porta da tua casa

aberta. O vizinho também tá com a porta da casa dele aberta e aqui não, aqui tu tá fechada (Joana, 2008).

A privacidade é uma das dádivas da vida no meio urbano. Segundo Jacobs (2003, p. 63), “talvez ela seja preciosa e indispensável em todos os lugares, mas na maioria deles não se consegue obtê-la. Em coletividades pequenas, todo o mundo sabe da vida de todo o mundo”, já em cidades maiores e mais adensadas as pessoas podem escolher para quem revelar seus segredos.

Em apartamento a vida é individual, cada um vive para si. A única vantagem relatada por Joana está na praticidade de não ter muitos afazeres domésticos, porque não tem área, não tem grama e conseqüentemente tem pouca sujeira. Mas sua vida, sua história e seu lugar ideal estão vinculados a espaços maiores e a ruas grandes onde existem muitos vizinhos conhecidos. Enquanto não realiza seu sonho, procura a casa da sogra para passar momentos agradáveis em seu tempo livre. Lá ela se senta na varanda, conversa, tem contato com árvores, colhe fruta no pé e pode fazer um churrasco em dia de domingo. No Comerciário não há vida para Joana, são prédios e mais prédios a sufocarem o seu sentido de liberdade. Ali só existe um pequenino lugar no interior do apartamento onde ela pode descansar debaixo das águas do banho e sentir-se um pouco mais em casa.

6.8 Um ritual, uma promessa e uma frase da Bíblia

Qual criança não deseja a liberdade de experienciar? Trilhar durante dias inteiros pelos arredores da cidade curiosa prestando atenção nos detalhes da rua e de quem passa. Criar-se livre podendo voar para onde quiser. Dos arredores de seu prédio de infância, Jean²² conhecia toda vizinhança do bairro onde morava em Maracajá. Com três ou quatro anos saía de bicicleta de manhã cedo passando por entre a paisagem agrícola da cidade visitando todos os seus tios que moravam por perto. O prédio onde morou foi seu lar durante toda sua infância, não havia muitos prédios em Maracajá nessa época (ainda hoje não existem muitos). Em sua rua de estrada de chão, ele não possuía varanda para brincar ou um grande espaço

²² Jean tem 19 anos, foi entrevistado no dia 22/05/08 às 15:00 hs. Sempre morou em apartamento. No bairro Comerciário reside desde os 11 anos com seus pais.

como as crianças que moravam em casa, mas isso não lhe fez falta, pois a rua era o seu jardim e os arredores do bairro o seu imenso *playground*.

Todavia, ao escurecer Jean precisava estar em casa, seu pai não permitia que ficasse na rua até tarde. Durante o dia se divertia muito, ia na casa dos amigos, dos avós, dos tios e dos primos. “Eu sempre fui muito livre, sempre brinquei de tudo. Eu descia de carretilha os morros, roubava jabuticaba dos vizinhos, vergamota, jogava taco na rua, bolinha de gude, peão” (Jean, 2008).

Até os 10 anos Jean aproveitou toda liberdade que lhe era proporcionada pelo ambiente onde viveu. Desde sua infância transcorreram cerca de 15 anos apenas e não se vê mais lugares passíveis de oferecer tamanho desprendimento às crianças. Estas estão ficando cada vez mais carentes de liberdade, de lugares onde possam extravasar suas energias.

Aos 11 anos seus pais se mudaram para Criciúma e compraram o apartamento onde moram atualmente, foi sua primeira “casa própria”. Há apenas um ano quitaram a última prestação do apartamento onde vivem.

Para os brasileiros, ter uma casa própria é garantir a integridade do corpo e do espírito. Morar de aluguel é como estar “perdido” no mundo, sem rumo, podendo ser mandado embora a qualquer momento. Mas a casa própria é capaz de dar sentido à vida das pessoas, lhes proporciona enraizamento. E o fato de morar em apartamento não impede que mencionem seu imóvel como sendo sua casa, pois nesse sentido ele tem conotação de lar. E o lar de alguém é o local por meio do qual o indivíduo se referencia.

Por tudo isso, “ser posto para fora de casa” significa algo violento, pois, se estamos expulsos de nossas casas, estamos privados de um tipo de espaço marcado pela familiaridade e hospitalidade perpétuas que tipificam aquilo que chamamos de “amor”, “carinho” e “consideração”. Do mesmo modo, “estar em casa”, ou sentir-se em casa, fala de situações onde as relações harmoniosas e as disputas deve ser evitadas (DAMATTA, 1997, p. 54).

A simbologia em relação à casa própria está relacionada ao fato de a casa ser protetora como o é uma mãe. Mas uma boa mãe, capaz de maternagem, que nunca abandona seus filhos mesmo nos momentos mais difíceis. Por outro lado, quando a casa não é propriedade legal o sujeito a enxerga com certas ressalvas e tem dificuldade em vincular-se a ela e senti-la com um abrigo que acolhe e livra de todo mal. Para o indivíduo, o cuidado, o apego e a apropriação somente são legítimos quando se trata de uma residência sua no papel. Se apropriar, formar laços com um lugar, cultivá-lo sem uma garantia de permanência nele é como entregar-se para um amor e não ser correspondido. Verificar após um tempo de

convivência que o seu amor pelo outro não foi suficiente para permanecerem unidos. Assim também é o homem e sua casa, ele precisa casar com ela, estar disposto a formar com ela uma união e assim doar-se a si mesmo e aceitar a doação que o ambiente lhe proporciona. Mas esse laço só é estreitado a partir do momento em que o homem tem a posse de seu lar.

Ao chegar a Criciúma, uma cidade mais urbanizada e sem tantos parentes e amigos, Jean ficava muito sozinho durante as tardes após vir do colégio. Não podia mais pegar sua bicicleta e sair pelas ruas em busca de companhia e diversão. No apartamento, sozinho, ele jogava videogame, estudava, dormia, era muito diferente de sua outra vida. Nos finais de semana, porém, Jean recuperava em Maracajá tudo que não vivia durante a semana em Criciúma. Na sexta-feira à tarde sua mochila já era rapidamente arrumada e ele voltava para o seu lar, onde revia seus amigos, seus parentes e onde os lugares faziam sentido para ele.

O entorno contribui de maneira decisiva para definir quem somos individual e socialmente. Ele nos auxilia a desenvolvermos relações mais apuradas com nosso mundo perceptivo, funcional e simbólico. Com nossos atos transformamos e damos significado ao entorno e promovemos um sentido a nossas vivências permanentemente contextualizadas no espaço (VALERA, 1999).

Não estamos alheios às transformações ocorridas no espaço e procuramos nos adaptar a elas na medida do possível. Jean com o tempo foi reconhecendo Criciúma em seu imaginário e acabou incorporando dentro de si essa nova vida. Pouco a pouco ele deixa de passar tantos finais de semana em Maracajá...

Quando inicia o curso superior de Direito, tudo muda. Sua semana torna-se bastante cheia. Trabalha durante o dia e à noite cursa a faculdade. Essa não é uma realidade apenas para Jean. Grande parte dos jovens de sua idade que valorizam os estudos, mas não desejam sair da cidade ou não conseguiram uma vaga em universidade federal, precisam trabalhar durante o dia para conseguir custear os estudos realizados durante a noite.

A faculdade proporcionou-lhe outros contatos e ao formar vínculos em Criciúma a vida de Maracajá passou a fazer parte de suas boas lembranças e não mais de seu presente. O ser humano possui duas características importantes em sua constituição: são extremamente adaptáveis e necessitam de outros seres humanos para viver.

Mesmo os homens pré-históricos se constituíam em bandos a fim de facilitar a sobrevivência. Estando juntos era mais fácil protegerem-se mutuamente contra os perigos da selva e, ao mesmo tempo, se auxiliarem na busca por alimentos. Seja qual for o motivo encontrado para manterem-se unidos, o homem não é um ser sozinho no espaço. Ele precisa ficar entre seus iguais para desenvolver-se enquanto ser humano. Somente no meio social ele

aprende a linguagem e formas privilegiadas de convivência. Nos aglomerados humanos, o sujeito se diferencia e cria mecanismos complexos de pensamentos, emoções e interações.

Sem a presença do outro, não há simbolismo, nem prosa ou poesia. É pela presença do outro que o indivíduo é capaz de saber quem ele é. E são os “muitos amigos” encontrados por Jean em Criciúma que o fizeram criar raízes na cidade e no bairro onde mora.

Com pais superprotetores saiu para festas noturnas somente após uma fuga de casa aos 17 anos. Jean se sentia preso e via seu pai como autoritário, não havia muito diálogo entre os dois. Porém, o jovem reconhece seu erro, mas mesmo assim seu pai permanece sem falar com ele por uma semana. “Aí depois de uma semana ele veio falar comigo, dizer que pai e filho nunca poderiam ser inimigos, que tinha sempre que ficar um do lado do outro. Aí... depois daquele dia ele me deixou sair” (Jean, 2008).

A família é o elo mais importante na vida de um sujeito. Uma família equilibrada forma filhos equilibrados. Se os pais forem capazes de dar a sustentação necessária ao desenvolvimento do caráter da criança ou do adolescente, verão seus filhos tornarem-se adultos responsáveis, dignos de confiança e com uma subjetividade integrada.

Mesmo pais rígidos podem formar filhos amorosos, a personalidade do sujeito irá demandar forças internas e externas. Todas as experiências entram em jogo na formação da psique humana. Jean fala em sua mãe como a apaziguadora; teve dificuldades em relacionar-se com o pai, mais fechado, mais autoritário. Porém a mãe como ponto-fixa, a imagem de um seio bom, dando proteção e aconchego serviu como a viga de união familiar. Apesar de muitas vezes não concordar com seu pai, Jean o compreende e tenta ponderar suas razões.

Mas meu pai sempre foi assim, muito rígido comigo. Queria sempre as coisas corretas. Nunca deixava eu fazer nada... que não fosse correto. Bebida alcoólica, ele me deixa beber, mas ele não gosta, fumar, mas nem pensar, eu também não gosto, não gosto. Brinco... de jeito nenhum, tatuagem... de jeito nenhum. Meu cabelo tá grande ele já manda cortar. Tem que ser aquela coisa, tudo bem certinho (Jean, 2008).

Sempre com muita responsabilidade perante suas atitudes e suas obrigações, Jean participa ativamente da dinâmica familiar. Ele é o responsável pelas contas da casa, as recolhe, verifica quanto é necessário, data de vencimento e tudo mais. Seus pais não se preocupam com isso, confiam nele.

Em termos de relacionamento familiar, sempre teve mais intimidade com sua mãe, pois era ela quem lhe dava mais carinho, mais atenção. Seu pai se preocupava em não deixar faltar dinheiro. Todavia, quando começou a trabalhar com seu pai e foi aprofundando sua

relação com ele, perdeu um pouco a intimidade em relação à mãe. A base de uma relação é a convivência, somente podemos aprofundar em intimidade e qualidade um relacionamento na medida em que ficamos mais tempo convivendo sob o mesmo ambiente que o outro.

Seu pai foi o modelo identificatório, o referencial bom para formar o seu caráter e seu self ideal. Espelha-se nele quando fala de sua pouca ambição. Deseja tornar-se um homem empreendedor, mas com uma boa índole, ajudar as demais pessoas e viver sem ostentação, exatamente como o pai.

Acho que é... eu aprendi muito com o meu pai. Meu pai é... meu pai é muito bom. Ele quer ajudar muito as pessoas. Até quando ele era vereador do Maracajá, o salário dele acho que ele nunca pegou... acho que ele pegou até um certo ponto do salário, o resto ele doou em cesta básica. Ele nunca mais pegou, só em cesta básica e nunca repercutiu na mídia isso. Ficou sempre uma coisa quieta. Ia lá no dia de receber, comprava de cesta básica no mercado da Próspera e ia de caminhão, entregava pro pessoal. Sei lá... meu pai foi sempre muito bom (Jean, 2008).

Sua rotina diária atualmente é trabalhar durante o dia, ir para a faculdade à noite, depois da faculdade faz uma hora de academia e na sexta-feira, após a academia, ele frequenta a Igreja Luterana Renovada. É uma sessão especial para jovens, começa às 23h30 e vai até as duas horas da manhã. Ele começou a frequentar a igreja faz dois meses e está encantado com a possibilidade encontrada lá. Possibilidade de fazer amizades, compartilhar um pouco de si com outras pessoas e encontrar um meio de transcender.

Todo ser humano precisa viver prosaicamente e poeticamente e ele tende a ir em busca dos dois. Se não há um equilíbrio entre as atividades racionais e cotidianas e a procura por aprimoramento emocional, ele não se realiza. Essa busca se dá inconscientemente, mas quando o sujeito encontra algo que lhe toque a alma sabe que o que encontrou tem valor inestimável para sua constituição enquanto indivíduo. Não há uma regra para o desenvolvimento do “espírito” humano. Não há um lugar ou um objeto apropriado para transportá-lo nessa viagem rumo ao momento estético entendido por Benedetto Croce.

Apenas existe a possibilidade de estar lá, de encontrar-se consigo mesmo por meio de uma situação, um objeto, uma lembrança, uma oração e por meio desse encontro aperfeiçoar-se enquanto pessoa, desenvolver maiores e melhores sentimentos de convivência mútua. Não estamos falando de duas coisas dissociadas, poética e espiritualidade. A poética libera a espiritualidade inerente em todos os seres humanos e com ela liberta o que há de mais humano no humano.

Muitas pessoas falam de Deus pra elas, elas acreditam. Mas nunca tive... Como é que eu vou falar pra ti, Deus existe. Ah... se existe, porque que ele não faz um milagre pra mim? Porque que ele não faz alguma coisa que eu acredite. É que tem coisas que não adianta eu contar pra ti. Só acontecendo contigo. [...] É eu senti alguma coisa diferente. Eu me sinto bem quando eu tô lá. Eu acho que todo mundo quando vai na igreja se sente bem. Acho que... se tu vai na igreja, tu vai buscar alguma coisa (Jean, 2008).

A espiritualidade é uma busca pelo momento estético. Com vidas tão saturadas de tantas atividades, tantos vazios e solidões os sujeitos cada vez mais se apegam em religiões capazes de aliviar o peso do seu dia-a-dia sacrificante. É uma das formas encontradas pelos indivíduos para se reconhecerem e entrar em contato com Deus. Mas todo o ser humano, ao buscar Deus, busca um pouco de si diante do todo poderoso. Está a procurar por seus preceitos mais nobres, encontrar com Deus e enxergar a si mesmo. Tanto que as religiões cristãs falam do ser humano como imagem e semelhança de Deus. Então ao contemplar a face de Deus o sujeito contempla sua própria face e ao encontrá-la é capaz de viver de forma mais congruente sua própria vida.

Na era moderna, a demanda do indivíduo passou a ser por *self*, por um ponto de referência fixo e não ambíguo. Ele necessita com urgência desse ponto fixo, tendo em vista a expansão sem precedentes das perspectivas práticas e teóricas, a complexificação da vida e o fato de que ele já não pode encontrar tal ponto em nenhum lugar fora de si próprio (JOÃO DO RIO, 1911 apud O'DONNELL, 2008, p. 66).

Ao buscar momentos poéticos o sujeito busca encontrar-se nesse lugar dentro de si próprio, como fala João do Rio. No instante poético há uma transformação do sujeito. Naquele momento ele recria seu mundo interior e passa a ver o objeto de fruição como um espelho capaz de mostrá-lo inteiro, como uma síntese de si mesmo (GONÇALVES, 2007). A poética nasce do coração. Em nossa sociedade ela é uma busca incessante da transcendência, única capaz de reaver a subjetividade perdida.

Jean acostuma-se com a vida no apartamento, mas busca a transcendência em outro lugar. Talvez a tivesse quando andava de bicicleta pelas ruas de Maracajá. Mas em Criciúma, era necessário encontrar outra forma de obtê-la. Somente foi possível em reuniões noturnas, no meio de outros jovens, talvez com as mesmas angústias e aspirações em relação à vida e ao futuro.

A boa convivência com as demais pessoas é um ponto importante na vida de Jean. Em seu prédio ele conhece a maioria dos moradores, tem contato diariamente e conversa com eles de vez em quando. Para ele é impossível ter um vizinho de porta e não relacionar-se com

ele. Por outro lado, com os moradores dos demais prédios o contato fica prejudicado pelo fato de viverem em uma residência vertical. Seu conhecimento em relação aos vizinhos acaba na porta de entrada do seu prédio.

Se tu buscar vários prédios aqui, tem muita gente que não se conhece, que nunca se viu, que não sabe nem o nome do outro. Acho que isso não é uma comunidade. Uma comunidade é um lugar onde todo mundo se conhece, existe uma união. Existe uma busca de alguma coisa. Acho que isso aqui é quase uma cidade.. (Jean, 2008).

A comunidade existente em Maracajá, na qual todos se conheciam e ele saía à rua para brincar durante o dia inteiro, não existe no bairro Comerciário. Em uma comunidade as pessoas se conhecem e estão em busca de algo em comum. Esse algo é buscado pelas pessoas que vivem no Comerciário? Serão estas pessoas diferentes dos demais habitantes de bairros horizontais?

“A construção social de uma identidade comunitária surge das interações que os membros de um território local estabelecem com ‘os de fora’, servindo para definir sua comunidade. Sabemos que todo processo de identificação se dá pelo outro” (GONÇALVES, 2007, p. 33). Mas esse outro já não existe mais nos bairros verticalizados, está cada vez mais distante dentro de seu próprio apartamento, suas preocupações e sua correria diária.

Dentro de cada bloco vertical de concreto, cada janela iluminada, cada cômodo dos apartamentos, existe um ser humano como tantos outros em busca de uma vida tranquila e feliz. Por algum motivo já não existe liberdade ou convivência, mas a ânsia de estar entre os iguais é quase uma neurose urbana, levando muitos sujeitos a literalmente adoecerem de solidão.

Jean não se apropriou do bairro onde mora, para ele é apenas um local onde há muitos prédios e as pessoas buscam segurança. Em seu desenho ele dá destaque para o único lugar frequentado por ele no bairro: o campo do Criciúma. Sempre gostou muito de futebol, em dia de jogo ele e seu pai vão até o estádio assistir juntos à partida.

A apropriação do apartamento é modesta, sente-se bem em todos os ambientes de sua residência. A falta de espaço não é percebida, pois mora em uma cobertura, na qual existe uma vasta varanda, com piscina, no andar superior de seu apartamento. Com um espaço grande onde pode ficar quase livremente, embora esteja no ponto mais alto do prédio e não tenha árvores ou plantas por ali, Jean não tem o sentimento de estar fechado sem ter onde ir, como muitos entrevistados relataram. Apesar disso, o seu quarto é o lugar onde se refugia, onde fica quietinho deitado na cama, onde ele foge do mundo e se abre à reflexão.



Figura 29: Desenho do bairro Comerciário elaborado por Jean
 Fonte: Jean (2008)

Acho que o meu quarto, né. tá ali quietinho, deitado na cama. Acho que é um lugar... eu gosto muito de ficar quieto também. Às vezes acontece alguma coisa, eu fico meio chateado... eu vou pro meu quarto... eu fico ali. Acho que... é onde eu me sinto sozinho. Eu fecho a porta... Às vezes parece que tu foge do mundo (Jean, 2008).

O quarto é o refúgio de todos os adolescentes, pois, ao sentirem-se incompreendidos, sozinhos, sem esperanças ou expectativas em um mundo concorrencial, cheio de perigos e maldades, é no quarto que encontram conforto. A projeção imaginativa que Jean faz de seu apartamento no papel demonstra a importância desse cômodo para sua vida. O companheiro de solidão. Talvez o único capaz de entender seus anseios e suas dúvidas, o único capaz de enxergar sua alma ao avesso.

O ideal de vida para Jean une o trabalho ao lazer, o mesmo lazer que possuía nas ruas de Maracajá. Ele deseja viver em apartamento para trabalhar durante a semana e ter um sítio para passear e reunir a família nos fins de semana.

Seria mais ou menos isso, morando aqui. Mas no final de semana, poder ter um sítio, pra reunir toda a família, fazendo churrasco, comendo, conversando, tudo junto. Ficar lá tudo junto, rindo, conversando. Porque esse negócio de ficar preso no apartamento, sem contato com ninguém... É bom às vezes tu fazer isso. Imagina a gente reunir a família, os amigos do bairro, do trabalho. Então eu penso assim, ter um lugar pra trabalhar, pra morar, um apartamento, ou uma casa. E final de semana poder ter um sítio pra poder ter o contato com as pessoas, contato com os parentes.

Eu acho importante isso, ter contato com a família. Não assim, só pai e mãe, mas também pai, irmão, tio, sobrinho, primo. Isso é importante. Acho que isso é o meu ideal de vida (Jean, 2008).

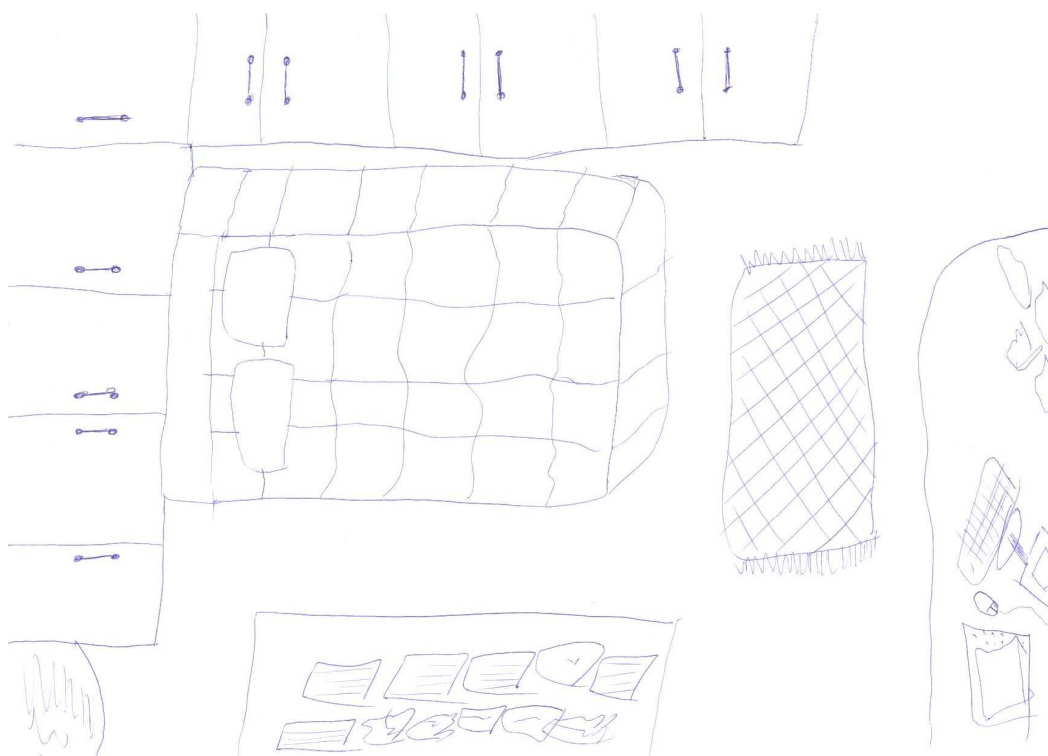


Figura 30: Desenho do apartamento elaborado por Jean

Fonte: Jean (2008)

Um sítio para ter contato com as pessoas porque na cidade não é mais possível. Ninguém deseja manter seus lares abertos para os outros durante a semana. Não há tempo para muito contato, muita conversa. Então o apartamento é conveniente para uma vida voltada ao trabalho. Mas uma vez livre, a liberdade o persegue, o desejo de contato e de não mais ficar preso no apartamento falam alto quando pensa onde desejará estar daqui a alguns anos. Inconscientemente Jean ainda almeja habitar um lugar onde saia de bicicleta para olhar a paisagem e encontrar pessoas e só volte à noitinha para a casa, pouco antes de escurecer.

6.9 A saudade do que nunca teve e o rompimento dos pensamentos mágicos infantis

Característica existente em Criciúma desde a época de ouro do carvão era quando uma mina desativava-se, anos mais tarde nascia um bairro em cima do cenário acinzentado dos rejeitos de carvão. Até hoje por tradição ou costume a maioria dos bairros formados

nessas condições ainda levam o nome das minas que os originaram. Temos bairros como Mina do Toco, Mina Brasil, Cidade Mineira, Mineira Nova e tantos outros que até hoje guardam a história permanente dos mineradores debaixo dos solos recuperados de seus bairros.

Ricardo²³ foi uma das tantas crianças a morar num destes bairros. No seu caso em particular, o bairro onde morou os primeiros anos de sua infância era batizado de Mina do Mato. Outrora, quando instalou-se a mina neste local, talvez houvesse vegetação densa nessa região. O que justificaria o nome do lugar. Porém, quando o bairro chegou após a mina, já não existia mato algum na Mina do Mato. A infraestrutura do bairro só foi sendo adquirida por meio dos esforços contínuos de sua mãe junto à prefeitura e órgãos competentes. Ricardo presenciou, em seus anos de infância, o bairro crescer e tornar-se iluminado, com água encanada, arborizado e sua casa dentre todas era um jardim coberto de flores e folhagens de muitas espécies. Desse tempo Ricardo se lembra das brincadeiras vivenciadas ao ar livre e das amizades contraídas facilmente pela possibilidade de mobilizar-se pelas ruas do bairro.

Em sua narrativa inicia sua história situando-se no tempo. Nasceu em 7 de maio de 1990. Em seguida já conta o fato que irá permear sua fala até o final da entrevista e, com certeza, um dos mais marcantes em sua vida. Sua mãe o criou sozinha, seu pai não deu assistência, “não o assumiu”, como ele conta: “[...] meu pai deu uma assistência no começo, mas não... não continuou assim, não me assumiu. Então sobrou eu e a minha mãe” (Ricardo, 2008). Aqui tem a marcação de sua história, uma história sem um homem para chamar de pai.

Ele viveu com os avós até os seis anos, pois sua mãe trabalhava o dia inteiro. Ia e voltava de Araranguá todos os dias. Após um período nessa rotina, ela decide ir morar em Araranguá e levá-lo consigo. Foi seu primeiro prédio, um prédio verde com branco, com oito andares. Nessa época sua mãe conhece Luan, o homem que lhe pareceu mais próximo da figura de um pai, o pai que ele não tinha. Luan brincava com ele, levava presentes, todas essas coisas advindas de laços parentais.

Ele morou nesse apartamento até os 9 anos. Sua vida foi relatada como sendo normal. Morava no prédio, ficava no apartamento com a empregada e brincava sozinho. A mobilidade existente na Mina do Mato era quase nula quando morou nesse prédio em Araranguá. Fazer amizades era uma coisa difícil, até mesmo porque não podia sair de casa e

²³ Ricardo tem 18 anos, foi entrevistado no dia 23/05/08 às 15:30 hs. Morou praticamente toda a sua vida em apartamento. No bairro Comerciário reside há 8 anos com sua mãe.

entre a vizinhança do prédio não havia muitas crianças, o jeito para sua vida foi acostumar-se com a solidão.

Quando tinha nove anos, sua mãe foi transferida para Criciúma e ele voltou a morar na casa da Mina do Mato, com seus avós. Diz ter sido uma época muito mais divertida, porque tinha mais espaço para brincar. Podia sair e voltar a qualquer hora. “Saía, sempre, nunca ficava em casa vendo TV, tinha bastante amigo. [...] lá eu tinha bastante amigos. Porque lá era um lugar aberto assim, não passava muito carro, não tinha bandido, não tinha nada” (Ricardo, 2008).

Ele e sua mãe moraram pouco tempo nessa casa, logo foram morar em um apartamento cedido pela Luminar enquanto seu apartamento comprado no bairro Comerciário ficava pronto. Ao ir morar no bairro Comerciário ele troca de colégio, sai do Michel e vai estudar no Pequeno Polegar, mas fica lá apenas um ano e no ano seguinte vai estudar no Colégio São Bento. Quando vai para essa escola ele aprofunda uma amizade iniciada durante a catequese e começa a formar o conceito dentro de si de um verdadeiro amigo. Começa a ficar muito próximo de Cristiano, dorme na casa dele, vai com ele para sua casa de praia, algo incomum para ele, acostumado a viver mais sozinho dentro do apartamento. Sua amizade inicia-se por volta dos 10, 11 anos e hoje, com 18 e já na faculdade, relata ser ainda o seu único e verdadeiro amigo.

Antes da mudança de colégio, Ricardo vivia num mundinho mais seu, pois até mesmo na escola não encontrou um clima propício para fazer amizades. Ao ingressar no São Bento, sente a dificuldade no ensino, os professores já não o ajudavam a passar como acontecia na escola anterior, tudo era mais difícil. Por outro lado, ali ele sente-se mais à vontade porque percebe mais amizade entre as pessoas.

Tinha aquele clima de amizade entre eles. Eu tenho amizade até hoje com os meus antigos professores. Daí todo mundo tinha amizade com todo mundo. Não era aquela coisa assim... de grupinhos isolados. [...] todo mundo fazia amizade, um não desprezava o outro, aquela coisa assim... dizem que é porque é um colégio mais rígido assim, eu não sei. Daí a minha vida foi assim até o terceiro ano. Não teve nada assim de muito importante (Ricardo, 2008).

Sua vida resumia-se em colégio e apartamento, talvez por sentir uma repetição diária de uma mesma rotina, acaba por desconsiderar suas experiências. Diz não ter nada de muito importante para relatar. Como se, nessa época, seu mundo fosse uma grande tela em preto e branco. Ricardo fala de sua vida sem grandes emoções, sempre traz a cada acontecimento a expressão: “aquela coisa assim”. Como se todas as vidas de estudantes e moradores de prédios

fossem iguais e, portanto, não precisava detalhar muito, todos já saberiam a respeito de que ele estava falando.

Em sua narração ele não se recorda de grandes tristezas ou grandes alegrias, parece estar esperando por um grande acontecimento, uma grande emoção. Mesmo quando começa a ir a festas não há uma mudança significativa em seu ciclo de convivência.

Aí na segunda série... não na primeira série eu comecei a ir em festa. Aí começou aquela coisa de quinze anos, tal. Aí eu comecei a ir pra festa. Daí eu ia pra festa, voltava duas, três horas pra casa. Era programado assim, a mãe já sabia, ah... volta as duas tal, aquela coisa programada assim. Daí isso foi até o terceiro, aquela coisa assim. Aí, agora fiz o vestibular, no terceiro, passei pra ACADEMIA e tô estudando (Ricardo, 2008).

Seu relacionamento com sua mãe é descrito como de muita cumplicidade, só “tinha sobrado os dois”, precisavam se auxiliar mutuamente. Ele a ajudava com as tarefas domésticas e assim seguiam a vida. Sua família foi sempre muito unida e ele sentia-se feliz em todos os lugares onde viveu. Mas sua felicidade parece condicional a um desejo materno. “Sim, porque a minha mãe sempre quis que eu ficasse feliz, então pra mim nunca tinha diferença de um lugar pro outro. Pra mim não importava o lugar. Querer fazer amizade com os carinhos do colégio, aquela coisa toda” (Ricardo, 2008).

Para Gonçalves (2007), a vida social é refletida na relação da criança com sua mãe desde o nascimento. A mãe traz consigo modelos de identificação que serão transmitidos para a criança. Ao serem internalizados, esses modelos a ajudarão a estruturar sua personalidade.

Com 11 anos Ricardo conhece seu pai biológico. Foi seu primeiro contato com ele, que diz manter algum contato até o presente. Contudo, seu pai não demonstra muito afeto por ele e este retribui com a mesma indiferença. “Eu tenho contato com ele até hoje, mas ele não liga muito. Meu pai não é uma pessoa assim, responsável” (Ricardo, 2008). E complementa sua fala justificando o porquê dessa frieza. “[...] porque não adianta. Ligar pra quê? Não faz diferença” (Ricardo, 2008). A ausência do pai é uma dor reprimida dentro de si, expressada por uma mágoa contida, uma indiferença velada, um meio que Ricardo encontrou de levar sua vida adiante somente ao lado de sua mãe, sua única cúmplice.

Todas as figuras paternas o abandonaram em algum momento de sua vida. O pai biológico desde o nascimento foi indiferente a ele e continuou a ser após tê-lo conhecido aos 11 anos. Seu avô faleceu quando ele ainda era criança. Ricardo sentiu muito a sua morte, diz ter sido sua única grande tristeza na vida. Luan, atual namorado de sua mãe, entrou em sua vida quando ele ainda era criança, por isso Ricardo depositou nesse homem a esperança de ter

encontrado um pai. Contudo, também ele o abandona, inicialmente ia todos os dias em seu apartamento em Araranguá, brincava com ele e lhe dava atenção, mas quando ocorre o término da relação e o retorno, Ricardo começa a perceber que “este pai” pode não ficar em sua vida, o melhor a fazer é distanciar-se dele também. “[...] uma coisa que pra mim não marcou nada né, mas pra mãe. Ela e o Luan sempre ficaram aquela coisa de terminavam, voltavam, terminava, voltava, pra mim não fazia diferença, né, mas pra eles, talvez” (Ricardo, 2008).

Embora verbalmente Ricardo diga não ter se abalado com o fato de sua mãe romper a relação com Luan, ao ser questionado por que ele estar lembrando desse fato se era sem importância, vem à tona seu ressentimento e ao mesmo tempo um receio de perder o pouco de pai que lhe foi oferecido em sua vida.

[...] quando eu era pequeno, sete, oito anos, ele aparecia quase todo dia lá em casa, porque eu morava em Araranguá. Mas daí quando veio pra cá ele não aparecia todo dia. Aí foi nessa época que começou aquela coisa que terminava porque não tava gostando, depois voltava. Então aí... pra mim não fazia tanta diferença, porque eu era criança, aí depois... eu fui crescendo com isso, aí eu me acostumei com isso. Então pra mim já não fazia diferença... [...] quando eu comecei a criar uma ideia própria, que eu tive noção das coisas assim, eu notei que ele não era o meu pai. Ele era só uma pessoa... o namorado da minha mãe. Não era o meu pai. Quer dizer... ele gostava de mim, ele gostava, era aquela coisa né, mas não era o meu pai. [...] Quer dizer... ele me deu uma ideia do que era um pai. Depois que eu comecei a ter ideia própria, eu vi que ele não era o meu pai. Que ele era só um amigo (Ricardo, 2008).

Ricardo não consegue admitir a falta que seu pai fez em sua vida. Todo sujeito quando possui uma dor psíquica muito forte em relação a algo ou alguém cria mecanismos de defesa inconscientes para conseguir suportar o que conscientemente seria insuportável. A estratégia utilizada por ele foi negar a importância de uma figura masculina para ser o ponto fixo, o modelo identificatório na constituição de seu caráter. Ricardo diz não sentir falta de um pai porque não se sente falta de algo que não se sabe o que é. “[...] eu não sabia o que era, então... não fazia diferença. Quando tu não tem uma coisa, tu não sabe o que que é. Então... não faz diferença pra ti”. (Ricardo, 2008). Mas na verdade, em todos os momentos, mesmo em seu relato ele deixa transparecer o desejo de conhecer, de experimentar algo sabidamente existente em outros lugares e outras famílias.

Aos 16 anos Ricardo tem sua primeira experiência sexual. Não relata como algo importante, mas sim como algo marcante em sua vida. Para ele uma experiência nova, um rompimento com a inocência infantil. A partir desse fato diz ter mudado completamente sua forma de pensar em relação às outras pessoas.

Mudei, mudei bastante. Eu mudei um monte de coisa. Sobre o pensamento, sobre as outras pessoas. [...] Mudou o meu comportamento, com certeza. Em relação às outras pessoas, mudou bastante coisa. Eu deixei de... deixa eu ver... a inocência assim... Comecei a perceber as coisas, não só... por exemplo, comecei a perceber quando uma pessoa tá te logrando, quando uma pessoa tá querendo alguma coisa a mais de ti, por pouco, tá entendendo? Quando querem se aproveitar de você. Eu comecei a perceber mais o certo do errado, o bem do mal. Quando... depois que eu tive as primeiras relações eu comecei a notar assim que não era bem por aí... que o ser humano é uma coisa muito mais... quando era pequeno eu achava que aquilo pra mim... todo mundo era legal. Eu podia fazer amizade com todo mundo. Hoje eu sei que não é assim. Tem pessoa que quer se aproveitar, tem pessoa que quer fazer mal. Esse tipo de coisa assim, eu comecei a notar isso. [...] você começa a encarar a vida de outro jeito (Ricardo, 2008).

A adolescência é inerentemente uma fase da vida do ser humano na qual ele participa de uma busca acirrada do “eu” a fim de obter uma identidade própria para seu ego. É o que Ricardo está relatando a respeito das descobertas posteriores às primeiras relações sexuais. O psicanalista Erik Erikson chama essa fase da juventude de “crise de identidade”, uma fase geradora de angústia, passividade ou revolta. Podem ocorrer dificuldades nas relações interpessoais e conflito de valores. Ricardo está empenhado nessa tarefa de adaptar o sentido do eu a todas as mudanças físicas que lhe ocorrem em função da puberdade. Além disso, há a escolha de uma profissão, a busca por valores coerentes com sua personalidade e o amadurecimento de sua identidade sexual (ERIKSON, 1987) relatada com propriedade na história de vida apresentada pelo entrevistado.

Emocionalmente Ricardo entende a iniciação sexual como a sua transformação de criança para adulto. A partir de agora ele poderia enfrentar melhor seus medos e romper com os pensamentos mágicos infantis. Para ele, a forma mais legítima encontrada na adolescência de individualização, autonomia e autoexpressão de si ocorreu por meio da sexualidade.

O início da faculdade também é marcante na vida do jovem, pois o separa definitivamente da adolescência, onde a vida poderia ser “levada menos a sério” da idade adulta, com maior responsabilidade. Os calouros vão entrando no mundo universitário com algum resquício de suas atitudes e motivações da escola secundária. Porém, pouco a pouco eles assumem as tarefas com maior empenho e responsabilidade até se enxergarem completamente como adultos e adquirirem todo o respeito demandado dessa condição, principalmente em relação a seus familiares.

Porque aí o pessoal começa a te respeitar um pouco mais, não te chama mais de criança. Lá o nível é outro. Lá teu nome é outro. Lá o pessoal não tem aquela visão assim que tu é uma criança que tu não tem responsabilidade. Lá tu que tem que correr atrás das tuas coisas e... assim vai. É... isso foi uma coisa muito boa pra mim. Porque eu nunca gostei de ser chamado de criança. Bunitinho, coisa assim... só as pessoas verem que eu já tava grande, que eu já podia fazer as minhas coisas, daí...

daí essa coisa tem uma sensação boa, porque daí eu via que as pessoas me respeitavam. E quando tu sabe que a pessoa tem respeito por ti, sempre é bom (Ricardo, 2008).

O respeito adquirido por Ricardo é identitário, “agora me veem como eu sou”. Não ser visto como criança, tratado como criança é fundamental para o adolescente, principalmente quando está nas fases finais da adolescência. Sua vida atual está voltada para as novidades do mundo dos adultos, uma prévia do que serão os próximos anos de sua vida.

Atualmente Ricardo trabalha durante as tardes e cursa a faculdade de Ciência da Computação durante a noite. Nos finais de semana participa de algumas festas e reuniões familiares. Ainda não tem planos para seu futuro. Não tem ideia do que estará fazendo em cinco anos. Seus projetos são elaborados para o próximo ano e não para daqui a muito tempo. “Eu não tenho ideia da onde que eu vou estar. Eu tenho um planejamento pro ano que vem. Mas pra daqui a dez anos... eu não tenho. Eu tenho aquela ideia assim, eu quero ter um carro, uma mulher, filhos, por enquanto isso” (Ricardo, 2008).

Ao ser questionado onde gostaria de morar, ele não soube responder ao certo, não possui laços com o lugar, para ele o lugar é secundário em sua vida.

Essa é a questão, eu não sei. Ciências da Computação eu vou parar no meio do ano, porque eu não gostei do curso. Então eu vou tentar arquitetura no final do ano. Daí então, chegar final do ano.. daí arquitetura, fica lá em Laguna. Daí se eu conhecer uma mulher lá, de repente se eu gostar dela, ficar com ela e daí... eu não sei. [...] não dá pra mim planejar, ah... eu vou morar em Florianópolis porque eu gosto de lá. De repente eu vou pra Laguna, mas eu volto pra cá. [...] O lugar não faz diferença (Ricardo, 2008).

O lugar não será um fator importante para construir sua vida futura e, da mesma forma, não o é em sua vida presente. Ricardo não se apropriou do espaço onde vive, para ele o bairro Comerciário é apenas um lugar cômodo para viver. Morar em prédio para ele é aceitar conviver com um monte de pessoas coabitando o mesmo lugar e rateando despesas entre si. Não há comunicação, cada qual se fecha em seu apartamento e o contato é desfavorecido. “[...] morar em prédio tu se reclusa assim dentro do apartamento com medo de ser roubado. Então um cara do outro prédio não é gente boa, sempre fica trancado” (Ricardo, 2008). O contato acaba funcionando apenas como demonstração de boa educação e cordialidade. “[...] é aquela coisa assim, oi, tchau. O... mais tá quente hoje, né... aquela coisa assim. É... não tem contato, só tá ali a hora que precisa pagar o condomínio” (Ricardo, 2008).

Em seu desenho do bairro ele expressa seu pensamento em relação ao lugar onde vive: um amontoado de prédios construídos lado a lado; talvez uma desordem no meio da

cidade. Pode-se perceber o quanto seu desenho demonstra a confusão do mundo urbano e a possibilidade de uma natureza, talvez uma possível comunidade somente para além do bairro. Para ele somente em um bairro horizontal é possível existir uma vivência de comunidade, em prédios o contato com vizinhos de outros prédios não existe. “Não... o bairro... só quando tu mora em casa, quando tu mora em prédio tu não tem contato com os vizinhos dos outros prédios, não existe isso. Pelo menos na minha visão. [...] O Comerciarío não é uma comunidade, é só um bairro com muito prédio. Cada um por si” (Ricardo, 2008).

Em relação ao apartamento existe alguma ligação sua com seu quarto. Como todos os demais jovens entrevistados, o quarto é um lugar onde eles se sentem mais à vontade, ali podem construir seu mundo (interior). É somente nesse cômodo da casa que o adolescente constrói sua identidade, o seu jeito de ser, a sua “cara”, já o restante da casa, normalmente, fica a critério dos pais.

“A apropriação, relacionada ao espaço, é o mecanismo que permite ao sujeito sentir que tem o domínio de um lugar, que pode arrumá-lo, reestruturá-lo, construindo ali algo com o qual se identifique, um *chez soi*, ou seja, o seu lugar” (FISCHER, 1981 apud MOURÃO; CAVALCANTE, 2005, p. 145).



Figura 31: Desenho do bairro Comerciarío elaborado por Ricardo
Fonte: Ricardo (2008)

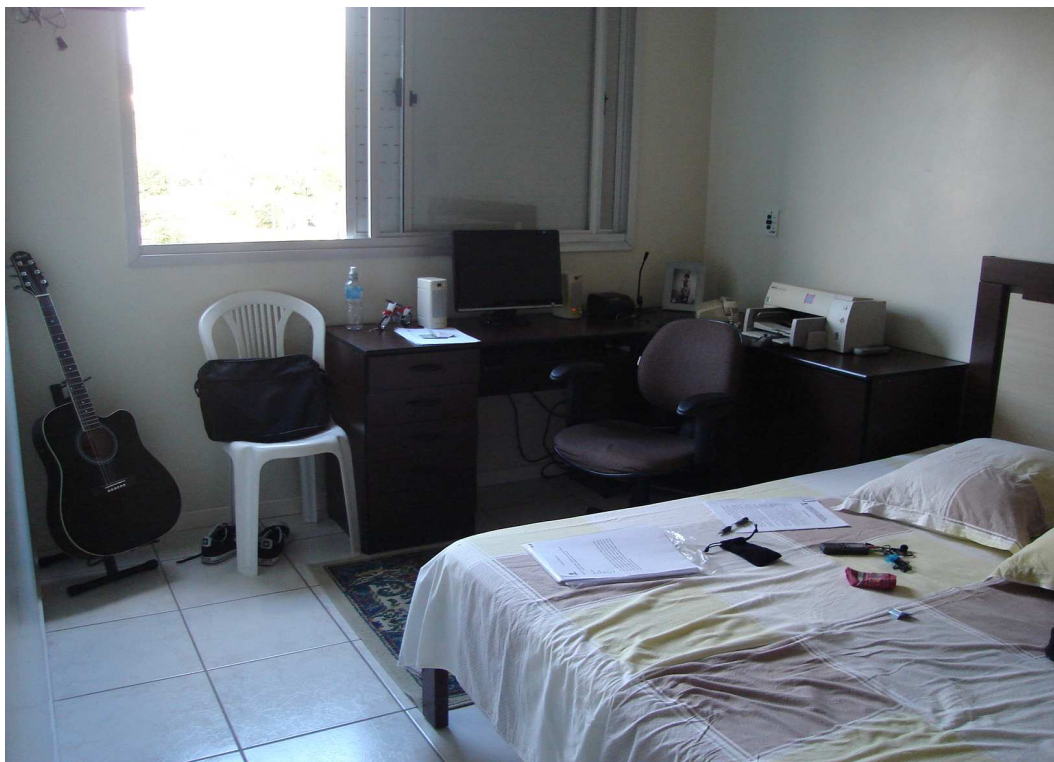


Figura 32: O Quarto é o único cômodo apropriado por Ricardo no apartamento onde mora
Fonte: Do pesquisador.

Ao iniciar a entrevista Ricardo conduz o pesquisador até o seu quarto, sente-se mais à vontade em narrar sua história naquele lugar, embora pudesse escolher qualquer outro cômodo de sua casa, pois só haviam os dois no apartamento. Sua explicação em relação a isso é bastante simples: “Porque aqui tem tudo que eu gosto. Meu violão, computador, cama, roupa, tudo aqui, então, tá tudo perto, então... é aqui que eu gosto de ficar” (Ricardo, 2008). No quarto existe tudo que ele gosta, tudo que tem a ver com ele, o restante do apartamento tem o jeito e a expressão de sua mãe²⁴.

A apropriação leva à cultivação, o cuidado do sujeito com o ambiente ao qual se sente ligado. O cuidado, o apreço muitas vezes aparece em forma de personalização do lugar. Colocar algo seu no espaço para servir de vitrine e espelho, onde o sujeito olha e se veja refletido nos objetos de decoração do ambiente habitado. Ricardo mora no bairro Comerciário, no apartamento com sua mãe, mas habita somente seu quarto, onde está seu violão, um companheiro de momentos alegres, uma satisfação difícil de definir. Seu objeto de fruição poética, capaz de lhe transmitir uma sensação harmoniosa pelo simples fato de dedilhar sobre as cordas e saber que é capaz de gerar um som. Em uma música, um devaneio,

²⁴ A mãe de Ricardo (pseudônimo Carmem) também foi entrevistada para essa pesquisa.

outro lugar habitado, nesse outro espaço Ricardo apenas gosta de tocar e ao mesmo tempo ser apreciado, ser ouvido, talvez sentir-se valorizado, sentir-se visto.



Figura 33: O violão como objeto de fruição poética para Ricardo

Fonte: Do pesquisador

[...] quando eu comecei a aprender violão, eu comecei a gostar daquilo e... aí pra mim, eu toco até hoje. Aí sempre tem aquela coisa... aí toca pros amigos, toca pra família... e aí eu sempre gostei assim, uma coisa que eu sempre vou ter. [...] só aquela coisa assim de que eu tô tocando, que eu sei tocar, já é uma coisa boa. Ver que as pessoas gostam quando tu tá tocando, também é uma sensação boa. Tu tá tocando e tu vê que o pessoal assim tá curtindo, é uma sensação boa (Ricardo, 2008).

A sensação de felicidade ainda é possível na modernidade tardia ou na pós-modernidade. Ela se encontra nos momentos de lazer de cada ser humano, nos momentos de transcendência ou devaneio poético; quando se está a tocar um violão para os amigos e parentes, no amor ou no bom humor. Essa é a definição de vida ideal, vida feliz para o entrevistado. Segundo ele, para sermos felizes nessa terra não devemos levar tudo tão a sério e nem mesmo nos estressar demasiadamente com resultados errados, mas pensar positivo para aqueles que derem certo.

Hoje seu lugar está longe de ser o bairro Comerciário, ali ele mora, ali ele construiu e vem reformulando sua personalidade a cada momento que passa, mas ainda não é o seu lar. Acostumou-se a viver sozinho desde a mais tenra idade e agora custa-se a abrir os olhos e enxergar além da porta de seu quarto, onde está todo o seu mundo. Para além do quarto não existe mais nada.

Quão triste é para os jovens de hoje se acostumarem com tão pouco quando poderiam ter a imensidão do universo para chamarem de casa. Eles nem mais protestam por espaços maiores, acreditam que o minúsculo cômodo de seus apartamentos, ou pior, seus quartos, é toda a verdade sobre suas vidas. Já não vislumbram a possibilidade de ter acesso a todas as ruas, todos os vizinhos, todo bairro e toda cidade onde vivem. Parando de sonhar com tais eventos, já não mais os valorizam ou procuram. Deste modo quase param de viver. Pois uma existência sem tais sonhos é uma existência sem lar.

6.10 Trabalho, educação e os “bons costumes”

Ter uma vida calma no meio de um sítio não prediz que no futuro tal sujeito sentirá saudades da terra e da vegetação no caso de mudar-se para cidade. Morgana²⁵ nasceu e cresceu no meio de plantações e criação de frango, morou 25 anos em casa no bairro São Roque, em Criciúma, mas há 22 anos reside em apartamento no bairro Comerciário. Seu lugar de origem, apesar de trazer boas recordações, há muito tempo deixou de ser seu verdadeiro lar. Morgana gosta da cidade, para ela o apartamento onde vive e seu entorno verticalizado é a combinação perfeita da vida projetada desde a adolescência.

No bairro São Roque ela, seus pais e seus irmãos viviam num sítio. Foi morar em apartamento somente após seu casamento. Durante a infância estudava muito longe de casa, fazia o trajeto de cinco quilômetros para ir e cinco quilômetros para voltar da cidade de Forquilha, local onde ficava o colégio mais próximo. Quando começaram a aparecer os primeiros ônibus, ela e seus irmãos foram estudar no Joaquim Ramos. Seu pai sempre incentivou-os a estudar. Eram seis irmãos, todos estudaram, ela e mais três mulheres fizeram faculdade e tornaram-se professoras. Quando estava na oitava série Morgana começou a

²⁵ Morgana tem 53 anos, foi entrevistada no dia 28/05/08 às 10:00 hs. Reside em um apartamento no bairro Comerciário há 22 anos com seu marido e seu filho.

lecionar. Sua vida foi resumida em trabalho e estudo. “Eu tive uma vida assim de trabalhar, estudar, mas com gosto de trabalhar e assim ia crescendo, entende?” (Morgana, 2008).

O trabalho, segundo Morin (2001), conserva um importante lugar na sociedade. Em uma pesquisa realizada pelo autor, mais de 80% das pessoas entrevistadas responderam que continuariam trabalhando mesmo se tivessem dinheiro suficiente para viver o resto de suas vidas confortavelmente sem trabalhar. O motivo relacionado a essa resposta dizia respeito às relações encontradas no ambiente de trabalho, o desejo de ter vinculação, para ter uma atividade, para fugir do tédio ou para terem um objetivo na vida.

Morgana começou a trabalhar cedo, mas vê no trabalho a realização de se sua história de vida. Segundo ela se pudesse voltar, voltaria e faria tudo igual novamente. Coursou o magistério e depois ingressou na faculdade de Ciências Sociais em Lages. Trabalhou 11 anos como ACT (Adquiridos em caráter temporário) e nesse período chegava a rejeitar aulas por causa do acúmulo de trabalho. Em seu relato ela afirma ser muito convidada para trabalhar porque era cumpridora de seus deveres. Logo que ingressou como docente efetiva na E.E.B. "Engº Sebastião Toledo dos Santos", popularmente conhecida como Colegião, de vinte horas semanais, já passou a trabalhar quarenta. Durante um ano deu aulas e depois desse período foi convidada a assumir a direção, onde permaneceu por oito anos. Atualmente é aposentada faz 15 anos, mas não parou seu envolvimento com a educação. É vice-coordenadora da Associação de Professores do Estado e vive viajando em reuniões.

Ainda de acordo com Morin (2001), a pessoa terá motivação e satisfação em seu trabalho se enxergar sentido na função exercida, se desenvolver um sentimento de responsabilidade em relação aos resultados obtidos e se conhecer qual é o seu desempenho em sua atividade produtiva. Quanto mais o sujeito perceber o seu trabalho como algo valorizado e útil à sociedade, mais ele será importante na vida do indivíduo. Vendo por este ângulo, não é difícil deduzir o quanto o trabalho na área de educação é essencial para a entrevistada.

Teve uma educação rígida com muita disciplina e sem opções para erros. Somente podiam brincar se não tinham nada para estudar ou para ajudar a mãe em casa e o pai na horta e no frigorífico. Segundo uma educação tradicional, as meninas ajudavam mais sua mãe com os serviços domésticos: lavar, passar, cozinhar, sabiam fazer tudo. Com nove anos Morgana já lavava roupa e, se não ficasse do agrado da mãe, tinha que voltar e lavar novamente. “Porque hoje os pais acham que não... que não... são ultrapassados. E hoje a gente tem moça de 15, 20 anos que não sabem fazer nada”.

Sua infância foi marcada com muitos horários. “Tinha horário pra brincar, né. Tinha hora de brincar, tinha horário de trabalhar. [...] Tinha horário pra tudo. Tínhamos horário pra

tudo. E não tinha muito que nem hoje. A gente saía lá uma vez ou outra”. (Morgana, 2008). Ela se lembra dos momentos de lazer, mas sua memória evoca mais a questão dos horários e não fala disso com mágoa. Para ela a educação de hoje é falha porque não segue os mesmos padrões de anos atrás. Ao ser questionada a respeito do tratamento familiar que recebia, ela diz ter sido criada com muito amor, união e diálogo era o pai sentado na mesa de refeição alertando os filhos sobre a boa conduta e a má conduta:

Ele ia nos bailes, nas festas e via aqueles agarramentos, né. E dizia: Vocês viram fulano? Que vergonha! Dava assim lição de moral, né. É muito feio isso aí. E o pessoal ficava olhando com aquela cara assim... mais... mais fechada que os de hoje. Ele dizia assim..., meu pai morreu com 58 anos, ele dizia assim: Olha, vai chegar um tempo que na praia vão andar com cordão. Ele dizia cordão, nem é o maiô. O cordão era o fio dental. E veio, né. Uma vez eu disse pra minha irmã, que o pai dizia que ia chegar o tempo do cordão. O fio dental tá aí oh. Já chegou. Então... ele já veio numa disciplina... meu pai já veio numa educação muito certinha. E ele não chamava a atenção, ele só te olhava (Morgana, 2008).

Muito obediente ao pai, vê sua educação como virtuosa e não repressora. Sua mãe segundo ela era mais maleável, até porque estava de acordo com todas as decisões tomadas por seu pai. “Se o pai deixasse ela tava de acordo. Se o pai dizia não, ela também dizia não. Não é aquela que a mãe deixa e o pai não deixa., né... era assim...”

Conforme ela vai avançando em sua fala, vai trazendo um problema sério vivenciado durante toda a sua carreira como professora, a educação familiar. Para ela, as famílias estão fragmentadas porque a educação passou a ser muito liberal. Não crê ser a melhor opção uma educação rígida como a sua, mas imagina um meio termo entre aquela e a de hoje em dia. Porém, na prática, ensinou o seu filho da mesma forma como foi ensinada.

Ahhh sim. A minha mãe me criou, como a nona criou a mãe baft e buft. Aí um dia o meu filho queria uma coisa e eu não queria dar, ele assim, a vó é que me ama, a mãe nunca me amou porque tu nunca me deu nada. Eu... como é que é, nunca me deu nada, eu só buft, dirigindo. Nunca mais ele me respondeu. Porque se eu dissesse não, vamos comprar, eu ia tar criando um... que ia me fazer de bobo pelo resto da vida. Hoje não, deu deu, não deu, não deu, né. [...] Hoje os filhos tão respondendo porque os pais dão tudo nas mãos dos filhos. A gente dá tudo na mão. Quer? Quer, vai fazer. Vai buscar. Igual o meu filho. A gente tem um guri. Mãe... Não, levanta e vai tu pegar. Tu é mais novo que a tua mãe. Então eu não vou levantar pra pegar nada pra ele, que que é isso? (Morgana, 2008).

O problema da educação é discutido nas mais variadas disciplinas e dentro de muitos setores da sociedade. De um modo geral, todos percebem uma falha tanto no sistema formal de ensino quanto na educação familiar, mas ainda não se encontrou o meio termo. Porque não sabemos mais educar? Será que algum dia soubemos? Os pais andam confusos, não podem

ser amigos dos filhos mas também não podem ser permissivos demais. Precisam impor limites mas devem cuidar para não traumatizá-los, não frustrá-los. Em tempos de modernidade o respeito à individualidade, ao gosto e ao jeito de ser de cada um é essencial, contudo o meio termo está em algum lugar onde se possa conduzir os filhos por um caminho onde ele encontre valores humanos, os valores universais de vida sem negar-lhe o amor e o carinho de que tanto precisam.

O pai de Morgana tinha muito orgulho dela e de suas irmãs estarem estudando em Lages, fazendo curso superior. Ele não chegou a vê-las se formar, morreu quando Morgana completou um ano de estudo. Naquela época ela trabalhava e estudava, era tudo muito difícil, usava máquina de escrever para fazer os trabalhos, era tudo mais demorado.

Os livros hoje é mais fácil. Nós era tudo na mão, nós copiava. Hoje o conteúdo é mais... resumido. O professor dá pro aluno. Nós tinha que ler, decorar... buscar... buscar... Então hoje é mais fácil e tem aluno que não quer nada com nada. Tem... tem aluno muito bom, concordo, mas dizer assim. Hoje é bem mais fácil, meio de transporte, comunicação. Tudo é mais fácil (Morgana, 2008).

Casou-se aos 32 anos com um colega de profissão, quando o conheceu tanto ele como ela namoravam com outras pessoas há cinco anos. Depois que se conheceram, em 10 meses estavam casados. Sua vida depois de casada foi ainda de muito trabalho e estudo, viajava bastante, iam em todas as excursões para professores, lembra de sempre ter tido uma vida muito feliz. Porém, o conceito de vida perfeita, as lembranças e devaneios Morgana faz com sua vida de estudante.

Acho que a vida melhor assim, é a vida de estudante universitário eu acho, muito boa. A gente se formou em Lajes, pagava pensão eu e minhas irmãs. Era um apartamento, mas era só pensão, né. Era um bairro universitário. Na verdade eu tenho uma vontade de voltar ao tempo de faculdade, pós-graduação, a gente estudou, conheceu. Muito bom, muito bom... Muiito bom! Gente, a coisa melhor do mundo é estudar. Certa vez o meu pai disse assim oh: minha filha o marido de vocês que vão deixar de vocês, que vocês vão deixar deles é o diploma. Esse, ninguém de vocês deixa, o outro não, o outro não sei de vocês, se vai dar certo. O diploma dá uma segurança pra sua vida, uma estabilidade. Casamento é assim, deu certo... não deu... paciência. Vai procurar outro, vai ficar sozinha, não sei. Então... é assim, uma mentalidade que sempre deixou pra nós, primeiro o marido de vocês é o diploma. Então eu gostava (Morgana, 2008).

Seu pai ensinou Morgana a gostar dos estudos. Talvez tenha sido essa a motivação de empreender uma carreira dentro da educação, pois a imagem paternal foi o ponto fixo para a constituição de sua personalidade. Lembra-se da mãe, mas como o reflexo de seu pai. O pai não, o pai foi aquele a quem ela sempre deveu respeito. Por causa dele os estudos sempre

estiveram em primeiro lugar, primeiro lugar em relação a tudo e talvez o estudo seja em seu imaginário a própria presença do pai em sua vida.

Depois de casada, com filho pequeno, ela deixa seu filho aos cuidados da cunhada e vai fazer uma pós no Rio, em Vassoras, durante os meses de férias. A educação foi pensada até mesmo em relação ao filho Juliano. Como Morgana teve ele aos 33 anos e em seguida fez uma cirurgia da vesícula e não poderia engravidar durante dois anos, resolveu não tentar mais, pois para ela não era sensato ter um filho com uma diferença de idade muito grande dele. “É... pra mim a educação vem em primeiro lugar e se eu tivesse muito distante da realidade dele ia ficar complicado. Eu vejo assim, muitas pessoas, ou tem junto ou a disparidade é difícil, é difícil” (Morgana, 2008).

Aposentou-se e sua vida, sua mente, seus pensamentos continuam girando em torno do mesmo tema: trabalho. “Eu não parei. Tem gente que diz, ah... porque tu faz... Gente, você se aposenta não pode morrer, tem que continuar porque tem que participar. Tem direitos a adquirir, tem um monte de coisa. Elas dizem, ah.. que bom que agora é tu, porque tu sempre sabe das coisas” (Morgana, 2008).

De fato, como as preocupações dela estão voltadas para questões muito além do espaço do apartamento e do lar, sua apropriação em relação ao apartamento é bastante contida. Ela refere-se a esse espaço como bom para seus objetivos de vida. Ele é prático, cômodo, lhe mantém segura e não lhe toma muito tempo em relação a limpeza. Tem bastante claridade e é o local onde ela volta para dormir, mas para no dia seguinte sair novamente.

Em apartamento assim, eu achei uma segurança maior. E depois, tu sai, tu não tem aquela preocupação assim de jardinagem, porque numa casa tem que ter um jardim bonito, tem que manter a casa limpa, sempre, né. Então eu acho assim, é mais cômodo tu morar num apartamento e só limpa aqui, não tem mais nada na rua. Tu só paga o condomínio, né. Na praia também, eu tinha uma casa, fiquei só dois anos, troquei por um apartamento (Morgana, 2008).

Morgana não sente falta do contato com a terra, com a natureza. Para ela, já teve muito contato enquanto morou em casa, agora já não necessita mais. Ela não vê uma casa em relação ao que pode oferecer ao morador, vê somente o trabalho despendido para cuidar dela e mantê-la. Sua vida é movida e pensada na perspectiva do trabalho, o quanto algo pode ser mais ou menos trabalhoso para ela. Os serviços que são externos ao seu objetivo principal não podem lhe tomar muito tempo.

No caso, tem gente que vai morar em apartamento não se acostuma, volta pra casa baixa. Porque quer ter aquela horta, quer ter... botar o pé na terra, andar... ter um

contato com a..., né... É isso, muitos são assim. Outros não. Eu, Deus o livre, eu não sinto assim aquela vontade de voltar. [...] Eu posso ter a casa mais bonita que for... eu vou olhar, eu admiro agora pra mim não. [...] A gente vê assim, hoje, aquela casa grande, aquela coisa toda, tinha que ter gente pra cuidar. Então é uma mão-de-obra. Então tudo hoje é mais caro. Então tem que pagar tudo. Tem que pagar um jardineiro. Lá na praia tem que fazer o quê? É um pra cortar a grama, é um pra apagar a luz. E então era uma preocupação. Hoje tu paga o condomínio, mas tu sabe que tu tá segura (Morgana, 2008).

Ela dá pistas sobre a existência de tantos apartamentos nos dias de hoje. Para ela é em função das facilidades advindas de morar em prédio, tanto para as pessoas quanto para os filhos. Morgana pensa ser mais seguro deixar os filhos sozinhos dentro do apartamento do que em casas. Esse tema já havia aparecido no relato de outros entrevistados. O quanto a rua foi se tornando com a sociedade industrial/capitalista um lugar perigoso. E, no caso de Morgana, poderíamos inferir ser a rua um lugar perigoso porque pode ser uma escola de má reputação para os filhos. Pelo senso comum, a rua é o lugar da vadiagem, dos bêbados, dos malandros e dos pobres.

Na visão de Damatta (1997), a casa se distingue da rua porque é definida sob a ideia de calor humano, onde reina o repouso, a recuperação e calma. De modo contrário, a rua se caracteriza pelo inverso da casa. Deste modo, é providencial a inserção no espaço privado da habitação das novas tecnologias de entretenimento oferecidas pela mídia, pois estas funcionam como um arsenal de segurança mantendo crianças e adolescentes por mais tempo dentro dos lugares fechados e longe dos ambientes exteriores tão veementemente hostilizados (PINHO, 2005).

Deste modo, como nos fazem pensar os autores acima apresentados, o lar, seja ele a casa ou o apartamento, é o contraponto da realidade da rua. Dentro do lar existem pessoas coabitando o mesmo espaço/lugar por meio de laços de sangue e vínculos de hospitalidade e simpatia.

Mas a gramática social da casa brasileira não fica nisso. Ela transborda em algumas expressões relacionais – que exprimem a ligação dramática da casa com a rua – como “vá para a rua!” ou “vá para o olho da rua!” Estas expressões denotam o rompimento violento com um grupo social, com o conseqüente isolamento do indivíduo, agora situando-se diante do mundo “do olho da rua”, isto é, de um ponto de vista totalmente impessoal e desumano. Do mesmo modo, se diz “estou (fiquei) na rua da amargura” para designar a solidão ou a ausência de solidariedade de um dado grupo social (DAMATTA, 1997, p. 53).

A rua então para Morgana é um lugar a deixar dúvidas, embora conheça muitos dos sujeitos que transitam por ela. Nesses 22 anos que mora ali, fez amizades com muitas pessoas de outros prédios. Não concebe o apartamento como um empecilho à comunicação ou ao

relacionamento. “Tem pessoa que mora em apartamento não conhece nem o vizinho do lado, tem pessoas que não conhece. Tem pessoas que não participa das coisas. Mas participar é importante. Eu acho que sempre nós precisamos do outro. Então é bom conversar, conhecer” (Morgana, 2008).

Morgana enxerga no bairro Comerciário uma comunidade. No que sabemos a respeito do que vem a ser uma comunidade, esta se baseia na comunicação entre os habitantes de um bairro, uma comunicação constante e algum tipo de compromisso de fidelidade em comum. Este compromisso diz respeito às rotinas do bairro, o auxílio mútuo e espontâneo às mais diversas necessidades e a luta em comum para a melhoria e preservação do bairro. E ela, sendo envolvida com o grupo da mãe peregrina (uma das pastorais existentes na Igreja Católica), conversa com todos no bairro. Aliás, todos aqueles que moram em sua rua e nas proximidades, pois como já havíamos comentado em outra oportunidade neste texto uma característica muito forte entre os entrevistados é ver o bairro como se ele fosse apenas as ruas que margeiam o prédio habitado por eles. Além disso, conhece e participa da Associação de Moradores, iniciou seu contato com eles devido ao envolvimento direto com o Colégio, que, além do mais, está localizado logo em frente ao seu apartamento.

La identidad de lugar es considerada como una subestructura de la identidad de self y consiste en un conjunto de cogniciones referentes a lugares o espacios donde la persona desarrolla su vida cotidiana y en función de los cuales el individuo puede establecer vínculos emocionales y de pertenencia a determinados entornos. Estos vínculos son, como mínimo, tan importantes como los que se establecen con los diferentes grupos sociales con los cuales el individuo se relaciona (VALERA; POL, s/d.)

Do bairro Morgana se apropriou efetivamente e possui por ele laços fortes. Além das atividades em que se envolveu, gosta de fazer caminhadas ao redor das quadras com seu cachorro. Diz sentir pelo bairro inteiro um afeto muito grande. Não podemos deixar de verificar o quanto é simbólico na vida de Morgana seu enraizamento em relação ao bairro Comerciário. Ela escolheu como lar um lugar do qual da janela de sua casa ela avista a frente do Colégio onde trabalhou e do qual nunca se desligou completamente. Pode ser uma relação afetiva em relação ao Colégio em si, mas com certeza muito mais poderia ser pelo “cheiro” de educação que penetra em seu apartamento por meio de suas janelas.

O sujeito somente se apropria de algo que tem relação com sua personalidade, com sua história e sua constituição enquanto sujeito. Morgana não tem muito o que dizer sobre seu apartamento, sua relação com ele é funcional. Não existem objetos de fruição poética dentro do apartamento, seus objetos se encontram na rua, a mesma rua da qual ela tem medo. Mas é

nessa rua, em frente a sua casa que Morgana tem o objeto de seus devaneios: a escola. Abaixo temos a fotografia da rua lateral do prédio onde reside com destaque superior para a vista do Colégio pelas janelas do seu apartamento (figura 35).



Figura 34: Desenho do bairro Comerciário elaborado por Morgana
 Fonte: Morgana (2008)



Figura 35: Rua lateral do prédio onde Morgana reside
 Fonte: Do pesquisador

Sua brincadeira de gente grande é se comunicar. Esses são os momentos de lazer. São relatados por ela como os mais significativos em sua vida. Sua profissão reflete um pouco do que ela tem como momentos de realização, ou talvez fruição, poesia em seu dia-a-dia, pois não se faz educação sem pessoas e o que Morgana mais gosta de fazer é estar com pessoas, estar no meio delas.

Eu gosto de gente. Eu gosto de estar no meio das pessoas, que daí a gente vai, conversa, passa o tempo. [...] Então eu fico realizada, satisfeita. Sempre convivendo com pessoas. Sempre... sempre... me comunicando com pessoas, aí eu tô realizada. Conversando, trocando ideias. Desde pequeninha eu sempre fui de escutar o que as pessoas falam. Eu adorava falar com as pessoas idosas, porque elas voltavam ao passado, contavam histórias, né. Então eu sempre fico realizada convivendo com pessoas, qualquer momento é.. (Morgana, 2008).

Morgana não completou sua fala, podemos completá-la facilmente no contexto de seu diálogo. Qualquer momento é momento, é lugar para comunicação, para ouvir uma boa história, estar no meio de pessoas. Aqui sua história de vida se encaixa e faz sentido para um bom ouvinte. Cursar Ciências Sociais, fazer uma pós sobre o histórico de uma cidade, contemplar a educação e as pessoas que aprendem com ela e viver o momento poético morando ao lado do objeto capaz de lembrar sua vida como universitária. Se Morgana apropria-se do bairro isso se deve, em grande parte, pelas bases simbólicas da educação. Hoje seu entorno verticalizado sintetiza seu mundo, um mundo que pode ser resumido em trabalho e educação.

6.11 A espiritualidade como o sentido da vida

Cristiano²⁶ viveu toda a sua história em apartamento na cidade de Criciúma, conheceu apenas duas residências. Da primeira ele não tem qualquer recordação, sabe apenas de ouvir falar. Com um ano, seus pais mudaram-se para o apartamento no bairro Comerciário onde até hoje, após 24 anos, eles vivem. Todas as suas experiências, sejam alegres ou tristes, se deram (e se dão até hoje) nas redondezas do bairro Comerciário. Naquela época um lugar bem menos movimentado, algumas casas e outros tantos prédios faziam parte do contexto onde Cristiano cresceu e se construiu como homem.

²⁶ Cristiano tem 24 anos, foi entrevistado no dia 01/06/08 às 19:30 hs. Toda a sua vida morou no mesmo apartamento no bairro Comerciário com seus pais e suas duas irmãs.

Suas lembranças de infância estão relacionadas às muitas brincadeiras com seus amiguinhos do prédio e dos arredores. Ele fala com alegria das traquinagens e diversões pelas quais passou. O mais novinho da turma, não tinha muita malandragem, apenas acompanhava os meninos mais velhos nas brincadeiras propostas.

Ele viu o bairro Comerciário crescer e transformar-se em uma cidade verticalizada. Enquanto isso também se desenvolvia e tornava-se um homem, aprendendo a conviver e desenvolver vínculos em meio aos edifícios que foram pouco a pouco adensando sua rua. “Aqui ao redor não tinha casa, não tinha esses prédios aqui, era tudo ao redor aqui criança brincando de skate, roller, bicicleta, na garagem. Eles não gostavam que a gente ficava brincando na garagem lá, porque tinha os carros” (Cristiano, 2008).

Toda criança necessita de espaços de convivência. A nossa sociedade atual desestimula as brincadeiras infantis, empurra as crianças para pequenos espaços nos quais elas são incapazes de desenvolver uma série de atividades que poderiam proporcionar-lhes maior criatividade, segurança e equilíbrio emocional. Mas a criança é um mar de possibilidades, ela encontra alternativas onde nenhum outro adulto é capaz de enxergar. Se não há espaço apropriado, pode brincar na garagem dos prédios, nos corredores dos apartamentos ou mesmo inventar bonecos com as próprias mãos, quando os pais a colocam de castigo em um espaço sem qualquer objeto próximo.

Há quinze anos Cristiano era uma criança que morava em um apartamento, mas que podia sair à rua para jogar futebol, vôlei. “Na rua, ali, no meio da rua. No asfalto ali a gente ficava...” (Cristiano, 2008). Uma criança já inserida no meio urbano, mas numa cidade muito diferente da atual; existiam prédios, existia asfalto, mas as ruas ainda não eram motivo de preocupação para os pais. O fluxo de carros era menor, a correria cotidiana não sufocava os momentos de lazer. Não havia tantos estranhos a andar pelas ruas...

Quinze anos se passaram e o asfalto continua asfalto, mas transformou-se em uma avenida movimentada onde os pais já não tem coragem de deixar seus filhos brincarem. Os prédios se multiplicaram, a vizinhança se tornou um pouco mais desconhecida. Já não se sabe quem são os moradores dos outros prédios. O laço de vizinhança que ficou foi o que adquiriu durante seus 24 anos de vida e se resume quase exclusivamente aos vizinhos de seu próprio prédio. Para onde foram as crianças do bairro Comerciário? Quais os lugares inventados por elas para desenvolverem seus potenciais criativos? Será que existe uma alternativa para elas? “Aqui no prédio a gente ia um na casa do outro. A gente se reunia, ia todo mundo na casa de um. Aí bagunçava a casa, aí as mães ficavam loca, aí ia tudo na casa do outro” (Cristiano, 2008). Os prédios já não possuem mais suas portas tão abertas, os vizinhos de apartamento

não se conhecem tanto como se conheciam aqueles que moravam em prédios construídos no início do processo de verticalização de Criciúma.



Figura 37: Rua lateral do apartamento onde Cristiano reside

Fonte: Do pesquisador

Cristiano teve uma infância e adolescência privilegiada com uma estrutura familiar forte. Pais companheiros proporcionaram um ambiente saudável para construir sua personalidade. A mãe foi um importante ponto fixo em sua vida, dando-lhe segurança e apoio em todas as situações. Quando criança sempre procurou tê-los sob suas vistas, não se importava com a bagunça que fazia ele, sua irmã mais nova e seus muitos amiguinhos do prédio, apenas queria ter a certeza de que estavam felizes e seguros. “A mãe assim, prefiro que vocês venham aqui brincar, né. Ela sempre falou assim que preferia que a gente viesse aqui dentro de casa” (Cristiano, 2008).

A mãe exercendo o papel de cuidadora, estando presente sempre quando o filho necessitou, foi o ponto central para Cristiano desenvolver seus valores e sua vida emocional. A educação formal sempre foi um valor presente em sua vida. Seus pais mesmo quando estavam em dificuldades financeiras se esforçaram ao máximo para proporcionar-lhe educação em colégio particular. “Noossa, eles sempre foram preocupados com isso. De sempre se preocupar, que a gente estudasse em colégios bons, que a gente tivesse uma educação boa fora, não só dentro de casa, como fora” (Cristiano, 2008).

Sua fala em relação aos pais é marcada de muito afeto. Segundo ele, agiam como “pai e mãe normal”. Com essa fala Cristiano expressa algo a mais em termos de educação familiar. Atualmente, com o desenvolvimento da psicologia infantil, do Estatuto da Criança e do Adolescente, os pais sentem-se meio perdidos sobre como devem agir para proporcionar ao filho os valores, os limites e o amor de que tanto necessitam. Muitos acabam errando muito ao imaginar que precisam ser amigos dos seus filhos antes de tudo. Toda criança pede limites, precisa mais do que um bom amigo em casa, precisa de alguém que a oriente, que lhe diga como deve seguir pelo menos até ela ter condições de desenvolver seu próprio senso crítico e assim começar a tomar as decisões segundo o que acredita ser melhor para sua própria vida. Contudo, se os pais não forem capazes de distinguir quando devem dizer sim e quando precisam dizer não para seus filhos, provavelmente estes não conseguirão um ponto de equilíbrio, uma base para construir sua personalidade, se desenvolverão de forma insegura, terão medo de tomar atitudes perante as situações conflituosas em suas vidas, ou talvez sejam um daqueles narcisos autocentrados de que fala Damergian, Deuses bebês que acreditam que o mundo está construído única e exclusivamente para satisfazer suas vontades pessoais.

O que que eu posso falar. A gente via quando o pai chegava em casa. A gente ia correndo abraçar ele, não tem? Quando ele voltava do trabalho. Porque a mãe a gente via o dia todo. O pai a gente sabia que tava chegando. [...] Daí a gente vinha correndo abraçar ele. Eu lembro de tudo isso. Quando a gente fazia arte ele brigava. A mãe não brigava tanto. O pai brigava mais com a gente. A mãe até brigava, mas a mãe botava mais de castigo, né. A mãe brigava assim e botava de castigo na cadeira, 5 minutos. Era 5 minutos, sentado na cadeira com o relógio na frente. Aqueles 5 minutos era uma eternidade. E eu considero hoje isso o melhor tipo de punição pra criança, né. Nenhuma punição física, eu não concordo com isso. E essa punição que a minha mãe dava pra gente. Eu concordo totalmente com ela. Porque não é físico, né (Cristiano, 2008).

Pais normais na visão de Cristiano fazem o que devem fazer, quando pensam ser necessário; repreendem quando têm que repreender, dão carinho quando têm que dar. “A única coisa que eu não concordei, que eu não concordo ainda com eles foi a religião, tá ligado? Eles sempre foram assim da igreja né, então... Mas agora assim, depois de mais velho... Não quero ir e pronto, né” (Cristiano, 2008).

O ser humano é inerentemente um ser espiritual. Se nenhuma espiritualidade for colocada em sua vida ele tenderá a procurá-la de alguma forma quando ingressa na vida adulta. Cristiano foi educado segundo os preceitos da religião católica. Pais muito religiosos levavam os filhos à missa dominical toda semana. Ensinarão, mas não forçaram Cristiano a permanecer com as mesmas crenças depois de entrar na juventude. Não foram pais castradores que não permitiram a ele pensar, desenvolver opinião própria. Conforme o tempo

foi passando, ele percebeu que não concordava com os rituais e preceitos religiosos em que fora ensinado, abandonou-os quando completou 18 anos e procurou outra maneira de expressar sua espiritualidade, mais condizente com sua forma de pensar e agir.

Eu não queria, mas não desafiar, porque pra mim o objetivo nunca foi desafiar, não tem? Não vai me levar a lugar nenhum. [...] Que nem hoje, eu não vou. Mas eu não teria problema nenhum de ir assim, uma missa especial. Ah... Missa do dia das mães. Ah, dia das mães, a mãe gosta. Então vamu lá com ela. Daí eu penso assim, né (Cristiano, 2008).

Sua adolescência foi marcada pelo conflito entre aquilo que acreditava ser verdade e as “verdades impostas” pela religião, das quais ele duvidava. Pouco a pouco foi desenvolvendo uma religiosidade própria, voltada para o que achava justo e verdadeiro em relação ao homem e aos mistérios do universo e da vida. Além disso, como a maioria dos adolescentes, Cristiano começa nessa fase a estreitar os laços de amizade com o grupo de amigos e com eles passa a frequentar as festas noturnas. Essa fase da vida de um adolescente pode se desenvolver com muitos conflitos existenciais principalmente pelo fato de não serem considerados totalmente adultos, mas exigirem deles responsabilidades incomuns para crianças. Pais presentes, companheiros que passam segurança e compreensão ajudam seus filhos a enfrentar seus medos e suas incertezas sem tantos desentendimentos.

Seus pais, como se posicionaram na infância, assim também o fizeram na adolescência. Preferiam dar o apoio e a dedicação necessária a fim de que seu filho pudesse desenvolver-se e realizar suas primeiras experiências no mundo dos adultos e tivesse em seus pais o ponto de equilíbrio, o abrigo e o porto seguro para então tomar coragem em seus primeiros vôos solo, do que se omitirem desse processo por não saberem como proceder ou mesmo por falta de amor.

A gente sempre começou... desde os 14 anos, a gente já começava a combinar de sair, né. A gente ia na Extasy. Nossa, era muito boa... A gente combinava assim. Cada final de semana era um pai que ia levar. Ou às vezes um pai levava e outro buscava. Só que a maioria dos pais não gostava. Só que assim, às vezes a gente pegava eles no bom humor e eles tá, hoje eu levo, tá hoje eu busco. Mas quem mais levava e buscava era o meu pai. Chegava final de semana eles já falavam Cristiano, ou Fabíola né, teu pai... o pai de vocês não leva a gente hoje? Aí eu assim, vou lá vê. Mas já levou semana passada. Vamu ver com o teu pai. Mas daí os outros pais ou diziam não ou diziam sim na hora. Meu pai não, meu pai às vezes dizia não e depois ele levava porque ele via que não tinha jeito, que nenhum outro pai ia levar. [...] A mãe também, sempre... Que preferia que o pai fosse levar e buscar, entendeu? (Cristiano, 2008).

Apesar de muito diálogo, Cristiano não se considera uma pessoa muito aberta. Seus pais conversavam desde a infância com os três filhos igualmente, mas ele nunca expressava muito seus pensamentos e seus conflitos, principalmente em relação à área espiritual. Seus pais não conhecem sua crença, sabem apenas que é diferente do que eles acreditam. Nesse ponto ele sente falta de maior compreensão, diz nunca ter tido muita abertura para falar a respeito e conseqüentemente procurou fora de casa pessoas que pudessem compartilhar ou mesmo compreender sua forma de ver o mundo.

Nessa área sim. Nessa área de religião, espiritualidade. Nessa área eu sinto falta porque... como é que eu vou dizer... é difícil ter uma pessoa que vá compreender o que tu fala, o que tu acredita. Porque é uma coisa muito subjetiva e é difícil mesmo. E eu acho que os pais deveriam entender. Acho que os pais têm pelos filhos o objetivo de ensinar. Mas com eles eu não tenho essa abertura (Cristiano, 2008).

E essa falta sentida em relação aos pais foi suprida por outro casal de amigos seus, que fizeram as vezes de “ponto fixo espiritual”. Devido aos cinco processos psicológicos pelos quais o ser humano apreende a realidade em que vive, ele sente falta de algo que o faça transcender. Todo ser humano é capaz de transcendência. Transcender está estritamente relacionado com o sentido espiritual da vida, algo que te faz ser mais você e encontrar-se com esse você que muitas vezes passa despercebido durante os dias corridos, as agendas lotadas, os compromissos infundáveis. O instante consagrado de que fala Paz pode ser vivenciado de muitas formas, o sujeito é criativo, ele encontra sua humanidade em tudo que lhe transmite poesia, em tudo que lhe toca a alma. Assim uma música, uma fotografia, um lugar e um encontro religioso ou de busca espiritual, meditação pode encerrar um instante consagrado. Devido a esses instantes que acontecem inconscientemente é que podemos ainda nos surpreender com a vida em sua plenitude e não sucumbir em loucura devido aos problemas e sofrimentos trazidos pela sociedade de mercado.

Tudo que eu penso, a forma como eu penso, a forma como eu vejo a minha vida, a forma como eu vejo a minha família, a forma como eu vejo as pessoas, a forma como eu vejo as situações que acontecem comigo, isso aí surgiu tudo... de... desse meu caminho na espiritualidade, entendeu? Foi uma terapia pra mim. A espiritualidade pra mim é uma terapia constante, pra me fazer enxergar o melhor das coisas e sempre tomar a melhor decisão em cada situação e ver a melhor forma. Então... a melhor forma pra mim é claro... mas enfim. E eles que me guiaram nessa parte. Então... hoje como eu vejo os meus pais, como eu lido com eles, como eu lido com as pessoas ao meu redor que eu acho que uma forma saudável. Eu trato as pessoas da forma que eu gostaria de ser tratado sempre, eu consigo... veio dessa parte de espiritualidade que veio desses dois que me auxiliaram, vamos dizer assim (Cristiano, 2008).

O caminho espiritual ou entendido aqui como momento poético é um momento de entrega. Não existe espiritualidade sem entrega, como também não existe a poética sem a entrega completa do ser. É preciso se render à experiência, vivenciá-la sem ressalvas, sem reservas. Os objetos de fruição poética nos levam a este estado de consciência, um estado superior, além do cognitivo, afetivo, interativo ou simbólico. Ele expressa o que há de mais puro no âmago do sujeito e por isso é capaz de auxiliar a pessoa a ser mais congruente em sua vida.

Ao lado desse aspecto de transcendência se dá o tempo do instante consagrado, o não mecânico da física newtoniana. Entre uma e outra posição, passa-se qualquer coisa, diz Bérson (1974). E é nesse tempo “onde se passa coisa” que está o tempo psicológico, o da poética, capturado pelo objeto estético. É como se o sujeito lançasse mão, lá no mais íntimo de seu recôndito, de um elemento muito precioso que dá sentido à vida. Nesse momento do “instante consagrado” o sujeito faz os seus devaneios (GONÇALVES, 2007, p. 41).

Para Cristiano esses objetos poéticos se encontram em seu quarto, são pequenos cristaizinhos capazes de refletir a sua face como um espelho. “[...] os meus objetos ali, os cristaizinhos. Não é que é minha vida, seria ignorância da minha parte dizer que a minha vida é aquilo ali, se um dia eu perder aquilo dali eu vou morrer, entendeu? Mas eu olho, eu me vejo” (Cristiano, 2008).



Figura 38: Objetos de fruição poética para Cristiano
Fonte: Do pesquisador

Para despertar melhores sentimentos o ser humano deve vivenciar mais instantes consagrados, pois a mudança de comportamento não está baseada no conhecimento. O cognitivo ajuda o sujeito a compreender diversas disciplinas, muitas teorias e muitas realidades diferenciadas, mas a motivação para a mudança não advém do que somos capazes de conceber por meio de nosso cérebro. Na nossa atual sociedade capitalista, onde se fala no homem mercadoria que usa suas relações afetivas como se fossem produtos descartáveis ou passíveis de compra e troca, não poderemos apenas fornecer-lhes informações se desejamos mudanças de comportamento. Se desejamos uma sociedade mais humana, cidades menos violentas, uma natureza preservada para as gerações futuras precisamos tocar no âmago do ser, em seu coração e não em sua mente. Porque a motivação para a mudança parte da alma, de algum lugar na profundidade do sujeito e não da mente consciente em estado de vigília. O sentido da vida deveria estar estreitado com a possibilidade de o homem desenvolver os seus cinco processos psicológicos igualmente e assim viver mais poeticamente sua existência aqui na Terra.

A minha vida é baseada nisso. Espiritualidade. E acho que isso aí é o que me tornou o que eu sou hoje e é assim que eu quero continuar. Claro, é bom melhorar, não vou dizer que se for pra melhorar eu não vou... entendeu? Mas se eu morresse hoje eu diria, minha vida foi perfeita por causa da espiritualidade. Então aquilo ali é que me leva a tar sempre em contato com isso. Por isso que eu tô sempre olhando. [...] Então porque que a gente pensa... às vezes a gente tá fazendo alguma coisa e a gente pensa... a gente faz de tudo, tudo pra atrapalhar o que tá seguindo o fluxo. Não... tem que ter fé. Tem fé, segue que aquilo vai ser o melhor pra ti. E as pessoas têm o costume de atrapalhar, se desviar daquele caminho ali, por causa da razão, por causa da lógica. [...] Eu sempre costume dizer assim que a vitória é inevitável. Entendeu? (Cristiano, 2008).

A vitória é inevitável quando você faz o que pensa ser correto em sua vida. Não pode plantar laranjas e colher limões. Essa é a visão relatada por Cristiano em sua trajetória de vida. Já passou por algumas frustrações, contudo nenhuma delas o fez perder a vivacidade e a alegria.

Não... e eu adoro isso. Não, não, mas a gente tem que ter maturidade, né. Mas eu acho que eu sou um adolescente grande. Uma criança, adolescente, adulto. Porque eu acho que cada situação eu consigo me encaixar. Se é pra ser adulto, eu tô no trabalho, na faculdade tal... se é pra ser maduro eu consigo, eu acredito que consigo. Se eu tô numa situação, num parque de diversão eu sou criança, não quero nem saber. Eu pulo, eu brinco, eu corro, eu brinco com crianças, eu brinco com os meus primos, na rua. Eu brinco de taco na praia. Se é pra ser adolescente, sair, festar, bagunçar eu vou também. Eu vivo assim, eu acho interessante. Eu não quero perder isso. Eu não quero me tornar um adulto, adulto só. Eu não quero perder nunca esses lados que eu acho interessante (Cristiano, 2008).

Não perder a capacidade de se encantar, a capacidade de sonhar e a capacidade de fazer novas escolhas, essa deveria ser uma das disciplinas ministradas nos cursos pré-vestibulares. Porque após a entrada na faculdade, tudo está determinado, dali em diante você não tem mais possibilidade de retorno, entrou na corrida desenfreada para obter as “melhores condições de vida” e não pode mais parar. É isso que induz o jovem a uma “neurose de profissão”. A todo o momento, durante o curso preparatório para o vestibular os professores estão lhe dizendo que agora ele só deve ter um objetivo na vida: escolher a profissão correta e a universidade correta também e, diga-se de passagem, para os alunos de escolas particulares a exigência está em se formar numa universidade pública.

Sendo um jovem, Cristiano passou pela aflição da grande maioria dos seus companheiros de mesma idade: a hora do vestibular. O mercado capitalista é exigente, hoje os jovens se sentem pressionados a escolher uma profissão aos 17 anos de idade. E aí o que deveria acontecer naturalmente conforme suas aptidões e habilidades fossem sendo desenvolvidas, vira um problema e um momento de stress. Não existe mais segunda alternativa, a frase “o que vou ser quando crescer” não está mais disponível, precisa-se ser agora, escolher agora, algo que guiará seus dias de trabalho o restante da vida. Não que essa seja uma realidade, mas isso é inculcado no pensamento do jovem na atualidade. Não lhe é permitido experimentar. Escolher algo e mudar de ideia um ano depois é visto como um desperdício de tempo. E como se sabe, “tempo é dinheiro”. Ensinam para ele que só há uma chance de fazer a melhor escolha, na hora do vestibular, e esquecem de dizê-los que nenhuma escolha é definitiva na vida, ao menos não precisaria ser.

Daí eu terminei o cursinho ali na ESUCRI, depois eu fiz mais seis meses de cursinho no ENERGIA, tentando o vestibular pra federal, daí não passei. Daí naquele mesmo ano que eu não passei, ali no final do ano, devia tar com 21 anos eu acho. Daí eu vi na rádio que ia começar o curso de Engenharia Mecânica na SATC, aí eu comecei. [...] Não era o que eu queria, eu tava pensando em arquitetura pra federal e pra UDESC eu tava tentando desenho industrial. [...] Aquele ano todo teve aquele episódio que fui pro jornal e tal, tentando... estudando lá pro vestibular, tentei bastante vezes lá pra UDESC, teve uma vez que eu fiquei em 22º lugar, tinha 20 vagas, ninguém desistiu, ninguém, foi a segunda vez, eu fiz a primeira vez mas sem experiência, daí beleza. E daí da segunda vez 20 vagas, ninguém desistiu, cara (Cristiano, 2008).

Nem todos os jovens possuem a mesma maturidade de Cristiano, depois de uma frustração como essa empreender um novo caminho e aceitar a possibilidade existente na vida de fazer novas escolhas. Escolhas são necessárias, o ser humano é um ente fluido e conseqüentemente sua vida e suas necessidades também o são. É o entrecruzamento de nossas escolhas com a cultura em que vivemos e com o ambiente sociofísico que nos fazemos

sujeitos. Uma situação num primeiro momento frustrante pode ser necessária para o início de outro caminho cheio de conquistas. “[...] foi necessário pra eu tar aqui hoje, né. Senão não estaria aqui, não estaria fazendo o que estou fazendo hoje. E eu não me sinto uma pessoa infeliz, eu sou feliz”.

A felicidade não é algo perene, algo determinado por uma escolha feita aos 17 anos de idade. Dar ao jovem a possibilidade de errar, de recomeçar e permitir-lhe o processo de mudança e aprimoramento do ser é propiciar-lhe valores esquecidos no mundo ocidental. Nada na vida é estático e a busca pelo aperfeiçoamento é o caminho para uma vida mais poética de encontros com situações e objetos propiciadores do instante consagrado.

“[...] mas a gente sempre quando dá um passo à frente a gente olha pra trás, não pra ficar lembrando, mas pra ver o que aconteceu pra mudar o meu caminho” (Cristiano, 2008). Lembrar o passado e compreendê-lo é uma forma de crescimento no ser humano. Se o sujeito não é capaz de olhar para sua própria história e entender as motivações que o levaram a seguir um caminho e não outro, provavelmente está fadado a carregar o peso de seus erros e frustrações pelo restante da vida. Um ser humano equilibrado não se prende as situações traumáticas de seu passado e nem fica programando a sua vida para quando um futuro determinado acontecer. Planejar o futuro é importante para que o sujeito venha a realizar seus sonhos e suas aspirações, mas permanecer nele causa uma ansiedade crônica porque, nesses casos, o indivíduo não consegue desfrutar da vida que está passando por ele neste exato momento.

É... eu acho legal, eu não quero pensar muito no futuro porque eu acredito que vai ser o melhor que vai acontecer. Eu tenho essa crença de confiar, deixar na... não é deixar na mão de Deus, vamos dizer. Mas confiar no que vem pra mim entendeu? Até porque se eu tô com uma coisa boa aqui, não tem porque eu colher uma coisa ruim lá na frente, entendeu? Então eu procuro ver no presente as coisas da melhor forma possível, como eu vejo como melhor. Pra no futuro colher coisas boas (Cristiano, 2008).

Embora não goste de programar o futuro, Cristiano tem alguns sonhos a serem realizados. Como alguém que gosta muito de crianças, sentiu-se envolvido por inteiro em um sentimento paternal quando do nascimento de sua sobrinha. A chegada de sua sobrinha/afilhada em sua vida trouxe a imagem de seu grande sonho de ser pai para mais próximo de sua vivência emocional.

Eu quero, eu sempre falo pra todo mundo que quero ter três. Ter três, adotar um, um ou dois. Só porque daí eu sei que é inviável hoje em dia, né. Também não adianta botar filho no mundo, mesmo que tu tenha dinheiro. Vai ter que dar uma educação,

vai ter que tar presente na vida deles. Será que eu vou ter essa possibilidade, eu e minha esposa? Então é melhor, ter um filho e dar uma qualidade pra ele... de educação, poder tá presente, talvez nos momentos... nos poucos momentos que puder. Mas tu poder dar atenção pra ele, que uma criança precisa né, do que ter cinco e deixar meio largado. Tu não sabe como é que vai ser o futuro (Cristiano, 2008).

Ao projetar-se no futuro Cristiano vê sua realidade vivida em um lugar semelhante ao habitado por ele hoje. Um apartamento, não pensa em morar em casa, está acostumado com a dinâmica existente em prédios. Pensa em um apartamento como o que vive, além de ser um lugar seguro para criar os filhos fica próximo da tudo, no meio da cidade. Embora o homem anseie por uma vivência com o mundo natural, ele é encantado pela cidade. Se o número de habitantes vivendo no meio urbano, onde as situações de vida muitas vezes são precárias e não existe infraestrutura para todos, cresce, deve ter um motivo particular. O ser humano gosta de viver em sociedade, no meio de aglomerados humanos. Tanto isso é verdade que, segundo Jane Jacobs (2003), as ruas movimentadas por pessoas atraem mais pessoas para elas. Gente atrai gente. As melhores boates, as mais populares são aquelas apinhadas de pessoas, onde muitas vezes elas mal conseguem transitar de um lado ao outro do estabelecimento.

A cidade é onde o sujeito vive e produz sua subjetividade interagindo com outros sujeitos, com outras subjetividades. “Lugar onde expõe seu corpo, põe sua marca, produz a cultura. A cidade produzida e consumida. A cidade de fruição e frenesi onde o ser humano pode viver ou sobreviver em um lugar ao mesmo tempo desejado e temido. A cidade é um lugar do espaço” (GONÇALVES, 2007, p. 56).

É... eu adoro cidade grande, assim. Daí se eu fosse morar em cidade, eu gostaria de morar em apartamento, tipo esse aqui assim. Eu não me vejo em um lugar muito diferente desse aqui. Eu não preciso de mansão, não preciso de nada. Só preciso de um apartamento assim, que eu goste, que eu goste de ficar (Cristiano, 2008).

Cristiano distingue em sua fala dois conceitos importantes dentro da Psicologia Ambiental: o morar e o habitar. Morar o sujeito mora em qualquer “canto”, mas habitar somente habita espaços com os quais ele se identifica e cria laços. Assim, como a maioria dos entrevistados, Cristiano possui uma segunda residência, uma casa de praia que serve como quebra de rotina. Finais de semana ensolarados, períodos de férias de verão, a família se reúne em uma casa e ali reencontra parentes e desenvolve atividades não usuais no dia-a-dia. É a segunda residência comum a grande parte dos habitantes do meio urbano que vivem em prédios.

É uma alternativa à vida urbana, um refúgio para a falta de espaço. Mas como alternativa não serve ao conceito de habitar o lugar. Pelo menos não pelas falas de Cristiano. Quando está em sua casa de praia sente saudades de Criciúma, mas quando está em Criciúma, mal se lembra dessa sua casa. “É... sentia saudade de Criciúma. Quando eu tô aqui eu não sinto saudade de lá. Mas quando eu tô lá, eu sinto saudade daqui” (Cristiano, 2008). Na praia é “sempre a mesma coisa” (Cristiano, 2008). Os dias se passam no mesmo ritmo desacelerado, com um ar de tranquilidade. Para um sujeito acostumado à agitação do meio urbano, a tranquilidade pode ser tão irritante ou entediante quanto o barulho o é para um habitante do meio rural. “Sabe quando a gente imagina os baianos sem fazer nada? Não que eles não fazem nada, mas aquela coisa... era assim. Comer, deitar na rede, jogar taco, joga frescobol, depois volta pra rede... era assim” (Cristiano, 2008).

Embora a cidade de Criciúma não ofereça tantas opções de lazer, proporciona a Cristiano muito mais opções. Na cidade tudo é mais dinâmico. E a saudade relatada pelo entrevistado não é somente relacionada ao movimento, mas ao aconchego de estar em um lugar que não se mora, se habita. “Eu sentia saudade de vir no meu computador. Porque lá não tinha computador. Eu sentia saudade do meu computador. É... sei lá... saudade de sentar aqui no sofá, a casa...” (Cristiano, 2008).



Figura 39: Sala do apartamento onde Cristiano reside
Fonte: Do pesquisador

Na casa de praia existia TV e sofá, “rede, o que era melhor”, na visão de Cristiano. Mas por algum motivo sentar no sofá de seu apartamento em Criciúma lhe transmite muito mais tranquilidade do que seu sofá na casa de praia. Podemos entender que o sujeito possui afinidade como o lugar que habita e assim os objetos que compõem o cenário de seu lar são evocativos e por isso passam um sentimento de identificação. “[...] mas eu sinto o apartamento aqui, o apartamento aqui em Criciúma eu sinto mais aconchegante, mais eu. Entendeu? Mais eu aqui. Lá não é tão eu. Apesar de ser a nossa casa, né. Lá não é eu. Aqui sou eu. Aqui é como eu gosto” (Cristiano, 2008).

A identidade de lugar segundo Pol é a incorporação de elementos do ambiente físico à personalidade do indivíduo. Cristiano expressa em sua fala uma identidade quase fundida ao ambiente. “Lá não é eu. Aqui sou eu”. Demonstra como o ambiente está inserido na estrutura psíquica e emocional de um sujeito e o quanto ele pode falar a respeito de quem é o habitante de um determinado lugar.

Os objetos transmitem mensagens sobre seus donos, demonstram um querer, um gostar, uma preferência: “Aqui é como eu gosto”. Cristiano gosta de cidade, de estar livre no meio urbano e decidir qual melhor opção para preencher o seu dia. Pode escolher ficar em casa e assistir um filme na TV, mas essa é uma escolha dele, não influenciada pelo local onde se encontra.

Aqui é... é uma coisa mais dinâmica, cidade. Eu gosto... não sei se eu sou dinâmico, mas se eu não sou, gostaria de ser. Eu não sei se eu sou dinâmico, não sei, não sei dizer se eu sou dinâmico, não sei mesmo, mas eu gostaria de ser se eu não sou, mas se eu sou, melhor. Aqui parece que é mais dinâmico. Tem essa jogada que tu pode fazer, escolher...talvez mais desafios assim. Lá não tinha... lá é baiano. E aqui tem mais desafios. Cidade, né. Não é cidade grande né, mas é uma cidade, em relação ao Camacho lá. Parece que eu me sinto mais em casa aqui (Cristiano, 2008).

O sentimento de estar em casa não pode ser relacionado com o fato de estar morando em sua propriedade. Não é a posse que transmite ao sujeito um elo de ligação com o lugar. A posse enquanto propriedade Cristiano tem tanto do apartamento em Criciúma quanto da casa no Camacho, porém seu apartamento é seu “lugar sagrado”, onde ele viveu todos os momentos mais importantes de sua vida. Nesse sentido as paredes, os móveis, os objetos que ali se apresentam estão cheios de histórias, cheios de poética e são capazes de ser chamados em seu conjunto de Lar.

Podemos analisar essa relação de maneira consistente no filme “A casa dos Espíritos” (*The House of the Spirits*) produzido nos Estados Unidos e dirigido por Billie August em 1993. Embora a história se passe com enfoque para o drama da família Trueba ao

ser atingida pela revolução que no início da década de 1970 derrubou o presidente Salvador Allende, esse filme traz como pano de fundo a história de muitas gerações de uma mesma família que viveram em um lugar, uma determinada casa. Nessa mansão não existia nenhum espírito, ou “alma penada”, os espíritos de que fala o filme em seu título são as lembranças, os ruídos que cada personagem é capaz de vivenciar ao olhar para as paredes da casa onde viveram uma vida inteira e a qual foram obrigados a abandonar no meio da revolução.

Nota-se, os lugares refletem lembranças, saudades, frustrações, amores e desamores e na saga de uma história de vida a união de todas as vivências de um sujeito em sua casa ou apartamento traduzem sua própria identidade. Essa é expressão na fala de Cristiano, “sentir-se em casa no apartamento de Criciúma”. Estar em casa é estar num lugar cheio de afetividade.

Mas sabe que eu acho que eu gosto dessa casa aqui? A minha vida toda foi aqui. Então tudo que eu fiz tem alguma relação com esse ambiente aqui, com esse espaço, com esse apartamento aqui. Algumas vezes, quando eu cheguei triste da rua eu vim aqui, aqui eu me confortei. Sempre quando eu vim alegre eu vim aqui. Cheguei aqui, cheguei alegre. Tudo foi aqui. Eu acho que não existe um objeto em si... A casa como um todo... A casa como um todo... com certeza. Às vezes tem alguns objetos aqui que já tem faz temmpo, que a minha mãe adora assim, né. Aí eu me lembro quando eu era pequeno. Aí eu olho assim... são lembranças boas, não tenho lembranças ruins. Eu acho que um ambiente que só traz lembranças boas, ele é bom (Cristiano, 2008).

O simbolismo do espaço está encerrado nas recordações dos ambientes e nas pessoas que estiveram presentes naquele momento vivido no passado do sujeito. O significado simbólico de um ambiente também é contemplado pelos elementos constituintes do espaço que ressoam as alegrias e tristezas já vivenciadas em um determinado lugar. São essas coisas: pessoas, elementos e lembranças de ambientes que evocam sentimentos bons ou ruins nos sujeitos e os conectam aos ambientes desenvolvendo neles o apego ao lugar (RIVLIN, 2003).

O processo de apropriação do espaço está completo na história de Cristiano, sua relação com a cidade e com o bairro é tão afetiva quanto o é com o apartamento. Ao desenhar seu bairro ele coloca pontos referenciais importantes. Ele faz menção a todos os estabelecimentos urbanos disponíveis, todos os caminhos possíveis para chegada e saída e ainda situa seu apartamento no espaço. Como fez em sua fala sobre a cidade, um lugar cheio de alternativas e escolhas, também é desse modo que ele projeta sua imagem do bairro no papel.

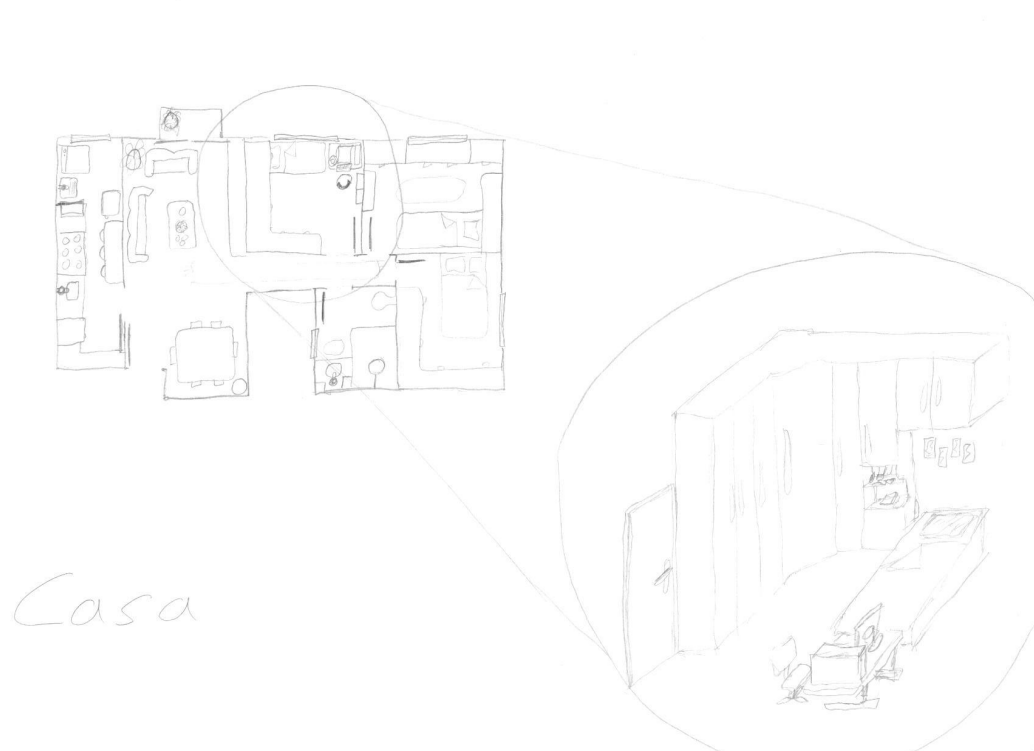


Figura 41: Desenho do apartamento elaborado por Cristiano
Fonte: Cristiano (2008)

Então a composição quarto, apartamento, bairro e cidade têm para Cristiano o sentido de lar como Pol já descrevera em seus artigos falando a respeito do Place Identity e do Place Attachment. Este é o espaço habitado por ele de forma privilegiada, no qual consegue desenvolver-se criativamente e gerenciar sua vida em torno das atividades valorizadas e dos preceitos vigentes em seu modo de vida. No pequeno apartamento em uma das ruas do bairro Comerciário Cristiano vive, é um entre tantos no aglomerado urbano, mas é um sujeito de projeto, um sujeito capaz de transcendência, de empreender momentos consagrados, viver prosaicamente e poeticamente devolvendo a humanidade de todos os homens que habitam a Terra.

6.12 Uma imagem, uma música, um cheiro e a referência ao abrir a porta

Na fronteira com a Argentina, às margens do Rio Uruguai inicia-se a história de Davi²⁷, que nasceu e cresceu na cidade de Itaqui, interior do Rio Grande do Sul. Uma cidade pequena, com cerca de 40 mil habitantes. Até a adolescência morou em casa e se dividia entre o estudo e as brincadeiras de rua. Sua imagem de Itaqui é de um lugar meio urbano, meio rural. Suas palavras carinhosas demonstram a experiência vivida em duas realidades existentes num mesmo contexto físico.

Filho de pais separados, foi criado pela avó materna, duas babás, a quem ele chamava de mãe, uma tia e um tio que trouxe para sua vida uma referência masculina. A vida na cidade de Itaqui era baseada em escola, campinho de futebol e a esquina onde se reunia com a turma. Sua casa era a rua, as brincadeiras de rua, voltando para a casa somente nos horários das refeições. Segundo seu relato ele convivia diariamente com um ambiente misto entre o urbano e o rural. Hoje, volta a sua lembrança para aqueles três a quatro meses de férias anuais que passava, na fazenda de seu pai, junto aos seus irmãos, que foram criados pelos avôs paternos.

Davi viveu a realidade da família moderna a qual os laços consanguíneos não são os determinantes da formação familiar. Em seu caso, aquilo que poderia ser visto como falta de estrutura não afetou negativamente a sua forma de enxergar e se posicionar no mundo.

A importância da avó, das babás e das tias como pontos de referência femininos deram a Davi o ponto fixo essencial no qual ele pôde se apoiar e estruturar sua personalidade. Uma infância amorosa com lembranças de cuidadoras afetivas lhe proporcionaram, por suas próprias palavras, “uma boa base”. Base esta capaz de lhe fazer compreender as dificuldades dos pais em assumir o casamento e em seguida, após a separação, de não assumir os filhos e, mais que isso, de separá-los.

Apesar de um entendimento amadurecido em relação ao passado, sem mágoas e ressentimentos, ele utiliza o exemplo de seu pai – que após a separação mudou-se para o Amazonas – para explicar sua atitude diante de sua separação.

Eu procurei não fazer o que o meu pai fez. Procurei tá muito presente com o meu filho. Tanto que quando a mãe dele faleceu, foi natural. As pessoas até se espantaram. Mas ele tá bem... Não, né... não teve problema na escola, assimilou

²⁷ Davi tem 37 anos, foi entrevistado no dia 23/07/08 às 10:00 hs. Mora há cinco anos com sua esposa, seu filho e seus dois enteados em um apartamento no bairro Comerciário.

bem. Sente saudades, sente. Mas ele sente essa referência, essa segurança aqui. [...] Ele sabia que não ia ficar sozinho no mundo (Davi, 2008).

Quando se fala em ponto fixo, na perspectiva de Damergian, a figura da mãe é o ponto de referência para dizer o quanto a criança pode ou não ter a subjetividade integrada. No caso de Davi ele foi o principal ponto fixo para seu filho, aquele a quem acolhe e com quem o filho sabe que pode contar. Uma âncora na vida que, por mais que as marés subam e que o mar esteja revolto, o filho tem a certeza de não estar sozinho na tempestade.

A importância do ponto fixo para a criança está na constituição dos valores, base integrante da formação do caráter. Os valores na vida de um sujeito são apreendidos principalmente durante a infância e refletem a capacidade deste de lidar com as situações que se lhe apresentam no transcorrer de sua história.

Segundo Davi, a bagagem educacional o livrou de encarar as pessoas como diferentes. Para ele o importante é entender a pessoa, os motivos que as levam a ser do jeito que são e agir do jeito que agem.

Porque eu sempre pensei assim... eu nunca gostei muito desses estigmas sociais. Eu... eu busco compreender a pessoa, eu busco entender a pessoa. Por exemplo, com a Júlia a gente tem uma relação fantástica desde o início. Eu nunca parei pra pensar. Agora que eu tô pensando, pô eu casei com uma mulher separada com dois filhos, né. Mas nunca me passou pela cabeça isso. Isso é uma coisa natural, que veio com a pessoa. [...] é uma coisa inerente ao processo. Não tem porque. Não tem essa questão de preconceito quanto ao social, cor, credo... isso aí tem bem resolvido. Talvez pela bagagem. Eu venho de uma família de professores. Minha avó que me criou deu 52, 53 anos aula. Se aposentou uma vez, depois deu mais aula de novo, se aposentou de novo. Por vocação né, ela gostava de dar aula (Davi, 2008).

E a educação como um valor fortemente cultivado por sua família levou-o, aos 15 anos, a percorrer 730 quilômetros e ir morar em Porto Alegre, “a cidade dos sonhos” dos pais que desejavam um futuro melhor para os filhos de Itaquí.

Em Porto Alegre Davi se encanta com o movimento da cidade grande. Sua ânsia de informação, de conteúdo foi contemplada pelas enormes avenidas da metrópole. “Gostava, eu me identifiquei com aquilo dali. Gostei daquele movimento. Apesar de gostar também de viver no campo, lugar mais tranquilo. Mas a minha ânsia de conhecimento me levou naquele momento e eu...” (Davi, 2008).

A cidade tem seu encanto, não somente os bosques arborizados, ou as fazendas com rios límpidos, com montanhas e vales frondosos são capazes de despertar a contemplação do ser humano. Mas a cidade, com seu movimento, seu leva e traz. A cidade onde tudo acontece, o tempo não pára e a diversidade penetra por todos os seus sentidos. A ânsia do conhecimento

não pode levar o homem para outro lugar que não seja o meio urbano, pois ali se encontra a informação, ali se encontram formas de socialização privilegiadas.

Estar no meio do aglomerado urbano é estar com os outros que lhe são iguais. A busca constante para estar entre os iguais e diferenciar-se no meio deles. Essa é a luta do público x o privado e a mesma luta travada pelos adolescentes quando sentem que a vida infantil ficou para trás. É um querer perto e longe ao mesmo tempo, essa é a definição mais lógica do que o homem vem buscar na cidade: firmar sua identidade para depois diferenciar-se dos demais.

Para Davi esta era a cidade grande, o lugar do movimento, o lugar do conhecimento. Porém, ninguém deixa sua terra natal e vislumbra um novo horizonte sem primeiro habituar-se à nova dinâmica. Precisa-se sentir o terreno para poder apreendê-lo em uma nova vida. Quando alguém se aventura a mudar de endereço, não muda simplesmente de casa, não muda simplesmente de rua, de bairro ou de cidade. “Eu tinha que me ambientar àqueles grandes centros, né. Então com 16, 17 anos eu descobri uma realidade totalmente diferente do que eu tinha. Às vezes eu ia visitar, mas era só passeio assim, né. E eu tive que me inserir naquele contexto”.

Alguém que muda, muda de pensamentos, de interações, de identificações, de orientação e de personalidade. Por isso o sujeito necessita de um tempo a mais para dar-se conta da sua nova experiência, para conseguir seguir em frente e realizar as coisas a que se propõe em seu novo lar. Davi relata essa experiência de apropriar-se do lugar, formar uma identificação com ele e construir novos relacionamentos:

Naquela época foi complicado porque... principalmente na juventude. [...] Então o primeiro ano foi complicado. Até eu me ambientar, até eu tomar ciência do que eu tinha mesmo... Porque tudo é novidade, muita informação, muita coisa nova. Então o que eu fazia, olha só. O que eu fazia pra conhecer Porto Alegre. Porto Alegre é enorme... e eu morei em várias cidades, depois eu vou te contar. Mas quando eu cheguei em Porto Alegre eu pegava, saía pra caminhar. Às vezes eu caminhava 2 horas, 3 horas assim a pé, pela cidade. Sozinho. E me perdia às vezes. Me perdia, mas aí eu ia começar a criar os pontos de referência na cidade, eu acho que era uma forma de apropriação de espaço. Eu tava criando a identidade com aquele lugar, eu queria saber, eu queria poder me deslocar sozinho no meio daquele monte de prédio, monte de carro, monte de ruas, aquela... gente pra lá e pra cá. Mas eu gostava daquilo ali (Davi, 2008).

Para Lynch (1960 apud MELO, 1991) nossa capacidade de locomover-nos em uma cidade está vinculada à estrutura espacial desta. Somente após internalizar os elementos constituintes de uma cidade é possível criar mentalmente um mapa representativo do lugar. Posteriormente à construção desse “mapa mental”, nos reportaremos a ele sempre que

precisarmos nos locomover dentro da cidade ou desejarmos procurar algum lugar específico. Quanto mais complicada forem suas ruas para a movimentação de pessoas e automóveis, tanto mais o indivíduo terá dificuldades em representá-la mentalmente.



Figura 42: Cidade de Porto Alegre
Fonte: PANORAMIO (2008)

Perder-se na cidade grande é algo comum para um estrangeiro, mas depois que ele começa a sentir-se parte do lugar, quando começa a fazer história, a ser parte da história, ele já não mais se perde. Anda pelas ruas, muitas vezes apressado, sem nem mesmo se dar conta do caminho que precisa pegar, sem se dar conta dos pontos de referência que existem pré-estabelecidos em sua mente que o faz ir de um lugar ao outro. Ele já conhece o espaço, já andou por ele várias vezes tanto concretamente como mentalmente e não mais precisa de um grande esforço para entendê-lo. Ele já está pensado e repensado em sua memória.

Davi acostuma-se com o ambiente da cidade grande, apropria-se dele, mas não se esquece de suas origens, forma-se oficial da reserva em Porto Alegre e pede transferência para Itaquí. Trabalhou em torno de um ano e meio, dois anos na carreira militar e após esse período resolve abandonar o cargo, pois teria uma carreira curta, de apenas 10 anos, depois seria recolocado no mercado de trabalho e, para um militar, que espaço teria ele? Não. Melhor sair antes que já tivesse passado muito tempo.

O tempo é algo precioso para o homem da cidade, para quem vive entre prédios e avenidas. Parece que na cidade tudo acontece muito rápido e alguns minutos perdidos podem significar um longo atraso na corrida pessoal em busca de um lugar ao sol. O mercado é voraz, exige de você mais do que formação universitária, mais do que cultura, mais do que politização, exige que você não pare nunca de adquirir informação e conhecimento. Por isso, Davi escolhe preparar-se ao invés de ficar parado como militar. Se ficasse ganharia uma estabilidade por um tempo, mas e depois? “Só sei fazer isso, não me preparei e o mercado é competitivo e eu fiquei parado como militar, me acomodei com aquele salário, com aquela vida e... sou jogado no mundo de novo”.

Ser jogado no mundo, esse parece ser o lado negro da cidade. Você se encanta com tantas possibilidades oferecidas, mas muitas delas você não consegue alcançar, quiçá algumas pessoas possam almejá-las, mas nem todos possuem as mesmas oportunidades no ambiente urbano.

Davi trilha, em sua história de vida, por diversos lugares, morou em muitas cidades, passou por diversas atividades profissionais e descobre desde a sua saída de Itaqui um novo jeito de morar. Quando ele deixa sua cidade natal, fica para trás não somente a vida de sua mocidade, mas também a vida pacata da casa em meio a um ambiente rural/urbano, como ele mesmo gosta de mencionar. Dali em diante sua vida foi mudar de apartamento para apartamento, passando de cidade em cidade e levando apenas sua história.

Para Davi, morar em um apartamento ou em outro não faz qualquer diferença, pois a substância para preenchê-lo ele carrega consigo.

Independente do apartamento que eu vá se eu consigo trazer as minhas coisas, quando eu entro dentro do apartamento eu me sinto em casa. Se tiver o meu sofá, minha cama... se eu me reconheço dentro daquele lugar, né. Então... isso pra mim é interessante, eu sempre tive isso assim. Se eu tivesse morando em Caxias do Sul, Curitiba como eu morei, Florianópolis, Criciúma ou Porto Alegre, independente da onde estivesse. Depois que eu tinha as minhas coisas em dia, eu tava com a minha referência pronta (Davi, 2008).

“Ter a referência pronta”. Com esta expressão Davi transmite, do âmago de sua identidade, a necessidade de ter o ponto de apoio do qual ele possa partir nas mais variadas direções e ao qual ele possa retornar ao fim de cada jornada. Essa referência é mais do que o lugar onde ele recosta a cabeça e dorme, é o ambiente acolhedor onde ele pode ser e agir espontaneamente, onde ele pode sentir-se em casa.

O mundo do apartamento é o lugar de Davi. Este lugar pode ser transferido para qualquer espaço e ainda assim não perder o sentido intrínseco de lar. Porque o lar está não no

espaço, mas no significado adquirido pelos objetos levados de uma cidade a outra, ele carrega sua história no seu sofá, na sua cama e em todos os seus pertences.



Figura 43: Sala do apartamento onde Davi reside
Fonte: Do Pesquisador

Quando Davi chega a Criciúma acontece sua separação. Depois de um tempo ele conhece Júlia, com quem constitui uma nova união familiar. A nova família formada pelos dois filhos de Júlia e o filho de Davi vão morar em um apartamento no bairro Comerciário. Davi escolhe o Comerciário pela proximidade com o Centro da cidade e a possibilidade de ter os aparatos urbanos sempre a mão.

E porque que eu escolhi Comerciário? De novo pelas facilidades, segurança do apartamento, a região me parece bastante segura, eu me sinto seguro aqui. É próximo de ônibus, é próximo do centro, é próximo das escolas das crianças. Tem um terminal de ônibus pertinho aqui que o meu filho mais velho pega ônibus, vai sozinho pra escola. Eu posso me deslocar a pé pra qualquer lugar que eu queira aqui. Tem supermercado próximo, tem farmácia próximo, tem hospital próximo (Davi, 2008).

Em tempos de modernidade tardia ou pós-modernidade os requisitos para morar em cidade são dois: facilidades e segurança. O Comerciário penetra no inconsciente dos que ali residem como o lugar de melhor acesso para as funcionalidades urbanas. Poderiam os

moradores se deslocar a pé para qualquer lugar no centro? Sim, poderiam. Contudo, grande parte deles não agem dessa forma, retira os carros todos os dias da garagem, contribuindo ainda mais para os congestionamentos que ocorrem em determinadas ruas do bairro em horários de pique. E isso fazem mesmo que seja para ir até o Centro levando cerca de quinze a vinte minutos para chegarem e encontrarem um estacionamento, sendo que, se se deslocassem a pé, não levariam mais que dez minutos para realizar o mesmo percurso.

Outra questão levantada por Davi diz respeito à segurança. Mesmo tendo escolhido morar em apartamentos em todas as cidades onde já residiu, Criciúma teve um diferencial. O apartamento é mais seguro do que em outras cidades. E a segurança para Davi é atribuída à quantidade de população. Somente uma cidade com poucos habitantes, ou seja, cidades consideradas pequenas ou médias são ainda capazes de transmitir segurança para seus moradores.

Na verdade, não é a quantidade de habitantes que diz se um bairro ou uma cidade são seguros ou não, e sim os olhos atentos dos vizinhos aos estranhos que circulam que fazem toda a diferença em sentir-se mais ou menos seguro. Segundo Davi, esse olhar cuidador do vizinho permite que ele viaje, tranque a porta e não se preocupe, pois sabe que ao chegar seu lar estará exatamente igual a quando ele se ausentou. “Acho que tem esse olhar amigo. Sempre... eu vejo, por mim e por alguns aqui, que sempre que a gente vê uma pessoa de fora que não conhece, para, pergunta, você queria ir onde? Então existe...” (Davi, 2008).

A segurança não é mantida em uma rua ou em uma cidade por uma força policial ativa. A polícia é importante e necessária, mas não consegue dar conta de breçar todas as possibilidades de violência passíveis de acontecer em lugares muito adensados. Quem são então os maiores super-heróis capazes de banir a insegurança das calçadas? Os próprios habitantes e comerciantes que moram e trabalham nas margens das ruas. Quanto mais diversificado for um bairro, quanto mais houver motivos para as pessoas transitarem pelas ruas, mais seguras elas serão (JACOBS, 2003).

Morando no bairro Comerciário, Davi deixa seus filhos irem a pé para a escola e a catequese, algo impraticável em cidade grande. Na cidade grande, como ele mesmo já sentiu na pele, a quantidade de pessoas é motivo suficiente para cada um cuidar apenas de si e não enxergar nem mesmo um vizinho de porta que é roubado quando se ausenta de seu lar.

Eu fui assaltado duas vezes na rua e uma eu cheguei em casa e a porta do meu apartamento estava arrombada, mesmo tendo chaves. Foi quebrado a porta, as pessoas entraram e roubaram computador, um monte de coisas, né. E ninguém viu. Então... saíram com computador, saíram com televisão, com tudo e ninguém viu. Por isso que eu digo que lá não existe tanto. Uma cidade com 1 milhão e pouco de

habitantes fica mais difícil esse comportamento. Aqui a gente vê mais presente esse comportamento. Aqui eu tenho a segurança de sair, deixar os filhos em casa, eu tenho a certeza de que eles vão estar bem cuidados, vão tar seguros. Numa casa eu já não deixaria sozinhos. Eu não me sentiria tranquilo de sair e me ausentar um tempo maior e saber que eles estão sozinhos. Então isso eu acho interessante nessa questão de porque que eu busco um apartamento (Davi, 2008).

Parece mesmo que a rapidez da cidade grande é capaz de anestesiar as pessoas a ponto de elas não terem nem olhos, nem ouvidos, nem boca e nem mesmo sentimentos para além dos apartamentos onde vivem. As pessoas moram no mesmo lugar, mas não se cuidam. Já em cidades pequenas, como é o caso de Criciúma, Davi pode deixar seus filhos sozinhos no apartamento, pois se acontecer qualquer inconveniente, qualquer problema com eles, os vizinhos escutarão e sairão em socorro prontamente. Em casa esse comportamento já não seria apropriado, deixar crianças com menos de dez anos sozinhas, pois sempre existe a possibilidade de elas saírem na rua e a rua é considerada para os habitantes da cidade um lugar perigoso, no qual a criança não pode estar.

Damatta (1997) coloca que a rua é tida como um lugar movimentado, devendo ser vista com cuidado das janelas das casas e apartamentos, estando as pessoas protegidas dentro das paredes de suas moradas. Ainda nessa mesma perspectiva o autor revela ser a rua, na visão dos habitantes das residências, um lugar propenso a desgraças e roubos, onde as pessoas podem ser confundidas com estranhos mal-intencionados. Para alguém de “boa família”, segundo o autor, ser confundido com “moleque de rua” ou “mulher da vida” seria algo inadmissível e vergonhoso demais para se suportar. É mais seguro ficar protegido dentro do apartamento sem se expor aos imprevistos da rua.

Quando se percebe o apartamento como um lugar ainda capaz de proporcionar uma certa proximidade entre os demais habitantes do prédio, torna-se mais fácil considerá-lo um lugar interessante para se viver. Em alguns lugares do Comércio ainda existe vida para além das portas dos apartamentos, os vizinhos cuidam e preservam o lugar de convivência do outro. Mas existe um conflito entre estar exposto além do desejado e ter maior convivência entre as pessoas.

[...] em casa tu te expõe mais. Porque tu tá mais... mais... as pessoas tão mais presentes, elas te conhecem mais, num apartamento tu te restringe um pouco a tua vida, né. Talvez o vizinho da tua porta não sabe o que acontece, mas no pátio de uma casa, tu fica bem mais exposto, né. E eu acho interessante, eu gosto de me relacionar (Davi, 2008).

Embora o bairro Comércio seja um lugar privilegiado para Davi, ele sente falta de lugares onde as relações possam acontecer. A verticalização afasta naturalmente as pessoas

devido ao grande contingente populacional em uma área restrita, uma forma de uni-las novamente seria o investimento em locais de lazer dentro do bairro. Em Criciúma, existem duas praças que são utilizadas pelos habitantes da cidade, a Praça Nereu Ramos, situada bem no centro da cidade, onde se encontram a grande maioria das lojas comerciais, e a Praça do Congresso, única praça realmente apropriada pelos indivíduos da cidade.

Essas duas praças são próximas do bairro Comerciário, poderiam ser utilizadas por seus habitantes como uma forma alternativa de lazer e de contato com ambientes arborizados. Contudo, elas não estão inseridas no contexto do bairro, conseqüentemente não podem exercer o importante papel de promover a socialização entre os vizinhos.

Socializar, aproximar mais as pessoas. Aqui não tem. Aqui eu vejo que se tu quiser um final de semana com o teu filho tu tem que ir pra Nova Veneza, Siderópolis, Praia do Rincão, Forquilha, tu só vê coisas pra sair daqui, mas pra inserir dentro do contexto do bairro, eu não vejo esse planejamento (Davi, 2008).

Davi tem razão em questionar o planejamento e a discussão do Plano Diretor em Criciúma. Apesar de cogitarem a ideia de uma área de lazer em cada bairro, uma praça, um parque, não existe boa vontade nesse sentido. Segundo um dos arquitetos da CODEPLA, não existe necessidade de haver uma praça ou parque em cada bairro, basta a existência de um ambiente assim próximo, mesmo sendo em outro bairro, que será suficiente para garantir uma boa qualidade de vida de todos os moradores dos bairros vizinhos.

Davi, quando fala sobre essa necessidade, discorda dessa opinião dos “cientistas do planejamento urbano”.

[...] eu te digo assim porque eu tenho os comparativos. O parque Farroupilha, da Redenção em Porto Alegre, o Marinha do Brasil, são parques... quase todos os bairros tem o seu parque, né... Praça da Incol em Porto Alegre. Cada bairro tem aquele ambiente propício pra esse lazer, pras famílias se reunirem, levarem as crianças. E aqui eu não vejo (Davi, 2008).

Segundo Braga (1998), o ponto de vista dos usuários dos ambientes, sejam eles naturais ou construídos, é de extrema importância para garantir a satisfação de suas necessidades. Entende-se, nesse sentido, a visão dos usuários como sendo um dado importante para a constatação dos aspectos positivos e negativos de um ambiente a fim de buscar uma otimização das condições sociais e comunitárias de um determinado lugar. Parece óbvio essa fala, mas na prática não ocorre desta maneira, a percepção do usuário é, na maioria das vezes, desconsiderada durante a realização de alguma obra pública que afetará a vida de todos os habitantes de uma cidade.

Sem um espaço de sociabilidade no bairro, a formação do sentido de bairro, como aquele onde as pessoas se conhecem e se auxiliam, se vê prejudicado. Lugares verticalizados são habitados por pessoas que têm o tempo cronometrado no relógio. Tais pessoas poderiam ter a oportunidade de esbarrar-se mais constantemente em finais de semana ou caminhadas noturnas caso um espaço assim fosse proporcionado a elas dentro do bairro.

Embora exista essa necessidade de um lugar de lazer e convivência dentro do bairro Comerciário, a reivindicação parece estar longe de acontecer.

Até tem uma associação de bairro aqui, mas eu não vejo, não vejo ela muito atuante. Não vejo força pra reivindicar alguma coisa. Tem esse plano diretor que está sendo feito, discutido agora. Eu sei que tem algumas áreas que está sendo revistas pra esse tipo de projeto. A gente tem aqui o campo do Criciúma, que é uma das áreas que tá sendo vista, pra ele ser transferido de lugar e essa área ser feito um parque, ou alguma coisa... seria ótimo, seria uma ideia fantástica, seria uma referência bem interessante pro bairro. Poderia aproximar as pessoas, socializar, criar eventos da comunidade e isso hoje eu não vejo. Eu vejo um distanciamento dessa parte. O poder público não tá olhando muito pra isso (Davi, 2008).

Ao mesmo tempo que a culpa é lançada ao poder público, o entrevistado faz a defesa das pessoas, que se sentem incapazes de reivindicar suas próprias necessidades. Essa é uma das dificuldades crescentes na vida pós-moderna. O indivíduo já não luta pelos seus direitos e considera o exercício tradicional da cidadania como pura perda de tempo e, muitas vezes, de dinheiro.

[...] eu acho que existe um sentimento de impotência da pessoa física, fazer alguma coisa. Pelo menos eu não vejo muito assim, a não ser através de uma associação de bairro, através de um movimento organizado, uma associação de classe, que consiga reverter esse quadro. Tem que ter... tanto que tá bem difícil essa questão. O plano diretor tá sendo discutido e... bem polêmico, né. Porque mexe com muitos interesses também (Davi, 2008).

O desinteresse diante das questões coletivas do condomínio, do bairro e da cidade demonstram a individualidade do sujeito urbano a qual já vínhamos falando em outro momento nesse texto. Essa é a individualidade descrita sob a égide do ditado: “Cada um por si e Deus por todos”. Eu cuido daquilo que sou capaz de gerenciar: minha vida, o restante deixo nas mãos daqueles a quem eu elejo para que, com sorte, eles façam o melhor, ou pelo menos não deixem minha vida mais difícil do que já é. A ordem é: não importa qual governo entre, minha vida não muda em nada, tenho que acordar todos os dias pela manhã e voltar ao serviço para garantir que não me falte nada. Garantir a existência permanente de meu lar, meu aconchego e meu porto.

Apesar de ter uma vida corrida, Davi necessita de uma sede, um porto seguro, um lugar onde ele se referencie. “Tenho meus compromissos, eu dou aula, eu presto consultoria, trabalho com pesquisa, dou treinamento nos cursos, viajo bastante, mas minha sede é aqui, nesse bairro bastante verticalizado, próximo ao Centro” (Davi, 2008).

A sede de um sujeito é o lugar onde ele constrói sua identidade. Para onde ele sempre deseja voltar, aonde ele se sentirá mais livre, mais descansado depois de tantos dias em viagem. No apartamento de Davi existem todos os objetos significativos de sua vida. Quando da separação, nada levou consigo, apenas seus livros que contam a história da formação de seu caráter e seus valores em meio a um ambiente de muito estudo e muito ensino. Foi a avó que lhe deu muitos desses livros, ela foi o ponto fixo de Davi, dela adveio a informação, a cultura, os costumes e tudo mais que Davi julga ser importante em sua vida.

Eu vou te dizer assim, quando eu me separei eu não peguei nada. Eu deixei tudo, a única coisa que eu trouxe foram meus livros. Então, talvez os livros, que é o meu conhecimento. O resto... tudo é... tu pode passar, tu pode ter a imagem na lembrança. Então naquele momento, eu tinha as minhas roupas, algumas roupas, o resto eu doei tudo e umas três ou quatro caixas de livro, que elas me acompanharam em todas as casas que eu fui, elas sempre estão comigo. Então tem alguns livros que eram da minha avó. Isso eu levo sempre pra onde eu vou (Davi, 2008).

Não somente a informação, a cultura, mas também a arte é importante na vida de Davi. Em sua casa existem muitos elementos simbólicos. Dentre eles os quadros pintados por ele e sua esposa. A arte pintada ou contemplada é uma via de acesso a outra dimensão, uma dimensão poética que faz o sujeito entrar em contato consigo, com sua essência, esse contato constante com o lado estético auxilia o sujeito a tornar-se mais congruente em seus comportamentos de modo a tornar seu self real muito mais próximo de seu self ideal.

Pra cada ambiente a gente vai colocando uma coisinha. A sacada, as plantas. O quarto, tem os meus livros. Pra tudo tem um... Esses quadros aqui da sala, se eu for dizer cada um. Aquele ali foi eu que pintei, aquele ali foi a Júlia. A gente... rabisca um pouco. Aquele lá eu tô terminando que é uma paisagem da Bahia lá de Ilhéus. Então aquilo ali é meu, aquilo ali não é de mais ninguém. Então isso me identifica com esse lugar. Agora... se eu levar tudo isso aqui pra um outro ambiente, eu também vou criar... Desde que eu leve. Existe essa questão assim de você trazer as suas coisas (Davi, 2008).

“Trazer as suas coisas”. É como se Davi estivesse dizendo: trazer o seu eu consigo. Em todos os lugares de sua casa, seja na varanda, no quarto ou na sala, existe um lugar para expressar o seu eu, expressar a dinâmica de sua personalidade. Pode-se perceber, nas imagens acima expostas, um pouco de quem é Davi, quais valores são importantes, que mundo

simbólico ele projeta em sua vida... Quem personifica o lugar onde vive se mostra neste lugar, se apropria dele e permite a formação de um canal. Esse canal tanto recolhe elementos do ambiente e os incorpora à personalidade do sujeito quanto devolve elementos dessa personalidade para o ambiente.

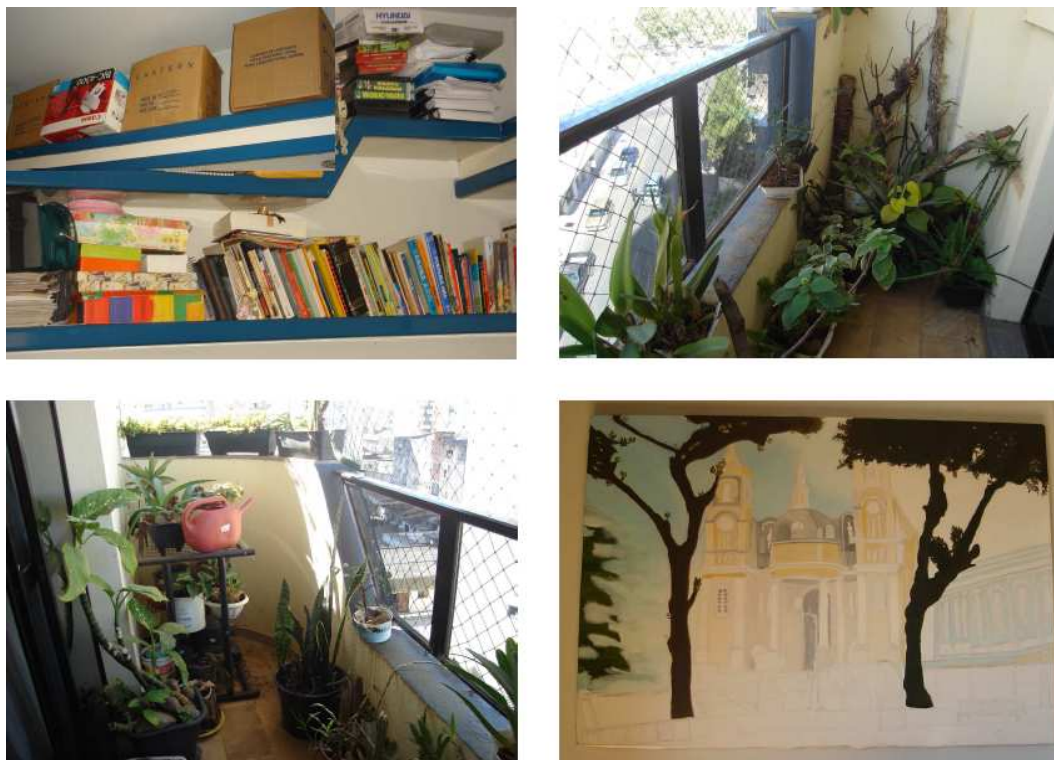


Figura 44: Os ambientes personalizados por Davi em seu apartamento

Fonte: Do pesquisador

A afetividade em relação aos ambientes pode existir em graus variados, para Davi o afeto aos ambientes de seu lar estão condicionados à ausência ou presença de seus familiares. O ambiente mais agradável é aquele onde Davi pode estar com a família e vivenciar experiências que ele tem razões para valorizar.

Acho que essa proximidade da família, se a gente tá almoçando ou jantando. A mesa redonda com todo mundo ao redor. É muito agradável pra mim, estar ali na cozinha. Mas se eu tô no quarto, a gente tá junto, abraçado, assistindo televisão, é fantástico. É um ambiente bom. Independente do local da casa, se existe esse convívio familiar eu acho que é o melhor lugar (Davi, 2008).

A família é o momento presente, aquilo de maior importância na vida de Davi, é por ela que ele escolheu a vida no bairro Comerciário. A família é um elemento simbólico no espaço de Davi, quase funciona como elemento de fruição poética. Em seu desenho do

apartamento, ele demonstra claramente a importância do ambiente aliado à companhia familiar.



Figura 45: Desenho do apartamento elaborado por Davi
Fonte: Davi (2008)

A fruição poética é entendida como um estímulo que faz o sujeito acessar o momento estético. Esse estímulo pode ser gerado de diversas fontes, desde que estas tenham sentido e significado para o sujeito. Este significado oculto no elemento de fruição leva o sujeito a se enxergar.

Olha... às vezes uma imagem, uma música, às vezes me traz um sentimento assim... um cheiro. Às vezes né, às vezes eu sinto um cheiro e esse cheiro eu penso, báh, esse cheiro parecia com aquela época que eu vivia lá em tal lugar. Ou então uma música me lembra locais, pessoas. [...] Através de silêncio, através de solidão. Eu acho que... às vezes você ficar sozinho. Eu faço serviço numa ONG que me permite ficar... se não tocar o telefone eu fico quatro horas e meia sozinho. E é um encontro comigo mesmo (Davi, 2008).

Muitas são as formas encontradas pelos sujeitos de encontrar-se com seu eu, algumas levam ao momento estético, outras apenas trazem o sentimento de liberdade de identificação. Como existe uma avalanche de estímulos a rondar as pessoas a todo momento no meio dos espaços verticalizados, é necessário criar uma maneira de enfrentar tanto esse excesso de

estímulos, quanto à ausência de espaços livres. Para ter uma relação mais próxima com a natureza, Davi cultivava nos pequenos espaços de sua varanda uma grande variedade de plantas. Para ele, que teve uma vida anterior com muito contato com a natureza, existe a necessidade de um espaço, ao menos um pequeno espaço, que possa trazer um pouco da tranquilidade deixada pra trás quando resolveu morar no meio urbano.

Por exemplo, nós aqui em casa a gente busca essa aproximação, porque a sacada, se for ver a sacada do meu quarto é cheia de planta, né. Então a gente precisa desse contato. [...] Nem que seja aquele espaço ali, mas tem que ter pra... terra. Talvez, já pelo histórico que tanto a minha esposa veio do interior e eu também. Então talvez seja esse elo de ligação que a gente ainda mantém, apesar de não poder ter uma grande extensão. Mas cultivar planta, ver crescer, ver o movimento da natureza (Davi, 2008).

Mas um pequeno espaço com a natureza é suficiente somente durante as semanas cheias de serviço e de horários marcados. Para os fins de semanas e as férias Davi possui outro lugar, uma segunda residência. A segunda residência, tão característica para todos os demais entrevistados, também se faz presente na vida de Davi. Durante o verão ele se reúne com a família numa casa que fica na praia do Rincão. “Então é a oportunidade que a gente tem de se reunir. E a gente gosta muito desse convívio. Espera o verão pra tá todo mundo junto. Aquela mesa cheia, né...” (Davi, 2008).

O relacionamento de Davi com o bairro é de quem se apropriou do mesmo. Seu desenho expressa a contradição do espaço adensado: muitos prédios em um espaço pequeno de território, mas cheio de pessoas dentro de cada uma das unidades de apartamentos ali existente. Davi é o único dos entrevistados que se lembra de colocar em seu desenho as pessoas residentes nos blocos verticais aparentemente tão vazios de afeto. Talvez um morador que não tenha visto outras realidades de cidades maiores poderia dizer que o bairro Comerciário é um lugar do individualismo e da vida privada. Mas para Davi, que já viveu em lugares muito maiores, onde as pessoas não têm a possibilidade de se conhecerem uns aos outros por conta de um estilo de vida muito mais voltado ao cuidado e proteção, o bairro Comerciário se tornou um lugar afetuoso, capaz de devolver a ele a tranquilidade de viver no urbano e poder usufruir a vida cotidiana sem medo de voltar ao apartamento e ver referência arrombada assim como a porta de entrada de sua residência.

Na medida do possível, Davi procura cultivar “a vida de bairro”. Para ele é fundamental usufruir os recursos disponíveis no bairro. Ele, sua esposa e filhos almoçam no restaurante da esquina todos os dias e com essa convivência diária já conheceram os donos do estabelecimento, os atendentes e estreitaram laços com muitos moradores e trabalhadores do

Comerciário. A família usa o comércio local: mercado, cabeleireiro, farmácia e todos os outros. Quando o bairro não é capaz de suprir uma determinada necessidade, Davi se obriga a procurá-la em outros locais. “Então a gente procura estar dentro desse contexto do bairro” (Davi, 2008).



Figura 46: Desenho do bairro Comerciário elaborado por Davi
Fonte: Davi (2008)

Abre-se aqui, a perspectiva da análise do vivido através do uso do espaço, pelo corpo, revelando-se enquanto processo de apropriação. Aqui vai ganhando significado o espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas – as relações de vizinhança, o ato de ir às compras, o ato de caminhar, a ação que marca o encontro com os conhecidos, permite os jogos, as brincadeiras, dão sentido ao ato de habitar. [...] uma prática vivida e reconhecida em pequenos atos corriqueiros e, aparentemente, sem sentido, vulgares, mas criando laços profundos de identidade entre habitante – habitante e habitante – lugar. Deste modo não estamos nos referindo aos espaços infinitos, mas banais e reais como a rua, a praça, o bairro, - espaços do vivido. Estes revelam o espaço-tempo da vida (CARLOS, 2004, p. 51)

Este espaço-tempo da vida não traz a ideia de eterna felicidade aos habitantes de uma cidade, mas o dia-a-dia real capaz de dar sentido a uma existência, com seus prós e contras, a maravilha do crescimento e desenvolvimento enquanto pessoas e cidadãos.

A sociedade em que vivemos teima em imprimir uma contradição nos pensamentos das pessoas, deixando elas acreditarem que existirá em algum ponto de suas vidas um conto de fadas onde encontrarão um “...e viveram felizes para sempre”. Davi reconhece que não

existe uma felicidade permanente na vida, talvez também não existam lugares perfeitos, capazes de suprir todas as necessidades de um sujeito a fim de este ter o que tantos estudiosos tentam definir como qualidade de vida. Mas Davi sabe a importância de morar em lugar onde ele se sinta “em casa”. Sentir-se em casa é estar ao lado dos seus entes queridos no lugar chamado lar.

Eu acho que é isso, importante são as pessoas. É o que tu vive, o que tu sente, o que tu sofre. Acho que a vida é isso. Eu quero... felicidade sempre não existe. Se está feliz, você sofre, você aprende, você se relaciona com as pessoas. E o ambiente em que tu vive eu acho que é aquele teu porto. Você chega, se sente bem. Você chega de viagem, ai que cama boa, né. A melhor cama é a tua. Tu pode estar no melhor hotel, mas tu chega em casa, tem aquele teu colchãozinho, então... eu digo, tô em casa. O teu chuveiro, é o melhor banho que tem, então são essas coisas, esses prazeres da vida que a gente tem (Davi, 2008).

Se pudéssemos imaginar uma cidade ideal, de que forma ela seria? Tantas cidades já foram projetadas. Uma cidade ideal para cada época, para cada sujeito, para cada modelo de sociedade. Tentamos durante muito tempo erguer cidades assim, projetá-las milimetricamente pensando em todos os seus prós e contras. Mas ao pensar uma cidade não podemos esquecer que ela é o que os habitantes dela são. Toda cidade é fluida, pois seus habitantes estão em constante transformação, a sociedade em que eles vivem, moderna, pós-moderna, está em constante evolução. Um ambiente ideal... Uma cidade ideal é aquela “capaz de pessoas”. Capaz de olhar para as pessoas, de fornecer as bases para que cada sujeito consiga se apropriar dos espaços de convívio; consiga ter relações harmoniosas, equilibradas; consiga ter as necessidades físicas, psíquicas e espirituais atendidas. Uma cidade que deixe o sujeito crescer interiormente, deixe o sujeito encontrar o seu momento poético. Nem todos precisam das mesmas coisas para viver. Uma cidade precisa se conhecer para saber o que seus habitantes necessitam para se desenvolverem. E em suma os habitantes das cidades clamam por mais e melhores relações.

Davi finaliza seu discurso com a consciência da importância dos relacionamentos na vida de todo sujeito. “Porque o que eu sou hoje é fruto de todas as vivências que eu tenho. E como eu sou hoje, eu sou diferente de ontem. Então em cada interação que tu tem, tu te torna diferente” (Davi, 2008). Sendo as interações a chave da mudança e do aperfeiçoamento de caráter, o ambiente urbano vem se desenvolvendo na contramão desse discurso, isolando os sujeitos uns dos outros e tirando das cidades o que é essencial para o enraizamento do ser humano: os espaços de encontro e de fala. Talvez o desejo do sistema seja mesmo o de tornar as pessoas pertencentes a ele como seres pouco evoluídos, pequenos robôs que atendam as

demandas do mercado prontamente, sem nem mesmo questionar de onde veio a ordem para tal ação. O resultado disso vemos estampado no discurso de todos os entrevistados e empiricamente no dia-a-dia de cada habitante da cidade. Eles se vêem empurrados para uma vida sem significado e tentam preencher infrutiferamente um vazio existencial sem precedentes. A solução poderia estar próxima, mas, como ela encontra-se escondida na caixa de Pandora do sistema capitalista, o homem se debate toda uma existência para dar-se conta em algum momento – ou nunca – que tudo que tem feito não serve para construí-lo enquanto sujeito. Do isolamento ele descobre o insight mais óbvio e deslumbrante, descobre o que já conhecia enquanto bebê e criança e foi esquecendo na medida em que ia crescendo e sendo convidado a participar do jogo de mercado: o crescimento provém das relações, as melhores lembranças também e tudo o que mais alegra e dignifica em sua vida, custa muito pouco ou é dado de graça, nos ambientes e lugares capazes de envolvê-lo em razão e emoção.

CONCLUSÃO

Aventurar-se num estudo de pequenas e médias cidades não é uma tarefa fácil. Esforçamo-nos neste estudo em trazer teorias compatíveis com a realidade de Criciúma, mas, apesar de muitas adaptações, sabemos das limitações de tais tentativas. Afinal, todos os estudos que trazem como pano de fundo temas urbanos tendem a privilegiar grandes centros, como é o caso de São Paulo, Rio de Janeiro ou mesmo Porto Alegre. Esperamos que os leitores tenham empreendido esforços no sentido de transcender a teoria e perceber as diferenciações entre morar em apartamentos em grandes cidades ou em médias e pequenas. Por certo, nessas últimas a qualidade de vida tende a ser muito superior, e tais sujeitos habitam muito mais seus bairros e se apropriam deles do que em megalópoles, pois quanto maior uma região maior a quantidade de estranhos a andar pelas ruas e a habitar os pavimentos dos prédios com muito mais andares.

Apesar das limitações (teóricas e práticas) desta pesquisa, entendemos sua importante contribuição para a área das ciências ambientais e principalmente para o estudo das cidades. Tal estudo mudou o foco até então observado nas políticas públicas e no planejamento e gestão urbanas. Dar voz ao morador de um prédio nos possibilitou compreender quais locais proporcionam uma maior qualidade de vida e quais os empecilhos para que um sujeito consiga ter uma vida plena e desenvolva suas potencialidades em um ambiente excessivamente verticalizado. Com tal estudo pudemos compreender a construção da cidade não pelos olhos de quem a planeja, mas pela visão de quem a utiliza e habita dentro dela. Para desenvolver teorias mais próximas da realidade e construir cidades mais condizentes com sua população, mais estudos como esse devem ser estimulados, a fim de nos aproximar dos atores sociais que são os verdadeiros “fazedores da cidade”.

Quanto ao método empregado nesta pesquisa, percebemos um alcance satisfatório aos objetivos a que se propôs, haja vista todos os instrumentos convergirem para o mesmo ponto a fim de compreender o objeto de estudo em profundidade. O estudo de caso tem como base a investigação de poucos elementos e ao empregar como técnica de coleta de dados a história de vida, registros fotográficos e desenhos, pudemos comparar os dados dos três instrumentos e ter maior certeza dos resultados obtidos. Usar a história de vida como instrumento nos permite compor a biografia do sujeito e assim compreender por meio de suas vivências de que forma o objeto estudado se insere em sua vida, qual o papel que ele exerce no cotidiano do sujeito e o nível de valoração do objeto em relação às outras faces da

subjetividade do sujeito. Já os registros fotográficos e os desenhos são confirmações externas e internas respectivamente sobre os dados verificados no discurso do entrevistado. Esses elementos dão maior credibilidade ao método qualitativo e demonstram visualmente as impressões obtidas por meio da linguagem. A análise realizada (análise de conteúdo) também se mostrou um recurso adequado quando desses instrumentos, pois nos permitiu organizar os dados de tal modo que todo o conteúdo do discurso do entrevistado pôde ser utilizado para compreender o objeto estudado.

Generalizações são possíveis com tal pesquisa, desde que observemos as particularidades de cada lugar ao qual nos referimos. Afinal, quando se trata de uma mesma realidade simbólica, o ser humano tende a compreendê-la além de sua cultura, sua condição econômica ou sua idade e gênero. O humano é humano em qualquer lugar, porém tais estudos não podem perder de vista as particularidades em torno das cidades médias e pequenas.

Quanto aos resultados, o estudo demonstrou a importância do processo de subjetivação para os atores sociais que constroem as cidades. Cada um dos sujeitos entrevistados vivenciam de forma única os mesmos estímulos infiltrados pela sociedade de mercado. Cada subjetividade se constrói ao longo da vida e se descortina no discurso dos entrevistados percorrendo caminhos diversos e, muitas vezes, convergindo para o mesmo ponto.

Nesse íterim e diante do objeto estudado nos perguntamos se é possível um homem habitar um lugar fechado e ausente de pessoas. Se isso for possível também o será a formação de um “social individualmente”. Sabemos ser isso um absurdo conceitual, mas não somente no conceito isso é desatino, como também o é na prática, pois o social só existe fundamentado na existência de muitos homens convivendo coletivamente. Assim forma-se uma sociedade por meio das interações dos homens com outros homens e destes todos com o ambiente.

Morar em um lugar sem significado não faz de um homem um sujeito inteiro. Ele necessita de um espaço que possa chamar de seu para construir sua história e fincar suas raízes. Em todo lugar onde ele levar sua identidade, tenderá a reproduzir ao seu redor os ambientes ao qual está acostumado e dos quais guarda profunda afetividade.

Quem habita o bairro Comerciário tem ligação com esta terra. Uma terra que um dia foi pastagem, houve festa com pára-queda, brincadeiras de ruas até altas horas da noite e crianças morando em prédios, mas fazendo jogos no meio do asfalto. Esses homens e mulheres, de crianças se fizeram adultos e presenciaram os prédios se multiplicando a olhos vistos. Surgiam como “pipocas” onde antes havia uma bela vista, uma vasta amplitude no horizonte. E ali não importa se o ambiente que deu origem ao sentimento de pertença foi

modificado, deixou de ser pasto ou casa para tornar-se um prédio suntuoso. Todo sentimento em relação a um lugar se altera juntamente com as modificações sofridas pelos ambientes ao longo do tempo. E ainda que não se modificasse esse sentimento, nenhuma nova construção é capaz de apagar as lembranças de um indivíduo vivenciadas em determinado lugar. Ao olhar para o espaço modificado o sujeito verá sempre a vastidão dos pastos que outrora existiram e os momentos vividos naquele lugar.

Por trás de alguns prédios ainda se pode ver a serra, as casas não transformadas em prédios e a rua de toda a infância de Carmem. Em determinadas ruas alguns moradores usufruem os espaços do bairro, sentem seu movimento e se tranquilizam com um cotidiano cheio de afetos, cheio de encontros e muitas possibilidades de devaneios. Voltando para o outro lado, em ruas tomadas por automóveis outros tantos moradores se veem trancafiados em seus apartamentos. Graças a Deus, exclamam eles! Graças a Deus existe a casa na praia, o sítio de final de semana e a casa de outros parentes ainda não verticalizados. Pois se dependessem das janelas de seus apartamentos esses sujeitos só veriam nas ruas inúmeros faróis nervosos, nenhuma gente a andar pelas calçadas e a desistência de contatos mais apurados com os vizinhos. Realidades tão diversas a poucas quadras dali? Será que estamos a falar do mesmo bairro? São realidades diferentes ou são as formas de apreensão da realidade que teimam em nos pregar peças e embotar nossos sentidos? Por certo nenhum nem outro estariam com a verdade sobre esse lugar. Achamos então o caminho do meio para descrever o que vêm a ser os prédios do bairro Comerciário. Entre os entrevistados vimos opiniões variadas em relação ao bairro, desde relacionadas a uma comunidade afetiva e solícita até de um aglomerado de pessoas desconhecidas vivendo isoladamente.

Dentro de um mesmo ambiente convivem pequenos aglomerados constituindo comunidades diferenciadas a cada nova quadra do bairro. Pudera não ser dessa maneira, são muitas pessoas a morar em apenas uma unidade de edifício, multiplicadas seriam sim uma cidade, talvez uma cidade pequena. Ironicamente em cidades pequenas a tendência é de as pessoas se conhecerem melhor. Mas em prédios a vida não é assim, não poderia ser, pois quem escolhe habitá-los, normalmente, já não possui o tempo da conversa e do abraço. Afinal, o sistema acaba por deixar os sujeitos desnorteados a ponto de eles permitirem-se envolver nas peripécias da sociedade neoliberal indo em busca de uma vida que não desejam e morando em lugares com os quais não conseguem se identificar.

O medo também é um vilão muito bem alinhado. Ele usa terno preto e as últimas roupas de cada estação. De tão bem vestido não é ignorado ou maltratado (como Cristina se sentiu em uma das lojas em Criciúma). Não. Ele é muito bem atendido. Para ele os

vendedores retiram todas as mercadorias das prateleiras e não se aborrecem com isso, pois sabem que a compra é certa. Um senhor tão bem apessoado é deixado entrar por todos em seus lares e ele nem precisa utilizar a porta, penetra pelos instrumentos eletrônicos capazes de mostrar sua face e fazer-lhe boa propaganda.

E assim um medo descomunal invade o cotidiano de todas as pessoas, mesmo daqueles sujeitos interioranos que nem sequer têm uma ideia de como é uma gangue de rua, mas a temem com toda a força de seus pulmões ou das suas três fechaduras, nos dizeres de Carlos (2001).

O que ocorreu com as praças? As promessas de qualidade de vida são válidas apenas para uns poucos intitulados, seriam eles os moradores do bairro Comerciário? Para a visão popular, sim. Moradores de um local praticamente encostado ao Centro da cidade em uma região onde cada centímetro de terra tem alto valor para a especulação imobiliária. Mas Sen (2000) nos diz que ao haver privações de liberdade não há qualidade de vida que se preze. E existe na cidade sujeitos mais privados de liberdade do que estes? Por certo sim, mas estamos a falar de outras liberdades, não da possibilidade de comer e se vestir bem ou morar em um local digno e ter um emprego com salário justo. Isto também é liberdade, mas dessa liberdade os entrevistados não carecem no Comerciário.

Mas as palavras de Sen nos permitem pensar sobre outras séries de liberdades almeçadas por eles, que ironicamente aqueles que não possuem condições de comer, vestir, ter boa casa e bom emprego têm mais possibilidades de alcançar: andar livremente pelas ruas, sabendo estas não serem tão perigosas como a mídia insiste em demonstrar (pelo menos ainda não é na cidade de Criciúma). Eles podem usufruir de tudo quanto mais o dinheiro não pode comprar e fazem isso com muita propriedade, são capazes de descrever seus entornos detalhadamente enquanto imaginam uma caminhada pela rua (como o fizeram os moradores do bairro Renascer na pesquisa de Gonçalves no ano 2000). Esses sujeitos tão pouco intitulados se apropriam melhor de seus bairros e conhecem lugares muito além dos arredores de suas casas. Mas então falemos destes outros, considerados com liberdade substantiva suficiente para ter uma vida que têm razões para valorizar.

Mas se em todas as entrevistas os sujeitos pesquisados demonstram o desejo de convivência e de ter a possibilidade de usufruírem de praças, parques e calçadas, por que não o fazem? Se são intitulados a fazê-lo, porque precisam ter duas vidas? Uma voltada para o serviço e o fechamento no interior do apartamento e outra voltada para a segunda residência na qual eles podem conversar com vizinhos e dizer: mas o vizinho da praia é diferente, lá

estamos mais relaxados para conhecer o outro, nos permitir entrar na vida do outro e deixá-lo participar da nossa.

Esses poucos intitulados (teoricamente) sabem da importância do olhar “para além do meu quintal” a fim de terem um desenvolvimento de uma vida de comunidade. Saber da importância não é a mesma coisa que fazer algo a respeito. Eles sabem, mas apenas uns poucos se permitem a convivência do bairro. Talvez o ambiente não permita, pois segundo Campos Filho (2003) existe um nível de fluxo de automóveis máximo para haver uma “vida de rua”. Quando o nível ultrapassa determinado limite as pessoas não aguentam os excessos: de carros, de movimento, de luzes, de barulho, enfim... excesso de estímulos. Todos nós precisamos tanto de animação como de zonas de repouso (HERMANN, 2005). Mas não poder escolher entre um e outro é roubar do sujeito a possibilidade de, ainda que intitulado, poder usufruir seu intitulado sadamente.

O homem é um ser adaptável. Ele consegue sobreviver e até transcender com o mínimo de possibilidades para emergir o âmago de seu ser. Pois a poética já estava dentro dele antes mesmo de ele nascer, então ele tende como um girassol a virar-se em direção à luz em busca da contemplação e de momentos de reencontro com sua própria humanidade, instantes consagrados, momentos poéticos, vida transcendente. Todos os sujeitos pesquisados arrumam seu jeito. Alguns, com mais sorte, têm maiores possibilidades, ou talvez facilidade em criar situações em suas vidas para não serem soterrados pela hiperprosa, outros não têm a mesma “sorte”, se é que é de sorte que esses sujeitos são movidos. Mas é fato que todos arrumam um jeito de construir laços com os lugares e de incorporar elementos deles em sua identidade. E por afinidade trazem para perto de si as situações mais privilegiadas para instantes de devaneios.

Mas se pudessem escolher dissociariam prosa e poesia? É essa a liberdade possível? Viver prosaicamente cinco dias por semana e deixar a poética para fragmentos de tempos durante um almoço, um desligar de televisão ou uma reunião com os jovens durante as madrugadas? Como disse anteriormente, todos encontram um jeito. Mas não podemos considerar isso como a satisfação plena das benesses de uma vida com qualidade.

E os jovens entrevistados são o pequeno exemplo da futura geração criada na era da mercadoria, do edifício vertical, das tecnologias de informação e do medo. Racionalmente não há como sentir saudade de uma vida que nunca tiveram. Mas como o ser humano não é apenas racional, ele sente a saudade, a falta, o vazio sem saber direito do que. Vem sendo ensinado a não sair da corrida e ele corre velozmente para chegar a algum lugar sem saber que o lugar é esse, a sua casa, seu bairro e os ambientes externos roubados dele desde seu

nascimento. Trocados, então, por aulas de ginástica, judô ou música, trocados por uma vida privada onde só há segurança se está dentro de casa. Será que é seguro manter uma criança vendo o mundo por meio de telas?

Se observarmos esse grupo de entrevistados veremos diferenças gritantes entre eles e os demais que viveram parte de suas vidas em casa e delas trouxeram lembranças e experiências muito presentes em seu modo de ser. Todos desejam mais interações, contudo os jovens que não viveram outra realidade a não ser a vida dentro do apartamento dificilmente poderão pensar que a cidade pode ser melhor do que ela é. Não têm idéia de que outras possibilidades são possíveis, o normal é essa vida corrida e urbanizada, o diferente é o passeio no sítio. E quanto mais tempo de vida desenvolvido dentro do apartamento, mais as pessoas se acostumam com a ausência do ambiente natural.

As crianças da cidade já nascem com destino programado e são incentivadas a terem medo da rua desde muito cedo. Não são seus pais que falam da rua como um ambiente perigoso, mas as próprias crianças e adolescentes têm trazido esse discurso em suas falas. Nesse contexto é difícil mudar as relações humanas com o espaço, pois se até mesmo entre os jovens incomparavelmente ricos da possibilidade de mudança ela tem sido relegada ao esquecimento. Como poderemos “criar um habitar que dê forma sem empobrecer? Que permita à juventude crescer sem prematuramente se fechar?” Essa dúvida de Lefebvre (1999, p. 83) atormenta todos os sujeitos capazes de perceber o rumo da sociedade pós-moderna, pois nos coloca frente a frente com o ambiente desolador e disforme dos aglomerados urbanos das cidades onde tantas pessoas desenvolvem suas vivências e criam suas subjetividades.

E como se sabe, a cidade é a própria negação da natureza, ela é o que a natureza não é. “Sendo a cidade uma das expressões materiais mais contundentes da capacidade social de se apropriar da natureza e transformá-la, ela é vista como contraponto da própria cidade, ou seja, a cidade é considerada, por excelência, a não-natureza” (SPÓSITO, 2005, p. 297). Todavia, a cidade é capaz de apaixonar as pessoas a ponto de elas desenvolverem tal relacionamento com este ambiente e não quererem mais estar em espaços naturais, ou ainda quando se permitem vivenciar momentos bucólicos logo percebem essas experiências como mesmices cotidianas e sentem saudade da cidade. Como se estivessem há dias distantes de seu verdadeiro lar. E somente estando em casa (lar) os sujeitos encontram meios de transcender.

Os entrevistados que mais momentos poéticos eram capazes de ter em suas vidas possuíam uma vida mais plena e tranquila, sem deixar de considerar os valores e convivência com os familiares e demais pessoas dos bairros. Tinham vida para além do apartamento, acompanhavam o movimento do bairro e entravam dentro dessa dinâmica. Desse jeito a

poética burlava as amarras impostas pelo modelo vertical de moradia e fluía por meio das vivências dos sujeitos pesquisados. A poética facilita uma mudança do “eu”, a congruência entre o self e a experiência, nos dizeres de Rogers. Por meio dela os sujeitos entram em contato com sua verdadeira essência e vivem conforme ela os incentiva, procurando sempre melhorar e não se deixar levar pelos desmandos da sociedade pós-moderna.

Esta traz em seu cerne a contradição, ela retira os sujeitos da rua e os empurra a viverem para dentro de suas casas e apartamentos e o resultado é uma ânsia por convivência. Tais sujeitos, em seus discursos contrários, muitas vezes desencontrados, aproximam-se quando falam o quanto desejam e valorizam os momentos vivenciados ao lado de seus familiares e amigos. Na era em que não se confia em ninguém o homem precisa confiar ao menos em seus entes queridos para continuar existindo com o mínimo de saúde mental.

Eles se obrigam a fazer escolhas de convivências, se esforçam para não suplantar o ser humano pelo homem mercadoria. Lutam muitas vezes com armas inadequadas e batalhas perdidas unindo forças contra a sedução da corrida em busca do moderno. Contudo, todo esforço é bem-vindo. Cada ação em prol do ser e não do ter traz uma esperança ao futuro da humanidade. As retiradas de televisões dos quartos são ações pequenas, tímidas, mas capazes de fazer uma jovem de 18 anos preferir a presença dos pais à presença dos programas televisivos.

Falemos um pouco sobre a apropriação do espaço, nosso principal indicador capaz de dizer quais dos entrevistados habitavam lugares e quais moravam em espaços sem qualquer significado. Mesmo com todas as dificuldades possíveis e contrárias contra o desenvolvimento de uma personalidade voltada para as questões virtuosas e o aprimoramento da subjetividade do sujeito, essas pessoas conseguem simbolizar e desenvolver laços com seus apartamentos, se apropriam de seus pequenos espaços e colocam neles suas marcas, alguns a estendem para além do apartamento (Davi, Cristina, Carmem, Morgana, Salete), outros (Carlos, Ricardo, Jean, Paula, Cristiano, Joana) as restringem no espaço privado, assim como sua verdadeira identidade. Dentro do apartamento: um mundo de amor e humanidade, fora: o homem mercadoria controlado pelo tempo e pelas seduções da mídia.

A apropriação do apartamento não ocorreu para todos os entrevistados, os jovens se apropriaram mais de seus quartos, porque somente neles conseguiam construir um lugar que favorecia o desenvolvimento de suas personalidades. Cada regra possui sua exceção e em relação aos jovens pesquisados Paula demonstrou afeto por outros cômodos de sua moradia. Ela usufruía de todo o apartamento por ficar desde a mais tenra idade sozinha dentro dele a maior parte do dia.

A tendência de todo ser humano é se adaptar ao ambiente em que vive e tentar dele se apropriar. Porém, existe um limite para essa adaptação/apropriação, pois um ambiente demasiadamente diferente do modo de vida almejado pela pessoa pode não proporcionar o enraizamento necessário à apropriação. Para Salete, por exemplo, a apropriação não foi possível porque o apartamento onde agora mora com a filha já existia todo decorado e com sua dinâmica antes de ela penetrar em seu interior. Nada reflete sua identidade, a sala não é a sua, os quadros não são os seus. Nesse novo apartamento não há histórias, não há lembranças, as paredes não riem e nem choram e, por serem vazias, deixam vazio o sentimento de laços com o ambiente interno.

Deste modo, um ambiente não apropriado pode ser utilizado apenas como uma mercadoria funcional, que está ali para servir ao sujeito enquanto cumpre determinados objetivos. Quando não mais satisfizer suas necessidades poderá ser descartado ou trocado por outro mais condizente com a situação de vida atual.

A casa é entendida como abrigo e ter sua posse é fundamental para que o sujeito se sinta abrigado e desenvolva o simbolismo com o espaço. Não ser proprietário do apartamento é outro entrave para a apropriação. Joana era locatária e como tal não se sentia à vontade para fazer modificações no interior de seu apartamento. Os móveis eram seus, mas o sentimento de não possuir o imóvel transcendia a ponto de ela sentir como se nem os móveis lhe pertencessem realmente. Quando há identificação com o lugar o sujeito tende a cuidar com muito apreço dos detalhes para a conservação e melhoramento para ele e os demais usuários. Quando não há apropriação a recíproca é verdadeira e o sujeito não cuida e nem personaliza o lugar conforme suas preferências e sua personalidade.

Na ausência de identificação com o bairro, o apartamento, os cômodos e os móveis, Joana usufruía dos momentos do banho, deixando a água escorrer pelo seu corpo para transportá-la para outro lugar, este sim apropriado e identificado, onde ela não precisasse mostrar para mais ninguém que venceu e mora no Centro da cidade e pudesse apenas ter uma casa com varanda, onde andasse pela grama, apanhasse fruta diretamente das árvores e pudesse ir até o vizinho pedir-lhe uma xícara de açúcar quando fosse necessário.

Esse é o desejo de todo indivíduo: viver de acordo com o estilo de vida identificado por ele como qualidade de vida. Infelizmente as questões referentes ao planejamento urbano teimam em privilegiar o capital financeiro em detrimento do ser humano. E para quem mais os sujeitos poderiam recorrer para terem tal vida se não para o poder público? Não estamos falando de uma vida de luxos e desperdícios, pois sabemos que não há como estender o padrão de vida de um terço da população para o planeta inteiro (RIBEIRO, 2005). A questão

não é essa, mas sim a de um novo urbanismo que desfaça o modelo de acumulação capitalista para prover os excluídos de meios para uma existência humana digna na Terra.

Para tanto necessitamos empreender esforços para estimular a consciência das pessoas “para além dos seus quintais”. Por algum motivo o homem tem se tornado cada vez mais alheio ao que vem acontecendo do lado de fora de sua casa e isso é preocupante até mesmo para sua própria saúde e bem-estar. Entre os entrevistados, apenas Davi, Carmem e Carlos falaram sobre suas preocupações referentes ao futuro do bairro Comerciário e da cidade de Criciúma, mesmo assim, apenas Carmem mostrou-se atuante no sentido de fazer algo a respeito dos problemas e aspirações suas e de seus vizinhos, os outros dois apenas constataram a realidade e se mostraram impotentes diante dela. Mas como melhorar a vida dos habitantes de uma cidade se não se sabe de suas satisfações ou insatisfações com sua moradia, sua vizinhança, seu bairro e sua cidade?

As saídas resultam da política, pois o cerne da política é a arte de bem governar os povos para todos exercerem direitos e deveres conforme suas diferenças e peculiaridades. A política deveria servir para unir as pessoas em seus objetivos comuns, discutir prioridades na convivência e na estrutura dos espaços. Mas como ela se tornou um mecanismo poderoso de dominação, ascensão social e enriquecimento, já não possui mais o crédito dos cidadãos da nação brasileira. Por isso eles preferem cuidar individualmente de suas vidas e entregar a coletividade nas mãos do Estado. Afinal, preocupando-se ou não com suas comunidades, ainda assim não poderão fazer nada de concreto por elas, pois o poder dos políticos é muito mais forte do que as aspirações individuais dos sujeitos.

Enquanto pensamos desse jeito e permitimos que se dissemine a idéia do pouco conhecimento do cidadão comum para sua participação efetiva nas decisões da cidade, continuaremos deixando o espaço urbano à mercê do sistema (representado pelos teóricos e técnicos do planejamento e gestão de cidades).

Obviamente as pessoas “comuns” não são especialistas no planejamento e gestão urbanas, mas em função do uso podem realizar importantes análises sobre a adequação de empreendimentos as suas vidas e a de seus vizinhos. Suas percepções individuais são elementos importantes na avaliação de um objeto, serviço ou aparato urbano (ELALI, 1997).

O homem não foi feito somente para o trabalho e a sobrevivência, ele necessita mais do que a sustentação de sua vida física. Insistimos na questão dos espaços de convivência por saber serem estes importantes meios para proporcionar momentos de fruição poética aos habitantes dos lugares. As praças podem proporcionar uma pausa na vida frenética que leva um morador de apartamento. Nesses lugares o sujeito pode desenvolver-se, pode criar-se e

assumir as rédeas de sua existência, pode dar-se conta de que não é o único a sentir-se sufocado pelo sistema, de que há formas de enfrentamento e assim buscar sua autenticidade perdida aprimorando suas relações.

Assim poderemos dizer que há ética na política, pois ético é tudo que contribui para melhorar o ambiente para que este seja uma morada saudável tanto materialmente como psicológica e espiritualmente. E ainda que vivamos em um país coberto de desigualdades, deve haver lugar na cidade para o Belo e o Sagrado. Essas são dimensões humanas essenciais e precisam ser preservadas a fim de que possamos nos reconhecer no ambiente habitado (GONÇALVES, 2005).

Fica, finalmente, a esperança da mudança científica, social e cultural para esse novo urbanismo ou nova ordem social e política mais coerente e com um renovado valor entre as pessoas e seus ambientes, onde o todo seja mais importante do que a soma de suas partes. Um mundo de humanos mais humanos, no qual os indivíduos habitem lugares, os simbolizem, personalizem e cultivem seus objetos sagrados. Ao mesmo tempo em que se apropriam dos espaços, apropriem-se de si mesmos e de suas vidas, tornando-se sujeitos com subjetividade integrada e em funcionamento pleno. Sujeitos que compreendam que as pessoas e suas relações, os ambientes onde vivem e a sociedade da qual fazem parte são as faces de uma mesma realidade. E sendo pertencentes a todas elas possam decidir por usufruir de maneira responsável e agregadora do planeta e tudo quanto mais ele oferece.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Fabíola de Oliveira. **Análise de métodos para avaliação da qualidade de calçadas**. 133f. 2003. Dissertação. (Mestrado em Engenharia Urbana) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.
- ARAÚJO, Rosineide Gomes. **Acessibilidade aos espaços urbanos**: uma dimensão psicológica. 123f. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.
- BALTHAZAR, Luiz Fernando; PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. Criciúma: memória e vida urbana. In: SCHEIBE, Luiz Fernando; FURTADO, Sandra Maria de Arruada; BUSS, Maria Dolores (Org.). **Geografias Entrelaçadas**: Ambiente rural urbano no sul de Santa Catarina. Criciúma: Ed. da UNESCO, 2005. p.193-226.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Ed. Lisboa, 1979.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 272 p.
- _____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 145 p.
- _____. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BOAINAIN JÚNIOR, Elias. **Tornar-se transpessoal**: transcendência e espiritualidade na obra de Carl Rogers. São Paulo: Summus, 1998. 284 p.
- BRAGA, Raquel Willadino. Adequação das salas do CAEP a diferentes abordagens terapêuticas - um estudo piloto. **Textos do Laboratório de Psicologia Ambiental Instituto de Psicologia**, Brasília, v.5, n.6, p. 1-6, 1998.
- CAMPOS FILHO, Candido Malta. **Reinvente seu bairro**: Caminhos para você participar do planejamento de sua cidade. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1994. 98p.
- _____. **São Paulo hoje**: as contradições no processo de reprodução do espaço. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.
- _____. **A cidade**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- _____. **O espaço urbano**. Novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.
- CARTAY, Belkis. Consideraciones en torno a los conceptos de calidad de vida y calidad ambiental. **FERMENTUM Mérida**, Venezuela, v.14, n.41, p.491-502, septiembre/diciembre, 2004.

CASSAB, Clarice. "Se essa rua fosse minha": Jovens construindo novos caminhos para a cidade. In: Encontro da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional, 12., 2007, Belém. **Anais...** Belém: ANPUR, 2007, CD.

CASTELLS, M. **O Poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTE, Morgana Maria Pitta Duarte. **A arquitetura "globalizada" face a diluição da identidade cultural do espaço construído** - estudo de caso - o bairro de ponta verde. Maceió-AL. Universidade Federal de Alagoas – UFAL, 2001.

CAVALCANTE, Sylvia. A porta e suas múltiplas significações. **Estud. Psicol.**, Natal, v.8, n.2, p.273-280, mayo/ago. 2003.

CIAMPA, A. da C. Identidade. In: LANE, M. T. CODO, W. (Org.) **Psicologia social: o homem em movimento**. 13.ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

COSTA, Maria Teresa. RMC tem 14% de área urbanizada. AGEMCAMP. Metropolitana de campinas. **Correio popular**. Campinas, 2006.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a Rua**. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMERGIAN, Sueli. **A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2001.

DAMERGIAN, Sueli; TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. Para um novo humanismo: contribuições da Psicologia Social. **Estud. Av.**, São Paulo, v.10, n.28, p. 291-316, set/dez. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000300013>. Acesso em: 16 abril 2007.

DONNE, Marcella Delle. **Teorias sobre a cidade**. Tradução de José Manuel Vasconcelos. Rio de Janeiro: Edições 70, 1979.

ELALI, Gleice Azambuja. Psicologia e Arquitetura: em busca do locus interdisciplinar. **Estudos de Psicologia**, Natal, 1997, v.2, n.2, p.349-362.

ERIKSON, Erik H. (Erik Homburger). **Identidade juventude e crise**. 2.ed Rio de Janeiro: Guanabara 1987. 322 p.

FERREIRA, Caio de Souza. O Edifício Sant' Anna e a Gênese da Verticalização em Campinas. Arqtextos, n.078.3. São Paulo, **Portal Vitruvius**, nov. 2006. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arqtextos/arq078/arq078_03.asp>. Acesso em: 05 ago. 2007.

FOLLMANN, J. Ivo. Identidade como conceito sociológico. **Ciências Sociais UNISINOS**, São Leopoldo, v. 37, n.158, p. 44-65, semestral, 2001.

FORATTINI, Oswaldo Paulo. Qualidade de vida e meio urbano. A cidade de São Paulo, Brasil. **Rev. Saúde Pública**. v.25, n.2, São Paulo, abr. 1991

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Orgs.) **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense, 1995, pp. 231-249.

FREIRE, J.C.; VIEIRA, E.M. “Uma escuta ética de psicologia ambiental”. **Psicologia & Sociedade**; v.18, n.2, p.32-37; mai./ago. 2006.

FREITAG, Bárbara. **Teorias da cidade**. 2. ed Campinas, SP: Papyrus, 2007. 190p.

GAARDEN, Jostein. **O mundo de Sofia**. Romance da história da filosofia. 34.ed. São Paulo: Cia. Das letras, 1995.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. 5.ed. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 207 p.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Identidade do Eu, consciência moral e estágios do desenvolvimento: perspectivas para a educação. **Psic. da Ed.**, São Paulo, n.19, p. 73-89, jul./dez, 2004c.

GONÇALVES, T. M. Psicologia Ambiental - Um estudo sobre a expressão estética das populações de periferias urbanas (um ensaio poético sobre o bairro Renascer/Criciúma/SC-Brasil). In: Conferencia Lationoamerica de Escuelas y Facultades de Arquitectura, 21., 2005, Loja. **Anais...** Loja: UDEFAL, 2005, v.1, p. 301-305.

_____. **O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar** (Uma abordagem Psico-Sócio-Ambiental do Bairro Renascer/Mina Quatro de Criciúma-SC). 2002. 198f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

_____. Psicologia Ambiental. **Revista Pesquisa e Extensão em Saúde**. UNESC, v.1, n.1, p.18-21, 2004a.

_____. Meio Ambiente e a questão urbana. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 9, p.117-121, jan./jun. 2004b.

_____. **Curso de Pesquisa qualitativa**. (Apostila). Mestrado em Ciências Ambientas. Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2006.

_____. **Cidade e Poética**: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano. Ijuí: Ed.Unijuí, 2007.

GRANADA, Henry. Direcciones en que se desarrollará la Psicología Ambiental en los años futuros. **Estudios de Psicología**, v.8, n.2, 2003, p.335-337.

GURGEL, Miriam. **Projetando espaços**: guia de arquitetura para áreas residenciais. 2.ed. São Paulo: Senac, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 102 p.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1998, 352 p.

- _____. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.
- HERMANN, Nadja. **Ética e estética: a relação quase esquecida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de Grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JORGE, Luís Antonio. **O desenho da janela**. São Paulo: ANNABLUME, 1995.
- JUSTO, Henrique. **Cresça e Faça Crescer: Carl Rogers**. 7ed. Canoas: La Salie, 2001.
- KEINERT, Tânia; KARRUZ, Ana Paula. (Org.) **Qualidade de vida**. Observatórios, experiências e metodologias. São Paulo: Annablume, 2002.
- KUMAR, Khishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LEFEBVRE, Henri. **O marxismo**. 4.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974. 145 p.
- _____. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- _____. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2004
- LEOPARDI, Maria Tereza. **Metodologia da pesquisa na saúde**. Santa Maria, RS: Pallotti, 2001. 344 p.
- LOPES, Andira. MONTEIRO, Circe Maria Gama. Condomínios residenciais no Brasil - Morfologias de transgressão social. In: Encontro da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional, 12., 2007, Belém. **Anais...** Belém: ANPUR, 2007, CD.
- MACHADO, José Roberto; MENDES, César Miranda. O processo de verticalização do centro de Maringá-PR, Brasil. **Investigações Geográficas**, n.52, p.53-71, dez., 2003.
- MELO, R.O.C. Psicologia ambiental: uma nova abordagem da psicologia, **Psicologia.USP**, São Paulo, v.2, n.112, p.85-103, 1991.
- MENEGAT, Rualdo. **Cognição, meio ambiente e educação: a implantação de Laboratórios de Inteligência do Ambiente Urbano nas periferias das megacidades**. I Simpósio de Psicologia Ambiental. PUCRS – RS. Universidade Positivo. Instituto Ecoclima. 2008.
- MODIA, Esther Cabado; VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. A globalização e a barbárie suave da civilização. **eGesta – Revista Eletrônica de Gestão de Negócios**, Santos, v.1, n.2, p.1-18, jul.-set., 2005.
- MORIM, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade a identidade humana**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005, 312p.
- MORIN, Edgar; KERN, Ane. **Terra-pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1996.
- MORIN, Estelle M. Os sentidos do Trabalho. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v.41, n.3, p.8-19, jul./set. 2001.

MOSER, Gabriel Examinando a congruência pessoa-ambiente: o principal desafio para a Psicologia Ambiental. **Estud. psicol.**, Natal, v.8, n.2, mayo/ago. 2003.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira; CAVALCANTE, Sylvia. O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada. **Estudos de Psicologia**, Natal, p.143-151, v.11, n.2, 2005.

NARVAZ, Martha Giudice. **Submissão e resistência**: explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

NASCIMENTO, Dorval. **As curvas do Trem**. A presença da Estrada de Ferro no Sul de Santa Catarina. Criciúma: UNESC, 2004.

_____. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação. **Relato Oral**. Criciúma: UNESC, 2007.

O'DONNELL, Julia. **De olho na rua**: a cidade de João do Rio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

PAZ, Octávio. La consagración del instante: el arco y la lira. In: ADORNO, T.W. et al. **El arte en la sociedad Industrial**. Buenos Aires: Rodolfo Alonso, 1973. p.75-83.

PANORAMIO. **Parcão**. Porto Alegre/RS. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/12260>> . Acesso em: 23 ago, 2008.

PECHMAN, Robert Moses; KUSTER, Eliana. Maldita Rua. In: Encontro da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional, 12., 2007, Belém. **Anais...** Belém: ANPUR, 2007, CD.

PEDRAZZINI, Yves. **A violência das Cidades**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PERTEGÁS, S. V. Análisis de los aspectos simbólicos del espacio urbano. Perspectivas desde la Psicología Ambiental, **Revista de Psicología Universitas Tarraconensi**. v.18, n.1, p.63-84, 1996.

PINHO, Ângela. **Conexão**: Apartamentos e mídias em Belo Horizonte. 2005. 227f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Escola de Engenharia de São Carlos, São Carlos, 2005.

PIZZOL, Kátia Maria Santos de Andrade. A dinâmica urbana: uma leitura da cidade e da qualidade de vida no urbano. **Caminhos de Geografia**. v.1, n.16, p.1-7, fev. 2006. Disponível em: <<http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>>. Acesso em: 04 ago. 2007.

POL, Enric. **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona: Universitat Barcelona Publicacions, s/d.a

_____. **La apropiacion del espacio**. Departament de Psicologia Social. Universitat de Barcelona, s/d.b

PRADO, Michele Monteiro. O duplo da realidade: o papel da fotografia urbana na construção da modernidade em vitória (ES). In: Encontro da associação nacional de pós-graduação e

pesquisa em planejamento urbano e regional, 12., 2007, Belém. **Anais...** Belém: ANPUR, 2007, CD.

PROSHANSKY, H.M. Appropriation et nonappropriation (mis-appropriation) de l'espace. [s.l.:s.n.], 1976. In: LUPICÍNIO, Iñiguez; POL, Enric. Cognición, Representación y **Apropiación del Espacio**. Barcelona-Espanha: Universitat de Barcelona Publicacions, s.d.

RABINOVICH, Elaine Pedreira. Por uma psicologia ambiental das Diferenças. **Psicologia USP**, São Paulo, v.16, n.1/2, p.119-127, 2005.

REGRET. (By Kelder) **Tradução de Música**. Vagalume. Disponível em: <<http://vagalume.uol.com.br/new-order/regret-traducao.html>>. Acesso em: 23 ago 2008.

RIBEIRO, Wagner Costa. Entre Prometeu e Pandora – Sociedade e Natureza no início do século XXI. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges. (Org.). **Dilemas Urbanos**. Novas abordagens sobre a cidade. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

RIVIÈRE, Enrique P. **O Processo Grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

RIVLIN, Leanne G. Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as interrelações pessoa-ambiente. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.8, n.2, p.215-220, 2003.

RODRIGUES, Carmem Izabel. Sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano em Belém-Pará. In: Encontro da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional, 12., 2007, Belém. **Anais...** Belém: ANPUR, 2007, CD.

ROGERS, Carl R. et al. **Em busca de vida**. São Paulo: Summus, 1983.

SAHR, Cicilian Luiza Löwen. Dimensões de análise da verticalização: exemplos da cidade média de Ponta Grossa/PR. **Revista de História Regional**. Ponta Grossa, v. 5, n.1, p.9-36, 2000.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Espacialidades e Temporalidades Urbanas. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges. (Org.). **Dilemas Urbanos**. Novas abordagens sobre a cidade. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SEN, Amartya Kumar. **Desenvolvimento como liberdade**. Trad. Laura Teixeira Mota. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 447 p.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. (Org.) **O fenômeno urbano**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a Cidade**. Uma Introdução Crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SOUZA, Maria Adélia A. de. **A identidade da metrópole**: a verticalização em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1994. 257 p

SOMEKH, N. **A Cidade Vertical e o Urbanismo Modernizador: São Paulo 1920 - 1939.** São Paulo: FAU, USP, 1994.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. O embate entre as questões ambientais e sociais no urbano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges. (Org). **Dilemas Urbanos.** Novas abordagens sobre a cidade. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.

VALADARES, Jorge de Campos. Qualidade do espaço e habitação humana. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.5, n.1, p.83-98, 2000.

VALERA, Sergi. Espacio privado, espacio público: Dialécticas urbanas y construcción de significados. **Tres al Cuarto**, Barcelona, n.6, p.22-24, 1999.

VALERA, Sergi; POL, Enric. **El concepto de identidad social urbana: una aproximación entre la psicología social y la Psicología Ambiental.** Barcelona: Universidad de Barcelona, 1999.

YÁZIGI, Eduardo. Patrimônio Ambiental Urbano: Refazendo um conceito para o planejamento urbano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges. (Org.). **Dilemas Urbanos.** Novas abordagens sobre a cidade. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005 p.41-56.

ZANELLA, Andréa Vieira; LESSA, Clarissa Terres; DA ROS, Sílvia Zanatta. Contextos Grupais e Sujeitos em Relação: Contribuições às Reflexões sobre Grupos Sociais. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v.15, n.1, 2002.

APÊNDICE

APÊNDICE 1 – Entrevista livre**O homem e seu entorno sócio-físico – Um estudo sobre o processo de morar e habitar de moradores de edifícios residenciais na cidade de Criciúma-SC****História de vida****Nome:****Pseudônimo:****Idade:****Local:****Data:****Horário:**

Encíclica: Eu sou Tatiane Gomes Nazário, mestranda do curso de Ciências Ambientais da UNESC. Gostaria de ouvir sua história de vida, pois ela é muito importante para mim. Gostaria que você falasse de sua vida. Tudo o que você acha mais significativo até o momento presente: seu nascimento, onde morou, como viveu, o que faz na vida, a sua relação com o lugar onde vive, o apartamento, o prédio, os vizinhos, com sua família e com a comunidade, suas alegrias ou tristezas, enfim, tudo o que você quiser falar sobre sua vida aqui em Criciúma. Depois de terminada a entrevista, escreverei tudo e voltarei para lermos juntos a sua história.

APÊNDICE 2 – Termo de consentimento informado



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
 PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO
 UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS (MESTRADO)

CARTA DE CONSENTIMENTO

Eu,.....
 Portador da carteira de identidade Nº.....CPF.....
 Residente.....declaro que
 recebi todas as informações da pesquisadora **TATIANE GOMES NAZÁRIO** portadora da
 carteira de identidade Nº 4509027 CPF: 038.261.059-82 Residente na Rua Domingos José
 Stopassoli, 84 – Centro – CEP: 88802-480 – Criciúma – SC, de forma clara e objetiva e
 conheço todas as implicações da participação da pesquisa “**O homem e seu entorno
 sóciofísico – um estudo sobre o processo de morar e habitar de moradores de edifícios
 residenciais na cidade de Criciúma-SC**”.

A pesquisa tem como objetivo compreender o processo de morar e habitar o lugar dos moradores de edifícios residenciais na cidade de Criciúma-SC. Tal procedimento faz parte da Dissertação de Mestrado, para obter o grau de Mestre em Ciências Ambientais, no curso de Mestrado em Ciências Ambientais, da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

Os sujeitos escolhidos para a realização da pesquisa são residentes do bairro Comerciário, da cidade de Criciúma.

Para a realização desta pesquisa será aplicada uma entrevista livre e se o entrevistado permitir essa entrevista será gravada. Além disso, serão tiradas fotografias dos apartamentos, prédios e especialmente de objetos e lugares simbólicos para os sujeitos de pesquisa.

A privacidade dos participantes será respeitada, sendo os dados obtidos utilizados, somente para a realização de estudos científicos. Não havendo possibilidade de qualquer tipo de identificação do entrevistado e ficando assegurado o direito de não participar ou de retirar-se da pesquisa assim que desejar. Além disso, o entrevistado pode se abster de responder qualquer pergunta que possa causar constrangimento de alguma natureza.

Em caso de qualquer modificação em relação a essa pesquisa o sujeito participante será informado, bem como a respeito dos resultados finais dessa pesquisa.

Esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi elaborado em duas vias, uma para o sujeito entrevistado e uma para o pesquisador.

Essa pesquisa, portanto, é de suma importância e poderá contribuir para a criação de espaços mais adequados ao desenvolvimento pleno do ser humano e é justificada na medida em que abrange uma área inovadora e pouco explorada, mas fundamental para a construção e planejamento das cidades ou mesmo para a identificação dos homens e suas culturas.

No caso de qualquer dúvida ou necessidade, entrar em contato com Tatiane Gomes Nazário (pesquisadora responsável) – Fone: (48) 3433-9819/ 9979-6919.

Teresinha Maria Gonçalves (orientadora da pesquisa) – Fone: (48) 3431-2588

Para tanto, declaro participar por consentimento livre e esclarecido da pesquisa.

Participante

Tatiane Gomes Nazário (Pesquisador Responsável)

Criciúma, de de 2008.

ANEXOS

ANEXO 1 – Mapas das Regiões pesquisadas

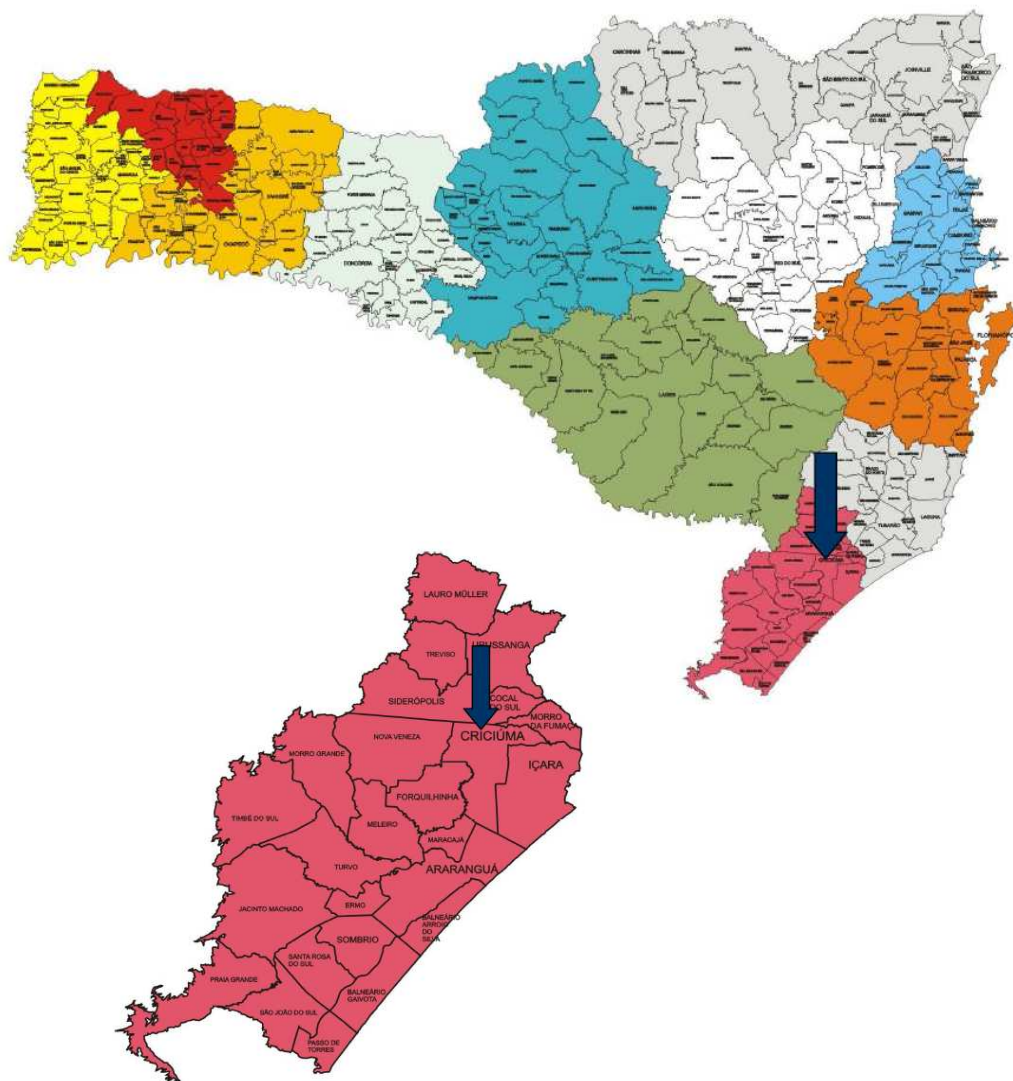


Figura 2: Mapa de Santa Catarina – Região Sul

Fonte: CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES, 2006.



Figura 4: Mapa básico de malha viária Criciúma
Fonte: GEGEO IPAT, PMC, 2002

ANEXO 2 – Parecer consubstanciado de projeto de pesquisa

Parecer Consubstanciado de Projeto de Pesquisa

Título do Projeto: O homem e seu entorno sócio-físico: um estudo sobre o processo de morar e habitar de moradores de edifícios residenciais na cidade de Criciúma (SC)

Pesquisador Responsável : Tatiane Gomes Nazário

Data da Versão 04/02/2008

Cadastro 27

Data do Parecer 18/03/2008

Grupo e Área Temática III - Projeto fora das áreas temáticas especiais

Objetivos do Projeto

Compreender o processo de morar e habitar o lugar dos moradores de edifícios residenciais na cidade de Criciúma.

Objetivos específicos: 1) descrever o processo de verticalização da cidade de Criciúma perante as transformações históricas do município. 2. avaliar o grau de apropriação do apartamento, do prédio e do bairro por meio dos seguintes indicadores (psicossociais): place identity, place attachment, sentimento de pertença e cultura

Sumário do Projeto

Contém sumário específico

Itens Metodológicos e Éticos	Situação
Título	Comentário
Autores	Adequados
Local de Origem na Instituição	Adequado
Projeto elaborado por patrocinador	Não
Aprovação no país de origem	Não necessita
Local de Realização	Própria instituição
Outras instituições envolvidas	Não
Condições para realização	Adequadas

Comentários sobre os itens de Identificação

1. Como a pesquisa será realizada somente em um bairro da cidade de Criciúma, entendo que o título deva sofrer pequena delimitação

Introdução	Adequada
------------	----------

Comentários sobre a Introdução

Objetivos	Comentário
-----------	------------

Comentários sobre os Objetivos

Pacientes e Métodos	Situação
Delineamento	Comentário
Tamanho de amostra	Total 10 Local
Cálculo do tamanho da amostra	Não necessário (pesquisa qualitativa)
Participantes pertencentes a grupos especiais	Não
Seleção equitativa dos indivíduos participantes	Comentário
Crítérios de inclusão e exclusão	Comentário
Relação risco- benefício	Não se aplica
Uso de placebo	Não utiliza
Período de suspensão de uso de drogas (wash out)	Não utiliza
Monitoramento da segurança e dados	Adequado
Avaliação dos dados	Adequada - qualitativa
Privacidade e confidencialidade	Adequada
Termo de Consentimento	Adequado
Adequação às Normas e Diretrizes	Não

Comentários sobre os itens de Pacientes e Métodos

1. Como o critério de escolha ficou determinado pela localização dos pesquisados, isso pode não corresponder com esse sentimento de pertencimento referenciado nos objetivos da pesquisa, por essa razão entendo que deva ser melhor delimitado;
2. A delimitação da amostra ficou em 10 unidades e o critério utilizado nesse processo de amostragem é o intencional, onde a pesquisadora irá buscar elementos que tiveram características diferenciadas a fim de abranger aspectos do objeto de estudo, ou seja, serão incluídos prédios com idades cronológicas variadas e cujos habitantes tenham níveis sócio-econômicos diferenciados. Como não há probabilidades a serem pesquisados, não havendo rigor estatístico, desnecessário à pesquisa.

Cronograma	Adequado
Data de início prevista	mar/2007
Data de término prevista	fev/2009
Orçamento	Ausente
Fonte de financiamento externa	Não

Comentários sobre o Cronograma e o Orçamento

Referências Bibliográficas	Comentário
-----------------------------------	-------------------

Comentários sobre as Referências Bibliográficas

Recomendação

Aprovar

Comentários Gerais sobre o Projeto

Pequeno comentário pode ser feito em relação à "Entrevista Livre", isto porque as perguntas a serem feitas nesta entrevista têm o objetivo de coleta de dados, podendo o entrevistado relatar sua história de vida a fim que se possa identificar o sentimento de pertencimento. Como já disse em outras oportunidades, entendo que não deveremos entrar no mérito da pesquisa sobre pena de estarmos invadindo os critérios selecionados à pesquisa.


 Mágda Tessmann Schwalm
 Coordenadora do CEP/UNESC

ANEXO 3 – Carta de aprovação do Comitê de Ética**Universidade do Extremo Sul Catarinense UNESC
Comitê de Ética em Pesquisa- CEP****Resolução**

Comitê de Ética em Pesquisa, reconhecido pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)/Ministério da Saúde analisou o projeto abaixo.

Projeto: 27/2008

Pesquisador:

Terezinha Maria Gonçalves

Tatiane Gomes Nazário

Título: “O homem e seu retorno sócio - físico - Um estudo sobre o processo de morar e habitar de moradores de edifício residenciais na cidade de Criciúma - SC”.

Este projeto foi Aprovado em seus aspectos éticos e metodológicos, de acordo com as Diretrizes e Normas Internacionais e Nacionais. Toda e qualquer alteração do Projeto deverá ser comunicado ao CEP. Os membros do CEP não participaram do processo de avaliação dos projetos onde constam como pesquisadores.

Criciúma, 18 de março de 2008.

Mágada T. Schwalm

Coordenadora do CEP

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)